

O ÚLTIMO LIVRO DA SÉRIE A 5^a ONDA

A ÚLTIMA ESTRELA



RICK YANCEY

 FUNDAMENTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O BRILHANTE FINAL DA TRILOGIA ÉPICA A 5º ONDA!

O inimigo são os Outros. O inimigo somos nós mesmos. Eles vieram até nós porque querem a Terra. Vieram para acabar conosco. Vieram para nos salvar. Eles não inventaram a morte, mas a aperfeiçoaram. Deram um rosto a ela, porque sabiam que era a única maneira de nos exterminar. Por quê? Quem são eles realmente? O que querem de verdade?

Atrás de tantas perguntas e enigmas, há uma verdade: Cassie foi traída. Zumbi, Especialista, Nugget também. E todos os 7,5 bilhões de habitantes da Terra. Traídos pelos Outros, traídos por si mesmos. E tudo terminará onde começou - no campo de batalha que é o coração humano.

Nos últimos dias da Terra, os sobreviventes precisarão decidir o que é mais importante: salvar a si mesmos... ou salvar o que nos torna humanos.

Do fenômeno mundial Rick Yancey, A Última Estrela invoca triunfo, perda e ações implacáveis nesta trama sensacional que narra como o destino da humanidade é decidido.

2016, Editora Fundamento Educacional Ltda.

Editor e edição de texto: Editora Fundamento

Capa e editoração eletrônica: Lorena R Mariotto Edição de Livros (Bella Ventura)

CTP e impressão: Patras Serviços Gráficos Eireli

Tradução: E. Siegert & Cia. Ltda. (Edite Siegert Sciulli)

Copyright © 2016 Rick Yancey

Layout original por Ryan Thomann

Design de capa © Allied Integrated Marketing

Publicado originalmente por G.P. Putnam's Sons, um selo de Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação de backup, sem permissão escrita do proprietário dos direitos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Maria Isabel Schiavon Kinasz)

Yancey, Rick

Y21 A Quinta Onda 3 : A última estrela / Rick Yancey ; [versão brasileira da editora] . - 1. ed. - São Paulo, SP : Editora Fundamento Educacional Ltda., 2016.

Titulo original: The 5th Wave - The last star

1. Literatura juvenil I. Titulo

CDD-028.5 (22. ed.)

CDU-087.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de dezembro de 1907.

Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Impresso no Brasil

Telefone: (41) 3015 9700

E-mail: info@editorafundamento.com.br

Site: www.editorafundamento.com.br

Este livro foi impresso em papel pólen soft 80 g/m² e a capa em papel-cartão 250 g/m².

A 5^a ONDA

A ÚLTIMA
ESTRELA

Dedicatória

Para Sandy "O mundo termina.
O mundo recomeça."

Que ninguém se desespere,
mesmo que na noite mais escura
última estrela de esperança desapareça.
Friedrich Schiller

A garota que podia voar.

Há muito tempo, quando ele tinha 10 anos, o pai dela tinha dirigido um grande ônibus até o planetário.

Ali, o teto explodiu em um milhão de fragmentos cintilantes de luz. Ele ficou boquiaberto. Seus pequenos dedos se agarraram na borda do banco de madeira onde se sentara. Acima de sua cabeça, pontinhos de fogo branco giravam, puros como o dia em que a Terra emergiu como uma pedra escurecida e manchada, um planeta médio descrevendo uma órbita em torno de uma estrela média na borda de uma galáxia média em um universo sem limites.

O Grande Mergulhão. Órion. Ursa Maior. O zunido do tom monótono da voz do astrônomo. Os rostos erguidos das crianças, bocas abertas, olhos sem piscar. E o menino sentindo-se infinitesimalmente pequeno sob a imensidade do céu artificial.

Ele não esqueceria aquele dia.

Anos depois, quando sua filha era muito pequena, ela corria para ele, pernas gorduchas de bebê vacilantes, bracinhos sólidos erguidos, olhos queimando de expectativa e alegria, gritando, papai, papai, dedos curtos estendidos para ele, estendidos para o céu.

E ela saltava, lançando-se sem medo no espaço vazio, porque ele não era apenas seu pai - ele era. papai. Ele a apanharia; ele não a deixaria cair.

Gritando: Voa, papai, voa!

E para cima ela ia, disparando na direção da imensidão do céu sem I mulos, braços abertos para abraçar o infinito, a cabeça jogada para trás, correndo para aquele lugar em que o terror e o espanto se encontram seus grilos estridentes a hilaridade destilada de ser livre e leve, de estar segura em seus braços, de estar viva.

Cassiopeia.

Daquele dia no planetário, quando a vida dela se encontrava 15 anos no futuro, não havia dúvida de que nome lhe daria.

"VOU ME SENTAR COM VOCÊ"

Este é o meu corpo.

Na câmara mais baixa da caverna, o padre ergue a última hóstia - seu suprimento tinha acabado - em direção das formações que o lembravam da boca de um dragão congelada em meio ao rugido, as presas como dentes cintilando vermelho e amarelo à luz da lâmpada. A catástrofe do divino sacrifício por suas mãos. Tomem isto, todos vós, e comam-no... Então o cálice contendo as últimas gotas de vinho. Tomem isto, todos vós, e tomem-no...

Meia-noite no final de novembro. Nas cavernas abaixo, o pequeno grupo de sobreviventes vai ficar aquecido e escondido com suprimento suficiente para durar até a primavera. Ninguém morreu pela praga em meses. O pior parece ter passado. Eles estão seguros ali, perfeitamente seguros.

Com fé em teu amor e misericórdia, aceito o teu corpo e bebo o teu sangue...

Seu sussurros ecoam nas profundezas. Eles escalam as paredes lisas, deslizam ao longo da passagem estreita na direção das câmaras superiores, onde os companheiros refugiados caíram em um sono inquieto.

Não deixe que me traga condenação, mas saúde na mente e no corpo.

Não há mais pão, não há mais vinho. Esta é a comunhão final.

Que o corpo de Cristo me conceda a vida eterna.

O pedaço de pão velho que amolece em sua língua.

Que o sangue de Cristo me conceda vida eterna.

As gotas de vinho oxidado que queimam em sua garganta.

O padre chora.

Ele derrama algumas gotas de água no cálice. Sua mão treme. Ele toma o sangue precioso misturado com água e então limpa o

cálice com o purificador.

Está terminado. O eterno sacrifício está acabado. Ele enxuga as faces com o mesmo pano que usou para limpar o cálice. As lágrimas do homem e o sangue de Deus, inseparáveis. Nada novo aí.

Ele limpa a pátena com o pano e depois guarda o purificador no cálice e o põe de lado. Ele tira a estola verde do pescoço, dobra-a com cuidado, beija-a. Ele gostava de tudo que representava ser padre. Amava a missa acima de tudo.

Seu colarinho está úmido de suor e lágrimas e frouxo ao redor do pescoço: ele emagreceu sete quilos desde que a praga surgiu e abandonou sua paróquia para fazer a jornada de 160 quilômetros até as cavernas ao norte de Urbana. Ele ganhou muitos seguidores ao longo do caminho - mais de 50 no total, embora 32 tivessem morrido da infecção antes de atingir a segurança. À medida que suas mortes se aproximavam, ele recitava o ritual, católico, protestante, judeu, não importava: Que o Senhor em seu amor e misericórdia possa ajudá-lo... Traçando uma cruz em suas testas com o polegar. Possa o Senhor que o liberta do pecado salvá-lo...

O sangue que gotejava de seus olhos misturado ao óleo que ele esfregava em suas pálpebras. E fumaça rolava nos campos abertos e se ocultava nos bosques e recobria as estradas como sangue sobre rios lânguidos no rigoroso inverno. Incêndios em Columbus. Incêndios em Springfield e Dayton. Em Huber Heights e London e Fairborn. Em Franklin e Middletown e Xenia. Durante a noite, a luz de milhares de fogueiras conferiu à fumaça uma cor laranja escuro e o céu afundou e ficou a dois centímetros de suas cabeças. O padre arrastou os pés pelo terreno escaldante com uma mão estendida enquanto apertava um trapo sobre o nariz e a boca com a outra e lágrimas de protesto escorriam em seu rosto. Sangue formava crostas sob as unhas quebradas, sangue empastava as linhas de suas mãos e as solas dos sapatos. Não falta muito, ele encorajou os companheiros. Continuem andando. Ao longo do caminho, alguém o apelidou de Padre Moisés, pois ele estava conduzindo seu povo para fora da obscuridade da fumaça e do fogo para a Terra Prometida das "Cavernas mais pitorescas de Ohio!"

As pessoas estavam lá para recebê-los quando chegaram. Era o que o padre esperava. Uma caverna não queima. Ela é impermeável ao tempo. Melhor de tudo, é fácil de defender. Depois de bases militares e prédios do governo, as cavernas eram os destinos mais populares depois da Chegada.

Suprimentos foram reunidos, água e não perecíveis, cobertas e ataduras e remédios. E armas, é claro, rifles e pistolas e revólveres e muitas facas. Os doentes foram colocados em quarentena no centro de acolhida acima da superfície da terra, deitados em catres arranjados entre as estantes da loja de presentes e, todos os dias, o padre os visitava, conversava com eles, rezava com eles, ouvia suas confissões, ministrava a comunhão, sussurrava as coisas que queriam ouvir: *Per sacrosancta humanae reparationis mysteria...* Pelos sagrados mistérios da redenção do homem...

Centenas iriam morrer antes que a morte acabasse. Eles cavaram uma cova de três metros de largura e nove de profundidade ao sul do centro de acolhida para incinerá-los. O fogo ardia lentamente dia e noite, e o cheiro da carne queimada tinha se tornado tão comum que eles mal notavam.

É novembro e na câmara mais baixa o padre se levanta. Ele não é alto e mesmo assim precisa se abaixar para não bater a cabeça no teto ou contra os dentes de pedra que se projetam do teto da boca do dragão.

A Missa terminou, vá em paz.

Ele deixa para trás o cálice e o purificador, o pano e a estola. Eles agora são relíquias, artefatos de uma era que recua para o passado na velocidade da luz. Começamos como habitantes das cavernas, o padre pensa enquanto sobe à superfície, e para as cavernas retornamos.

Até mesmo a mais longa jornada é um círculo, e a história irá sempre voltar ao lugar em que começou. Do missal: "Lembre-se de que você é pó e ao pó retornará".

E o padre se levanta como um mergulhador subindo ao domo do céu cintilando acima da água.

Ao longo da estreita passagem que serpenteia suavemente para cima entre as paredes de pedras lacrimejantes, o chão é tão liso

quanto o piso das pistas de boliche. Apenas alguns meses antes, alunos em viagens de campo marchavam em fila única, passando seus dedos pela parede de rocha, os olhos procurando monstros nas sombras que inundavam as fendas. Eles ainda eram jovens o bastante para acreditar em monstros.

E o padre se ergue como um leviatã da profundidade sem luz.

A trilha para a superfície passa pelo Cavemans Couch e o Crystal King, entra no Grande Aposento, a área principal dos refugiados e, finalmente, no Palácio dos Deuses, sua parte favorita das cavernas, onde formações cristalinas brilham como fragmentos congelados da luz da Lua e o teto ondula sensualmente como ondas rolando para a praia. Aqui, perto da superfície, o ar é menos denso, fica mais seco e se tingem com a fumaça das fogueiras que ainda se alimentam do mundo que deixaram para trás.

Senhor, abençoe essas cinzas pelas quais mostramos que somos pó.

Trechos de orações correm por sua mente. Fragmentos de cantos.

Litanias e bênçãos e as palavras de absolvição, Que Deus lhe conceda perdão e paz, e eu o absolvo de seus pecados... E da Bíblia: "Desci às raízes das montanhas; à terra cujos ferrolhos me prenderam para sempre".

Incenso queimando no incensório. Suave luz do sol de primavera estilhaçado por um vitral. O estalar dos bancos da igreja no domingo como o casco do velho navio em alto-mar. A solene dimensão das estações, o calendário que governou sua vida desde quando era uma criança, Advento, Natal, Quaresma, Páscoa. Ele sabe que gostava das coisas erradas, os rituais e tradições, a pompa e a afetação pelas quais os leigos criticavam a Igreja. Ele adorava a forma, não a substância; o pão, não o corpo.

Isso não fez dele um mau padre. Ele era calmo e humilde e fiel à sua vocação. Ele gostava de ajudar as pessoas. Essas semanas na caverna tinham sido umas das mais satisfatórias de sua vida. O sofrimento traz Deus à sua morada natural, a manjedoura de terror e confusão, dor e perda, onde ele nasceu. Vire a moeda do sofrimento, o padre pensa, e você verá sua face.

Um vigia está sentado exatamente do lado de dentro da abertura acima do Palácio dos Deuses, sua estrutura corpulenta mostrada em silhueta de encontro à névoa de estrelas às suas costas. O céu foi limpo pelo duro vento norte predizendo o inverno. O homem está usando um boné de beisebol puxado por cima da testa e uma jaqueta de couro. Ele está segurando um binóculo. Um rifle repousa em seu colo.

O homem cumprimenta o padre com um gesto de cabeça.

- Onde está o seu casaco, padre? Está uma noite fria. O padre sorri fracamente.

- Acho que o emprestei para Agatha.

O homem mostra que compreendeu com um resmungo. Agatha é a queixosa do grupo. Sempre com frio. Sempre com fome. Sempre alguma coisa. Ele ergue o binóculo até os olhos e vasculha o céu.

- Você viu algum deles? - o padre pergunta. Eles avistaram o primeiro objeto cinza-prateado em forma de charuto uma semana antes, pendendo imóvel sobre as cavernas por vários minutos antes de disparar silenciosamente direto para cima, diminuindo até se tornar uma cicatriz minúscula na vastidão azul. Outro, ou o mesmo, apareceu dois dias depois, planando silenciosamente sobre eles até desaparecer no horizonte. Não havia dúvida sobre a origem das estranhas aeronaves, os moradores da caverna sabiam que não eram terrestres, e era o mistério sobre seu objetivo que os amedrontava.

O homem abaixa o binóculo e esfrega os olhos.

- O que aconteceu, padre? Não consegue dormir?

- Ah, não tenho dormido muito ultimamente - o padre responde. Então acrescenta: - Muita coisa para fazer - ele não quer que o homem pense que está se queixando.

- Não há ateus nas trincheiras - o clichê pende no ar como um cheiro rançoso.

- Ou nas cavernas - replica o padre. Desde que se conheceram, ele se esforçou para conhecer melhor esse homem, mas ele é um aposento fechado, a porta seguramente trancada pela raiva e pelo sofrimento e pelo medo desesperado da vida ameaçada ou pelas incertezas do futuro. Durante meses, não houve como fugir ou se

esconder disso. Para alguns, a morte é a auxiliar da fé. Para outros, é seu carrasco.

O homem tira uma embalagem de chiclete do bolso no peito, desembrulha um pedaço com cuidado e o dobra e coloca na boca. Ele conta os pedaços restantes antes de deslizar a embalagem de volta para o bolso. Ele não oferece um pedaço ao padre.

- Minha última embalagem - o homem diz à guisa de explicação. Ele muda o peso do corpo sobre a pedra fria.

- Entendo - o padre fala.

- Entende? - o maxilar do homem se move em um ritmo hipnótico enquanto mastiga. - Entente mesmo?

O pão seco, o vinho azedo: o gosto permanece em sua língua. O pão poderia ter sido partido; o vinho poderia ser dividido. Ele não tinha que celebrar a Missa sozinho.

- Acredito que sim - o pequeno padre responde.

- Eu não - diz o homem devagar e com firmeza. - Eu não acredito em droga alguma.

O padre cora. Seu riso suave e constrangido é como os passos dos pés de uma criança em uma escada. Ele toca o colarinho nervoso.

- Quando ficamos sem energia elétrica, acreditei que ela voltaria -o homem com o rifle diz. - Todo mundo acreditou. A energia acaba a energia volta. Isso é fé, não é? - ele mastigava o chiclete, lado direito, lado esquerdo, empurrando a bola verde de um lado a outro da boca. - E então as notícias chegam da costa que não existe mais costa. Reno agora é um valioso local à beira-mar. Grande coisa; e daí? Houve terremotos antes. Houve tsunamis. Quem precisa de Nova York? O que há de tão especial na Califórnia? Nós nos recuperamos. Nós sempre nos recuperamos. Acredito nisso.

O vigia está balançando a cabeça, olhando para o céu da noite, para o frio, para as estrelas cintilantes. Olhos no alto, voz baixa.

- Então as pessoas ficaram doentes. Antibióticos, quarentenas. Desinfetantes. Colocamos máscaras e lavamos nossas mãos até a pele descascar. Mesmo assim, quase todos morreram.

E o homem com o rifle observa as estrelas como que esperando que elas se soltassem da escuridão e despencassem na Terra. Por

que não o fariam?

- Meus vizinhos. Meus amigos. Minha mulher e meus filhos. Eu sabia que todos iam morrer. Como todos puderam morrer? Algumas pessoas ficam doentes, mas a maioria não fica, e o resto vai melhorar, certo? Isso é fé. É nisso que nós acreditávamos.

O homem tira uma grande faca de caça da bota e começa a limpar a terra de baixo das unhas com a ponta.

- Isso é fé: você cresce; você vai à escola; encontra um emprego; casa; forma uma família - terminando a tarefa em uma das mãos, uma unha para cada rito de passagem, depois começando na outra. - Seus filhos crescem. Vão para a escola. Encontram um emprego. Eles se casam. Eles formam uma família - rasp, rasp, rasp, rasp, rasp. Ele empurra o boné para trás com o canto da mão que segura a faca. - Nunca fui o que você chamaria de uma pessoa religiosa. Não vejo o interior de uma igreja há 20 anos. Mas sei o que é fé, padre. Sei o que é acreditar em alguma coisa. As luzes se apagam, elas acendem outra vez. As águas da enchente vêm e vão. As pessoas ficam doentes, elas melhoram.

A vida continua. Isso é verdadeira fé, não é? Essa sua bobagem sobre céu e inferno, pecado e salvação, jogue tudo fora e você ainda vai ter isso. Mesmo os maiores ateus que atacam a igreja têm fé nisso. A vida continua.

- Sim - diz o padre. - A vida continua.

O vigia mostra os dentes. Ele estende a faca na direção do peito do padre e rosna:

- Você não ouviu uma única palavra que eu falei. Olhe, é por isso que não suporto o seu tipo. Você acende suas velas, resmunga suas feitiçarias em latim e reza para um deus que não está aqui, não se importa, ou é muito louco, ou cruel, ou as duas coisas. O mundo queima e você elogia o imbecil que o incendiou ou permitiu pegasse fogo.

O pequeno padre tinha levantado as mãos, as mesmas mãos que consagraram o pão e o vinho, como que para mostrar ao homem que elas estão vazias, que ele não pretendia fazer nenhum mal.

- Não finjo conhecer a mente de Deus - o padre começa, baixando as mãos. Olhando a faca, ele cita o Livro de Jó: "Na

verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia".

O homem o olha fixamente por um momento muito longo e desconfortável, absolutamente imóvel exceto pelo maxilar trabalhando no pedaço de chiclete já sem sabor.

- Eu vou ser sincero com você, padre - ele diz sem emoção. - Sinto vontade de matá-lo agora mesmo.

O padre concorda sério.

- Receio que isso possa acontecer. Quando a verdade se tornar significativa.

Ele tira a faca da mão trêmula do homem. O padre toca o seu ombro. O homem se encolhe, mas não recua.

- O que é a verdade? - o homem sussurra.

- Isto - o pequeno padre responde e desfere uma profunda facada no do peito do homem.

A lâmina é muito afiada, ela desliza facilmente pela camisa do homem, escorregando entre as costelas antes de afundar dez centímetros no coração.

O padre puxa o homem até a altura do peito e beija o alto de sua cabeça. Que Deus lhe conceda perdão e paz.

O fim chega depressa. A goma de mascar cai dos lábios frouxos do homem, o padre a apanha e a joga pela entrada da caverna. Ele solta o homem no chão de pedra fria e se levanta. A faca molhada cintila em sua mão. O sangue do novo e eterno pacto...

O padre analisa o rosto do homem morto e seu coração queima com fúria e repugnância. O rosto humano é hediondo, insuportavelmente grotesco. Não há mais necessidade de esconder sua repulsa.

O pequeno padre volta ao Grande Aposento, seguindo um caminho desgastado que leva à câmara principal, onde os outros se retorcem e viram em um sono inquieto. Todos, exceto Agatha, que se recosta na parede dos fundos da câmara, uma pequena mulher perdida na jaqueta forrada de pele que o pequeno padre tinha lhe emprestado os cabelos crespos não lavados um ciclone de cinza e preto. A sujeira está alojada nos fundos sulcos do rosto murcho, ao

redor de uma boca privada de dentes há muito perdidos e olhos enterrados em dobras de pele flácida.

Isto é humanidade, o padre pensa. Este é seu rosto.

- Padre, é você? - a voz mal é audível, o guincho de um camundongo, O grito estridente de um rato.

E isto, a voz da humanidade.

- Sim, Agatha, sou eu.

Ela semicerra os olhos para a máscara que ele usou desde a infância obscurecida na sombra.

- Não consigo dormir, padre. Você pode se sentar um pouco comigo?

- Sim, Agatha. Vou me sentar com você.

Ele carrega os corpos de suas vítimas para a superfície, dois de cada vez, um debaixo de cada braço, e os joga no fosso, largando-os sem cerimônia antes de descer para outra carga. Depois de Agatha, ele matou o resto enquanto dormia. Nenhum acordou. O padre trabalhou em silêncio, depressa, com mãos firmes e seguras, e o único ruído foi o sussurro do pano se rasgando enquanto a lâmina fundava nos corações de todos os 46, até que o seu era o único coração que ainda batia.

Começa a nevar ao amanhecer. Ele fica do lado de fora por um momento e ergue o rosto para um céu negro e cinza. A neve pousa em suas faces pálidas. Seu último inverno por um tempo muito longo: no equinócio, o casulo vai descer para devolvê-lo à nave mãe, onde irá esperar a limpeza final da infestação humana pelos que o treinaram para realizar a tarefa. Quando a bordo da embarcação, da serenidade do vazio, ele irá observar enquanto lançarem as bombas que irão obliterar cada cidade da Terra, limpando os vestígios da civilização humana. O apocalipse sonhado pela humanidade desde a aurora de sua consciência finalmente será entregue -não por um deus irado, mas indiferentemente, tão frio quanto o pequeno padre quando enterrou a faca no coração de suas vítimas.

A neve derrete em seu rosto erguido. Quatro meses até o final do inverno. Cento e vinte dias até que as bombas caiam, e então o desencadeamento da 5ª Onda, os peões humanos que condicionaram para matar a própria espécie. Até então, o padre vai ficar para abater qualquer sobrevivente que vagar em seu território.

Quase acabado. Quase lá.

O pequeno padre desce para o Palácio dos Deuses e quebra seu jejum.

-3-

ESPECIALISTA

Ao meu lado, Navalha sussurrou:

- Corra.

Sua pistola explode ao lado do meu ouvido. Seu alvo era a menor coisa que é a soma de todas as coisas, sua bala, a espada que rompeu a corrente que me prendia a ela.

Teacup.

Quando Navalha morreu, ele ergueu seus olhos suaves e comovedores até os meus e sussurrou:

- Você está livre. Corra. Eu corri.

Estilhaço e atravesso a janela da vigia, o chão disparando para o alto a fim de me encontrar.

Quando aterrisso no asfalto, nem um único osso se quebra. Não vou sentir dor. Eu fui aperfeiçoada pelo inimigo para suportar quedas maiores do que essa. Minha última queda começou a 1.500 metros. Esta é fácil.

Aterrisso, rolo e fico em pé, corro ao redor da torre, depois pela passagem em direção da barreira de concreto e da cerca protegida por arame farpado. O vento grita em meus ouvidos. Agora sou mais rápida do que o animal mais rápido da Terra. Comparado a mim, o guepardo é uma tartaruga.

As sentinelas no perímetro devem me ver, e o homem na torre de vigia também, mas nenhum tiro é disparado, nenhuma ordem é dada para me abater. Corro até o fim da passagem como uma bala cantando no cano de uma arma.

Eles não podem pegá-la. Como eles poderiam pegá-la?

O processador instalado em meu cérebro fez os cálculos antes mesmo de eu atingir o chão e já transmitiu a informação para os milhares de drones microscópicos designados para o meu sistema muscular; não preciso pensar em velocidade ou tempo ou ponto de ataque. O hub faz isso por mim.

Fim da passagem: eu salto. Meu pé aterrissa no alto da barreira de concreto por um instante, depois dá impulso e me lança na direção da cerca. O arame farpado voa para o meu rosto. Meus dedos deslizam para o espaço de cinco centímetros entre as espirais e a barra superior para que eu execute um salto de costas sobre o topo. Passo por cima dele primeiro com os pés, costas arqueadas, braços estendidos.

Piso no solo e acelero de novo até atingir velocidade máxima, cobrindo os 100 metros até o terreno aberto entre a cerca e a floresta em menos de quatro segundos. Nenhuma bala me segue.

Nenhum helicóptero cria vida para me caçar. As árvores se fecham atrás de mim como uma cortina sendo puxada, e meus passos são firmes no chão liso e irregular. Chego ao rio, suas águas rápidas e escuras. Meus pés parecem mal tocar a superfície enquanto atravesso.

Do outro lado, a floresta dá lugar a uma planície aberta, quilômetros esplêndidos se estendendo em direção do horizonte do norte, uma vastidão sem fronteira na qual eu ficaria perdida, não descoberta, não perturbada.

Livre.

Corro durante horas. O 12º Sistema me sustenta. Ele reforça minhas articulações e ossos. Ele protege meus músculos, dá força, resistência, anula minha dor. Eu só preciso me render. Eu só preciso confiar, e vou resistir.

VQP. À luz de centenas de corpos queimando, Navalha esculpiu essas três letras no meu braço. VQP. Vence quem persevera.

Algumas coisas, ele me disse na noite antes de morrer, algumas coisas, até mesmo algumas muito pequenas, valem a soma de todas as coisas.

Navalha entendeu que eu nunca deixaria Teacup sofrendo enquanto escapava. Eu deveria saber que ele ia me salvar me traindo: tinha feito isso desde o início. Ele matou Teacup para que eu pudesse viver.

A paisagem desinteressante se estende em todas as direções. O sol cai em direção da beira do céu sem nuvens. Minhas lágrimas congelam quando caem no rosto atingido pelo vento cortante. O 12º Sistema pode proteger --lo da dor que aflige o corpo, mas é inútil contra a dor que esmaga a alma.

Horas depois, ainda estou correndo enquanto a última luz sangra do céu e a primeira estrela aparece. E lá está a nave mãe pairando no horizonte, como um olho verde sem pálpebra olhando fixamente para baixo. Não há como fugir dela. Nem se esconder. Ela é inatingível, inatacável. Muito tempo depois que o último ser humano se transformar em um punhado de pó, ela vai estar ali, implacável, impenetrável, inescrutável: Deus foi destronado.

E continuo a correr. Por uma paisagem primitiva sem marcas de qualquer coisa humana, o mundo como era antes que a confiança e a cooperação soltassem a besta do progresso. Agora o mundo está voltando para o que era antes de o conhecermos. Paraíso perdido. Paraíso devolvido. Lembro-me do sorriso de Vosch, triste e amargo. Uma salvadora. É isso que sou?

Correndo em direção ao nada, fugindo do nada, correndo por um cenário vazio de um branco sem mácula sob a imensidão do céu indiferente, vejo agora. Acho que compreendo.

Reduzir a população humana a um número sustentável, depois tirar a humanidade de dentro dela, visto que a confiança e a cooperação são ameaças reais para o delicado equilíbrio da natureza, os pecados inaceitáveis que impeliram o mundo para a beira do penhasco. Os Outros concluíram que a única forma de salvar o mundo era aniquilar a civilização. Não pelo exterior, mas do interior. A única forma de aniquilar a civilização humana era mudar a natureza humana.

Continuei a correr pela mata. Ainda sem perseguição. À medida que os dias passavam, eu me preocupava menos com a aproximação de helicópteros e equipes de ataque saltando para baixo e mais com ficar aquecida e encontrar a água potável e a proteína de que eu precisava para sustentar o frágil hospedeiro do 12º Sistema. Cavei buracos para me esconder, construí abrigos sob os quais dormir. Transformei galhos de árvores em lanças e cacei coelhos e alces e comi a carne crua. Não ousei acender uma fogueira, mesmo sabendo como; no Campo Abrigo o inimigo me ensinou. O inimigo tinha me ensinado tudo que eu precisava saber sobre sobrevivência na selva, depois me deu a tecnologia alienígena que ajudou meu corpo a se adaptar a ela. Ele me ensinou o que os seres humanos esqueceram após dez séculos de cooperação e confiança. Ele me ensinou sobre o medo.

A vida é um círculo confinado pelo medo. O medo do predador. O medo da presa. Sem medo a vida não existiria. Certa vez tentei explicar isso a Zumbi, mas acho que ele não entendeu.

Durei 40 dias na selva. E, não, o simbolismo não se perdeu em mim.

Eu poderia ter durado mais. O 12º Sistema teria me sustentado muito bem por mais de 100 anos. Rainha Marika, a solitária, antiga caçadora, um invólucro inútil e sem alma roendo os ossos secos de animais mortos, soberana incontestada de um domínio inexpressivo, até o sistema finalmente entrar em colapso e seu corpo desmoronar ou ser devorado por animais, seus ossos espalhados como runas não lidas em um cenário abandonado.

Voltei. Nesse momento, eu compreendi por que não estavam vindo. Vosch estava a dois passos adiante de mim; ele sempre esteve. Teacup estava morta, mas eu ainda estava presa a uma promessa que nunca tinha feito a uma pessoa que provavelmente também estava morta. Mas a probabilidade tinha perdido o sentido.

Eu sabia que não podia abandonar Zumbi, não quando havia uma chance de salvá-lo.

E havia somente uma forma de salvá-lo; Vosch também sabia disso.

Eu tinha que matar Evan Walker.

I O primeiro dia



CASSIE

Eu vou matar Evan Walker. O bastardo envolvente, enigmático, egoísta e reservado. Vou livrar sua alma híbrida humana-alienígena do sofrimento. Você é a efemérida. Você é a coisa pela qual vale a pena morrer. Acordei quando me vi em você. Ah, que nojo.

Na noite passada dei um banho em Sams, o primeiro em três semanas, e ele quase quebrou meu nariz, ou talvez eu devesse dizer que ele requebrou meu nariz, visto que a antiga namorada de Evan (ou amiga com benefícios, ou o que quer que ela fosse) o quebrou primeiro batendo meu rosto contra a porta atrás da qual estava o meu irmãozinho, o merdinha que eu estava tentando salvar e o mesmo merdinha que quase o quebrou de novo. Está vendo a ironia? Provavelmente também haja um simbolismo, mas é tarde e eu não durmo há uns três dias, portanto, esqueça. De volta a Evan e o motivo pelo qual vou matá-lo. Basicamente, tudo se resume ao alfabeto.

Depois que Sam bateu no meu nariz, irrompi para fora do banheiro encharcada e me choquei de encontro ao peito de Ben Parish. Ben estava escondido no corredor como se cada coisinha que tinha a ver com Sam fosse sua responsabilidade, o acima mencionado merdinha gritando obscenidades às minhas costas, a única parte seca do meu corpo depois de tentar lavar as dele, e Ben Parish, a lembrança viva do ditado preferido de meu pai que é melhor ter sorte do que ser esperto, me deu aquele olhar idiota o que está acontecendo?, Tão estupidamente engraçadinho que fiquei tentada a quebrar o nariz dele, dessa forma fazendo com que não tivesse mais tanta cara de Ben Parish.

- Você deveria estar morto - eu disse a ele. Sei que eu acabo de escrever que ia matar Evan, mas você precisa entender... ah, que se

dane. Nunca alguém vai ler isso. Quando eu não estiver mais aqui, não vai haver ninguém que saiba ler. Assim, isso não está sendo escrito para você, futuro leitor que não existe. É para mim.

- Provavelmente - Ben disse.

- Quais são as chances de que alguém que eu conheci antes ainda esteja aqui agora'?

Ele pensou a respeito. Ou fingiu pensar a respeito: ele é um rapaz.

- Cerca de um em sete bilhões?

- Acho que seriam dois em sete bilhões, Ben - eu corrigi. - Ou um em 3,5 bilhões.

- Uau. Tudo isso? - ele mexeu a cabeça em direção à porta do banheiro.

- O que aconteceu com Nugget?

- Sam. O nome dele é Sam. Chame-o de Nugget de novo e eu lhe dou uma joelhada já sabe onde.

Ele sorriu. E então ou ele fingiu entender o que eu disse um pouquinho depois, ou ele entendeu imediatamente o que eu disse, mas, seja como for, o sorriso se transformou em um olhar de orgulho ferido e lábios apertados.

- Você não faria isso comigo... - e então, clique! O sorriso voltou em um instante. - Quer que eu fale com ele?

Eu lhe disse que não me importava a mínima com que ele fizesse; eu tinha coisas melhores para fazer, como matar Evan Walker.

Atravessei o corredor como um furacão, entrei na sala de estar, ainda perto o bastante - ou não longe o bastante - para ouvir Sam gritar, "Eu não ligo, Zumbi. Eu não ligo, eu não ligo. Eu a odeio", passei por Dumbo e Megan sentados no sofá montando um quebra-cabeça que alguém encontrou no quarto das crianças, uma cena de um desenho da Disney ou algo parecido, e seus olhos se desviaram quando passei correndo, tipo Não ligue para nós, não vamos impedir você, está tudo bem, ninguém disse nada.

Do lado de fora na varanda está frio como o inferno porque a primavera se recusa a chegar. A primavera não chega nunca porque eventos de extinção a deixam furiosa. Ou os Outros planejaram

outra Era do Gelo só podem, afinal porque se contentar com humanos condenados quando se pode ter humanos condenados, famintos, gelados e infelizes? É muito mais satisfatório desse jeito.

Ele estava encostado no parapeito para tirar o peso de cima do tornozelo machucado, o rifle aninhado na curva do braço, usando seu uniforme de camisa xadrez amassada e jeans justos. Seu rosto se iluminou quando me viu abrir a porta de tela com força. Seu olhar me envolveu. Ali, Evan e todo o seu ser, como ele devora a minha presença como um sujeito tropeçando em um oásis no deserto. Eu lhe dei um tapa.

- Por que você me bateu? - ele perguntou, depois de reunir o equivalente a dez mil anos de sabedoria alienígena para a resposta.

- Você sabe por que estou aqui? - perguntei. Ele sacudiu a cabeça.

- Por que você está molhada?

- Eu estava dando um banho no meu irmãozinho. Por que eu estava dando um banho nele?

- Porque ele estava sujo?

- Pelo mesmo motivo que passei uma semana limpando este chiqueiro depois que nos mudamos para cá - ela podia ser uma humana-alienígena híbrida supercarregada e tecnologicamente aperfeiçoada com a aparência de uma princesa do gelo norueguesa e um coração igual para combinar, mas Graça era uma dona de casa terrível. Havia montes de poeira em cada canto como neve acumulada pelo vento, mofo crescendo em cima de mofo, uma cozinha que faria um acumulador corar. - Por que isso é o que os seres humanos fazem, Evan. Não vivemos na sujeira. Nós tomamos banho. Nós lavamos a cabeça e escovamos os dentes e depilamos os pelos indesejáveis...

- Sam precisa se depilar? - tentando ser engraçado. Ideia boba.

- Cale a boca! Estou falando. Quando eu falo, você não fala. Quando você fala, eu não falo. Essa é outra coisa que os humanos fazem. Eles se tratam com respeito. Respeito, Evan.

Ele assentiu sério.

- Respeito - ele repetiu, o que me deixou ainda mais zangada. Ele estava me manipulando.

Tudo tem a ver com respeito. Ser limpo e não feder como um porco tem a ver com respeito.

- Porcos não fedem.

- Cale. A. Boca.

- Bom, eu cresci em uma fazenda, é só isso. Sacudi a cabeça.

- Ah, não, não é só isso. Isso não é metade de tudo. A parte de você em que eu bati não cresceu em nenhuma maldita fazenda.

Ele encostou o rifle no parapeito e foi mancando até o balanço. Ele se sentou e seu olhar vagou para longe.

- Não é minha culpa se Sam precisava de um banho.

- Claro que é sua culpa. Tudo isso é sua culpa. Ele olhou para mim e falou em tom controlado.

- Cassie, acho que você deveria entrar agora.

- Por que, antes que você perca a calma? Ah, por favor, perca uma vez. Eu adoraria saber como é.

- Você está com frio.

- Não, não estou - foi quando me dei conta do quanto estava tremendo parada diante dele com as roupas molhadas. Água gelada escorria em minha nuca e descreveu um caminho em minha coluna. Cruzei os braços sobre o peito e obriguei meus dentes (recém-escovados, muito limpos) a parar de bater.

- Sam esqueceu seu ABC - informei.

Ele me olhou por longos quatro segundos.

- Desculpe, o que foi?

- Seu ABC. Você sabe o alfabeto, seu guardador de porcos intergaláctico.

- Bem - seus olhos vagaram do meu rosto para o horizonte vazios além do qual havia mais estradas e florestas e campos e vilas e cidades vazias, o mundo uma grande abóbora vazia, um balde de água suja vazio. Esvaziado de coisas como ele, o que-quer-que-seja-que-fosse antes de se inserir em um corpo humano como uma mão no traseiro de uma marionete.

Ele se inclinou para frente e despiu a jaqueta com um movimento dos ombros, a mesma jaqueta idiota de boliche com que apareceu no velho hotel (Os Pinos de Urbana) e a estendeu para mim.

- Por favor?

Talvez eu não devesse ter aceitado. Isto é, o padrão continuava a se repetir: eu estou com frio, ele me aquece. Estou ferida, ele me cura. Estou faminta, ele me alimenta. Eu caio, ele me levanta. Eu sou como o buraco na praia que fica se enchendo de água.

Não sou uma pessoa grande; a jaqueta me engole. E o calor do corpo dele também. Ela me devolveu o equilíbrio, não necessariamente por causa do calor que vinha de seu corpo, apenas o calor em si.

- Outra coisa que os humanos fazem é aprender o alfabeto - eu disse. - Para que possam ler. Para que possam aprender coisas. Coisas como história e matemática e ciências e praticamente tudo em que se pode pensar, incluindo as coisas realmente importantes, como arte e cultura e fé, e por que as coisas acontecem e por que outras não acontecem e por que qual quer coisa existe, para começar.

Minha voz fraquejou. Sem convite, lá está a imagem de novo, de meu pai puxando um carrinho vermelho carregado de livros depois da 3ª Onda e seu sermão sobre preservar o conhecimento e reconstruir a civilização depois que fizéssemos aquele incômodo probleminha alienígena desaparecer. Deus, como é triste, como é lamentável: um homem com uma calvície incipiente de ombros curvados arrastando os pés por ruas desertas com um carrinho de livros recolhidos na biblioteca atrás dele. Enquanto outros saqueavam comidas enlatadas e armas e materiais para fortificar suas casas contra saqueadores, o meu pai decidiu que a ação mais sensata era acumular material de leitura.

- Ele pode aprendê-lo de novo - Evan tentou. - Você pode ensinar. Precisei de todas as forças para não estapeá-lo outra vez. Houve um momento em que acreditei ser a última pessoa viva na Terra, o que fazia de mim toda a humanidade. Evan não é o único que tem comigo uma dívida impagável. Eu sou a humanidade, ele é eles; e, depois do que fizeram conosco, a humanidade deveria quebrar todos os ossos de seus corpos.

- Não se trata disso - repliquei. - Trata-se de que eu não entendo por que você fez as coisas desse jeito. Você poderia ter nos matado

sem ser estupidamente cruel. Você sabe o que eu descobri esta noite, além do fato de meu irmãozinho me odiar mais que tudo no mundo? Não foi só ele ter esquecido o alfabeto. Ele não se lembra da aparência de nossa mãe. Ele não se lembra do rosto da própria mãe.

Então perdi o controle. Embrulhei-me bem apertado naquela jaqueta idiota dos Pinos e cai no choro, porque não me importava mais se Evan me visse perder o controle, porque, se alguém deveria ver, era ele, o atirador assassinando à distância, confortável em sua casa enquanto, a 300 metros acima de sua cabeça, a nave mãe soltava as três ondas com poder de devastação progressivo. Cinco mil no primeiro ataque, milhões no segundo, bilhões no terceiro. E, enquanto o mundo queimava, Evan Walker estava defumando carne de veado e dando agradáveis passeios na floresta e apreciando uma fogueira gostosa e cuidando das unhas perfeitas. Ele deveria ver o rosto do sofrimento humano de perto. Ele ficou tempo demais como a nave mãe, pairando sobre o horror, intocável e remoto; ele precisa vê-lo, tocá-lo, apertá-lo de encontro ao seu nariz de contorno perfeito e absolutamente não quebrado e sentir seu cheiro.

Como Sammy fez. Eu senti vontade de correr para dentro e arrancá-lo da banheira e arrastá-lo nu para a varanda, onde Evan Walker poderia contar suas costelas magras e sentir seus punhos minúsculos e passar o dedo nas têmporas fundas e examinar as cicatrizes e os ferimentos do pequeno corpo que ele torturou, a criança cuja mente ele tinha esvaziado de lembranças e cujo coração ele encheu de ódio e desesperança e raiva inútil.

Evan começou a se levantar: para puxar-me para os seus braços, sem dúvida, e afagar meus cabelos e secar minhas lágrimas e murmurar que tudo ia ficar bem, porque esse é o seu MO (*modus operandi*). Mas então ele pensou melhor. Ele tornou a se sentar.

- Eu lhe disse Cassie - ele falou baixinho. - Eu não queria que acontecesse desse jeito. Eu lutei contra isso.

- Até concordar com isso - ainda me esforçando para me controlar. -E o que quer dizer com não queria que acontecesse "desse jeito"?

Ele mudou o corpo de posição. O balanço rangeu. Os olhos voltaram para a estrada vazia.

- Nós poderíamos viver entre vocês por tempo indefinido. Escondidos, não descobertos. Poderíamos ter nos infiltrado em posições de liderança em sua sociedade. Poderíamos ter partilhado do seu conhecimento, exponencialmente expandindo o seu potencial, acelerando sua evolução. É concebível que pudéssemos ter lhes dado o que sempre quiseram e nunca tiveram.

- O quê? - funguei e puxei o muco de volta para o nariz. Eu não tinha um lenço de papel nem me importei com que aquilo fosse nojento. A Chegada tinha alterado toda a definição de nojento.

- Paz - ele respondeu.

- Poderia. Poderia. Evan assentiu.

- Quando essa opção foi rejeitada, argumentei e sugeri algo mais... rápido.

- Rápido?

- Um asteroide. Vocês não tinham a tecnologia para detê-lo ou o tempo, se a tivessem. Era uma solução simples, mas não muito limpa. O mundo não poderia ser habitado por mil anos.

- E por que isso importa? Vocês são pura consciência, imortais como deuses. O que são mil anos para vocês?

Aparentemente essa pergunta tinha uma resposta muito complicada. Ou uma que ele não queria me contar. Então ele falou:

- Durante dez mil anos tivemos o que vocês sonharam ter por dez mil anos - ele soltou uma risada breve e sem humor. - Uma existência sem dor, sem fome, sem necessidades físicas de qualquer espécie. Mas a imortalidade tem um preço. Sem corpos, perdemos as coisas que vêm com eles. Coisas como autonomia e benevolência. Compaixão - ele abriu as mãos como que para mostrar que estavam vazias. - Sam não é o único que esqueceu o alfabeto.

- Odeio você - falei.

- Não, não odeia - ele respondeu balançando a cabeça.

- Eu quero odiar você.

- Espero que não consiga.

- Não minta para si mesmo, Evan. Você não me ama, você ama a ideia de mim. Você confundiu tudo em sua cabeça. Você ama o que

eu represento.

Ele inclinou a cabeça para o lado, e seus olhos castanhos brilharam mais que as estrelas.

- O que você representa Cassie?

- O que acha que perdeu. O que acha que nunca poderia ter. Eu não sou isso. Eu só sou eu.

- E o que você é?

Eu sabia o que ele queria dizer. E, é claro, eu não tinha ideia do que ele queria dizer. Essa era a coisa que acontecia entre nós, a coisa que nenhum de nós conseguia identificar, o elo inquebrável entre amor e medo. Evan é o amor. Eu sou o medo.

Ben estava esperando para saltar em cima de mim no instante em que entrei. Eu sabia que ele estava esperando para saltar em cima de mim porque no instante em que entrei ele saltou em cima de mim.

- Tudo bem? - ele perguntou.

Esfreguei o rosto para secar as lágrimas e ri. Claro, Parish, tirando toda essa coisa de apocalipse alienígena, tudo está ótimo.

- Quanto mais ele explica, menos eu compreendo - eu falei.

- Eu disse que tem alguma coisa errada com esse cara - ele falou, com muito cuidado para não dizer eu não disse?. Certo, não foi bem assim. Ele estava quase dizendo isso.

- O que você faria se não tivesse um corpo durante dez mil anos e então, de repente, tivesse um? - perguntei.

Ele inclinou a cabeça e reprimiu um sorriso.

- Provavelmente iria ao banheiro.

Dumbo e Megan tinham saído. Estávamos sozinhos. Ben estava parado junto da lareira e uma luz dourada dançava em seu rosto, que tinha se arredondado um pouco nas seis semanas em que estávamos escondidos na casa de segurança de Graça. Muito descanso, comida, água potável e antibióticos e Ben quase tinha voltado ao seu eu pré-invasão. Ele nunca voltaria a ser o mesmo. Ainda havia um olhar assombrado em seu rosto, uma cautela, como um coelho em uma campina patrulhada por falcões.

Ele não era o único. Depois de chegar à casa de segurança, levei duas semanas para conseguir reunir coragem para olhar no espelho. A experiência foi como encontrar alguém que você não via desde o ensino médio -você o reconhece, mas o que realmente nota é como a pessoa mudou. Ela não corresponde a sua lembrança de como deveria se parecer e, por um segundo, você fica confuso, porque sua lembrança dela é ela. Assim, quando olhei no espelho, vi uma pessoa que não correspondia à lembrança que tinha de mim mesma,

principalmente o nariz, que tinha se desviado um pouco para a direita, graças à Graça, mas deixei isso para lá, não guardava mágoas. O meu nariz podia estar torto agora, mas o dela tinha se desintegrado, juntamente com o resto de seu corpo.

- Como está Sam? - perguntei.

Ben mostrou o fundo da casa com um gesto brusco da cabeça.

- Ele está com Megan e Dumbo. Ele está bem.

- Ele me odeia.

- Ele não odeia você.

- Ele disse que me odeia.

- Crianças dizem coisas que não querem dizer.

- Não só as crianças.

Ele assentiu e olhou por cima do meu ombro em direção da porta da frente.

- Especialista tinha razão, Cassie. Isto não faz muito sentido. Ele sequestra um corpo humano para poder matar todos os corpos humanos não sequestrados. E então um dia ele decide que prefere matar a sua espécie para poder salvar todos os corpos humanos não sequestrados. E não somente um ou dois dos seus aqui e ali. Todos eles. Ele quer destruir toda a sua civilização... e por quê? Por uma garota. Uma garota!

Coisa errada a dizer. E ele também sabia. Mas, só para o caso de haver alguma dúvida, eu disse muito devagar:

- Sabe, Parish, pode ser um pouco mais complicado que isso. Também há uma parte humana nele - ah, Jesus, o que está acontecendo com você, Cassie? Em um minuto você está furiosa com ele e no outro o defende.

A expressão dele se endureceu.

- Não estou preocupado com a parte humana. Eu sei que você não era louca por ela, mas Especialista é muito esperta e apresentou um argumento sensato: se eles não precisam de corpos, não precisam de um planeta. E, se eles não precisam de um planeta, por que vieram tirar o nosso?

- Eu não sei - respondi irritada. - Por que você não pergunta para Especialista, já que ela é tão esperta?

Ele respirou fundo e então disse:

- Vou perguntar.

Levou um segundo para eu entender o que ele quis dizer. Então outro para perceber que ele falava sério. Um terceiro segundo para fazer algo sobre os dois primeiros, que foi me sentar.

- Pensei muito nisso - ele começou. E então parou. Como se ele tivesse que fazer rodeios comigo entre todas as pessoas! Como se eu tivesse um gênio difícil ou coisa parecida. - E eu acho que sei o que você vai dizer, mas, antes que diga alguma coisa, você precisa me escutar até o fim. Só me escute, está bem? Se Walker estiver dizendo a verdade, temos quatro dias até o casulo chegar e ele ir embora para fazer o que precisa. Isso é tempo mais do que suficiente para eu ir até lá e voltar.

- Para ir e voltar de onde, Ben?

- Eu não vou sozinho. Vou levar Dumbo comigo.

- Ceeeerto! Com você para onde? - então compreendi. - As cavernas. Ele assentiu depressa aliviado por eu ter entendido.

- Isso está me matando, Cassie. Não consigo parar de pensar nelas. Talvez Cup tenha alcançado Especialista e, bom, talvez não tenha. Ela pode estar morta Especialista pode estar morta. Ah, inferno, elas provavelmente estão *mortas* ou talvez não estejam. Talvez elas tenham conseguido chegar às caverna e Especialista voltou ao hotel para nos encontrar, só que não havia mais nós para encontrar porque não havia hotel para o qual voltar. Seja como for, vivas ou mortas, elas estão lá fora. E, se estiverem vivas, não têm a menor ideia do que vai acontecer. Elas vão morrer a menos que alguém volte para pegá-las.

Ele inspirou tremula e profundamente pela primeira vez desde que despejou essa torrente de palavras.

- Voltar para pegá-las - eu repeti. - Como você voltou por Sam. Como você não voltou por...

- Sim. Não. Ah, droga - seu rosto ficou vermelho e não era por estar perto do fogo. Ele sabia o que eu estava dizendo. - Isso não tem nada a ver com a minha irmã...

- Você fugiu e vem tentando voltar desde então.

Ben deu um passo em minha direção. Longe da luz do fogo, o rosto dele mergulhou na sombra.

- Você não sabe de nada. Eu sei que isso realmente a incomoda, porque Cassie Sullivan sabe tudo, certo?

- O que você quer de mim, Ben? Não sou sua mãe ou oficial em comando ou qualquer coisa. Faça o que quiser.

Eu me levantei. Então tornei a me sentar. Não havia para onde ir. Bem, eu poderia ir para a cozinha e fazer um sanduíche, só que não havia pão, nem presunto nem queijo. Não conheço os detalhes, mas tenho quase certeza de que existe uma loja Subway em todas as esquinas do céu. Também lojas Godiva. Em nosso segundo dia aqui, encontrei o estoque de 46 caixas de chocolates Godiva que eram de Graça. Não que eu tivesse contado.

- Estou tendo um dia ruim - eu lhe disse. - O meu irmãozinho me odeia, meu segurança pessoal humano-alienígena confessou que não sabe a diferença entre compaixão e adubo, e agora minha antiga paixão da escola me informa que está embarcando em uma missão suicida para resgatar duas pessoas desaparecidas e provavelmente mortas. Além disso, eu queria um sanduíche que nunca poderia ter. Desde a Chegada, fui mais perseguida por desejos do que uma mulher grávida de trigêmeos e sempre por coisas que nunca vou comer de novo. Cones de sorvete de chocolate. Pizza congelada. Creme chantilly enlatado. Rolinhos de canela que minha mãe fazia todos os domingos de manhã. Batatas fritas do McDonalds. Bacon. Não, bacon ainda é uma possibilidade. Eu só teria que encontrar um porco, matá-lo, cortá-lo, curar a carne e então fritá-la. Pensar em bacon, na possibilidade do bacon, me dá esperanças. Nem tudo está perdido se ainda existe bacon.

É sério.

- Sinto muito - Ben disse. - Eu não deveria ter explodido desse jeito.

Ele se aproximou e sentou-se cinco centímetros perto demais. Eu costumava fantasiar sobre Ben Parish sentado ao meu lado no sofá de casa enquanto dividíamos um cobertor e assistíamos a velhos filmes de terror até a 1 hora, segurando uma grande tigela de

pipoca em seu colo. Era sábado à noite e ele estava perdendo umas seis festas iradas cheias de pessoas muito mais legais do que eu, mas ele não queria estar em outro lugar; o prazer de minha companhia era suficiente.

Agora aqui estava ele, só que não havia festas iradas, nenhuma TV, nenhum cobertor e nenhuma maldita pipoca. O mundo costumava conter dois Bens - o Ben real, que não sabia que eu existia, e o Ben imaginário, que colocava pipoca em minha boca com dedos sujos de manteiga. Agora havia três. Os dois primeiros e este aqui que estava sentado a cinco centímetros perto demais, usando um suéter preto apertado e a barba por fazer que o faziam parecer um cantor de *indie rock* em uma pausa no camarim entre uma música e outra. São muitos Bens para conservar na cabeça de uma vez. Eu deveria dar-lhes diferentes nomes para distingui-los: Ben, Ben-Foi e Ben-Que-Poderia-Ter-Sido.

- Entendo - falei. - Mas por que você precisa ir agora? Por que não pode esperar? Se Evan conseguir que isso aconteça...

Ele estava sacudindo a cabeça.

- Não vai fazer diferença ele conseguir ou não. O perigo não está nos alienígenas lá em cima. O perigo são os humanos aqui embaixo. Eu preciso encontrar Especialista e Cup antes que a 5ª Onda consiga.

Ele puxou minha mão para a dele, e uma vizinha ergueu-se bem lá tio fundo: Ben. Essa vizinha pertencia à aluna do ensino médio de cabelos crespos que se recusou a morrer, a menina de nariz sardento, sabe-tudo Introversa, tímida e desajeitada, apesar das aulas de dança e karatê e conversas estimuladoras com os pais, carregando uma bolsa lotada de segredos, os segredos tolos, comuns e melodramáticos da adolescência que Iriam chocar as garotas bonitas e populares, se elas soubessem.

O que estava acontecendo com ela? Por que ela simplesmente não ia embora já? Não só estava carregando muitos Bens, mas também havia muitas Cassies. Três Bens, duas Cassies, alguns Sams e, claro, a dualidade literal de Evan Walker. Ninguém estava mais

integrado. Nossas verdadeiras personalidades tremeluziam como uma miragem no deserto sempre recuando na distância.

Ben tocou o meu rosto, as pontas dos dedos roçando minha face, leves como uma pena. E a vozinha na minha cabeça, o grito que desaparecia: Ben.

Então a minha voz.

-Você vai morrer.

- Pode apostar que sim - ele falou com um sorriso. - E vai acontecer do jeito que deve. Não do jeito deles. Do meu jeito.

A porta da frente rangeu nas dobradiças enferrujadas e uma voz disse:

- Ela tem razão, Ben. Você deve esperar.

Ben se afastou de mim. Evan estava inclinado na entrada.

- Ninguém perguntou - Ben retrucou.

- A nave é essencial para a próxima fase - Evan disse devagar e com clareza, como se estivesse falando com um louco ou um idiota.

- Explodida é a única forma de pôr um fim nisso.

- Não me importa o que você vai explodir - Ben falou. Ele se virou como se não pudesse suportar olhar para Evan. - Eu não ligo a mínima em pôr um fim nisso. Talvez seja difícil para alguém com um complexo de salvador entender, mas não quero salvar o mundo. Apenas duas pessoas.

Ele se levantou, passou por cima de minhas pernas e andou em direção do corredor. Evan o chamou e o que ele disse fez Ben parar no mesmo instante.

- O equinócio da primavera acontece em quatro dias. Se não chegarmos até aquela nave e não a explodirmos, todas as cidades da Terra vão ser destruídas.

Meu Deus. Olhei para Ben, ele olhou para mim e então nós dois olhamos para Evan.

- Quando você diz "destruídas"...? - comecei.

- Extintas - Evan afirmou. - É a última etapa antes do lançamento da 5ª Onda.

Ben estava sacudindo a cabeça devagar para ele, horrorizado, enojado, enfurecido.

- Por quê?

- Para facilitar o término da limpeza. E para apagar qualquer coisa humana que restar.

- Mas por que agora? - Ben quis saber.

- Os Silenciadores voltarão para a nave. É seguro. Isto é, para nós. Seguro para nós.

Desviei o olhar. Eu ia passar mal. Eu já devia saber. Exatamente quando pensava que não poderia piorar, piorava.

ZUMBI

Faço sinal para Dumbo me seguir. Deixe Sullivan dizer o que quer, ele sempre vai ser Nugget para mim. O menino começa a nos seguir para

O corredor e lhe ordeno para ficar para trás. Fecho a porta e me viro para Dumbo.

- Pegue suas armas. Estamos saindo. Dumbo arregala os olhos.

- Quando?

- Agora mesmo.

Ele engole em seco e olha pelo corredor em direção à saleta.

- Só você e eu, sarge? Eu sei o que o preocupa.

- Estou bem, Bo - tocando o ponto em que Especialista tinha acertado a bala. - Não 100%, mais tipo 86,5%, mas bem o suficiente.

Sinto uma pontada de dor no lado do corpo quando estendo a mão para tirar a mochila da prateleira do armário. Ok tire um ponto e meio, imagine que seja 85%, ainda mais próximo de 100 do que de zero. Seja como for, quem está 100% nesta altura do campeonato? Até mesmo o malvado bom alienígena quebrou o tornozelo.

Remexo no interior da mochila, embora não haja muita coisa em que remexer. Vou precisar pegar um pouco de água e rações na cozinha, e uma faca poderá ser útil. Procuro no bolso externo. Vazio. Que diabos? Eu sei que o pus ali. O que aconteceu com ele?

Estou ajoelhado no chão do quarto, revirando meus pertences pela terceira vez, quando Dumbo entra. Sarge?

Estava aqui. Estava *bem aqui* - olho para ele e algo na minha expressão o faz se encolher. - Alguém deve ter pegado. Jesus Cristo, quem diabos o teria pegado, Dumbo?

- Pegado o quê?

Balanço o corpo e me apoio nos calcanhares e apalpo meus bolsos.

Droga. Ali está exatamente onde eu o coloquei. O colar de minha irmã, o que quebrou na minha mão na noite em que a deixei para morrer.

- Ok, tudo certo - eu me levanto com um impulso, pego a mochila no chão e o rifle na cama. Dumbo está me observando com atenção, mas eu mal noto. Já faz meses que ele está em cima de mim como se fosse minha mãe.

- Pensei que íamos embora amanhã - ele diz.

- Se elas não estiverem entre aqui e o hotel, ou onde o hotel costumava estar, vamos ter que cortar por Urbana, duas vezes - digo a ele - e não quero estar perto de Urbana quando os canalhas fizerem tudo ir para Dubuque.

- Dubuque? - a cor desaparece do rosto dele. Oh, Deus, Dubuque de novo!

Penduro a mochila em um ombro e o rifle no outro.

- Buzz Lightyear acaba de contar que vão explodir as cidades. Isso leva um segundo para ser compreendido.

- Que cidades?

- Todas.

Ele fica boquiaberto e me segue até o corredor, depois em volta do canto e para dentro da cozinha. Garrafas de água, alguns pacotes fechados de carne seca, biscoitos, um punhado de barras de proteína. Divido os suprimentos entre nós. Tenho que ser rápido antes que o radar de Nugget ligue e ele dispare para fora do quarto para se colar na minha perna como velcro.

- Todas elas? - Dumbo pergunta. Ele franze o cenho. - Mas Especialista disse que eles não iam explodir as cidades.

- Bom, ela se enganou. Ou Walker está mentindo. Alguma bobagem sobre ter que esperar os Silenciadores serem extraídos. Sabe o que decidi soldado? Não vou perder mais tempo me preocupando com todas as coisas que não sei.

Ele sacode a cabeça. Ele ainda não consegue aceitar a notícia.

- Todas as cidades da Terra?
- Até a última porcaria de vila com um único semáforo.
- Como?
- A nave mãe. Em quatro dias, uma grande volta pelo planeta, largando as bombas enquanto passa. A menos que Walker possa explodir a nave antes que isso aconteça, e não ponho muita fé nisso.
- Por quê?
- Porque não ponho muita fé em Walker.
- Ainda não entendo Zumbi. Por que eles iriam esperar até agora para começar a jogar bombas?

Ele está tremendo inteiro, até a sua voz. Ele está perdendo o controle. Coloco minhas mãos em seus ombros e o obrigo a olhar para mim.

- Eu lhe disse. Eles estão apanhando os Silenciadores. Mandando casulos para todos os infestados, até o último, menos para cuidadores como Vosch. Quando forem evacuados e as cidades desaparecerem, não vai haver lugar para os sobreviventes se esconderem, transformando-os em um alvo fácil para os pobres coitados que foram submetidos a uma lavagem cerebral para terminar o serviço: a 5ª Onda. Entendeu?

Ele balança a cabeça de um lado a outro.

- Não importa. Eu vou para onde você for, sarge.

Uma sombra se move atrás dele. Uma maldita sombra com o formato de Nugget. Demorei muito.

- Zumbi.

- Certo - suspiro. - Dumbo, dê um segundo para a gente.

Ele sai da cozinha murmurando uma única palavra: Dubuque!

Ficamos apenas eu e Nugget. Eu não queria isso, mas não se pode fugir de nada. Não mesmo. É tudo um círculo; Especialista tentou me dizer isso. Não importa a distância ou a rapidez com que se foge, cedo ou tarde você volta ao ponto de partida. Fiquei zangado quando Sullivan jogou a minha irmã na cara, mas ambos sabíamos que ela estava certa. Sissy estava morta; Sissy nunca iria morrer. Vou sempre tentar alcançá-la. Ela está sempre se afastando, a corrente de prata arrebatando em minha mão.

- Onde estão os soldados Teacup e Especialista? - pergunto a ele. Seu rosto recém-esfregado está erguido para o meu. Ele estica o lábio

Inferior.

- Eu não sei.

- Também não sei. Então Dumbo e eu vamos descobrir.

- Eu vou com você.

- Negativo soldado. Preciso que você vigie a sua irmã. - Ela não precisa de mim. Ela tem ele.

Não tento argumentar contra isso. Ele é esperto demais para que eu o vença.

- Bem, estou colocando você para tomar conta de Megan.

- Você disse que a gente não ia se separar. Você disse que não importava o que acontecesse.

Abaixo-me e me apoio nos joelhos diante dele. As lágrimas fazem teus olhos brilharem, mas ele não está chorando. Ele é um pequeno safado muito forte, muito mais velho do que sua idade diz.

- Eu só vou ficar fora alguns dias - déjà-vu: praticamente a mesma coisa que Especialista disse antes de partir.

- Promete?

E isso foi praticamente o que eu disse para ela. Especialista não prometeu. Ela era sensata. Eu... eu não sou tão esperto.

- Já quebrei alguma? - seguro a mão dele, empurro os dedos para trás e aperto o medalhão de Sissy na palma da mão. - Guarde isto - ordeno.

- O que é? - olhando fixamente para o metal cintilando em sua mão.

- Parte da corrente.

- Que corrente.

- A corrente em que fica preso. Ele sacode a cabeça aturdido.

Ele não é o único. Não tenho ideia do que acabou de sair da minha boca, o que significa ou por que eu o disse. Aquela bijuteria barata, achei que a guardava por culpa e vergonha, como lembrete da minha falha, ou de todas as coisas que nos foram arrancadas, mas talvez haja outra razão, uma razão que não posso traduzir em

palavras porque não tenho as palavras para ela. Talvez não haja nenhuma.

Ele me segue até a saleta.

- Ben, você não pensou bem nisso - Walker diz. Ele está onde o deixei, parado junto da porta da frente.

Eu o ignoro.

- Ou elas estão nas cavernas, ou não - digo a Sullivan, que está se abraçando diante da lareira. - Se estiverem lá, vamos trazê-las de volta. Se não estiverem, não vamos trazê-las.

- Estamos escondidos aqui há seis semanas - Walker lembra. - Em quaisquer outras circunstâncias, estaríamos mortos. O único motivo de não estarmos mortos é porque neutralizamos o agente que patrulhava este setor.

- Graça - Cassie traduz para mim. - Para chegar às cavernas, você vai ter que atravessar três...

- Dois - Walker corrige.

Ela revira os olhos. Tanto faz.

- Dois territórios patrulhados por Silenciadores iguais a ele - ela olha rapidamente para Walker. - Ou não exatamente iguais a ele. Silenciadores não tão bons. Silenciadores realmente maus que são realmente bons em silenciar.

- Você pode ter sorte e escapar de um - Walker fala. - Não de dois.

- Mas, se você esperar, não vai haver nenhum Silenciador de que escapar - Cassie está ao meu lado agora, tocando meu braço, implorando. - Todos vão estar de volta à nave mãe. E então Evan põe seu plano em prática e então você pode... - a voz dela se extingue aos poucos. Ela ficou sem o fôlego necessário para me dizer o que eu queria ouvir, mas não o que deveria ouvir.

Não estou olhando para ela. Estou olhando para Walker. Sei o que ele vai dizer em seguida. Sei porque eu diria a mesma coisa: se Dumbo e eu não conseguirmos chegar às cavernas, Especialista e Teacup também não conseguiram.

- Você não conhece Especialista - digo para ele. - Se alguém pode ter conseguido, esse alguém é ela.

Walker assente, mas ele está concordando com a primeira frase, não com a segunda.

- Depois de nosso despertar, fomos aperfeiçoados com uma tecnologia que nos deixa quase indestrutíveis. Nós nos transformamos em máquinas de matar, Ben - e então ele respira fundo e finalmente, despeja tudo, o Infeliz obtuso. - Não há como elas terem sobrevivido todo esse tempo, não contra nós. As suas amigas estão mortas.

Mesmo assim, parti. Que se dane. Dane-se ele. Dane-se tudo. Que ele se dane, que tudo se dane. Fiquei parado muito tempo esperando o mundo acabar.

Especialista não cumpriu sua promessa, então vou cumpri-la por ela.

ESPECIALISTA

Sentinelas esperam por mim nos portões. Sou levada imediatamente para a torre de vigia que domina o campo de aterrissagem, outro ciclo completado, onde Vosch espera por mim, como se não tivesse se movido do local nos últimos 40 dias.

- Zumbi está vivo - eu disse. Olhei para baixo e vi que estava pisando na mancha de sangue que marcava o lugar em que Navalha tinha caído. A alguns metros de distância, ao lado do console, o lugar em que a bala de Navalha derrubou Teacup. Teacup.

Vosch deu de ombros.

- Não conheço.

- Ok, talvez não Zumbi, mas alguém que me conhece ainda está vivo. - ele não respondeu. Provavelmente é Sullivan, pensei, conhecendo a minha sorte. - Você sabe que não posso chegar perto de Walker sem que alguém em que ele confia me apoie.

Ele cruzou os braços fortes sobre o peito e espiou para mim ao longo de seu nariz, os olhos brilhantes de pássaro cintilando.

- Você nunca respondeu à minha pergunta - ele falou. - Eu sou humano?

- Sim - respondi sem hesitar. Ele sorriu.

- E você ainda acredita que isso significa que não há esperanças?

- ele não esperou a resposta. - Eu sou a esperança do mundo. O destino da humanidade está em minhas mãos.

- Isso deve ser uma carga terrível - falei.

- Você está caçoando.

- Eles precisavam de pessoas como você. Organizadores e gerentes que soubessem por que vieram e o que queriam.

Ele estava assentindo. Seu rosto resplandecia. Ele estava satisfeito comigo. E satisfeito consigo mesmo por me escolher.

- Eles não tinham escolha, Marika. O que significa, é claro, que nós não tínhamos nenhuma escolha. Em qualquer cenário semelhante, estávamos condenados a destruir a nós e aos nossos lares. A única solução era uma intervenção radical. Destruir as comunidades humanas a fim de salvá-las.

- E não foi suficiente matar sete bilhões de pessoas - retruquei.

- Claro que não. Caso contrário, eles teriam atirado a grande rocha. Não, a melhor solução é a criança no trigo.

Meu estômago se revirou com a lembrança. A criança correndo em meio aos grãos secos. O pequeno grupo de sobreviventes levando-a para dentro. Os últimos resquícios de confiança destroçados em uma luz verde e infernal.

No dia em que o conheci, ouvi o sermão. Todos os recrutas ouviam. A última batalha da Terra não vai acontecer em nenhuma planície ou deserto ou pico de montanha...

Toquei o meu peito.

- Este é o campo de batalha.

- Sim, do contrário, o ciclo meramente se repetiria.

- E é por isso que Evan Walker é importante.

- O programa implantado nele basicamente falhou. Nós precisamos entender o porquê, por motivos que devem ser óbvios para você. E há somente uma maneira de conseguir isso.

Ele apertou um botão no console ao seu lado. Atrás de mim, uma porta se abriu e uma mulher de meia-idade usando insígnias de tenente no colarinho entrou no aposento. Ela estava sorrindo. Seus dentes eram perfeitos e muito grandes. Seus olhos eram cinzentos. Seus cabelos tinham cor de areia e eram puxados para trás em um coque apertado. Antipatizei com ela no mesmo instante. Foi uma reação visceral.

- Tenente, acompanhe a soldado Especialista até a enfermaria para seu checkup pré-colocação. Vou vê-los na sala de reuniões Bravo às... ah, 4:00.

Ele se virou. Tinha terminado comigo... por enquanto. No elevador, a mulher com cabelos de areia perguntou:

- Como está se sentindo?

- Vai se danar.

Seu sorriso persistiu como se eu tivesse respondido, Estou ótima, e você?

- Meu nome é tenente Pierce, mas pode me chamar de Constance.

A campainha tocou. As portas se abriram. Ela bateu na minha nuca com o punho. Minha visão escureceu, meus joelhos fraquejaram.

- Isso é por Claire - ela disse. - Você se lembra dela.

Eu me levantei e desferi um golpe em seu queixo com a curva da mão. A parte posterior de sua cabeça bateu de encontro à parede com um craque agradável. Em seguida, dei-lhe um soco no estômago com toda a força que meus músculos aperfeiçoados puderam reunir. Ela desabou aos meus pés.

- Isso é pelos sete bilhões. Você se lembra deles.

-11-

Na enfermaria fui submetida a um exame físico completo. Verificações no 12º Sistema foram realizadas para garantir que estivesse funcionando bem. Depois, um enfermeiro trouxe uma bandeja carregada de comida. Ataquei com vontade. Eu não tinha uma refeição decente há mais de um mês. Quando o prato ficou vazio, o enfermeiro voltou trazendo outro. Eu o limpei também.

Ele me trouxe meu velho uniforme. Eu me despi e me lavei da melhor forma possível na pia. Pude sentir o fedor de 40 dias sem banho pairando sobre mim e, por algum motivo, fiquei constrangida. Não havia escova de dentes, de modo que esfreguei os dentes com o dedo. Perguntei-me se o 12º Sistema protegia o esmalte. Vesti as roupas, amarrei as botas com força. Eu me senti a melhor. Mais como a velha Especialista, a Especialista abençoadamente ignorante, ingênua e não aperfeiçoada que deixou Zumbi naquela noite com a promessa muda: Vou voltar. Se eu puder, vou voltar.

A porta abriu-se de repente. Constance. Ela tinha tirado o uniforme de tenente e vestido um par de jeans de corte reto e moletom com capuz esfarrapado.

- Acho que começamos com o pé esquerdo - ela disse.

- Vai se danar.

- Agora somos parceiras - ela continuou com doçura. - Companheiras. Deveríamos nos dar bem.

Eu a acompanhei por três lances de escada até o bunker no subsolo sob luzes fluorescentes que derramavam um brilho constante e estéril, lembrando-me das horas com Navalha enquanto meu corpo lutava a batalha perdida contra o 12º Sistema. Jogando Xadrez e criando códigos secretos e tramando a fuga falsa que me levaria de volta sob essa luz medonha, outro círculo cercado por incerteza e medo.

Constance estava meio passo à minha frente. Nossos passos ecoavam no espaço vazio. Eu a ouvia respirar. Seria tão fácil matá-la

agora mesmo, pensei com indiferença e então afastei o pensamento. Esse momento chegaria, desejei, mas não era agora.

Com um empurrão, ela abriu uma porta idêntica as 50 e tantas outras sem identificação pelas quais passamos, e eu a segui até uma sala de conferências. Uma tela de projeção em uma das paredes. Uma longa mesa na frente da tela. Uma pequena caixa de metal no centro da mesa.

Vosch estava sentado atrás da mesa. Ele se levantou quando entramos. As luzes enfraqueceram e a tela se acendeu com uma tomada aérea que mostrava uma estrada de duas faixas que cortavam campos vazios e ondulantes. No centro da imagem, o topo de um telhado retangular de uma casa. Um ponto solitário e tremeluzente na extremidade esquerda do retângulo, o calor que é a assinatura de alguém de guarda. Um amontoado de manchas brilhantes dentro da casa. Primeiro as contei, depois lhes dei nomes: Dumbo, Pão de Ló, Sullivan, Nugget, Walker e mais um, que é Zumbi.

Olá, Zumbi.

- De um voo de reconhecimento há seis semanas - Vosch disse. - A aproximadamente 18 quilômetros a sudoeste de Urbana.

O vídeo recuou um pouco, depois prosseguiu: a mesma fita representando a estrada, o mesmo retângulo escuro da casa, mas menos manchas cintilantes em seu interior. Faltavam dois.

- Esta é de ontem a noite.

A câmera se afastou. Florestas, campos, mais amontoados de retângulos negros, manchas escuras de encontro à paisagem cinza, o mundo esvaziado, abandonado, sem vida. A fita negra e fina da estrada saiu da tela. Então eu os vi: dois pontos cintilantes bem a noroeste. Alguém estava em movimento.

- Para onde estão indo? - perguntei, mas tive quase certeza de que já sabia a resposta.

Vosch deu de ombros.

- Impossível saber com certeza, mas o destino mais provável é este - a imagem congelou. Ele apontou para um local no alto da tela e me deu um olhar inteligente.

Fechei os olhos. Vi Zumbi usando o horrível moletom com capuz amarelo encostado ao balcão no saguão do velho hotel segurando aquele folheto idiota nas mãos e eu dizendo, vou investigar e volto em dois dias.

- Eles estão indo para as cavernas - eu disse. - Para me procurar.

- Acho que sim - Vosch concordou. - E você é exatamente o que vão encontrar - as luzes se acenderam. - Você vai ser levada hoje à noite, bem antes de sua chegada. A tenente Pierce tem a tarefa de pegar o alvo. A sua única responsabilidade é levá-la a uma distância de ataque. Ao completar a missão, tenente Pierce e Walker vão ser extraídos e retornados à base.

- E depois? - perguntei.

Ele piscou devagar. Ele imaginava que eu soubesse.

- Depois você e seus companheiros estarão livres para ir.

- Ir para onde?

Um pequeno sorriso.

- Para onde quer que o vento os leve. Mas sugiro que fiquem em campo aberto. Áreas urbanas não vão estar seguras.

Ele balançou a cabeça para Constance, que passou por mim a caminho da porta.

- Aceite, docinho de coco. Você vai querer. Observei-a sair. Aceite. Aceitar o quê?

- Marika - Vosch me chamou com o dedo. Venha aqui. Não me movi.

- Por que a está mandando comigo? - então eu respondi à minha pergunta: - Você não vai nos deixar ir embora. Quando tiver Walker, você vai nos matar.

Sua sobrancelha se ergueu em direção do corte de cabelo militar.

- Por que eu iria matar vocês? O mundo seria um lugar muito menos interessante sem vocês - ele desviou o olhar rapidamente mordendo o lábio, como se tivesse falado demais.

Ele fez um gesto na direção da caixa sobre a mesa.

- Nós não vamos nos ver de novo - ele disse asperamente. - Achei que isso seria apropriado.

- O quê?

- Um presente de despedida.

- Não quero nada de você.

Não foi meu primeiro pensamento. Meu primeiro pensamento foi Enfie-o goela abaixo.

Ele empurrou a caixa em minha direção. Ele estava sorrindo.

Ergui a tampa. Não sabia bem o que esperar. Talvez um jogo de xadrez para viagem, um lembrete de todos os bons momentos que tivemos juntos. Dentro da caixa, envolta em uma almofada de espuma, estava uma cápsula verde incrustada em plástico transparente.

- O mundo é um relógio - ele disse com suavidade. - E está chegando o tempo em que a escolha entre a vida e a morte não vai ser difícil, Marika.

- O que é isso?

- A criança no trigal carregava uma versão modificada disto em sua garganta, só que este modelo é seis vezes mais potente: tudo em um raio de 8 quilômetros será instantaneamente desintegrado. Coloque a cápsula na boca, morda para quebrar o lacre e então você só vai precisar respirar.

Sacudi a cabeça.

- Não quero isso.

Ele balançou a cabeça. Os seus olhos cintilavam. Ele tinha imaginado que eu recusaria.

- Em quatro dias, nossos benfeitores vão soltar bombas da nave mãe que irão destruir todas as cidades remanescentes da Terra. Você entende, Marika? Os rastros do ser humano estão prestes a serem completamente apagados. O que construímos ao longo de dez milênios irá desaparecer em um dia. Então os soldados da 5ª Onda serão soltos sobre os sobreviventes e a guerra irá começar. A última guerra, Marika. A guerra interminável. A guerra que irá continuar e continuar até que a última bala seja disparada e depois será travada com varas e pedras.

A minha expressão perplexa deve ter testado sua paciência; a voz dele ficou dura.

- Qual é a lição aprendida com a criança no trigal?

- Não se pode confiar em nenhum desconhecido - eu respondi, olhando fixamente para a cápsula verde em seu leito de espuma. -

Nem mesmo em uma criança.

- E o que acontece quando não se pode confiar em ninguém? O que acontece conosco quando qualquer estranho pode ser um "outro"?

- Sem confiança não há cooperação. E sem cooperação não há progresso. A história para.

- Sim! - seu rosto se iluminou de orgulho. - Eu sabia que você iria entender. A resposta ao problema humano é a morte do que nos faz humanos.

Ele ergueu o braço, a mão em minha direção, como se fosse me tocar, e então parou. Pela primeira vez desde que o conheci, ele pareceu perturbado com alguma coisa. Se eu não fosse esperta, teria imaginado que ele estava com medo.

Mas isso seria ridículo.

Ele abaixou a mão ao lado do corpo e se virou.

-12-

A camada externa do C-160 cintilou na luz do sol poente. Estava congelando na pista de pouso, mas a luz do sol flertava com as minhas faces. Quatro dias até o equinócio da primavera. Quatro dias até a nave mãe soltar sua carga. Quatro dias até o fim.

Ao meu lado, Constance estava realizando uma última verificação em suas armas enquanto a tripulação de terra realizava a última verificação no avião. Eu estava com minha pistola, meu rifle e minha faca, as roupas no meu corpo e a pequena pílula verde em meu bolso.

Eu aceitei seu último presente.

E entendi por que ele queria me dar esse presente. E eu sabia o que a oferta significava: ele ia manter sua promessa. Quando Constance apanhar Walker, estaremos livres.

Que risco nós representávamos, afinal? Não há onde se esconder. Meses podem se passar antes que nos deparemos com a escolha definitiva da morte em seus termos ou nos nossos. E quando formos encurralados ou capturados, sem nenhuma opção exceto essas duas, eu vou estar com este presente. Eu vou ter essa escolha.

Olhei para Constance remexendo na mochila. Sua nuca exposta tinha um brilho dourado na luz que diminuía. Eu imaginei pegar minha faca e enterrá-la até o cabo na pele macia. Eu sabia que ódio não era a resposta. Ela era uma vítima como eu, como foram os sete bilhões de mortos, como a criança correndo no mar de trigo. Na verdade, ela e Walker e os milhares de infectados com o programa do Silenciador eram as vítimas mais tristes e deploráveis de todas.

Pelo menos quando eu morrer, vou estar com os olhos bem abertos. Vou morrer sabendo a verdade.

Ela me olhou. Não tinha certeza, mas acho que ela estava esperando que eu a mandasse se danar de novo.

Não mandei.

- Você o conhece? - perguntei. - Evan Walker. Todos vocês devem se conhecer, certo? Vocês passaram dez milênios juntos lá em cima - com a cabeça inclinada em direção da mancha verde no céu. - Você tinha ideia de que ele tinha escapado?

Constance mostrou os grandes dentes e não respondeu.

- Ok, isso é bobagem - eu disse. - Tudo que você pensa ser verdade é bobagem. Quem você pensa que é, suas lembranças, tudo. Antes de você nascer, eles instalaram um programa em seu cérebro que entrou em operação quando chegou à puberdade. Provavelmente uma reação química disparada pelos hormônios.

Ela concordou, ainda toda dentes.

- Tenho certeza de que é um pensamento reconfortante - disse.

- Você foi infectada com um programa viral que literalmente reajustou seu cérebro para "lembrar" coisas que não aconteceram. Você não é uma consciência alienígena que está aqui para apagar nossa humanidade e colonizar a Terra. Você é humana. Como eu. Como Vosch. Como todo mundo.

- Não sou nem um pouco como você - ela disse.

- Você provavelmente acredita que vai voltar à nave mãe em algum momento e deixar a 5ª Onda terminar o genocídio humano, mas você não vai, porque eles não vão fazer isso. Você vai acabar lutando com o mesmo exército que criou até não haver mais balas e a história parar. A confiança leva à cooperação que leva ao progresso e não vai haver mais progresso. Não vai haver uma nova Idade da Pedra, mas sim uma Idade da Pedra perpétua.

Pendurando a mochila no ombro, Constance se levantou do asfalto.

- Essa é uma teoria fascinante. Gosto dela.

Eu suspirei. Não havia como fazer ela compreender. Mas eu não a censurei. Se ela me dissesse, O seu pai não era um artista bêbado; ele era um pastor batista sóbrio, eu não iria acreditar nela. Cogito ergo sum. Mais do que a soma de nossas experiências, nossas lembranças são a prova definitiva da realidade.

Os motores do avião rugiram, eu me encolhi diante do som. Passei 40 dias na floresta sem lembranças do mundo mecanizado. O cheiro do escapamento me envolvendo e o ar vibrando de encontro

a minha pele trouxe uma dor de nostalgia ao meu coração, porque isso, também, vai acabar. A batalha final não tinha começado, mas a guerra já tinha terminado.

Como que com um suspiro cansado, o sol mergulhou no horizonte. O olho verde iluminado de encontro ao céu que escurecia. Constance e eu corremos pela plataforma e entramos no avião e prendemos os cintos, lado a lado.

A porta se encaixou no espaço aberto e foi trancada com um forte sibilar. Um segundo depois estávamos taxiando em direção da pista. Olhei para Constance: o sorriso congelado no rosto e os olhos escuros inexpressivos como os de um tubarão. Estiquei a mão com um movimento repentino e agarrei seu braço e senti o ódio fervendo através do tecido da parca pesada. O ódio e a ira e a repulsa jorraram dela para mim, e eu soube: independentemente de suas ordens e de todas as promessas de Vosch, assim que ela atingisse o alvo e nossa utilidade tivesse terminado, ela mataria a mim, a Zumbi e a todos os outros. Havia muito risco em nos deixar viver. O que significava que eu tinha que matá-la.

O avião avançou para frente. O meu estômago protestou; uma onda de náusea me dominou. Esquisito. Nunca tinha ficado nauseada.

Recostei-me no anteparo e fechei os olhos. O hub, respondendo ao meu desejo, fechou meus ouvidos e sentidos táteis. No presente do silêncio entorpecido que me envolveu, analisei minhas opções.

Constance tinha que morrer, mas matar Constance incluía o problema de Evan. Vosch poderia despachar um segundo grupo de operações, mas ele teria perdido toda a vantagem tática. Se eu matasse Constance, ele poderia resolver destruir a todos nós com um míssil *Hellfire*.

A menos que ele não precisasse matar Walker.

A menos que Walker já estivesse morto.

Senti um gosto azedo na boca. Engoli, lutando contra a vontade de vomitar.

Vosch teria que passar Walker pelo País das Maravilhas. Era o único meio de saber por que Evan tinha se rebelado contra seu programa - se a falha estava em Walker ou no programa ou em

alguma combinação tóxica dos dois. Uma falha fundamental no programa iria criar um paradigma insustentável.

Mas, se Walker estivesse morto, Vosch não poderia identificar a falha no sistema, e toda a operação poderia entrar em colapso: não se pode travar uma guerra, especialmente do tipo interminável, se todos estiverem do mesmo lado. O que quer que tivesse dado "errado" em Walker poderia dar errado nos outros Silenciadores. Ele tinha que saber por quê a programação de Evan tinha falhado.

Não posso deixar isso acontecer. Não posso me arriscar a dar o que Vosch quer.

Negar-lhe o que ele quer pode ser a única esperança que nos resta. E havia somente uma maneira de conseguir isso. Evan Walker tinha que morrer.

-13-

SAM

Zumbi na estrada, encolhendo.

Zumbi e Dumbo caminhando na estrada vazia cobertos pela luz das estrelas que se apagavam devagar.

Sam tira a corrente de prata do bolso e a aperta na mão. Promete?

Já quebrei alguma?

E a escuridão envolvendo Zumbi como a boca de um monstro até que não há mais Zumbi, somente o monstro, apenas a escuridão.

Ele aperta a outra mão de encontro ao vidro frio. No dia em que o ônibus o levou ao Campo Abrigo, ele viu Cassie na estrada marrom, segurando Urso, diminuindo até desaparecer por completo, engolida pela poeira como Zumbi estava sendo engolido pela escuridão.

Atrás dele, Cassie diz a Evan Walker em tom zangado:

- Por que você não o impediu?

- Eu tentei - Evan Walker responde.

- Sem muito empenho.

- Além de quebrar as pernas dele, não sei o que eu poderia ter feito. Quando Sam tira a mão da janela, o vidro guarda a lembrança dela como a janela do ônibus tinha feito, uma impressão enevoadada de onde sua mão tinha estado.

- Depois que perdeu Sam, alguém poderia ter impedido você de encontrá-lo? - Evan Walker pergunta e sai.

Sam pode ver o rosto da irmã refletido no vidro. Como tudo o mais desde que vieram, Cassie mudou. Ela não é a mesma Cassie que diminuía na estrada poeirenta. O nariz dela estava meio torto,

como o nariz de alguém pressionando o rosto de encontro a uma vidraça.

-Sam - ela chama. - Está tarde. O que você acha... quer dormir no meu quarto hoje à noite?

Ele sacode a cabeça.

- Tenho que tomar conta de Megan. Ordens do Zumbi. Ela começa a dizer algo, mas para. Então ela diz:

- Ok. Vou para lá em um minuto fazer as orações com você. Eu não vou rezar.

- Sam, você tem que rezar.

- Eu rezei pela mãe, e ela morreu. Eu rezei pelo pai, e ele também morreu. Quando você reza pelas pessoas, elas morrem.

- Não é por isso que eles morreram, Sam. Ela estende a mão para ele. Ele se afasta.

- Não vou rezar por mais ninguém - ele diz a ela.

No quarto, Megan está sentada na cama segurando Urso.

- Zumbi foi embora - Sam conta a ela.

- Para onde ele foi? - ela pergunta com um sussurro. Um sussurro é tudo que a voz dela consegue emitir. Cassie e Evan Walker machucaram algo em sua garganta quando tiraram a pílula-bomba.

- Ele vai fazer uma viagem de reconhecimento para encontrar Especialista e Teacup.

Megan sacode a cabeça. Ela não sabe quem são Especialista e Teacup. Ela aperta a cabeça de Urso com as mãos, e a boca dele forma um bico como se ele quisesse um beijo.

- Tenha cuidado - Sam repreende. - Não machuque a cabeça dele.

A janela de seu quarto está fechada com tábuas. Não dá para ver o lado de fora. À noite, depois que se apaga a luz, a escuridão é tão profunda que é possível senti-la apertar toda a sua pele. Pendurados no teto, há fios soltos e algumas bolas que Zumbi disse que representam Júpiter e Netuno. Esse é o quarto em que Evan Walker tentou matar a malvada Graça com um fio do mobile. Há manchas de sangue no carpete e pingos de sangue nas paredes. É como o quarto da mãe depois que ela teve a Morte Vermelha e o nariz dela

não parava de sangrar. Ela sangrou pelo nariz e pela boca e, perto do fim, sangue saía de seus olhos e até dos ouvidos. Sam se lembra do sangue; ele não consegue se lembrar do rosto.

- Pensei que todos iam ficar aqui até Evan explodir a nave - Megan sussurra, apertando Urso.

Sam abre a porta do armário. Além de roupas e sapatos que têm um leve cheiro da praga, havia jogos de tabuleiro e figuras de ação e uma grande coleção de *Hot Wheels*. Um dia, Cassie entrou no quarto e o viu no chão brincando com as coisas da criança morta. Ela o observou sentado na grande mancha de sangue no meio do chão. Ele tinha montado um acampamento e lá estava seu velho esquadrão, o Esquadrão 53, e eles tinham um jipe e um avião e estavam em uma missão para se infiltrar na fortaleza infestada. Só que os infestados os viram chegando e seus drones jogaram bombas e todos se feriram, menos Sam, e Zumbi lhe disse, Agora depende de você, cabo. Você é o único que pode nos salvar. Sua irmã assistiu à brincadeira por alguns minutos e então começou a chorar sem motivo, e isso o deixou zangado. Ele não sabia que ela o estava observando. Ele não entendia por que ela estava chorando. Ele ficou constrangido. Ele agora era um soldado, não um bebê que brincava com brinquedos. Ele parou de brincar depois disso.

Ele hesita antes de entrar no armário. Megan o observa da cama. Ela não conhece seu segredo. Ninguém sabe. Mas Zumbi lhe deu uma ordem e ele precisa cumpri-la. Zumbi é o oficial comandante.

- Se ele explodir a nave, como vai conseguir não explodir também? -ela pergunta.

Sam olha para ela por cima do ombro antes de entrar no armário.

- Espero que ele exploda.

Zumbi disse que não confiava em Evan Walker. Ele era um infestado e não importava que os tinha ajudado. O inimigo era o inimigo, e Zumbi disse que não se pode confiar em traidores. Cassie disse que Evan Walker não era seu namorado, mas Sam viu como ela olhava para ele e escutou o jeito com que falava com ele, e ele não acreditou quando a irmã disse que podiam confiar nele ou que

ele faria tudo ficar bem. Ele também tinha confiado nos soldados do Campo Abrigo e no final, descobriu que eles eram o inimigo.

Dentro do armário, ele se ajoelha ao lado das roupas empilhadas contra uma das paredes. Ninguém sabe que ele se escondia ali, nem mesmo Zumbi.

Quando chegaram àquela casa, eles verificaram cada quarto até que sobrasse apenas o porão, e Zumbi não deixou que ele descesse até lá. Zumbi desceu com Dumbo e Evan Walker e, quando voltaram, carregavam armas. Rifles e pistolas e explosivos e uma arma muito grande em forma de tubo com um apoio para o ombro que Zumbi chamou de FIM Stinger. Zumbi explicou que dava para explodir helicópteros e aviões com ela, derrubá-los do céu. Então ele disse a Sam que o porão estava proibido; Sam não tinha permissão de descer até lá ou mexer em qualquer uma das armas. Mesmo que ele fosse um soldado como Dumbo e como Zumbi. Não era justo.

Sam procura embaixo do monte de roupas e tira a arma. Uma M9 Beretta. Tão legal.

- O que você está fazendo aí? - Megan pergunta, puxando a orelha de Urso. Ela não deveria fazer isso. Ele lhe disse isso mil vezes. Dumbo teve que costurar a orelha de Urso duas vezes desde que chegaram ali. Ele deixou que Megan ficasse com Urso mesmo que Urso tivesse sido dele por todo o tempo que se lembrava, mesmo que ela apertasse a cabeça e puxasse as orelhas e o chamasse por um nome diferente. Eles brigaram por causa disso.

- O nome dele é Urso - Sam lhe disse naquele dia.

- Isso não é um nome. Urso é o que ele é. Eu o chamei de Capitão.

- Você não pode fazer isso.

- Eu fiz - ela replicou, dando de ombros.

- Ele é meu.

- Então pegue de volta - ela respondeu. - Não me importo.

Ele sacudiu a cabeça. Ele não queria Urso de volta. Ele não era mais um bebê. Ele era um soldado. Ele só queria que Megan o chamasse pelo seu verdadeiro nome.

- Você era Sam e agora você tem um nome diferente - Megan falou.

- Não é a mesma coisa. Urso não faz parte do esquadrão.

Ela não parou. Quando ela descobriu que ele detestava o nome, ela o chamava de Capitão Urso o tempo todo só para provocá-lo.

De costas para Megan, ele enfia a arma no cós da calça e puxa a grande camiseta vermelha sobre a barriga para esconder o volume.

- Sam? Capitão quer saber o que você está fazendo aí.

Naquela noite, ele perguntou a Zumbi se ele poderia ficar com uma das armas. Havia dúzias delas, um tremendo arsenal lá embaixo, Zumbi disse, mas ele também disse não. Cassie estava parada ali, então Sam esperou que ela saísse da sala e pediu a Zumbi mais uma vez se poderia ficar com uma arma. Não estava certo que todo mundo tivesse uma, exceto ele e Megan, mas ela não contava. Ela era uma civil. Ela não tinha sido treinada como ele.

Eles a tinham tirado do ônibus e a esconderam até que fosse hora de plantar a pílula-bomba em sua garganta. Ela não estava sozinha, ela contou. Havia muitas outras crianças que eles tiraram dos ônibus. Centenas de crianças, e Evan Walker disse que cada uma delas foi usada para enganar sobreviventes. As crianças eram levadas por ar ou por terra a lugares em que o inimigo sabia que havia pessoas escondidas. As pessoas levavam as crianças para dentro para salvá-las. E então as pessoas morriam.

E Cassie disse que eles tinham que confiar em Evan Walker!

A arma debaixo de sua camiseta está fria contra a pele nua. É uma sensação agradável, melhor do que um abraço. Ele não tem medo da arma.

Ele não tem medo de nada. Suas ordens são de vigiar Megan, mas Zumbi não deixou ninguém encarregado de vigiar Evan Walker. Então Sam vai fazer isso também.

No Campo Abrigo, os soldados encarregados diziam que iriam protegê-lo. Eles disseram que ele estava totalmente seguro. Eles disseram que tudo iria ficar bem. E eles mentiram. Eles mentiram sobre tudo, porque todo mundo é mentiroso. Eles fizeram promessas que não cumpriram. Até sua mãe e seu pai mentiram. Quando a

nave mãe chegou, eles disseram que nunca iriam deixá-lo, e eles o deixaram. Eles prometeram que tudo ficaria bem, e não ficou.

Ele rasteja até a cama do lado oposto à de Megan e olha para os fios e as duas bolas de metal empoeiradas penduradas no teto. Megan o está observando, puxando Urso apertado de encontro ao peito e sua boca está um pouco aberta, como se o ar estivesse saindo por ela.

Ele vira a cabeça para a parede. Ele não quer que Megan o veja chorar.

Ele não é um bebê. Ele é um soldado.

Não há mais como dizer quem é humano. Evan Walker parecia humano, mas ele não era, não por dentro, não onde importa. Não se podia confiar até em pessoas como Megan, que são humanas - talvez - porque não se sabe o que o inimigo fez com elas. Zumbi, Cassie, Dumbo... também não se pode confiar muito neles. Eles podem ser exatamente iguais a Evan Walker.

Na escuridão intensa sob o mobile quebrado, o coração de Sam acelera. Talvez todos o estivessem enganando. Até Zumbi. Até Cassie.

O ar fica preso em sua garganta. Está difícil respirar. Você tem que rezar, Cassie disse. Ele costumava rezar todas as noites, todo o tempo, e a única resposta que Deus lhe deu foi não. Deixe a mamãe viver, Deus. Não. Deixe papai voltar, Deus. Não. Também não dá para confiar em Deus. Até Deus é mentiroso. Ele pôs um arco-íris no céu como promessa de que nunca iria matar ninguém de novo e então Ele deixou que os Outros viessem e matassem. Todas as pessoas que morreram também devem ter rezado, e Deus disse, Não, não, não, sete bilhões de não, Deus disse não, não, não.

O metal frio da arma de encontro à sua pele nua. O frio como uma mão apertando a sua testa. Megan respirando pela boca, lembrando-o das bombas ativadas pela respiração humana.

Eles não vão parar, ele pensa. Eles só vão parar até que todo mundo esteja morto. Deus deixa isso acontecer porque Ele quer que aconteça. E ninguém pode vencer Deus. Ele é Deus.

O ruído da respiração de Megan diminui. As lágrimas de Sam secam. Ele flutua em um espaço amplo e vazio. Não há nada nem

ninguém, somente um espaço vazio que continua indefinidamente.

Talvez seja isso, ele pensa. Talvez não reste mais nenhum humano. Talvez estejam todos infestados.

O que significa que ele é o último. Ele é o último humano na face da Terra.

Sam aperta a pistola com as mãos. Toçar a arma o conforta. Megan tem Urso. Ele tem a arma.

Se for um truque, se todos forem alienígenas disfarçados, ele não vai deixar que vençam. Se for preciso, ele vai matar todos. Então ele vai dirigir o casulo de resgate até a nave mãe e vai explodi-la. Eles vão perder - o último ser humano vai morrer - mas pelo menos os Outros não vão vencer.

Deus disse não. Ele também pode.

II
0 segundo dia



-14-

ZUMBI

Leva menos que uma hora para chegar à placa dos limites da cidade: Urbana, morta adiante. Literalmente. Puxo Dumbo para fora da estrada antes de entrarmos. Vim discutindo comigo mesmo se conto a ele, mas realmente não há escolha. Ele precisa saber.

- Você sabe o que Walker é - sussurro.

Ele concorda. Os olhos deles disparam para a esquerda, direita, depois voltam ao meu rosto.

- Ele é um alienígena filho da mãe.

- Isso mesmo. Ele foi inserido no corpo de Walker quando ele era uma criança. Há alguns, como Vosch, dirigindo os campos, e outros, como Walker, agentes solitários que patrulham territórios específicos, apanhando sobreviventes.

Os olhos de Dumbo deixam meu rosto para voltar-se para a escuridão novamente.

- Atiradores?

- Nós vamos passar por um desses territórios. Um que atravessa Urbana e as cavernas. E outro que começa do outro lado desta placa.

Ele enxuga a boca com as costas da mão. Ele puxa o lóbulo de uma orelha. -Ok.

- E eles têm munição pesada. Não sei, algum tipo de tecnologia que os deixa ligados, que aumenta a velocidade, a força, os sentidos, essa espécie de coisa. Nós vamos depressa e em silêncio - inclino-me para ele. É importante que ele entenda. - Se me acontecer alguma coisa, você aborta a missão e volta para a casa de segurança.

Ele está sacudindo a cabeça.

- Não vou deixar você, sarge.

- Vai, sim. E isso é uma ordem, soldado, no caso de você estar pensando...

- Você me deixaria?

- Pode apostar o seu traseiro que sim - dou-lhe uns tapinhas no ombro. Ele observa em silêncio enquanto eu tiro a ocular da mochila e a coloco diante do olho. A cabeça dele se acende pelas lentes, uma bola brilhante de fogo verde. Examino os arredores buscando outras possíveis bolhas verdes enquanto ele coloca a própria ocular.

- Uma última coisa, Bo - sussurro. - *Não existem amiguinhos.*

- Sarge?

Engulo a saliva. Minha boca está seca. Gostaria que houvesse outro jeito. Fico nauseado, mas não fui eu quem inventou este jogo. Só estou tentando ficar vivo para poder jogar.

- Os impuros têm luz verde. Qualquer coisa que se acender, nós derrubamos. Sem hesitação. Sem exceção. Entendeu?

- Isso não vai funcionar, Zumbi. E se for Especialista ou Teacup? Droga. Não tinha pensado nisso. Também não pensei nas opções de Especialista, que eram idênticas às minhas. Atire primeiro e pergunte depois? Ou atire só se for atacado? Acho que sei o que ela escolheria. Ela é Especialista.

Uma pequena voz na minha cabeça sussurra: dois de vocês dobram o risco. Mande Dumbo de volta. A voz tranquila e fria da razão, que parecia muito com a de Especialista desde que a conheci. Pontos que não se pode questionar, como alguém que lhe diz que o granito é duro e a água é molhada.

Dumbo está sacudindo a cabeça. Já passamos por essa droga juntos; ele me conhece.

- Dois pares de olhos são melhores do que um, sarge. Vamos como você disse, depressa e em silêncio e, com sorte, vamos vê-los antes que nos vejam.

Ele me dá o que suponho deva ser um sorriso tranquilizador. Retribuo com o que espero que passe por um aceno de confiança. Então vamos.

Subindo em passo acelerado a rua principal para as entranhas de Urbana, queimadas, cobertas de escombros, infestadas de ratos, cobertas de tábuas, decoradas com grafites, manchadas de esgoto.

Carros virados e fios elétricos caídos e lixo empurrado de encontro às paredes pelo vento e pela água, lixo cobrindo terrenos e estacionamentos, lixo pendurado nos galhos das árvores desnudados pelo inverno. Sacos plásticos e jornais, roupas, sapatos, brinquedos, cadeiras quebradas e colchões, TVs. É como se um gigante cósmico tivesse agarrado o planeta com ambas as mãos e sacudido com toda a força. Talvez se eu fosse um perverso suserano alienígena, também explodiria todas as cidades só para me livrar da desordem.

Provavelmente deveríamos ter dado a volta neste cenário infernal, usado as estradas secundárias e o campo aberto - tenho certeza de que Especialista teria feito isso - mas, se ela e Cup estiverem em algum lugar, esse lugar são as cavernas, e este é o caminho mais curto.

Depressa e em silêncio, penso enquanto trotamos pela calçada, os olhos disparando para a esquerda e a direita, repetindo o exame, depressa e em silêncio.

Andamos quatro quadras, chegamos a uma barricada de dois metros de altura bloqueando a rua, montes de carros e galhos de árvores e móveis quebrados cobertos com bandeiras americanas desbotadas, imagino que foram amontoadas quando a 2ª Onda se amalgamou à 3ª, quando as pessoas se deram conta de que nossos colegas humanos eram uma ameaça maior do que a nave espacial alienígena que pairava a mais de três mil quilômetros de altura. É de enlouquecer a rapidez com que deslizamos para a anarquia depois que eles puxaram o fio da tomada. Como foi fácil semear confusão e medo e desconfiança. E como caímos depressa. Você diria que um inimigo comum nos teria obrigado a deixar de lado as diferenças e nos unir contra a ameaça cada vez mais intensa. Em vez disso, construímos barricadas. Estocamos comida e suprimentos e armas. Expulsamos o desconhecido, o forasteiro, a face não conhecida. Duas semanas após a invasão, e a civilização já estava com as fundações abaladas. Dois meses, e ela desabou como um edifício implodido, caindo à medida que os corpos se empilhavam.

Também vimos alguns desses enquanto entrávamos em Urbana. De pilhas de ossos escurecidos a corpos embrulhados da cabeça aos

pés em lençóis esfarrapados, simplesmente deitados ali ao ar livre como se tivessem caído do céu, sozinhos ou em grupos de dez ou mais. Os corpos eram tantos que esmaeciam de encontro ao fundo, apenas outra parte da desordem, outro pedaço do vômito urbano.

Os olhos de Dumbo vão de um lado a outro, inquietos, vasculhando a escuridão à procura de bolas de fogo verdes.

- Que confusão... - ele sussurra. Apesar do frio, o suor brilha em sua lesta. Ele treme como se estivesse com febre. Faço uma pausa do outro lado ela barricada. Água. Uma barra de proteínas. Desenvolvi gosto por barras de proteínas. Achei uma caixa cheia na casa de segurança e agora não quero comer outra coisa. Encontramos uma pequena abertura no muro provisório e nos ajeitamos dentro dela, voltados para o lado norte da rua principal. Não há vento. O céu está claro e recheado de estrelas. É possível senti-lo no fundo dos ossos porque é mais velho do que seus sentidos: o fim do inverno, a Terra deslizando em direção da primavera. Antes de eu me tornar Zumbi, isso significava bailes de formatura e jogos finais de campeonato e a tagarelice nervosa nos corredores entre as aulas porque estava chegando o dia da formatura, um tipo diferente de evento apocalíptico depois do qual nada mais seria o mesmo.

- Dumbo, você já esteve em Urbana? - pergunto.

- Sou de Pittsburg - ele responde sacudindo a cabeça.

- Mesmo? - eu nunca tinha perguntado. Era a regra não escrita no campo: falar sobre o passado era como mexer em brasas quentes. - Bem. Vai, Steelers.

- Nã... - ele morde um pedaço da barra de proteína e mastiga devagar. - Eu era fã do Packers.

- Você sabe que eu joguei um pouco...

- Zagueiro?

- No ataque.

- O meu irmão jogava beisebol. Interbases.

- Você não?

- Parei de jogar na Pequena Liga com 10 anos.

- Por quê?

- Eu era muito ruim. Mas arraso nos esports.

- Esports?

- Sabe, como COD.

- Competição de pesca?

Ele sacode a cabeça com um sorriso.

- Não. *Call of Duty*, Zumbi.

- Ah! Você gosta de videogames.

- Faço parte da MLG.

- Ah, a MLG, certo - não tenho a menor ideia do que ele está falando.

- Nível Máximo, Prestígio Doze.

- Puxa, mesmo? - sacudo a cabeça, realmente impressionado. Só que estou totalmente perdido.

- Você não tem ideia do que estou falando - ele amassa a embalagem com a mão. Olha para o lixo espalhado em todos os espaços de Urbana, depois a enfia no bolso. - Sarge, tem uma coisa me incomodando.

Ele se vira para mim. O olho exposto está arregalado de ansiedade.

- Então, muito antes de a nave deles aparecer, eles se inseriram em bebês e só "acordaram" dentro deles quando eram adolescentes.

Concordo com um aceno de cabeça.

- Foi o que Walker disse.

- Meu aniversário foi na semana passada. Completei 13 anos.

- É mesmo? Puxa, Dumbo, por que não me contou? Eu teria feito um bolo.

Ele não sorri.

- E se eu tiver um dentro de mim, sarge? E se um deles estiver para acordar no meu cérebro e assumir?

- Você não está falando sério, está? Puxa soldado, que conversa maluca.

- Como você sabe? Quer dizer, como você sabe Zumbi? E então acontece e eu acabo com você e volto para a casa e acabo com todos eles...

Ele está perdendo o controle. Agarro o braço dele e faço com que olhe para mim.

- Escute seu filho da mãe orelhudo, se você der uma de Dorothy agora, vou chutar seu traseiro e mandar você para Dubuque.

- Por favor - ele choraminga. - Por favor, pare de falar de Dubuque.

- Não há nenhum alienígena adormecido em você, Dumbo.

- Ok, mas, se você estiver errado, você vai cuidar disso, certo? Sei o que ele quer dizer, mas mesmo assim falo:

- Hein?

- Cuide disso, Zumbi - implorando. - Mate o filho da mãe. Bem, maldito feliz aniversário. Essa conversa me deu arrepios.

- Combinado - prometo a ele. - Um alienígena acorda dentro de você, eu estouro seus miolos.

Ele suspira aliviado.

- Obrigado, Sarge.

Eu me levanto, estendo a mão e o ajudo a levantar-se também. Ele vira o braço e me empurra para o lado. Ele ergue o rifle e mira a concessionária de automóveis a meia quadra de distância. Levanto minha arma, fecho o olho direito e espio pela ocular. Nada.

Dumbo sacode a cabeça.

- Pensei ter visto alguma coisa - ele sussurrou. - Acho que não foi nada. Ficamos parados por um minuto. O silêncio é absurdo. Era de se imaginar que a cidade estaria tomada por bandos de cães ferozes latindo e felinos selvagens ou até unia maldita coruja piando, mas não há nada. Será que toda essa sensação de estar sendo observado está na minha cabeça? Que há algo lá fora que não posso ver, mas que certamente me vê? Olho rapidamente para Dumbo, que realmente está tão assustado quanto eu.

Saímos, não depressa, mas com passos lentos para o lado oposto da rua, onde deslizamos pelo muro de uma loja de vendas em consignação em frente à loja de automóveis (Descontos de Primavera no Memorial Day!). Só paramos quando chegamos ao próximo cruzamento. Checamos a direita, checamos a esquerda, depois a frente em direção do centro da cidade, a três quadras de distância, as grandes sombras quadradas dos edifícios formando silhuetas de encontro ao céu estrelado.

Atravessamos o cruzamento com passos rápidos e paramos de novo do outro lado, as costas pressionadas de encontro ao muro, e esperamos - o quê, não sei ao certo. Passamos correndo pelas portas destruídas e janelas quebradas, o vidro rangendo sob nossas botas mais alto do que explosões sônicas, outra quadra, depois repetindo os movimentos cautelosos, virando na esquina à esquerda, depois atravessando a rua principal, depois disparando para a relativa segurança do prédio seguinte na esquina oposta.

Avançamos mais 50 metros e então Dumbo puxa minha manga, levando-me por uma porta de vidro quebrada e para o interior quase escuro de uma loja. Pedregulhos marrons rangem sob nossos pés. Não, não são pedregulhos. O cheiro é leve, quase imperceptível sob o conhecido apodrecimento do esgoto e o odor de leite estragado da praga, mas ambos os pegamos, e há uma leve dor nostálgica quando o fazemos. Café.

Dumbo abaixa-se na frente do balcão virado para a entrada e olho para ele.

- O que foi?

- Eu adorava a Starbucks - ele suspira. Como se isso deixasse tudo perfeitamente claro.

Sento-me ao lado dele. Não sei, talvez ele precise de uma pausa. Não conversamos. Os minutos se arrastam. Finalmente, digo:

- Precisamos sair desta maldita cidade até o pôr do sol. Dumbo concorda com um gesto de cabeça. Ele não se mexe.

- Tem alguém lá fora - ele diz.

- Você consegue ver? Ele sacode a cabeça.

- Mas eu sinto. Entende? Eu sinto. Penso nisso. Paranóia. Tem que ser.

- Podemos tentar fazê-los atirar - sugiro, tentando brincar.

- Ou distraí-los - ele diz, olhando em volta da loja. - Explodir alguma coisa.

Ele remexe na mochila e tira uma granada.

- Não, Dumbo. Não é uma boa ideia - tiro a granada de sua mão. Os seus dedos estão mais frios do que metal.

- Eles vão nos seguir - ele argumenta. - Nem vamos ver acontecer.

- Bom, eu prefiro mesmo não ver - sorriu para ele. Ele não retribui. Dumbo sempre foi o mais tranquilo da turma, provavelmente o motivo pelo qual foi escolhido para ser enfermeiro. Nada o abalava. Pelo mesmo, nada até agora.

- Sarge, tenho uma ideia - ele diz, inclinando-se tão perto que posso sentir o cheiro do chocolate da barra de proteínas em seu hálito. - Você fica aqui. Eu vou na frente, mas em uma direção diferente. Quando eles saírem, você pode correr para o norte e...

Faço com que pare.

- Soldado, essa é uma péssima ideia. Uma ideia realmente péssima. Ele não está ouvindo.

- Desse jeito, pelo menos um de nós vai conseguir.

- Esqueça essa droga. Nós dois vamos conseguir. Sacudindo a cabeça. A voz fraqueja.

- Acho que não, sarge.

Ele arranca a ocular e me olha por um momento muito longo e desconfortável. Ele parece espantado, como se tivesse visto um fantasma. Então Dumbo se atira em minha direção, levantando-se e vindo direto para mim com as mãos estendidas como se fosse me agarrar pela garganta e me estrangular.

Ergo minhas mãos instintivamente para bloquear o ataque. Ah, Cristo, ah, Cristo, o filho da mãe orelhudo tinha razão, a coisa acordou, a coisa acordou dentro dele.

Seguro sua jaqueta com os dedos. A cabeça de Dumbo é atirada para trás. O seu corpo se enrijece, depois fica flácido.

Escuto o ruído do rifle do atirador sendo engatilhado um segundo depois, o tipo de rifle com uma mira laser, que disparou a bala que um segundo antes estava vindo direto para a minha cabeça.

A bala que atingiu Dumbo em meu lugar, que ele aceitou sem hesitação, porque eu sou o homem, o comandante, o idiota cabeça-dura que o inimigo em sua infinita sabedoria encarregou de manter nossos traseiros vivos.

-15-

Agarro-o pelos ombros e o arrasto para trás do balcão. Fora da linha de tiro, mas ainda encurralados; não tenho muito tempo. Deito-o de bruços, puxo a jaqueta e as duas camisas debaixo dela para expor o ferimento. Um buraco do tamanho de uma moeda de 25 centavos bem no meio de suas costas. A bala deve estar dentro dele, do contrário eu também teria sido atingido. O peito dele se move. Ele está respirando. Inclino-me e sussurro em seu ouvido:

- Diga o que tenho que fazer, Dumbo. Diga - ele não diz nada. Provavelmente precisa de toda a energia para respirar.

Zumbi, você não pode ficar aqui. A voz calma de Especialista de novo. Deixe-o ir.

Claro. Deixe-o ir. É isso que faço. É assim que funciono. Deixei minha irmã ir, deixei Pão de ló ir. Eles são derrubados e eu continuo avançando. Que merda.

Rastejo até a frente do balcão, pego a sacola de Dumbo e volto até onde ele está. Ele está curvado como uma bola, os joelhos apertados contra o peito, e suas pálpebras tremem como se estivesse tendo um pesadelo. Remexo no estojo médico, procuro a gaze. Tenho que proteger o ferimento. Lembro-me disso de minha primeira e única incursão nos ferimentos de campo de batalha no Campo Abrigo. Se eu não o cobrir depressa, ele vai perder todo o sangue em questão de minutos.

Outra coisa que lembro: a dor é infernal. Dói tanto que a primeira coisa a fazer é tirar as armas do paciente.

Assim, tiro a pistola do coldre e a prendo às minhas costas.

Deveria haver um pedaço de metal fino no estojo, ele é usado para empurrar a gaze para dentro do ferimento, mas não consigo encontrá-lo.

Mexa-se, Zumbi, seu tempo está acabando.

Empurro a gaze para o buraco em suas costas com o dedo. Dumbo ergue o corpo. Ele grita. Então instintivamente tenta escapar,

agarrando a base do balcão com os dedos, e eu seguro a base de sua garganta com a mão livre a fim de imobilizá-lo.

- Está tudo bem, Bo. Está tudo bem... - sussurrando em seu ouvido enquanto meu dedo afunda nele, empurrando o pedaço de gaze para frente. Mais gaze. Precisa fechar bem. Se a bala rompeu uma artéria...

Tiro o dedo. Ele solta outro uivo terrível e pego em seu queixo, obrigando-o a fechar a boca. Não me mexo devagar. Não uso de delicadeza. Empurro outro pedaço de gaze no ferimento. Dumbo está retorcendo o corpo, soluçando indefeso. Deito-me de lado perto dele e jogo a perna sobre sua cintura para mantê-lo quieto.

- Mais uma vez, Bo - eu sussurro. - Está quase pronto...

Então está feito. A gaze se projeta para fora do ferimento; não consigo empurrar mais nada para dentro. Rasgo uma atadura com os dentes e a prendo sobre o meu trabalho. Rolo de costas, puxando o ar com força. Provavelmente muito pouco, tarde demais. Ao meu lado, Dumbo continua a gritar, os soluços se transformando em choramingos. O corpo dele treme de encontro ao meu; ele vai entrar em choque.

De volta à sacola para encontrar algo para a dor. Ele está indo embora, ele está morrendo, tenho certeza, mas pelo menos posso ajudá-lo a ir mais facilmente. Quebro a seringa de morfina e a espeto no quadril exposto. O efeito é quase imediato. Os músculos dele relaxam, a boca fica flácida e respiração desacelera.

- Viu? Não foi tão ruim - digo, como se estivesse terminando uma discussão. - Vou voltar para buscá-lo, Bo. Vou achar o filho da mãe e então vou voltar.

Ah, puxa, Zumbi, lá vai você de novo. A promessa parece uma sentença de morte, a porta de uma cela batendo com força, uma pedra em volta do meu pescoço que vai me levar para baixo.

-16-

De volta para frente do balcão para pegar meu rifle. Rifle, pistola, faca, algumas granadas de flash. E mais uma coisa, a arma mais importante no meu arsenal: um coração cheio de raiva. Vou explodir o filho da mãe que atirou nele e fazê-lo voar até a cidade favorita de Dumbo.

Avançando depressa nas mãos e pés pelo corredor até a porta de saída de emergência (Cuidado! Alarme!). Até a rua lateral, sob a luz fria das estrelas. Estou sozinho pela primeira vez desde o assassinato de minha família, mas sem fugir desta vez. Chega disso.

Vou para o leste. Na próxima quadra, viro para o norte outra vez, paralelamente à rua principal. Vou voltar depois de mais algumas quadras, atravessar a rua principal até a próxima, depois me aproximar do atirador pelas costas. Supondo que ele não tenha atravessado a rua para terminar o serviço.

Pode não ser o Silenciador. Pode ser um civil que aprendeu a primeira lição da última guerra.

Não que isso fizesse diferença.

Na casa de segurança, Cassie me contou como encontrou um soldado na loja de conveniência enquanto ela estava procurando suprimentos. Ela o matou. Achou que ele pegando uma arma que provou ser um crucifixo. Ela ficou arrasada. Não conseguiu tirar o cara da cabeça. Ele devia ter pensado que era o sujeito mais sortudo da face da Terra. Separado de sua unidade, gravemente ferido, incapaz de fazer alguma coisa além de esperar por um resgate que provavelmente nunca chegaria, e então vinda do nada surge uma garota; ele estava salvo. Então a garota abriu fogo com seu rifle e transformou o corpo dele em uma peneira.

- Não foi sua culpa, Sullivan - eu disse a ela - Você não teve escolha.

- Bobagem - ela retrucou irritada. Ela sempre ficava irritada comigo. Bem, não só comigo. Ela é briguenta. - Essa é a mentira em

que eles querem que a gente acredite Parish.

De volta à rua principal. Devagar até a esquina, espio o café dando volta no edifício. Diretamente do outro lado está o prédio de três andares, janelas do andar térreo fechadas com tábuas, quebradas nos andares superiores. Nada brilha nas janelas ou no telhado; nenhuma bola verde de luz na ocular.

Espero alguns segundos observando a frente. Conheço o procedimento. O edifício tem que ser verificado. Praticamos o exercício no campo milhares de vezes, só que eram sete sujeitos no grupo. *Flint, Oompa, Especialista, Teacup, Pão de Ló, Dumbo* - até restar apenas um. Apenas eu.

Corro abaixado pela rua principal, cada centímetro de meu corpo formigando, esperando o choque da bala do atirador. De quem foi a brilhante idéia de passar pelo meio de Urbana? Quem pôs esse cara no controle?

Continuando a avançar, concentro-me, verifico aquelas janelas ali, aquelas portas acolá. A rua está entupida de lixo e vidro quebrado, escorregadia com resíduos dos canos de água e de esgoto, poças de água oleosa brilhando sob a luz das estrelas. Subindo mais um quarteirão, depois cortando de volta para o sul. O edifício está adiante no final da quadra e eu me obrigo a desacelerar. Você aprende a ficar no momento, mas o momento em que estou é o que acontece depois de eu ter neutralizado o atirador. Aborto a missão para encontrar Especialista e Teacup? Levo Dumbo de volta à casa de segurança? Ou deixo-o aqui e o pego depois na volta das cavernas?

Cheguei ao fim da quadra. É hora de agir. Quando eu entrar no edifício, vou estar dando tudo de mim, não há mais volta.

Piso no vidro laminado quebrado de uma janela e entro no saguão de um banco. Um tapete de papel cobre o chão: fichas de depósito e folhetos e velhas revistas e o que restou de uma faixa (As mais baixas taxas do mundo!) e notas de todos os tipos - vejo centenas entre as de cinco e de dez. Veja o que a invasão me ensinou sobre dinheiro: o que quer que tenha sido certamente não era a razão de todo o mal.

O tapete úmido e podre faz um som borbulhante sob minhas botas. Examino o aposento em menos de 30 segundos. Limpo.

Encontro a porta da escada em frente ao elevador e a abro. Não enxergo nada, mas não me arrisco a acender alguma luz; eu poderia igualmente gritar o meu nome ou gritar Ei, cara, estou aqui! No poço da escada, a porta fecha atrás de mim com um clique, selando-me no interior da escuridão absoluta. Subo um degrau, paro, escuto com atenção, dou mais um passo, paro. O edifício geme levemente à minha volta como uma casa velha. O inverno rigoroso, os canos quebrados dentro das paredes, água abrindo caminho no cimento, congelando, expandindo, quebrando os ossos e sustentáculos que mantinham a estrutura unida. Se os Outros não fossem jogar as bombas em quatro dias, Urbana iria se desfazer por conta própria. Em mil anos, será possível segurar toda a cidade na palma de sua mão.

Primeiro patamar, primeiro andar. Continuo a subir, uma das mãos no corrimão de metal, ando, paro. Ando. Vou começar no telhado e descer aos poucos. Não acho que ele esteja escondido lá; Dumbo e eu estávamos agachados no balcão dos fundos, e a trajetória do alto do telhado até o café é muito íngreme. É mais provável que o atirador esteja no primeiro andar, mas vou ser metódico. Pensar em cada movimento antes de fazê-lo.

Sinto o cheiro a meio caminho do primeiro andar, no patamar em que a escada vira: o inconfundível cheiro de morte. Piso em algo pequeno e macio. Provavelmente um rato morto. No espaço apertado e fechado, o fedor é insuportável. Meus olhos lacrimejam, meu estômago parece subir pela garganta. Outro bom motivo para explodir as cidades: é o modo mais rápido de se livrar do cheiro.

Acima de mim, um fecho de luz dourada fino como uma lâmina brilha sob a porta. Santa Maria, que droga, é o filho da mãe.

Aperto o ouvido de encontro a porta. Silêncio. Embora possa parecer óbvio, não tenho certeza do que fazer. Pode haver uma armadilha atrás da porta, a luz pode ser uma artimanha - uma isca para me atrair para uma emboscada. No mínimo, a porta deve ter

sido preparada de modo a fazer ruído quando aberta. Não é preciso ser um Silenciador para tomar essa precaução.

Ponho a mão na maçaneta de metal frio. Mexo na ocular, esperando. Você não vai entrar devagar, Parish - você vai entrar de supetão.

Mas a pior parte não é entrar de supetão. A pior parte é o segundo antes de entrar.

Abro a porta com um movimento brusco, passo rapidamente para a esquerda, entro no saguão e viro rapidamente para a direita. Nenhum sino tocou, nenhuma pilha de latas vazias caiu com estrondo no chão. A porta se fecha em silêncio às minhas costas nas dobradiças lubrificadas. Meu dedo treme no gatilho quando uma sombra corre ao longo da parede, uma sombra que está ligada a uma pequena criatura peluda e alaranjada com uma cauda listrada.

Um gato.

O animal dispara pela porta aberta para o corredor de onde vem a luz dourada que vi no poço da escada. Enquanto caminha na direção da luz, o cheiro de podridão é superado por dois cheiros diferentes: sopa quente, talvez cozido de carne, lutando com o odor inconfundível de uma caixa de areia suja. Escuto uma voz aguda cantando suavemente:

Quando passeio pela floresta e pelos atalhos
E escuto o doce canto dos pássaros nas árvores...

Já ouvi essa canção antes. Muitas vezes. Até lembro o refrão:

Então minha alma canta Deus Salvador, para Ti:
Quão grande és Tu! Quão grande és Tu!

A voz me lembra de outra, fina e rouca pela idade, ligeiramente desafinada, cantando com forte determinação e a segurança que vem da fé inquebrantável. Quantos domingos eu fiquei ao lado de minha avó enquanto ela cantava esse hino? Insuportavelmente entediado na minha mente adolescente, silenciosamente reclamando do colarinho que pinicava e dos sapatos desconfortáveis,

devaneando sobre minha mais recente paixão e sacrilegamente mudando (na minha mente) o último verso para Quão gordo és Tu! Quão gordo és Tu!

Ouvir a música abre uma comporta pela qual se derramam as lembranças, impossíveis de parar. O perfume de minha avó. Suas pernas grossas protegidas por meias brancas e os sapatos pretos de bico quadrado. O modo como o pó grudava nas profundas rugas de seu rosto, nos cantos da boca e seus olhos escuros e bondosos. As articulações artríticas nodosas e como ela segurava a direção daquele velho Mercury como um nadador desesperado agarrado ao salva-vidas. Biscoitos com gotas de chocolate recém-saídos do forno e tortas de maçã esfriando em grades e a voz dela no outro quarto erguendo-se animada com a mais recente bomba disparada por uma senhora de seu grupo de orações.

Parando imediatamente antes da entrada, apanho uma das granadas de flash. Coloco o dedo no pino. Minhas mãos tremem. Uma gota de suor escorre pelo meio de minhas costas. É assim que eles o pegam, é assim que eles esmagam seu espírito e o arrancam de você. De repente, o passado é enfiado em sua goela, um grande soco de lembranças de todas as coisas que você considerava normais, as coisas que você perdeu em um piscar de olhos, as coisas estúpidas, triviais e esquecíveis que você não sabia que podiam esmagá-lo, coisas como a voz baixa e trêmula de uma velha, aguda e distante, chamando você para um prato de biscoitos quentes e um copo de leite gelado.

Então minha alma canta meu Deus salvador, para Ti!

Puxo o pino e atiro a granada pela porta aberta. Um flash ofuscante. O coro aterrorizado de gatos gritando e um ser humano gritando de dor.

Giro e passo pela porta, vejo o vulto amontoado no canto extremo do aposento, o rosto escondido atrás do fogo verde criado pela minha ocular. Pegue-a, Zumbi. Um tiro e pronto.

Mas não puxo o gatilho. Não sei o que me impede. Talvez sejam os gatos, dezenas deles saltando e mergulhando sobre e embaixo da mobília. Talvez seja o canto, como ela me lembrou de minha avó e

todas as incontáveis coisas perdidas. Talvez seja a história de Sullivan, seu Soldado do Crucifixo escondido em um canto, indefeso e condenado. Ou talvez seja o simples fato de a luz de lamparinas de querosene colocadas ao redor do quarto mostrarem que ela não está armada. Em vez do rifle de um atirador, ela está segurando uma colher de pau.

- Por favor, Deus, não me mate! - a velha grita, curvando-se em uma pequena bola e cobrindo o rosto com as mãos. Examino o quarto rapidamente, os cantos livres, nenhuma entrada ou saída exceto a porta pela qual entrei. A janela que dá para a rua principal está escondida por pesadas cortinas pretas. Dou alguns passos e empurro o material com o cano do rifle. A janela foi fechada com tábuas. Não é surpresa eu não ver a luz da rua. A barreira também me diz que este não é o esconderijo de um atirador.

- Por favor, não - ela choraminga. - Por favor, não me machuque.

O fogo verde que rodeia sua cabeça está me incomodando. Arranco a ocular. Perto da janela há uma pequena mesa na qual ferve uma panela de cozido sobre uma lata de combustível. Há uma Bíblia perto dela, aberta no salmo 23. Há um sofá com uma pilha de cobertores e travesseiros. Um par de cadeiras. Uma escrivaninha. Um vaso com uma árvore de plástico. Grandes pilhas de revistas e jornais. Não é de um atirador, mas decididamente é um esconderijo.

Provavelmente ela está escondida aqui desde que a 3ª Onda rolou pela cidade. E isso suscita uma pergunta importante: como ela conseguiu sobreviver tanto tempo sem que o Silenciador residente a achasse?

- Onde ele está? - pergunto. Minha voz soa fraca e muito jovem aos meus próprios ouvidos como se eu tivesse caído de costas pelo tempo. -Onde está o atirador?

- Atirador? - ela repete. Seus cabelos grisalhos estão enfiados em um gorro de tricô, mas alguns fios finos escaparam e caem de cada lado do rosto pálido. Ela usa calças de moletom preto, a parte superior coberta por várias camadas de suéteres.

Aproximo-me dela, e ela se encolhe mais no canto, segurando a colher junto do peito. Pelos de gato esvoaçam e dançam na luz

esfumaçada e dourada, e eu espirro.

- Saúde - ela diz automaticamente.

- Você tinha que ter escutado - digo, falando do tiro que derrubou Dumbo. - Você tem que saber que ele está aqui.

- Não tem ninguém aqui - ela guincha. - Só eu e meus bebês. Por favor, não machuque meus bebês!

Levo um segundo para compreender que ela está falando dos gatos. Ando pelo aposento, pelos estreitos caminhos que serpenteiam entre as pilhas de velhas revistas, um olho nela, o outro procurando armas. Há uma centena de lugares para esconder uma arma nessa desordem. Remexo o monte de cobertas no sofá. Olho debaixo da escrivaninha, abro algumas gavetas, então atrás da planta de plástico. Um gato dispara entre minhas pernas, sibilando. Abro caminho até o canto em que ela está e ordeno-lhe que se levante.

- Você vai me matar? - ela sussurra.

Eu deveria. Eu sei que deveria. O risco está em deixá-la viva. O tiro que Dumbo levou em meu lugar veio de algum lugar neste edifício. Penduro o rifle no ombro, empunho a pistola e mando-a levantar de novo. É difícil para nós dois - a sua batalha física para tirar as pernas de baixo do corpo, a minha batalha psicológica para resistir ao instinto de ajudá-la. De pé, ela oscila, as mãos sobre o peito, preocupada com a maldita colher.

- Largue a colher.

- Você quer que eu largue minha colher?

- Largue.

- É só uma colher...

- Largue a maldita colher!

Ela larga a maldita colher. Digo-lhe que se vire para a parede e coloco suas mãos no alto da cabeça. Ela engole um soluço. Fico atrás dela, coloco uma das mãos sobre as dela, estão frias como a de um defunto, e a apalpo. Ok, Zumbi, ela está limpa. E agora? Hora de pescar ou largar a isca.

Talvez ela não tenha ouvido o tiro. A audição dela pode não estar boa. Afinal, ela é uma velha senhora. Talvez o atirador saiba que ela

está aqui, mas não se importa com ela porque, afinal, ela é uma velha que gosta de gatos, e que ameaça ela pode representar?

- Quem mais está aqui? - pergunto às suas costas.

- Ninguém, ninguém, juro, ninguém.. Não vejo uma alma há meses. Só eu e meus bebês. Só eu e meus bebês...

- Vire-se. Fique com as mãos na cabeça.

Ela se vira um pouco e agora estou vendo um par de olhos verdes brilhantes perdidos nas dobras da pele enrugada. Os montes de roupas escondem sua magreza, mas pode-se ver que há sinais da lenta inanição em seu rosto, os ossos malares projetados para fora, a depressão nas têmporas, os olhos fundos e com círculos negros. A boca está um pouco aberta - ela não tem dentes.

Ah, Cristo. A última geração humana foi transformada em máquinas mortíferas com mentiras e falsas esperanças e, ao chegar a primavera, a 5ª Onda vai rolar pelo mundo, matando todos em seu caminho, incluindo os garotos feridos que se escondem em refrigeradores segurando seus crucifixos, e velhas senhoras que cuidam de gatos segurando suas colheres de pau.

Puxe o *gatilho*, Zumbi. A sorte de todos está acabando. Se você não a matar, outra pessoa o fará.

Ergo a pistola na altura de seus olhos.

-17-

Ela cai de joelhos aos meus pés e levanta as mãos vazias para mim e não diz nada porque não há nada para dizer: ela tem certeza de que vai morrer.

Eles me treinaram para fazer isso, prepararam-me para isso, esvaziaram-me e encheram de novo de ódio, mas nunca atirei em ninguém - em todo esse tempo. As mãos de Cassie estão mais ensanguentadas do que as minhas.

A primeira vez é a mais difícil, ela me disse. Quando atirei naquele último soldado no Campo Abrigo, não senti nada. Nem lembro seu rosto.

- Atiraram no meu amigo - minha voz fraqueja. - Ou foi você ou alguém que conhece. Seja sincera comigo.

- Não saí deste quarto. Não saio há semanas. Não é seguro lá fora - ela sussurra. - Fico aqui com os meus bebês e espero...

- Espera? Espera o quê?

Ela está parada. Eu também estou parado. Não quero estar errado. Ou certo. Não quero ultrapassar aquela linha e ser a pessoa em que os Outros me transformaram. Não quero matar outro ser humano: inocente ou não.

- O Cordeiro de Deus - ela responde. - Você sabe, Ele está vindo. Qualquer dia agora, e o joio deve ser separado do trigo, as cabras das ovelhas, e Ele vai chegar em sua glória para julgar os vivos e os mortos.

- Ah, claro - retruco com a voz sufocada. - Todos sabem disso.

Ela percebe antes de mim: não vou puxar o gatilho. Não posso. Um sorriso doce e infantil se espalha no cenário enrugado de seu rosto como o sol matinal surgindo no horizonte.

Recuo, arrastando os pés, chocando-me contra a mesinha junto da janela. O cozido se derrama pela borda da panela e a pequena lata com fogo debaixo dela chia zangado.

- Minha sopa! - ela grita, levantando-se com esforço e recua mais, mantendo a arma apontada para ela, mas é uma ameaça vazia; nós dois sabemos disso. A velha senhora apanha a colher do chão e manca até a panela borbulhante. O som da madeira batendo contra os lados de metal da panela atrai uma dúzia de gatos de seus esconderijos. Meu estômago se aperta. Não comi nada além de uma barra de cereais nas últimas 12 horas.

Vovó me lança um olhar de esguelha quase matreiro e me pergunta se quero provar.

- Não tenho tempo - digo a ela. - Tenho que voltar para o meu amigo. Os olhos dela se enchem de lágrimas.

- Cinco minutos, por favor? Tenho estado tão só - ela mexe a sopa. -As latas acabaram há um mês, mas uma dá conta - olhando para mim de novo. Um sorriso tímido. - Você pode trazer o seu amigo, tenho remédio e podemos rezar por ele. O Senhor cura todos que rogam com um coração puro.

Meus lábios estão secos, embora eu esteja salivando. O sangue lateja nos meus ouvidos. Um gato se esfrega na minha panturrilha depois de decidir que não sou tão mau sujeito, afinal.

- Não seria uma boa idéia - digo a ela. - Aqui não é seguro. Ela me lança um olhar espantado.

- E existe algum lugar seguro?

Quase rio. Ela é velha, mas forte. E rude. E destemida. E cheia de fé. Ela tinha sobrevivido até então. Quem chegou até aqui precisou ter esse estado de ânimo. Como Cassie os chamava? Os curvados, mas indomados. Durante um instante desesperado considero aceitar a oferta e deixar Dumbo com ela enquanto corro até as cavernas para encontrar Cup e Especialista. Talvez a melhor chance dele; não, sua única chance.

Pigarreio.

- Você ficou sem latas? Então o que há na sopa?

Ela leva a colher aos lábios, fecha os olhos, sorve o caldo acastanhado. O gato aos meus pés ergue a cabeça esquelética e me fita com enormes olhos amarelos.

Sei o que ela vai dizer um milissegundo antes de ela falar.

- Gato.

Em um movimento fluido, ela joga o líquido escaldante no meu rosto. Cambaleio para trás, choco-me contra uma pilha de revistas e perco o equilíbrio. Ela está em cima de mim antes de eu atingir o chão, os dedos segurando minha jaqueta e me empurra para o outro lado do aposento com a facilidade com que uma criança atira um bicho de pelúcia. O rifle cai do meu ombro quando atinjo a parede do outro lado. Caído de lado, aponto a pistola em direção da bolha cintilante que se atira sobre mim.

Ela é rápida demais ou eu sou muito lento: ela arranca a arma de minha mão com um tapa. Os dedos dela envolvem minha garganta. Ela me puxa para cima, empurra minha cabeça de encontro à parede e aproxima o rosto no meu, os profundos olhos verdes brilhando com rancor infinito. Você não deveria estar aqui ela sibila.
- É cedo demais.

O rosto dela entra e sai de foco. Cedo demais? Então eu compreendo: Ela viu a ocular. Ela pensa que faço parte da 5ª Onda, que só vai ser lançada em uma semana, depois que ela voltar à nave mãe, depois que Urbana e todas as outras cidades da Terra não mais existirem.

Encontrei o Silenciador de Urbana.

-18-

- Mudança de planos - digo sem fôlego. Ela permite que eu inspire somente um tanto de ar. O aperto dos dedos gelados é muito intenso, a força que o provoca tão óbvia, que tenho certeza que ela poderia quebrar meu pescoço com um movimento rápido de seu pulso esquelético. Isso seria ruim. Ruim para Dumbo, ruim para Especialista e Teacup e, principalmente, para mim. A única coisa que me mantém vivo é a surpresa por eu estar aqui, a quilômetros da base mais próxima e em um lugar que não vai existir dali a uma semana.

A culpa é sua, Zumbi. Você teve a chance de neutralizá-la e a perdeu. Bem. Ela me lembrou da minha avó.

Vovó Silenciadora inclina a cabeça diante de minha cabeça, como um pássaro curioso espiando um petisco saboroso.

- Mudança de planos? Isso não é possível.

- O apoio do ar já foi chamado - falo com dificuldade, desesperado para ganhar tempo. - Você não escutou o avião? - a cada segundo que a mantenho sem equilíbrio é outro segundo de vida. Por outro lado, dizer que os bombardeiros estão a caminho pode ser o caminho mais curto para uma morte mais rápida.

- Não acredito nisso - ela me diz. - Acho que você é um mentiroso malcriado.

Meu rifle está a alguns metros de distância. Muito perto. Muito longe. Novamente, ela lembra um pássaro com o jeito que inclina a cabeça quando me olha, a cabeça inclinada para o lado como um maldito corvo de olhos verdes e então sinto: a investida violenta de uma consciência invasora, a consciência dela, penetrando-me como uma broca penetra a madeira macia. Sinto-me esmagado e totalmente aberto ao mesmo tempo. Nenhuma parte de mim está oculta dela, não há nada seguro ou sagrado.

É como o programa do País das Maravilhas, só que não são minhas lembranças que ela está minando, é a mim.

- Tanta dor - ela murmura. - Tantas perdas - os dedos dela se apertam mais na minha garganta. - Quem você está procurando?

Quando me recuso a responder, ela me impede de respirar. Estrelas negras começam a dançar diante de meus olhos. Minha irmã chama meu nome da escuridão. E eu penso, Cristo, Sullivan, você tinha razão. Esta bruxa não estaria me sufocando se eu tivesse respondido àquele chamado. Minha irmã me trouxe para cá, não Teacup nem Especialista.

A ponta dos meus dedos toca a coronha do rifle. A velha Silenciadora comedora de gatos ri na minha cara, com hálito azedo e sem dentes, zunindo para o interior de minha alma, mastigando minha vida enquanto a tira de mim.

Ainda escuto a minha irmã, mas agora vejo Dumbo enrodilhado atrás do balcão no café, chamando por mim com os olhos, pois não lhe restam forças para falar.

Vou para onde você for, sarge.

Eu o deixei, eu o deixei como deixei a minha irmã, sozinho e indefeso. Jesus, eu até peguei sua pistola. Maldição. A arma.

O primeiro tiro é a queima-roupa, direto em seu abdômen flácido cheio de carne de gato.

A bala não a faz afrouxar a mão. Inacreditavelmente, ela fica pendurada na minha garganta, apertando. Reajo com um aperto também: um segundo tiro que entra nas proximidades de seu coração. Seus olhos remelentos se arregalam levemente e consigo deslizar meu braço entre nossos corpos e empurrá-la para longe. Seus dedos rabugentos se afrouxam em minha garganta e encho os pulmões com o ar mais doce-azedo infestado de ira que já respirei. Contudo, Vovó Silenciadora ainda não caiu. Ela só está fazendo uma segunda tentativa.

Ela vem para cima de mim. Rolo com força para a direita. A cabeça dela bate na parede. O tiro entrou em seu tórax, mas ela ainda se afasta da parede e rasteja em minha direção, soltando jorros de sangue vermelho rico em oxigênio. Aquele velho corpo é impelido por algo com mil anos de idade e contém mais ódio do que a água do oceano. Além do mais, ela foi aperfeiçoada pela tecnologia que a fortalece e sustenta – psh! O que são uma bala ou duas? Venha cá, filho! Mesmo assim, não acho que seja a tecnologia que a impulsiona.

É o ódio.

Recuo. Ela se aproxima. Meu calcanhar bate em uma pilha de papel e caio no chão com um baque dolorido. Suas garras arreganhadas arranham minhas botas. Finalmente seguro a arma com mãos ensanguentadas.

Suas costas se curvam como as de um gato se espreguiçando no peitoril de uma janela. Sua boca se abre, mas não emite nenhum som, muito sangue, mas nenhum som. Ela dá uma última investida. Sua testa bate de encontro ao cano no mesmo instante em que aperto o gatilho.

Apanho o rifle, aperto a pistola, e corro para fora do aposento. Corredor, escadas, banco, saguão, rua. Finalmente de volta ao corredor. É melhor você estar vivo, seu filho da mãe orelhudo.

Ele está. Pulso irrequieto, respiração superficial, pele acinzentada, mas está vivo.

E agora, o quê?

Voltar para a casa de segurança? A opção mais segura, a opção de risco mínimo. A que Especialista iria recomendar, e ela é especialista em risco. Não sei o que vou encontrar nas cavernas, mesmo que consigamos chegar lá: há outro Silenciador lá fora. É provável que Especialista e Cup já estejam mortas, o que significa que eu não só vou marchar para a minha execução, mas também levar Dumbo para a dele.

A menos que eu o deixe aqui e o apanhe na volta, supondo que consiga retornar. Melhor para ele, melhor para mim. Ele agora é uma carga, um risco.

Assim, vou deixá-lo para trás, afinal. Ei, Dumbo, sei que levou um tiro por mim e tudo o mais, mas você está sozinho, cara. Eu vou sair daqui. Não é assim que Ben Parish faz?

Droga, Zumbi, decida já. Dumbo conhecia o risco e veio mesmo assim.

Aceitar aquela bala por você era decisão dele. Voltar significa que ele levou o tiro por nada. Se ele morrer, pelo menos dê significado a essa morte.

Verifico o curativo à procura de mais sangramento. Delicadamente, ergo sua cabeça e escorrego a mochila para baixo dela como um travesseiro. Pego a última seringa de morfina da caixa de medicamento e espeto em seu braço.

Inclino-me e sussuro:

- Olhe Bo, vou voltar - alisando seus cabelos com a mão. - Eu a peguei. A bruxa infestada que atirou em você. Acertei-a entre os

olhos - a testa dele está queimando de febre sob minha mão. - Não posso ficar aqui agora, Bo. Mas voltou voltar para buscar você. Eu vou voltar ou vou morrer tentando. Provavelmente vou morrer, por isso não fique muito esperançoso.

Desvio o olhar. Porém não há mais nada para ver. Eu estava muito inquieto, perto de perder o controle. Estou saltando de uma morte brutal para outra. No final, algo muito importante vai quebrar dentro de mim.

Puxo a mão dele para a minha.

- Agora, escute, seu filho da mãe com orelhas de elefante. Vou encontrar Teacup e Especialista, depois vamos pegar você na volta e vamos todos juntos para casa, e tudo vai ficar bem. Porque eu sou o sarge e estou dizendo que vai ser assim. Entendeu? Está me ouvindo, soldado? Você não tem permissão para morrer. Entendeu. Essa é uma ordem. Você não tem permissão para morrer.

Os olhos dele estremecem atrás das pálpebras; talvez ele esteja sonhando. Talvez ele esteja sentado em seu quarto, jogando Call of Duty. Assim espero.

Então o deixo deitado nos grãos de café e chumaços de papel e moedas espalhadas.

Agora Dumbo está sozinho, e eu também, mergulhando no coração negro e morto de Urbana. O Esquadrão 53 se foi, dividido, morto ou perdido ou em fuga.

RIP, Esquadrão 53.

CASSIE

Tenho que esclarecer isso. Agora. Tipo, agora mesmo. Isso é a minha cabeça.

Quatro horas da manhã. Animada com muito chocolate (obrigada, Graça) e muito Evan Walker. Ou não Evan Walker suficiente. Essa é uma piada particular, se é que se pode fazer piadas particulares em um diário particular. Vou falar das partes particulares depois. Ah! Outra piada. Você sabe que atingiu um lugar muito triste quando a única pessoa que pode fazê-la rir é você mesma.

A casa está quieta, nem mesmo um sussurro de vento contra a janela coberta de tábuas, o silêncio do vazio, como se o mundo tivesse parado de respirar e eu sou a última pessoa na Terra. De novo.

Droga, gostaria de ter alguém com quem falar.

Ben e Dumbo saíram. Eu só tenho Sam, Megan e Evan. Dois estão dormindo no quarto. O outro (Outro, ah! é de chorar) está acordado e de guarda e é alguém que me deixa mais confusa quanto mais converso com ele. Durante mais de um mês agora ele vem se desvanecendo. Aqui, então não mais aqui. Falando, depois não dizendo nada. O Sr. Spaceman olhando para o espaço. Droga, Evan, para onde você foi? Acho que eu sei, mas saber o motivo não ajuda meus sentimentos de ausência de Evan.

E, de alguma forma, nem mesmo o perfume de seu pós-barba pairando no quarto. Evan fez a barba depois que Ben se foi. Ele lavou os cabelos e esfregou o equivalente a uma semana de sujeira de seu corpo. Até aparou as unhas e cuidou das cutículas negligenciadas. Quando ele entrou neste quarto, pareceu o velho

Evan, o primeiro Evan, o Evan que acreditei ser um Evan totalmente humano.

Sinto falta desse Evan, o que me puxou congelada do gelo e me descongelou e preparou hambúrgueres para mim e fingiu ser algo que não era e escondeu a coisa que era.

O Evan calmo, quieto, firme, confiável e forte. Não esse Evan-Outro, o Evan torturado, assombrado, em conflito, que resume suas frases como se tivesse medo de falar demais, o Evan que já se foi, o que já está lá, a 300 quilômetros no alto sem ter como voltar. Não o Evan deles. Meu Evan. O sujeito imperfeitamente perfeito.

Por que sempre ficamos com o Evan que merecemos em vez do Evan que queremos?

Não sei por que me incomodo de escrever isso. Ninguém vai ler - e se você ler, Evan, eu vou matar você.

Suponho que posso recorrer a Urso. Sempre foi fácil conversar com ele. Tivemos horas de conversas, boas conversas, durante aquelas semanas em que era só eu e ele escondidos na floresta. Urso é um excelente ouvinte. Ele nunca boceja, interrompe ou vai embora. Nunca discorda, nunca faz joguinhos, nunca mente. Eu vou para onde você for, sempre, esse é o lema de Urso.

Urso prova que o verdadeiro amor não precisa ser complicado - nem mesmo retribuído.

Evan, no caso de você estar lendo isto: estou largando você por um urso de pelúcia.

Não que você e eu já tivéssemos sido um casal.

Eu nunca fui uma dessas garotas que sonham acordadas com o dia do casamento ou conhecer o sujeito perfeito ou com criar dois ou três filhos nos subúrbios. Quando eu pensava no futuro, geralmente tinha a ver com uma cidade grande e uma carreira ou viver em uma cabana em algum lugar verde, como Vermont, escrevendo livros e dando longas caminhadas com um cão que eu chamaria de Péricles ou algum outro nome grego escolhido ao acaso para mostrar às pessoas o quanto eu era instruída e culta. Ou talvez eu seria uma médica tratando de crianças doentes na África. Algo significativo. Algo digno que talvez algum dia alguém note e me dê uma placa ou um prêmio ou faça meu nome virar nome de uma rua. Avenida Sullivan. Travessa Cassiopeia. Garotos não entravam muito em meus sonhos.

Na faculdade, eu fazia sexo. Não sexo embriagada ou sexo com o primeiro que pedisse ou sexo apenas para dizer Ei, fiz sexo do mesmo jeito que as pessoas falam quando experimentam pratos exóticos, como: Ei, comi um grilo frito. Seria com alguém de quem eu gostasse. Amor não seria necessário, mas respeito mútuo,

curiosidade e delicadeza seriam bons. E ele também seria alguém atraente. Muito sexo é desperdiçado com quem não é. Por que você iria dormir com alguém que não excitasse você? Mas as pessoas dormem. Ou costumavam dormir. Não, elas provavelmente ainda dormem.

Por que estou pensando em sexo?

Ok, não estou sendo sincera. Isso é mentira. Querido Deus, Cass, se você não pode ser sincera em seu diário, onde vai poder ser? Em vez de dizer o que é verdade, você faz piadas e referências maldosas como se alguém, a milhões de anos, fosse ler isto um dia e deixar você superconstrangida.

É sério.

Pelo menos ele bateu na porta quando apareceu esta noite. Evan sempre teve problemas com limites. Ele roçou a porta, depois entrou em etapas: cabeça, ombros, tronco, pernas. Ficou parado na entrada por um minuto: Tudo bem eu entrar? Notei a mudança de imediato: recém-barbeado, usando jeans limpos e uma camiseta da Ohio State. Não lembro a última vez - ou realmente a primeira vez - que vi Evan exibir seu corpo desta maneira.

Evan Walker tem bíceps. Não é importante mencionar este fato, visto que bíceps são músculos que a maioria das pessoas tem. Eu só pensei em mencioná-lo.

Eu estava meio que esperando um olhar tímido - eu o tinha visto muitas vezes na velha casa de fazenda nos dias em que essa era a sua expressão preferida. Em vez disso, recebo a testa franzida e a boca ligeiramente caída e os olhos escuros e preocupados de um poeta contemplando o vazio, que acho ele era - não um poeta, mas um contemplador do vazio.

Abri espaço para ele na cama. Não havia outro lugar para sentar. Embora nunca tivéssemos consumado o ato, parecia que éramos velhos amantes obrigados a realizar uma negociação estranha pós-rompimento sobre quem vai ficar com a prataria e como as lembranças de todas as viagens juntos seriam divididas.

Então eu senti o pós-barba Ralph Lauren.

Não sei por que Graça mantinha um estoque de produtos de higiene masculinos. Talvez eles pertencessem ao antigo proprietário da casa e ela nunca tivesse se incomodado em se livrar deles. Ou talvez ela tivesse feito sexo com suas vítimas antes de cortar suas cabeças ou arrancar seus corações ou comê-los vivos como uma aranha viúva-negra.

Ele tinha cortado o queixo ao se barbear; havia a marca de um adstringente branco no corte, um minúsculo estrago no rosto geralmente maravilhoso. O que foi um alívio. Pessoas lindas sem falhas me aborrecem muito.

- Dei uma olhada nas crianças - ele contou, como se eu tivesse perguntado se ele tinha dado uma olhada nas crianças.

-E?

- Estão bem. Dormindo.

- Quem está de guarda?

Ele me fitou por alguns segundos desconfortáveis. Então olhou para as mãos. Eu também olhei. Ele estava tão perfeitamente composto quando nos conhecemos que pensei que tinha encontrado a pessoa mais narcisista que restava no planeta. Assim me sinto mais humano, ele disse, referindo--se aos cuidados pessoais. Depois, quando descobri que ele não era exatamente humano, pensei que entendi o que ele estava pretendendo. Mesmo mais tarde, e com mais tarde me refiro a agora, compreendi que a limpeza não está necessariamente junto da santidade, mas está tremendamente perto da humanidade.

- Tudo vai ficar bem - ele disse com suavidade.

- Não, não vai - retruquei com rispidez. - Ben e Dumbo vão morrer. Você vai morrer.

- Eu não vou morrer - deixando Ben e Dumbo de fora.

- Como você vai sair da nave mãe depois de colocar as bombas?

- Do mesmo jeito que entrar.

- Na última vez em que você deu uma volta em um de seus pequenos casulos, você quebrou vários ossos e quase morreu.

- É um hobby - ele disse com um sorriso torto. - Quase morrer. Desviei o olhar de suas mãos. As mãos que me levantaram quando caí, seguraram-me quando senti frio, alimentaram-me quando tive

fome, curaram-me quando estava ferida, lavaram-me quando estava coberta com sangue e sujeira da floresta. Você vai destruir toda sua civilização e para quê? Por uma garota. Você imaginaria que um sacrifício como esse me faria sentir pelo menos um pouco especial. Não fazia. Parecia estranho. Como se um de nós estivesse completamente louco e essa pessoa não fosse eu.

Eu não conseguia ver um único elemento romântico no genocídio, mas talvez seja apenas minha falta de percepção sobre a natureza do amor por nunca ter estado apaixonada. Poderia eu apagar a humanidade para salvar Evan? Não é provável.

Claro, existe mais de uma espécie de amor. Seria eu capaz de matar todos no mundo para salvar Sam? Não é fácil responder a essa pergunta.

- Mas você estava meio protegido nas vezes em que quase morreu, certo? - perguntei. - A tecnologia que o deixou super-humano, que você disse ter perdido a caminho do hotel. Você não vai tê-la dessa vez.

Ele deu de ombros. Lá está aquela coisa tímida que achei ter perdido. Vê-la de novo me lembrou da distância que viajamos da casa da fazenda e lutei contra o impulso de estapeá-lo.

- O que você vai fazer... não é por mim ou... não é só por mim, você entende isso, certo?

- Não há outro jeito de parar isto, Cassie - ele respondeu, disparando de volta para sua expressão de poeta-atormentado.

- E o jeito que você mencionou logo antes da última vez que quase morreu? Lembra? Tirando a bomba da garganta de Megan para explodi-la.

- Difícil fazer sem a bomba - ele retrucou.

- Graça não tinha um estoque escondido em algum lugar da casa? -em vez disso, ela mantinha um bom estoque de pós-barba. Prioridades pós-apocalípticas.

- A tarefa de Graça não era explodir as coisas. Era matar pessoas.

- E fazer sexo com elas - não tive intenção de dizer isso, mas não tenho intenção de dizer 80% do que falo.

Mas, na verdade, quem se importa se eles fizeram sexo? É idiotice se preocupar quando o destino do planeta corre risco. Trivial. Desimportante. As mãos que me acariciaram acariciando Graça. O corpo que me aqueceu aquecendo o dela. Os lábios que tocaram os meus tocando os dela. Não importa, eu não ligo, Graça estava morta. Puxei os lençóis e desejei não ter falado.

- Graça mentiu. Nós nunca...

- Eu não ligo - eu disse. - Não é importante. Seja como for, Graça era uma máquina homicida fantasticamente bonita. Quem conseguiria dizer não?

Ele colocou a mão sobre a minha para acalmar meus dedos inquietos.

- Eu lhe diria se tivesse acontecido.

Que mentiroso. Eu poderia encher o Grand Canyon com todas as coisas que ele se recusou a me dizer. Puxo minha mão e olho direto nos olhos cor de chocolate derretido.

- Você é um mentiroso - eu disse. Ele me surpreendeu ao concordar.

- Eu sou. Mas não sobre isso. Eu sou?

- Sobre o que você mentiu?

Ele sacudiu a cabeça. Garota humana idiota!

- Sobre quem eu era realmente.

- E quem você é exatamente? Você me disse o que você era, mas nunca me disse quem você é. Quem é você, Evan Walker? De onde você vem? Qual era a sua aparência antes de você parecer com nada? Como era o seu planeta? Ele se parecia com o nosso? Havia plantas, árvores, pedras e vocês viviam em cidades? E o que vocês faziam para se divertir, havia música? A música é universal como a matemática. Você pode cantar uma canção para mim? Cante uma canção alienígena para mim, Evan. Conte como foi crescer. Você foi à escola ou o conhecimento foi simplesmente baixado para o seu cérebro? Como eram os seus pais? Vocês tinham empregos como seres humanos? Irmãos e irmãs? Esportes. Comece em qualquer lugar.

- Tínhamos esportes - com um leve sorriso indulgente.

- Não gosto de esportes. Comece com música.

- Também tínhamos música.
- Estou ouvindo - cruzei os braços e esperei.

Ele abriu a boca. Ele fechou a boca. Não soube dizer se ele estava para rir ou chorar.

- Não é tão simples, Cassie.
- Não estou esperando um desempenho de qualidade. Também não sou muito afinada, mas isso nunca me impediu de tentar imitar a Beyoncé.

- Quem?

- Ah, vamos lá. Você tem que saber quem ela é.

Ele sacudiu a cabeça. Talvez ele não tivesse crescido em uma fazenda, mas debaixo de uma pedra. Então eu pensei que seria um pouco estranho para um superser de 10 mil anos entender a cultura pop. Mesmo assim, estamos falando sobre Beyoncé!

Ele é até mais estranho do que imaginei.

- Tudo é diferente. Quer dizer, na estrutura - ele apontou para a boca, mostrou a língua. - Não posso nem mesmo pronunciar meu nome. - por um momento, *opáthos* era tão denso que quase obscureceu a lâmpada.

- Então cantarole alguma coisa. Ou assobie. Vocês podiam assobiar ou não tinham lábios?

- Nada disso importa mais, Cassie.

- Você está enganado. Importa muito. O seu passado é o que você é, Evan.

Lágrimas juntaram-se em seus olhos. Era como ver chocolate derreter. Deus, Cassie, espero que não - ele ergueu as mãos recém-esfregadas

com as unhas aparadas e lixadas em minha direção. As mãos que seguraram a arma que matou pessoas inocentes antes de ele quase me assassinar. - Se o passado é o que somos...

Eu poderia ter lembrado que todos fizemos coisas de que não nos orgulhamos, mas isso também era muito desrespeitoso, inclusive para mim.

Droga, Cassie. Por que você o está obrigando a pensar nisso? Eu estava tão obcecada com o passado que não conhecia que esqueci o que conhecia: salvar os que ele tinha vindo para destruir, Evan

Walker o Silenciador estava planejando silenciar toda uma civilização, a civilização dele, para sempre.

Não, Ben Parish, pensei. Não por uma garota. Pelo passado de que não pode escapar. Pelos sete bilhões. Por sua irmãzinha também.

Antes de saber o que estava acontecendo ou até como aconteceu, eu o estava segurando com mãos que nunca o tinham confortado, nunca o tinham erguido, nunca o tinham encontrado quando estava perdido. Eu era a tomadora, o recipiente, sempre; a partir do momento em que ele me tirou daquele banco de neve, eu fui sua carga, sua missão, sua cruz. A dor de Cassie, o medo de Cassie, o desespero de Cassie. Esses foram os pregos que o fixaram na cruz.

Acaricieei seus cabelos úmidos. Esfreguei suas costas arqueadas. Apertei seu rosto macio e cheiroso contra o meu pescoço, e suas lágrimas eram quentes no encontro com a minha pele. Ele sussurrou algo que soou como efemérida.

Bruxa sem coração teria sido mais adequado.

Curvei a cabeça; ele ergueu a dele. Beijeii sua face molhada. A sua dor, o seu medo, a sua raiva, o seu desespero. Dê-os para mim, Evan. Vou carregá-los por algum tempo.

Ele estendeu a mão e correu a ponta dos dedos sobre meus lábios com leveza, molhadas com suas lágrimas.

- A última pessoa na Terra - ele murmurou. - Você se lembra de quando escreveu isso?

Fiz que sim.

- Estúpida.

Ele sacudiu a cabeça.

- Acho que foi isso que me tocou. Quando eu li isso. "A última pessoa na Terra", porque eu me sentia do mesmo jeito.

Minhas mãos estavam amassando a velha camiseta da OSU. Ela era muito amassável. Essa é uma boa palavra, amassável. Aplica-se a muitas coisas.

- Você não vai voltar - eu disse, porque ele não pôde dizê-lo.

Ele passou os dedos pelos meus cabelos. Estremeci. Não faça isso, seu canalha. Não me toque como se nunca fosse me tocar de

novo. Não me olhe como se nunca fosse me ver de novo. Fechei os olhos. Nossos lábios se tocaram.

A última pessoa na Terra. Com os olhos fechados, eu a vi caminhando em uma trilha arborizada em Vermont, um lugar em que ela nunca tinha estado e nunca vai conhecer, e as folhas que abraçam a trilha cantam árias douradas e vermelho vivo. E há um grande cão chamado Péricles, correndo à sua frente daquele jeito pomposo dos cães, e ela tem tudo que sempre quis, essa garota - não, essa mulher - nada ficou para trás, nada ficou sem terminar. Ela viajou pelo mundo e escreveu livros e teve amantes e partiu corações. Ela não permitiu que a vida simplesmente acontecesse para ela. Ela tirou dela tudo que pôde. Ela a amassou.

O hálito quente dele em minha orelha. Eu arranhando seu peito, enterrando as unhas em sua pele, a leoa faminta com sua presa. Resistência é fútil, Walker. Eu nunca vou percorrer essa trilha no bosque dourado ou ter um cão de nome Péricles ou viajar pelo mundo. Não vai haver o reconhecimento de uma vida bem vivida, nenhuma rua com o meu nome, nenhuma diferença no mundo porque algum dia eu o ocupei. Minha vida é um catálogo do desfeito e do que nunca-vai-ser-feito. Os Outros roubaram tudo de minhas lembranças não feitas, mas não vou permitir que roubem esta.

Minhas mãos percorreram seu corpo, um país inexplorado, que daqui para frente vou chamar de Evanland. Colinas e vales, planícies desertas e ravinas arborizadas, a paisagem pontilhada com as cicatrizes de batalhas, cruzada por linhas falhas e vistas inesperadas. E eu sou Cassie, a Conquistadora. Quanto mais território conquisto, mais quero.

O peito subia e descia: um terremoto subterrâneo subiu à superfície como um tsunami. Os olhos dele estavam arregalados e úmidos e cheios de algo que se aproximava do medo.

- Cassie...

- Cale a boca - minha boca inspecionando o peito em movimento. Os dedos dele se prenderam nos meus cabelos.

- Não deveríamos...

Eu quase ri. Bem, a lista do que não deveríamos é terrivelmente longa, Evan. Rocei seu estômago com os dentes. A terra sob minha

língua estremeceu, choque e pós-choque.

Não deveríamos. Não, provavelmente não deveríamos. Alguns desejos nunca podem ser satisfeitos. Algumas descobertas aviltam a busca. Não é o momento... ele disse com a voz sufocada.

Pousei meu rosto em seu ventre e afastei os cabelos dos meus olhos.

- Quando é o momento, Evan?

As mãos dele capturaram as minhas mãos que perambulavam e as imobilizaram.

- Você disse que me amava - sussurrei. Droga, Evan Walker, por que você disse uma coisa tão ridícula, louca e imbecil?

Ninguém lhe diz o quanto a raiva é próxima da luxúria. Isto é, o espaço entre as moléculas é mais espesso.

- Você é um mentiroso - eu disse. - Você é o pior tipo de mentiroso, o tipo que mente para si mesmo. Você não está apaixonado por mim. Você está apaixonado por uma idéia.

Ele desviou o olhar. Foi assim que eu soube que o tinha atingido.

- Que idéia? - ele perguntou.

- Mentiroso, você sabe que idéia - eu me levantei. Tirei minha blusa. Olhei para ele, desafiando-o a olhar para mim. Olhe para mim, Evan. Olhe para mim. Não é a última pessoa na Terra, a substituta de todas as pessoas que você matou na rodovia. Não sou a efemérida; sou Cassie, uma garota comum de um lugar comum que foi boba ou desafortunada o bastante para viver o bastante para ser encontrada por você. Não sou sua carga, sua missão ou sua cruz.

Eu não sou a humanidade.

Ele virou o rosto para a parede, as mãos ao lado da cabeça como que se rendendo. Bem. Cheguei até aqui. Puxei os jeans sobre os quadris e os chutei para longe. Não consegui me lembrar de quando fiquei tão zangada, ou tão triste, ou tão... Eu queria socá-lo, acariciá-lo, chutá-lo, abraçá-lo. Eu queria que ele morresse. Eu queria que eu morresse. Eu não estava envergonhada, de jeito nenhum, e não era porque ele já tinha me visto nua. E ele tinha.

Naquela vez eu não tinha escolha. Eu estava inconsciente, quase morta. Agora estava desperta e muito viva.

Desejei que houvesse uma centena de lâmpadas para me iluminar. Eu queria um holofote e uma lente de aumento para que ele pudesse examinar todos os centímetros humanos imperfeitamente perfeitos do meu corpo.

- Não é sobre o momento, Evan - eu lembrei -, mas o que fazemos com ele.

ESPECIALISTA

A 35 mil pés, é difícil dizer o que parece menor: a Terra ou a pessoa acima dela, olhando para baixo.

Ao norte e a alguns quilômetros das cavernas, Constance solta o arnês e pega o paraquedas do alto. Uma última verificação antes de saltarmos. Vamos ser inseridas dessa altura a fim de reduzir a chance de sermos vistas do chão. É chamada de inserção GABA - Grande Altitude-Baixa Abertura. Arriscado como o diabo, mas não mais do que saltar de 5 mil pés sem paraquedas.

Constance deve saber do meu salto do maldito helicóptero, porque ela diz:

- Vai ser muito mais fácil do que a última vez, não?

Digo que se dane e ela sorri para mim. Fico satisfeita. Não quero encontrar nada solidário ou agradável nela. Essas coisas podem fazer com que a tarefa de matá-la seja difícil

Bem, mais difícil. Eu ainda vou matá-la.

- Trinta segundos! - a voz do piloto guincha em nossos ouvidos. Constance checa meu equipamento. Eu checo o dela. Atiramos nossos fones de ouvido nos assentos enquanto a porta traseira se abre. Deslizando os dedos das luvas no cabo-guia, arrastamos os pés na direção do ventre barulhento, o vento abaixo de zero atingindo nossos rostos como um punho. Meu estômago se aperta quando o C-160 balança de um lado para outro fustigado pela turbulência. Venho lutando contra a vontade de vomitar durante quase todo o voo. Melhor fazê-lo agora do que na queda livre. Se eu me posicionar corretamente, o vômito vai parar diretamente no rosto de Constance.

Eu me pergunto por que o hub não abranda o meu sistema digestório; esquisito, e é como se um querido amigo me desapontasse.

Sigo Constance para a garganta negra da noite sem lua. Só vamos abrir os paraquedas bem depois de atingirmos a velocidade terminal. Posso vê-la claramente com minha visão aperfeiçoada, 15 metros abaixo à esquerda. O tempo desacelera enquanto minha velocidade aumenta; não tenho certeza se é obra do hub ou uma reação natural ao cair a 120 quilômetros por hora. Não escuto o avião. O mundo é vento.

Vinte mil pés. Quinze. Dez. Consigo ver uma rodovia, campos ondulantes, grupos de árvores de galhos desfolhados. Quanto mais me aproximo, mais depressa elas parecem correr em minha direção. Cinco mil pés. Quatro. A distância mínima para o chão para uma abertura segura são 240 metros, mas isso é passar dos limites.

Constance puxa a corda a 850. Estou um pouco abaixo disso e o chão ruga em minha direção como o rosto de uma locomotiva em fuga.

Dobro os joelhos no impacto e inclino o ombro na direção do solo, rolando duas vezes antes de parar deitada de costas, emaranhada nas cordas. Constance está lá antes que eu possa respirar de novo, libertando-me com sua faca de combate. Ela me puxa para cima, faz sinal de positivo e então parte pelo campo até um par de silos junto de um celeiro onipresente e, alguns metros adiante, a casa branca de fazenda.

Casa branca, celeiro vermelho, uma estrada de terra estreita: não poderíamos ter caído em uma fatia mais perfeita de Americana. O nome da aldeia onde ficam as cavernas? Liberdade do Oeste.

Junto-me a ela na base do silo, onde ela está ocupada tirando o macacão. Debaixo dele, ela está usando jeans largos e um blusão com capuz. Sua única arma é a faca, que ela guarda em uma bainha presa à perna.

- Meio quilômetro a sudoeste de nossa posição - ela sussurra. A entrada das cavernas. - Estamos algumas horas adiantadas em relação a eles - Zumbi e quem quer que seja louco o bastante para vir com ele para procurar por mim e Teacup. Pão de Ló,

provavelmente. Meu estômago se aperta quando penso em contar a Zumbi sobre Teacup. - Fique aqui e espere meu sinal.

Sacudo a cabeça.

- Vou com você.

Ela exibiu o maldito sorriso idiota.

- Querida, você não quer fazer isso.

- Por quê?

- Nossa história não vai colar se houver alguém para contradizê-la. O aperto no meu estômago se intensificou mais um pouco.

Sobreviventes. Constance vai matar todos que encontrar escondidos naquelas cavernas, e deve ser muita gente. Dúzias, talvez centenas. Vai ser um trabalho difícil. Eles vão estar bem armados e cautelosos com estranhos, é difícil imaginar alguém alheio à 4ª Onda nesta altura do campeonato. O que significa que talvez eu não precise matar Constance, afinal. Talvez eles o façam por mim.

É um pensamento agradável. Irreal, mas agradável. Meu próximo pensamento não é nem um pouco agradável, então solto a primeira coisa que me salta à mente.

- Não precisamos invadir as cavernas. Podemos interceptar Zumbi antes que ele chegue lá.

Constance sacode a cabeça.

- Não são essas as ordens.

- Nossas ordens são nos encontrar com Zumbi - argumento. Não vou deixar isso passar. Se deixar isso passar, pessoas inocentes vão morrer. Não sou totalmente contra pessoas morrerem, estou planejando matar Constance e Evan Walker, mas isso é inevitável.

- Eu sei o que a incomoda, Marika - ela diz com gentileza.

- É por isso que vou sozinha.

- É um risco idiota.

- Você tirou conclusões sem conhecer todos os fatos - ela repreende. Isso tem sido o problema desde o início, como no início da história da humanidade.

Minha mão cai sobre a coronha da pistola. Ela percebe. O sorriso que dá como resposta ilumina a noite.

- Você sabe o que vai acontecer se fizer isso - ela diz com suavidade, uma tia gentil, uma irmã mais velha atenciosa. - Seus amigos, os que você veio procurar, quantas vidas valem as vidas deles? Se uma centena tiver que morrer para eles poderem viver, ou mil, ou dez mil, ou dez milhões... Quanto você diria que é suficiente'?

Conheço esse argumento. É o mesmo de Vosch. É deles. O que são sete bilhões de vidas quando a própria existência está correndo perigo? Minha garganta arde. Sinto o gosto de bile na boca.

- É uma escolha falsa - respondo. Uma última tentativa, um apelo: -Você não tem que matar ninguém para pegar Walker.

Ela dá de ombros. Aparentemente, eu não estou entendendo.

- Se eu não matar ninguém, nenhuma de nós vai viver o bastante para ter uma chance - ela ergue o queixo e vira o rosto um pouco para o lado. -Bata em mim - mostra a face direita. - Aqui.

Por que não? O soco a faz balançar nos calcanhares. Ela sacode a cabeça com impaciência, vira o outro lado do rosto.

- De novo. Com mais força desta vez, Marika. Força.

Bato com mais força. Forte o suficiente para quebrar algum osso. O seu olho esquerdo imediatamente começa a inchar. Ela não sente a dor do soco. Nem eu.

- Obrigada - ela diz animada.

- De nada. Se precisar que eu arrebente mais alguma coisa, é só falar. Ela ri baixinho. Se eu não fosse esperta, juraria que ela gosta de mim,

e me acha fascinante. E então ela desaparece tão depressa que apenas uma visão aperfeiçoada como a minha poderia acompanhá-la, disparando pelo campo até a rodovia no lado noroeste.

Assim que ela está fora da vista, mergulho para o chão, trêmula, tonta, o estômago queimando. Estou começando a me perguntar se há algo errado com o 12º Sistema. Eu me sinto uma droga.

Encosto-me no metal frio do silo e fecho os olhos. A escuridão atrás das pálpebras gira ao redor de um centro invisível, a singularidade diante do universo nasceu. Teacup está aqui, caindo para longe de mim; a explosão da arma de Navalha ressoa no espaço atemporal. Ela cai, mas ela sempre vai ser minha.

Navalha também está lá, no centro absoluto do nada absoluto, o sangue ainda fresco no braço do ferimento auto infligido, VQP, e ele sabia que o preço de sacrificar Teacup seria sua própria vida. Estou certa de que, quando passamos a noite juntos, ele já tinha decidido matá-la - porque matá-la era a única forma de me libertar.

Libertar-me para fazer o quê, Navalha? Perseverar para eu conquistar o quê?

Com os olhos ainda fechados, tiro a faca de combate da bainha amarrada à barriga da perna. Consigo imaginar Navalha esperando na entrada do depósito; a luz dourada da pira lá fora iluminando seus traços magros; seus olhos perdidos nas sombras enquanto ele arregaça a manga. A faca então em sua mão. A faca em minha mão agora. Ele provavelmente se encolheu quando a ponta cortou a pele. Eu não me encolho.

Não sinto nada. Estou encasulada no nada, a resposta, afinal, para o enigma do porquê de Vosch. Sinto o cheiro do sangue de Navalha. Não sinto o cheiro do meu, porque nenhum sobe à superfície do ferimento; milhares de drones microscópicos estancam o fluxo.

V: Como se conquista o inconquistável?

Q: Quem pode vencer quando ninguém persevera?

P: O que persevera quando toda a esperança se vai?

Da singularidade, uma voz grita.

- Minha querida criança, por que você chora? Abro os olhos.

É um padre.

-24-

Pelo menos, ele está vestido como um padre.

Calças pretas. Camisa preta. Colarinho branco, amarelado pelo suor, manchado com marcas cor de ferrugem. Ele está parado fora do meu alcance, um sujeito pequeno com a linha dos cabelos recuada e um rosto gorducho de bebê. Ele vê a faca úmida na minha mão e imediatamente ergue as dele.

- Não estou armado - sua voz é aguda, tão infantil quanto as feições. Largo a faca e empunho a pistola.

- Mãos no alto da cabeça. Ajoelhe.

Ele obedece no mesmo instante. Olho na direção da rodovia. O que aconteceu com Constance?

- Não pretendia assustá-la - diz o sujeito pequeno. - É que não vejo outra pessoa há meses. Você é do exército?

- Cale a boca - ordeno. - Não fale.

- Claro! Eu... desculpe - ele fecha a boca com força. Suas faces estão coradas de medo ou, talvez, constrangimento. Fico atrás dele. Ele fica muito quieto enquanto deslizo a mão livre em seu tórax.

- De onde você veio? - pergunto.

- Pensilvânia...

- Não. De onde você veio agora?

- Estive morando nas cavernas.

- Com quem?

- Ninguém! Eu disse, não vejo ninguém há meses. Desde novembro... Um objeto duro de metal no bolso do lado direito. Eu o pego. Um crucifixo. Já tinha visto dias melhores. O acabamento dourado barato está lascado; o rosto de Cristo se desgastou e se transformou em uma protuberância calva. Lembro-me do Soldado do Crucifixo de Sullivan escondido atrás do refrigerador de cerveja.

- Por favor - ele choraminga. - Não pegue isso.

Jogo o crucifixo na grama alta e seca entre os silos e o celeiro. Onde diabos está Constance? Como esse sujeitinho imbecil passou

por ela? Mais importante, como eu deixei esse sujeitinho imbecil se aproximar sorrateiramente de mim?

- Onde está o seu casaco? - quero saber.
- Casaco?

Fico diante dele e aponto a arma para a sua testa.

- Está gelado. Você não sente frio?
- Oh. Oh! - ele soluça um riso nervoso. Seus dentes combinam com ele? Pequenos e sujos. - Eu me esqueci completamente de pegá-lo. Fiquei tão inquieto quando ouvi aquele avião, pensei que o resgate tinha finalmente chegado! - o sorriso morre. - Você está aqui para me resgatar, não está?

Meu dedo se contrai no gatilho. Às vezes você está no lugar errado na hora errada e o que acontece não é culpa de ninguém, eu disse a Sullivan depois de ouvir a história do soldado.

- Posso saber quantos anos você tem? - ele pergunta. - Você parece muito jovem para um soldado.

- Não sou um soldado - digo a ele. E eu não sou. Eu sou o próximo passo na evolução humana. Respondo com sinceridade:

- Sou uma Silenciadora.

-25-

Ele salta em minha direção, uma explosão de rosa claro e preto. Um lampejo de dentes minúsculos e a arma voa de minha mão. O golpe quebra meu pulso. O soco seguinte, chegando mais depressa do que meus olhos aperfeiçoados podem acompanhar, joga-me a seis metros de volta ao silo. O metal guincha, dobra-se ao redor de meu corpo como um taco. Agora entendo as palavras de Constance: Você tirou conclusões sem conhecer todos os fatos.

Ela não ia para as cavernas a fim de neutralizar sobreviventes. Ela ia silenciar um Silenciador.

Obrigada, Connie. Você podia ter me contado.

O fato de não ter morrido com o impacto salvou a minha vida. O falso padre para e inclina a cabeça para o meu lado de um jeito estranho como um pássaro. Eu deveria estar morta ou, pelo menos, inconsciente. Como é possível eu ainda estar acordada?

- Puxa! Isso é... curioso.

Nenhum de nós se move por vários segundos. Ignoro seu jogo. Pare, Especialista. Espere Constance voltar.

Se ela voltar.

Constance pode estar morta.

- Não sou uma de vocês - digo, livrando-me da quina de metal. - Vosch me deu o 12º Sistema.

Sua expressão confusa não muda, mas seus ombros se retesam. É a única explicação que faz sentido e, no entanto, não faz sentido algum.

- Cada vez mais curioso! - ele murmura. - Por que o comandante iria aperfeiçoar um humano?

Hora de mentir. O inimigo me ensinou que grandes coisas podem ser conquistadas com as menores mentiras.

- Ele se virou contra vocês. Ele deu o 12º Sistema para todos nós. Ele sacode a cabeça e sorri. Ele sabe que estou falando bobagens.

- E agora vamos atrás de todos vocês - continuo. - Antes que os casulos possam levá-los à nave.

Meu rifle no chão a um metro de seu pé. Não sei onde foi parar a minha pistola. A faca está muito perto, caída entre nós dois. Ele espera que eu tente pegá-la.

Ok, então parece que a mentira não está funcionando. Vou tentar dizer a verdade, mas não tenho grandes esperanças.

- Provavelmente estou desperdiçando meu fôlego, mas você deveria saber que é tão humano quanto eu. Você está sendo usado, como eles estão usando todos os outros. Tudo o que você acha que sabe sobre quem é, tudo de que se lembra, é mentira. Tudo.

Ele concorda, sorrindo como se sorri para um louco. Essa é sua deixa, Constance. Salte das sombras e enterre a faca nas costas dele. Mas Constance não entra.

- Estou um pouco perdido - ele diz. - O que devo fazer com você?

- Não sei - respondo com honestidade. - O que eu sei é que vou pegar essa faca e sangrá-lo como a um porco.

Não olho para a faca. Sei que se olhar não vou ter a mínima chance, ele vai entender meu ardil no mesmo instante. Ao não olhar, eu o obrigo a olhar. Ele olha para baixo somente por um segundo, mas um segundo é mais do que preciso.

A ponta de minha bota com bico de aço o atinge sob o queixo e seu pequeno corpo voa três metros antes de cair com um baque forte. Antes que ele consiga se pôr em pé, a faca deixa minha mão e dispara até sua garganta; ele salta para o ar e apanha a faca na descida, um movimento tão perversamente gracioso que não posso deixar de admirá-lo.

Mergulho para o rifle. Ele chega antes. Seu punho atinge a minha têmpora e caio. Minha boca bate no chão; meu lábio superior se abre. Aí vem. Agora ele vai cortar a minha garganta. Ele vai pegar o rifle e explodir meus miolos. Sou medíocre, uma amadora, uma novata ainda se adaptando ao aperfeiçoamento com que ele vive desde os 13 anos.

Ele torce um punhado dos meus cabelos com a mão e me joga de costas. Com a boca cheia de sangue, sinto ânsia. Ele se avulta

sobre mim, todo o seu metro e sessenta, a faca em uma das mãos, o rifle na outra.

- Quem é você?

Cuspo o sangue que se juntou na boca.

- Meu nome é Especialista.

- De onde você é?

- Bem, eu nasci em São Francisco...

Ele chuta minhas costelas. Não com força total. Força total teria perfurado um pulmão ou arreventado meu baço. Ele não quer me matar... ainda não.

- Por que está aqui?

Olho em seus olhos e respondo.

- Para matar você.

Ele joga o rifle para longe. A arma percorre uns 100 metros, descreve um arco sobre a rodovia e cai no campo ao lado. Ele me agarra pela garganta e me ergue no ar. Os dedos do meu pé deixam o chão. A cabeça dele vira: o corvo curioso, a coruja alerta.

Não há defesa contra o próximo ataque. Sua consciência se lança para dentro de mim, um golpe selvagem que penetra minha mente com tanta força que meu sistema autonômico se fecha. Sou mergulhada em uma escuridão completa. Nenhum som, nenhuma imagem, nenhuma sensação. A mente dele tritura a minha e o que sinto nele é um ódio maior do que o universo, uma raiva pura e repulsa total e, por mais estranho que pareça, inveja.

- Ahhhh - ele suspira. - Quem você procura? Não os que estavam perdidos. Uma garotinha, um menino triste e emotivo. Eles morreram para que você pudesse viver. Sim? Sim. Ah, como você é só. Como é vazia!

Estou abraçando Teacup no velho hotel, lutando para mantê-la aquecida. Navalha está me abraçando nas entranhas da base, lutando para manter-me viva. É um círculo, Zumbi, envolto em medo.

- Mas há outro - o padre murmura. - Humm. Você sabe. Você já descobriu?

Seu riso baixo é interrompido de repente. Eu sei por quê. Não há suposições. Somos um. Ele trouxe Constance à memória e o seu

sorriso idiota e insípido.

Ele me joga para longe como jogou o rifle: com desdém, um pedaço inútil de lixo humano. O hub prepara meu corpo para o impacto. Há muito tempo para isso enquanto navego pelo ar. Chocome de encontro ao parapeito podre da casa branca da fazenda. A madeira explode com um ruído forte quando as velhas tábuas de madeira racham debaixo de mim. Fico deitada imóvel. O mundo gira.

Pior do que a surra física, porém, foi a agressão à minha mente. Não consigo pensar. Imagens fragmentadas, desconectas, explodem e se materializam, dissipam-se e florescem de novo. O sorriso de Zumbi. Os olhos de Navalha. O cenho franzido de Teacup. Depois, o rosto de Vosch, cortado na pedra, maciço como uma montanha, e os olhos que penetram no fundo, que vêem tudo, que me conhecem.

Rolo para o lado. Meu estômago se revira. Vomito nos degraus da varanda até que nada mais reste no meu estômago, e então vomito mais.

Você tem que levantar Especialista. Se você não se levantar, Zumbi vai estar perdido.

Tento ficar em pé. Caio.

Tento me sentar. Viro para o lado.

O padre Silenciador os sentiu dentro de mim, pensei que eles tinham desaparecido, pensei que os tinha perdido, mas você nunca perde quem o ama, porque o amor é uma constante; o amor persevera.

Os braços de alguém me levantam: os de Navalha.

As mãos de alguém me firmam: as de Teacup.

O sorriso de alguém me dá esperança: o de Zumbi.

Eu deveria ter dito a ele quando tive a chance quanto adoro o jeito como sorri.

Eu me levanto.

Navalha levantando, Teacup firmando, Zumbi sorrindo. Você sabe o que fazer quando não pode levantar e marchar, soldado? Vosch pergunta. Você rasteja.

ZUMBI

Ao norte de Urbana, a velha rodovia corta fazendas, campos abandonados de ambos os lados emitindo um brilho cinza-prateado sob a luz das estrelas cintilantes, as cascas queimadas das casas das fazendas, sardas negras de encontro ao brilho. As cavernas estão a 15 km enquanto o corvo voa para o nordeste, mas não sou um corvo; não vou deixar esta rodovia e arriscar me perder. Se mantiver o ritmo sem parar para descansar, devo chegar ao meu objetivo antes do amanhecer.

Essa vai ser a parte fácil.

Assassinos super-humanos parecidos com qualquer um - por exemplo, um cidadão idoso doce cantando hinos. Criancinhas com bombas inseridas na garganta vagando perto de acampamentos e esconderijos. Isso não é exatamente um estímulo à hospitalidade para com estranhos.

Vai haver sentinelas, bunkers escondidos, ninhos de atiradores, talvez um pastor-alemão ou um ou dois dobermanns ferozes, arames farpados, armadilhas. O inimigo destruiu parte da cola fundamental que nos une, transformando cada estranho em um intolerável outro. Isso é engraçado, uma espécie de graça doentia: depois que os alienígenas chegaram, nós nos transformamos em alienígenas.

O que significa que a probabilidade de eles atirarem em mim ao me ver são muito altas. Tipo perto dos 99,9%.

Ah, bem, só se vive uma vez, certo?

Olhei o mapa impresso nas costas do folheto tantas vezes que ele ficou gravado em minha memória. US 68 norte para SR 507. SR 507 leste para SR 245, Então um quilômetro para o norte e você chegou. Fácil, fácil, sem problemas. De três a quatro horas de

passos rápidos com o estômago vazio sem descanso ou sono e o sol nascendo.

Preciso de tempo para um reconhecimento. Não tenho tempo. Vou precisar de um plano para abordar uma sentinela hostil. Não tenho plano. Vou precisar das palavras certas para convencê-los de que eu sou um dos caras bonzinhos. Não tenho palavras. Eu só tenho a minha personalidade decidida e um sorriso fascinante.

No cruzamento da 507 e da 245, há uma placa da altura de minha cintura com uma grande flecha cor de ferrugem apontando para o norte:

Cavernas Ohio. O chão se eleva; a rodovia avança em arcos em direção das estrelas. Ajusto minha ocular e examino a floresta à esquerda à procura de um brilho verde. Caio de bruços perto do alto da colina e rastejo o resto do caminho até o topo. Uma estrada de acesso pavimentada serpenteia em meio a mais árvores na direção de um grupo de edifício, minúsculas manchas negras de encontro ao cinza. A 50 metros há dois marcadores de pedra com placas brancas montadas no alto: CO.

Avanço aos poucos do jeito que aprendemos no campo, o corpo colado ao chão: o rosto na terra, rifle em uma das mãos, a outra estendida para a frente. Nesse ritmo, vou chegar às cavernas só depois do meu 26º aniversário, mas isso é preferível a não estar vivo para comemorá-lo. Paro a cada poucos metros para erguer a cabeça e sondar o terreno. Árvores. Grama. Um emaranhado de fios elétricos caídos. Lixo. Um tênis minúsculo caído de lado.

Depois de mais 100 metros - e outros 100 metros depois - meus dedos estendidos roçam em metal. Não levanto a cabeça; puxo o objeto para diante do meu rosto.

Um crucifixo.

Um arrepio persegue minha coluna. Não tive tempo para pensar, Sullivan me disse. Vi a luz se refletindo do metal. Pensei que fosse uma arma. Então eu o matei. Por causa de um crucifixo, eu o matei.

Queria que ela nunca tivesse me contado essa história. Se eu não soubesse das coisas, iria considerar encontrar um crucifixo ao acaso na terra um bom sinal. Talvez eu até ficasse com ele para ter sorte.

Em vez disso, ele parece um grande gato preto atravessando meu caminho. Eu tenho Jesus caído na terra.

Shussh, shussh, pausa. Olho. *Shussh, shussh*, pausa. Olho. Agora consigo ver edifícios, uma loja de presentes e um centro de boas-vindas, os restos de um poço de pedra. Além dos edifícios, serpenteando entre espaços em forma de árvores no escuro, está uma bolha de luz verde brilhante do tamanho da unha de um polegar vindo diretamente em minha direção.

Fico paralisado. Estou totalmente exposto. Não tenho onde me esconder. A bolha fica maior, agora acompanhando a frente do centro de boas-vindas. Apoio-me nos cotovelos e o vejo pela mira do M16. Ele é um sujeito tão pequeno que pensei que fosse uma criança.

Calça preta, camisa preta, um colarinho que em dias melhores foi branco.

Parece que encontrei do dono do crucifixo.

Provavelmente deveria atirar nele antes que ele me veja.

Ah, que idiota. Que idéia boba. Atire nele e você vai ter todo o acampamento querendo o seu traseiro. Atire somente se atirarem em você. Você está aqui para salvar pessoas, lembra?

O homem de preto com a cabeça de bolha verde desaparece na esquina do edifício. Conto os segundos. Quando chego a 120 e ele não reaparece, rastejo até a árvore mais próxima, onde limpo a grama seca e a terra do meu rosto e tento controlar a respiração e os pensamentos, nessa ordem. Saio-me melhor na parte da respiração.

Agora entendo por que Vosch passou por cima de Especialista e me promoveu como líder do esquadrão. Decididamente, ela era a opção mais sensata: mais esperta do que eu, melhor atiradora, instintos mais aguçados. Mas eu fui o escolhido porque tinha algo que ela não tinha: lealdade cega para com a causa, uma fé inquebrantável em seu líder. Ok, na verdade, são duas coisas. Tanto faz. O que quero dizer é que a fé sempre leva a melhor sobre a esperteza. A coragem bate o cérebro. Pelo menos isso é verdade quando se quer que qualquer exército de bufões mal orientados e

suicidas se disponha a sacrificar vidas para que o inimigo não tenha que fazer o mesmo.

Não posso me esconder aqui para sempre. E não deixei Dumbo para trás para que pudesse morrer enquanto me escondo com o traseiro para cima esperando que uma idéia salte deste cérebro Cro-Magnon com que fui abençoado.

Decido que preciso mesmo de um refém.

A idéia só surge cinco minutos depois que o candidato perfeito desaparece.

Espio em volta da árvore para o centro de boas-vindas. Nada. Levanto--me e vou até a árvore mais próxima, paro, abaixo-me, espio. Nada. Duas árvores depois e cerca de 50 metros mais perto, eu ainda não o vejo. Provavelmente ele apenas encontrou um lugar reservado para urinar. Ou já está embaixo, seguro e aquecido, dizendo para Especialista que tudo está bem lá fora enquanto ele delicadamente nina Teacup para que durma.

Tenho tido fantasias sobre essas cavernas desde que Especialista partiu, só que sem o padre, nas quais ela e Teacup ficam aquecidas e secas e bem alimentadas durante todo este maldito inverno interminável. Penso no que vou dizer quando finalmente a vir. No que ela vai me dizer. Como a frase perfeita talvez finalmente a faça sorrir. Uma parte de mim está convencida que esta guerra interminável vai terminar quando eu conseguir arrancar um sorriso dessa garota.

Ok, decido, esqueça o padre. Esse centro de boas-vindas deve ter gente. Posso acabar com meia dúzia de reféns em vez de um, mas a cavalo dado não se olham os dentes. Preciso entrar nessas cavernas imediatamente.

Sondo o terreno, planejo minha rota, mentalmente ensaio o ataque. Restame uma granada de flash. Tenho o elemento surpresa. Surpresa é bom. Tenho meu rifle e a pistola de Dumbo. Provavelmente não vai ser suficiente. Vou estar em desvantagem, o que significa que vou morrer. O que significa que Dumbo vai morrer.

Há uma única janela à minha frente. Vou quebrá-la com a coronha do rifle, jogar a granada e então correr em volta do edifício

até a porta da frente. Seis segundos, no máximo. Eles não vão saber o que os atingiu.

Seja como for, essa vai ser a minha história quando eu contar aos meus netos sobre este dia: eu estava tão focado na janela que me esqueci de olhar para onde estava indo.

Gostaria de ter outra explicação para a razão de ter caído neste maldito buraco de quase dois metros de largura e o dobro de profundidade, um buraco impossível de não se ver, mesmo no escuro, não apenas por causa do tamanho, mas pelo que continha.

Corpos.

Centenas de corpos.

Corpos grandes, corpos pequenos, corpos médios. Corpos vestidos, corpos semivestidos, corpos nus. Corpos mortos recentemente e corpos mortos não tão recentemente. Corpos inteiros, partes de corpos e partes que antes se encontravam dentro de corpos, mas não estavam mais.

Fiquei mergulhado até os quadris na massa pegajosa e fedorenta, e meus pés chegaram ao fundo - e eu continuava... afundando. Nada em que me apoiar exceto os corpos, que deslizavam para baixo comigo. Fiquei frente a frente com um dos corpos frescos enquanto afundava - como um verdadeiramente fresco, uma mulher de uns 30 anos, os cabelos loiros em-plastrados de sangue e terra, dois olhos negros, a face com um inchaço do tamanho do meu punho, a pele ainda rosada, os lábios cheios. Ela não podia estar morta há mais de algumas horas.

Eu me viro. Prefiro encarar dúzias de faces apodrecidas do que uma que parece viva.

Agora estou mergulhado até os ombros e ainda sou sugado para baixo. Vou ser sufocado por restos humanos. Vou me afogar na morte. É tão metaforicamente ridículo que quase solto uma gargalhada.

E então dedos agarram minha garganta.

Então seus lábios frios decididamente-não-mortos junto do meu ouvido:

- Não faça nenhum barulho, Ben. Finja-se de morto.

Ben? Tento virar a cabeça. Impossível. As mãos dela são fortes demais.

- Só temos um tiro - a voz sussurra. - Então não se mova. Ele sabe onde estamos agora e está vindo.

Uma sombra se ergue na beira do fosso, formando uma silhueta contra o esplendor de estrelas acima, uma figura pequena, a cabeça inclinada para o lado, escutando. Nem penso a respeito: prendo a respiração e fico imóvel, observando o sujeito por olhos semicerrados. Ele está segurando um objeto de formato familiar na mão direita. Uma faca de combate KABAR, instrumento padrão de todos os recrutas.

Os dedos da mulher se afrouxam em minha garganta. Ela também ficou imóvel. Em quem devo confiar? Nele, nela, em nenhum dos dois?

Passam-se 30 segundos, um minuto, dois. Não me movo. Ela não se move. Ele não se move. Não vou conseguir prender a respiração, ou desistir da decisão, por muito mais tempo. Vou ter que respirar ou atirar - em alguém. Mas meus braços estão emaranhados com braços mortos e, seja como for, perdi o rifle quando caí. Não sei onde foi parar.

Mas ele sabe, o padre que trocou o crucifixo por uma faca.

- Estou vendo o seu rifle, filho - ele diz. - Suba. Não precisa ter medo. Estão todos mortos e eu sou completamente inofensivo. - Ele se ajoelha na beira do ossário e estende a mão vazia. - Não se preocupe, você pode recuperar o seu rifle. Não gosto de armas. Nunca gostei.

Ele sorri. Então a mulher não morta segura o pulso dele. E então ele voa para dentro do fosso conosco e então a pistola de Dumbo está encostada na têmpora dele e a voz dela diz:

Então você vai detestar esta, e a cabeça do padre explode.

Não tenho certeza, mas acho que essa é minha deixa para sair deste maldito buraco.

Perdi meu rifle. E, de alguma forma, a mulher não-morta ficou com a pistola. Não tenho idéia se ela salvou a minha vida ou apenas começou com o padre e eu sou o próximo.

Empurrar o corpo e rastejar para fora de uma vala comum não era algo em que pensaram no campo. Porque em circunstâncias normais, se você se encontra enterrado até o pescoço em pessoas mortas, a probabilidade é que você também está morto.

- Não vou machucar você - ela diz e mostra um sorriso largo, e isso deve fazer um rosto quebrado doer.

- Então abaixe a arma.

Ela obedece de imediato e levanta as mãos vazias.

- Como você sabe o meu nome? - pergunto. Na verdade, é mais um grito.

- Marika me disse.

- Quem diabos é Marika? - pego a pistola. Ela não tenta me impedir.

- A garota parada atrás de você.

Viro rapidamente para a esquerda, mantendo-a na minha visão periférica. Não há ninguém atrás de mim.

- Olhe, moça, estou tendo um dia péssimo. Quem é você e quem era o sujeitinho que você acabou de matar e onde está Teacup? Onde está Especialista?

- Eu lhe disse, Zumbi - com uma risadinha aguda. - Ela está atrás de você.

Ergo a pistola na direção de seus olhos. Não estou mais confuso ou com medo. Só estou furioso. Não sei se ela é a Silenciadora das cavernas e realmente não me importo. Vou matar todos os estranhos que aparecerem no meu caminho até encontrar alguém que não seja.

Eu sei o que é o quê. Jesus Cristo, claro que sei. Eu sabia antes de deixar a casa de segurança. Foi tudo por nada, nada. Dumbo vai morrer por nada, porque Especialista é nada. Ela está deitada neste emaranhado de corpos, um nada de cabelos de corvo e sem sorriso, juntamente com Teacup, ambas nada, como os outros sete bilhões de nada ocupados em se transformar em moléculas aleatórias de nada. E eu vou ajudar. Eu vou fazer a minha parte. Eu vou matar cada idiota imbecil que tiver o azar de cruzar o meu caminho.

Eles queriam um assassino irracional e frio que ficasse solto no mundo. Eles queriam um zumbi. Agora eles o têm.

Miro o rosto idiota e sorridente e aperto o gatilho.

ESPECIALISTA

Provavelmente vou me arrepender disto.

Manter Constance por perto é como encontrar uma víbora na cama dos filhos. Persegui-la arrisca ferir os filhos mais do que a serpente.

Assim, quase permito que Zumbi atire nela. Foi tentador. Mas um milissegundo antes de a bala ser disparada, bato a mão aberta em seu cotovelo, desviando o tiro. A pistola está na minha mão quando o disparo ressoa.

Ele se vira, a mão fechada em punho voltada para a minha cabeça. Eu a seguro.

O ombro de Zumbi sacode com o impacto - como se ele tivesse golpeado uma parede de tijolos - e então ele abre a boca e arregala os olhos, atônito e incrédulo, uma reação tão comum e previsível que ele quase consegue: ele quase consegue me fazer sorrir.

Quase.

- Especialista? - ele pergunta. Concordo com um gesto de cabeça.

- Sargento.

Os joelhos dele fraquejam. Ele cai em cima de mim e aperta o rosto no meu pescoço e por cima de seu ombro vejo Constance sorrindo para nós. Não tenho certeza de quem está segurando quem nesse momento.

Com o 12º Sistema, derramo-me em seu interior. Onde está a dor, dou-lhe conforto. Onde está o medo, esperança. Onde está ira, paz.

- Está tudo bem - digo a ele, olhando para Constance, ela está comigo. Agora você está seguro, Zumbi. Estamos todos perfeitamente seguros.

Minha primeira mentira para ele. E não vai ser a última.

Ele se desprende dos meus braços. Seus olhos vagueiam pelos campos iluminados pelas estrelas, pela estrada adiante, pelos braços nus e erguidos das árvores. Ele quer perguntar, mas também não quer. Fico tensa, esperando a pergunta. É cruel fazer com que ele a faça em voz alta?

- Teacup? Sacudo a cabeça.

Ele assente. Solta o suspiro profundo que vem segurando. Encontrar--me foi uma espécie de milagre e, quando ocorre um milagre, espera-se outro.

- Aquela merdinha - ele murmura. Desviando o olhar. Campos, estrada, árvores. - Ela escapou de mim, Especialista - ele me lança um olhar duro. - Como?

Digo a primeira coisa que me vem à mente.

- Um deles - mostro o fosso com um gesto de cabeça. A segunda mentira. - Estivemos fugindo deles todo o inverno - a terceira. É como se eu tivesse pulado de um penhasco... ou empurrado Zumbi. Com cada mentira, ele recua, acelerando à medida que caímos.

- Mas não Cup - ele passa por cima do fosso e olha para a massa de restos em decomposição. - Ela está aqui?

Constance salta para a conversa, não sei bem por quê.

- Não. Nós lhe demos um enterro decente. Zumbi olha para ela. Aborrecido.

- Quem. Diabos. É. Você? Ela alarga o sorriso.

- Meu nome é Constance. Constance Pierce. Sinto muito. Sei que não nos conhecemos, mas sinto como se o conhecesse. Marika praticamente SÓ iaia de você.

Fie a fita por um segundo.

- Marika - ele ecoa.

- Essa sou eu - digo. Agora me olhando.

- Você nunca me disse que o seu nome era Marika.

- Você nunca perguntou.

Eu nunca... - ele solta uma risada espremida e sacode a cabeça. Então, sem mais palavras, salta no fosso. Corro para a beirada, pensando que ele perdeu a cabeça, está dando uma de Dorothy, que a morte de Teacup foi a última minúscula gota que o fez desabar. Por que outro motivo ele iria pular ali? Então eu o vejo agarrar o rifle, pendurá-lo no ombro e rastejar de volta para a borda. Seguramos o pulso um do outro e o puxo para fora.

- Onde estão os outros? - ele quer saber.

- Outros? - a palavra detestável.

- Sobreviventes. Eles estão nas cavernas? Sacudo a cabeça.

- Não há sobreviventes, Zumbi.

- Apenas Marika e eu - Constance diz alegremente. Por que ela precisa ser tão absurdamente alegre?

Zumbi a ignora.

- Dumbo levou um tiro - ele informa. - Eu o deixei em Urbana. Vamos embora.

Ele passa por mim e anda na direção da estrada sem olhar para trás. Constance está me observando.

- Ora! Ele não é uma gracinha? Digo a ela que se dane.

-31-

Eu o alcanço e corro ao seu lado. Constance caminha vários metros atrás - fora do alcance normal de ouvidos humanos, mas Constance não é um ser humano normal. Zumbi anda com os ombros curvados, cabeça estendida para frente, olhos disparando para cima, para baixo, para os lados. A estrada se estende à nossa frente, cortando fazendas ondulantes que nunca mais serão fazendas.

- O que Teacup fez foi escolha dela - eu digo. - Não é culpa sua. Ele sacode a cabeça com força e então:

- Por que você não voltou?

Respiro fundo. Hora de mentir outra vez.

- Arriscado demais.

- É. Bem. É tudo por causa do risco, não é? - então: - Pão de Ló está morto.

- Impossível - eu vi a fita de vigilância. Conteí as pessoas na casa de segurança. Se Pão de Ló está morto, quem é a outra pessoa?

- Impossível? Mesmo? - ele replica. Por que acha isso?

- O que aconteceu?

Ele acena a mão para mim como se estivesse afastando um inseto.

- Teve um probleminha depois que você partiu. Longa história. Resumindo: Walker nos encontrou. Vosch nos encontrou. Uma Silenciadora nos encontrou. Então Pão se explodiu - ele fechou os olhos brevemente e logo os abriu de novo. - Passamos o inverno na casa de segurança da Silenciadora morta. Nós temos quatro dias, por isso Bo e eu decidimos procurar vocês - ele engole. - Porque eu decidi.

- Quatro dias para quê?

Ele me olha e o sorriso que aparece em seu rosto é assustador.

- Para o fim do mundo.

-32-

Então ele me conta o que aconteceu em Urbana.

- O que você acha disso, hein? - minha primeira morte na guerra, e é uma velha senhora que gosta de gatos.

- Só que ela não estava ali por acaso e não gostava de gatos.

- Nunca vi tantos gatos.

- Velhinhas que gostam de gatos não comem seus bichinhos.

- Mas era uma provisão de comida útil. Você imaginaria que depois de algum tempo os gatos ficariam espertos.

Ele parece o velho Zumbi, o que deixei para trás no hotel infestado de ratos usando um ridículo blusão com capuz amarelo enquanto flertava comigo. A voz está correta, mas a aparência está errada: olhos inquietos, baixos, que denotam falta de sono, boca acinzentada, faces camufladas com sangue seco. Ele olha para Constance, depois abaixa um pouco a cabeça e abaixa a voz.

- E qual é a história dela?

- Uma história normal - começo. Aqui vai a mentira número 5. - Escapou da praga em Urbana, foi para o norte em direção das cavernas depois que a família morreu. Ela acha que 200 pessoas estavam escondidas ali quando caiu a primeira neve da estação. Então o padre apareceu. Perto do Natal - acrescento, um detalhe lindamente irônico. Não se pode contar uma boa história sem um ou dois detalhes como esse. Respiro fundo e continuo:

- Ninguém percebeu no início. Alguém some uma noite, bem, talvez tenham entrado em pânico e se mandaram. Certo dia, eles acordam e percebem que metade da população se foi. Você sabe o que acontece em seguida, Zumbi. Paranoia. Pessoas formando facções, alianças. Sua reação tribal básica. Essa pessoa é acusada. Aquela pessoa. Dedos apontando em todos os lugares e, no meio de tudo, o padre tentando manter a paz.

Continuo a matraquear. Acrescentando detalhes, nuances um trecho de conversa aqui e ali. Fico surpresa com a facilidade com

que as bobagens fluem de minha boca. Mentir é como matar: depois da primeira, cada uma que se segue fica mais fácil.

Por fim, inevitavelmente, o padre é descoberto como um Silenciador. A violência se instala. Quando os sobreviventes compreendem que não são páreo para ele, é tarde demais. Constance mal consegue escapar, voltando para Urbana e passando de uma casa abandonada para outra, por pura sorte ficando em uma área entre o território da dona dos gatos e a do padre - um lugar que raramente é patrulhado pelos dois.

- Foi ali que nos encontramos - conto a ele. - Ela me avisou sobre as cavernas e desde então nós...

- Teacup - ele dispara. Ele não dá a mínima para as Aventuras de Constance e Especialista. - Conte sobre Teacup.

- Ela me encontrou - digo sem pensar. A verdade. Agora a próxima mentira. Sexta? Sétima? Perdi a conta. Essa mentira para mudar a carga de seus ombros curvados para os que a merecem. - Ao sul de Urbana. Eu não sabia o que fazer. Não queria arriscar levá-la de volta. Não queria arriscar levá-la comigo. Então essa escolha me foi tirada.

- A dona dos gatos - ele murmurou. Concordo aliviada.

- Assim como Dumbo, só que Teacup não teve tanta sorte.

Viu, Zumbi, fui eu quem a perdeu, e foi você quem a vingou. Não exatamente uma absolvição, mas o mais perto que posso chegar de uma.

- Diga que foi rápido.

- Foi rápido.

- Diga que ela não sofreu.

- Ela não sofreu.

Ele vira a cabeça e cospe na beira da estrada. Um gosto ruim na boca dele.

- Alguns dias, você disse. Vou procura los e volto em alguns dias.

- Não faço as regras, Zumbi. As chances...

- Ah, pegue as chances e as enfie na goela. Você deveria ter voltado. O seu lugar é com a gente, Especialista. Somos tudo o que tem e você nos deixou.

- Não foi isso que aconteceu, e você sabe.

Ele para de repente. Sob a máscara cor de ferrugem, seu rosto está muito vermelho.

- Não se foga das pessoas que precisam de você. Você luta por elas. Você luta do lado delas. Não importa o preço. Não importa o risco - ele cospe a palavra. - Pensei que você tinha entendido isso. Você me disse em Dayton que entendeu. Você disse que era especialista nas coisas importantes, e acho que você é, se o que importa é salvar-se enquanto o resto do mundo queima.

Eu não digo nada, porque ele não está falando comigo. Eu sou o espelho.

- Você não deveria ter partido - ele continua. - Nós precisávamos de você. Se você não tivesse partido, Teacup ainda estaria viva. E, se você tivesse voltado talvez Pão de Ló estivesse vivo. Em vez disso, você decidiu passar o tempo com uma total estranha, a gente que se danasse, e agora o sangue de Dumbo também está nas suas mãos - ele aponta um dedo no meu rosto. - Se ele morrer, a culpa é sua. Dumbo veio procurar você.

- Ei, crianças, está tudo bem? - Constance, o sorriso transformado em uma careta de preocupação.

- Ah, claro - Zumbi replica. - Só estamos discutindo onde deveremos ir jantar. Chinês parece bom para você?

- Bem, está mais perto do café da manhã - Constance responde animada. - Eu realmente gostaria de algumas panquecas.

Zumbi olha para mim.

- Ela é engraçada. Você deve ter se divertido neste inverno.

A expressão preocupada de Constance desaparece. Seu lábio inferior estremece. Então ela irrompe em lágrimas e desaba no asfalto, apoiando os cotovelos nos joelhos e enterrando o rosto marcado nas mãos. Zumbi assiste à cena por um momento longo e desconfortável.

Sei o que ela está fazendo: o melhor martelo para quebrar os elos da desconfiança é a solidariedade humana natural. A piedade matou mais pessoas do que o ódio.

Quando o dia de Zumbi chegar, não vai ser outra pessoa a traí-lo será o seu coração.

Ele olha para mim. O que há com essa mulher?

Dou de ombros. Quem sabe? Minha apatia alimenta a sua pena, ele cede e se ajoelha ao lado dela.

- Ei, escute, eu fui um imbecil, desculpe.

Constance resmunga algo que soa como panquecas. Zumbi toca seu ombro com delicadeza.

- Ei, Connie... É Connie, não é?

- *Constan-stan...*

- Certo, Constance. Tenho um amigo, Constance. Ele está muito ferido e preciso voltar para ele. Agora. - esfregando o ombro dela. - Agora mesmo.

Fico enojada e me viro. No horizonte ao leste, uma faixa rosada e brilhante. Outro dia perto do fim.

- Eu só... eu só não sei... quanto mais... posso aguentar... - Constance está gemendo, agora de pé e inclinando todo o corpo para perto de Zumbi, uma das mãos em seu ombro, uma donzela não-tão-jovem-e-linda atormentada. Se eu tivesse que dar um nome de guerra a Constance, eu escolheria Puma.

Zumbi me olha: uma ajudinha aqui?

- Claro que você aguenta mais - digo para ela, o estômago ainda revirado. Desejo que o hub cuide de minhas entranhas. - E então você vai aguentar um pouco mais, depois um pouco mais e, depois disso, um pouco mais - eu a puxo para longe dele sem delicadeza. Ela funga alto, agindo com exagero.

- Por favor, não seja má comigo, Marika - ela choraminga. Você é sempre tão má.

Ah, amado Deus.

- Olhe - Zumbi diz, pegando-a pelo braço. - Ela pode andar comigo. E você devia mesmo cobrir a retaguarda, Especialista.

- Ah, sim - Constance ronrona. - Cubra a retaguarda, Marika!

O mundo gira. O chão se mexe. Tropeço alguns metros para fora da estrada e me inclino para frente, ponto em que tudo no meu estômago sai em uma golfada violenta.

Uma mão nas minhas costas: a de Zumbi.

- Ei, Esp, mas que diabos...
- Estou bem - digo ofegante, sacudindo o corpo para me livrar de sua mão. - Deve ser o coelho malpassado - outra mentira nem mesmo necessária.

Meio da manhã, centro de Urbana, sob um céu sem nuvens, temperatura 40. É possível sentir sua chegada. Primavera.

Zumbi e Constance correm para o café enquanto vigio a rua. Da porta, escuto um grito assustado e então ele atravessa o chão traiçoeiro coberto de grãos de café até onde me encontro.

- O que foi?

Ele passa por mim e vai para a rua, olhando para a direita, para a esquerda, depois volta outra vez. Constance se aproxima e diz:

- Parece que o garoto se foi.

No meio da rua principal, Zumbi joga a cabeça para trás e uiva o nome de Dumbo. Como que zombando, o eco ricocheteia e volta até ele. Aproximo-me dele rapidamente.

- Gritar provavelmente não é uma boa idéia, Zumbi.

Sua resposta é um olhar arregalado e obtuso. Então ele se vira e corre pela rua, chamando repetidas vezes, Dumbo! Dumbo! e Dumbo, seu idiota, onde você está? Ele volta para nós depois de algumas quadras, sem fôlego e trêmulo de pânico.

- Alguém o levou.

- Como você sabe? - pergunto.

- Você tem razão, eu não sei. Obrigada pela injeção de realidade, especialista. Provavelmente ele levantou e correu até a casa de segurança, só que há o fato inconveniente de que ele levou um tiro nas costas.

Ignoro o sarcasmo.

- Não acho que alguém o levou, Zumbi. Ele ri.

- Certo. Esqueci. Você é quem tem as respostas. Vamos lá, o suspense está me matando. O que aconteceu com Dumbo, Especialista?

- Não sei - respondo. - Mas não acho que alguém o levou, porque não sobrou ninguém para levá-lo. A sua velha dos gatos deve ter cuidado disso.

Começo a descer a rua. Ele me observa durante alguns segundos e então grita as minhas costas:

- Onde diabos você está indo?

Para a casa de segurança, Zumbi. Você não disse que fica ao sul da rodovia 68?

- Inacreditável! - ele irrompe em uma torrente de imprecizações. Continuo andando. Então ele grita: - Que raios aconteceu com você aqui? Onde está a Especialista que me disse que todos são importantes?

- Malvada - Constance sussurra para ele. Eu a escuto com clareza. -Eu não disse?

Continuo andando.

Cinco minutos depois, encontro Dumbo enroscado na base de uma barricada que se estende em toda a calçada da rua principal. Que ele tenha conseguido chegar até ali, cerca de dez quarteirões de onde foi atingido, é extraordinário. Ajoelho-me ao lado dele e aperto os dedos em sua garganta. Assobio alto. Quando Zumbi chega correndo ao local, ele está sem fôlego e pronto para desabar. Constance também está assim, só que seu cansaço é uma representação.

- Como diabos ele chegou até aqui? - Zumbi se pergunta em voz alta. Ele olha em volta desesperado.

- Do único jeito que podia - respondo. - Rastejando.

Zumbi não pergunta por que Dumbo iria se arrastar por dez quadras com muita dor e com uma bala nas costas. Ele não pergunta, porque sabe a resposta. Dumbo não estava fugindo do perigo ou procurando ajuda: Dumbo estava procurando o seu sarge.

É mais do que Zumbi pode suportar. Ele cai de encontro à barricada, tentando respirar, o rosto erguido para o céu. Perdido, encontrado, morto, vivo, o ciclo se repete; não há escapatória, não há adiamento. Zumbi fecha os olhos e espera que a respiração desacelere, o coração se acalme. Uma pequena pausa antes de recomeçar: a próxima perda, a próxima morte.

Sempre foi desse jeito, eu quis lhe dizer. Suportamos o insuportável. Toleramos o intolerável. Fazemos o que precisa ser feito até que nós mesmos nos desfaçamos.

Aproximo-me de Dumbo e levanto sua camisa. A atadura está encharcada. O chumaço debaixo da atadura está saturado. Se ele não estava se esvaindo em sangue antes, está agora. Aperto a mão em sua face cinzenta. Sua pele está fria, mas vou além dela. Vou entrar nele. Ao meu lado, Constance observa; ela sabe o que estou fazendo.

- É tarde demais? - ela pergunta.

Dumbo sente o meu interior. Suas pálpebras se agitam, seus lábios se entreabrem e a respiração sai ruidosa por sua boca aberta. Na penumbra de sua consciência, uma pergunta, uma necessidade dolorosa. Eu vou para onde você for.

- Zumbi - murmuro. - Diga algo para ele.

Para viver, Dumbo precisaria de uma transfusão de sangue substancial que ele não vai receber.

Mas ele não rastejou dez quarteirões com uma dor lancinante para isso. Não foi por isso que ele perseverou.

- Diga que ele conseguiu Zumbi. Diga que ele o encontrou.

Uma luz cintila ao longo da borda de um horizonte infinito. Nessa luz o coração encontra o que o coração procura. Nessa luz, Dumbo vai para onde seu amado Zumbi vai. Nessa luz, o garoto chamado Ben Parish encontra sua irmãzinha. Nessa luz, Marika salva a garotinha chamada Teacup. Nessa luz há promessas cumpridas, sonhos realizados, tempo resgatado.

E a voz de Zumbi, empurrando Dumbo na direção da luz:

- Você conseguiu, soldado. Você me encontrou.

Nenhuma escuridão se abatendo. Nenhuma queda interminável para a ausência de luz. Tudo era luz quando senti a alma de Dumbo partir para o horizonte.

Perdido, encontrado, e tudo era luz.

III

O terceiro dia



ZUMBI

Não vou deixar Dumbo apodrecer onde caiu. Não vou deixá-lo para os ratos, para os corvos e para as moscas-varejeiras. Também não vou queimá-lo. Não vou abandonar seus ossos para serem espalhados por abutres e comidos por vermes.

Vou cavar uma sepultura para ele na terra fria e obstinada. Vou enterrá-lo com seu estojo de primeiros socorros, mas sem o rifle. Dumbo não era um matador; ele era um curador. Ele salvou minha vida duas vezes. Não, três vezes. Preciso contar a vez em que disse a Especialista onde me atingir naquela noite em Dayton.

Há dezenas de bandeiras desbotadas em toda a barricada. Vou marcar sua sepultura com elas. O tecido vai desbotar mais e ficar branco. Os espigões de madeira vão cair e se desintegrar lentamente. Ou, se Walker não conseguir explodir a nave mãe, as bombas que virão não vão deixar nada para trás, nenhuma bandeira, nenhuma sepultura, nenhum Dumbo.

Então a terra vai assentar e a grama vai crescer sobre meu amigo, cobrindo-o com um cobertor verde vivo.

- Zumbi, não temos tempo - Esp me informa.

- Há tempo para isso.

Ela não discute mais. Tenho certeza de que há uma dúzia de argumentos que ela poderia apresentar, mas ela se cala.

É mais que meio-dia quando termino. Cristo amado, o dia ficou absurdamente lindo. Estamos sentados no monte de terra recém-revirada e eu tiro as últimas barras de proteínas para dividirmos. Especialista dá algumas minúsculas mordidas e então enfia o resto no bolso da jaqueta.

- O coelho? - pergunto.

Ela resmungava qualquer coisa. A mulher chamada Constance engole a barra dela. Por falar em coelhos: os olhos dela disparam ao redor como os de um, o nariz se contorcendo como que farejando o ar atenta ao perigo. O rifle de Dumbo está no chão ao lado dela. E ela se recusou a pegá-lo. Disse que tinha um problema com armas. Como, é mesmo? Como viveu até agora?

Outra coisa estranha: o padre Silenciador tinha dito algo muito parecido sobre armas - exatamente antes de Constance estourar seus miolos com a minha.

- Alguém quer dizer alguma coisa? - pergunto.

- Eu mal o conhecia - Especialista responde.

- Eu não o conhecia - Constance diz. Talvez ela pense que isso soou ríspido, porque acrescenta: - Pobre garoto.

- Ele era de Pittsburgh. Ele adorava os Packers. Vídeogames. Ele adorava jogar - respirei fundo. Droga. Não parecia muita coisa. Na verdade, nada. Call of Duty. Quase um profissional.

E Especialista diz:

- Ironia.

- Tenho certeza de que ele era um garoto muito doce - Constance ajunta. Sacudo a cabeça.

- Eu nem sabia o nome dele - então, para Esp.: - Agora somos só nós dois.

- O que você quer dizer?

- Esquadrão Cinco-três. Somos os últimos - estalo os dedos. - Cristo, esqueci Nugget. Três, então. Quem iria pensar, hein, naquela época? Que seríamos apenas nós três. Bem, eu teria apostado uma grana em você. Não que dinheiro signifique alguma coisa agora. Ou a minha opinião. Jesus, Nugget é uma criança indestrutível. Mas eu? Nunca. Nunca, nem em um milhão de anos. Eu deveria ter morrido tantas vezes que até perdi a conta.

- Você está aqui por um objetivo - Constance se inclina para mim e aponta meu peito. - Há um lugar especial neste plano para você.

- Que plano? De Vosch?

- De Deus! - ela olha para Especialista, depois para mim. - Um lugar para todos nós.

Estou olhando para o monte de terra aos meus pés.

- Qual era o lugar dele? Que objetivo Deus tinha para Dumbo? Levaram uma bala por mim para que eu pudesse seguir o meu objetivo, seja lá qual for?

- Acho que você está certo, Zumbi - Especialista diz. - Não tem significado. É só sorte.

- Certo. Sorte. Minha sorte. Azar dele. Como tropeçar em Constance escondida naquele fosso e depois você tropeçando em nós dois.

- Sim, como isso - sem expressão.

- Por falar em contrariar as probabilidades... Você sabe como é isso,

Esp?

- Como é, Zumbi? - a voz dela, também sem expressão, sem inflexão, sem emoção.

- Um daqueles momentos impossíveis nos filmes. Você sabe do que estou falando. A coisa que faz você sacudir a cabeça e dizer não pode ser. Os mocinhos aparecendo na hora "h". Os bandidos de repente bancando os bobos. Estraga tudo para você. Faz tudo cair por terra. O mundo real não funciona desse jeito.

- São os filmes, Zumbi - Esp diz. Ficando muito quieta. Ela sabe onde isso vai dar. Ela sabe. Nunca conheci ninguém mais esperto. Ou mais assustador. Algo nessa garota me deixa apavorado. Sempre deixou, desde o primeiro dia em que a vi no campo, observando-me fazendo flexões no pátio até o sangue formar poças debaixo de minhas mãos. O jeito com que ela olha para a gente, abrindo a pessoa como um peixe na tábua de corte. E fria. Não a frieza de um freezer ou o frio deste maldito inverno interminável. O frio do gelo seco. O frio que queima.

- Ah, os filmes! - Constance fala com suavidade. - Como sinto falta dos filmes!

Para mim chega. Estou cheio. Aponto a pistola para a cabeça de Constance.

- Toque nesse rifle e vou matar você. Mexa-se um centímetro e você vai morrer.

-36-

A mulher abre a boca. Suas mãos voam para o peito. Ela começa a dizer algo e levanto a mão livre.

- E nada de falar. Falar também vai fazer com que morra - para Especialista, mas mantendo os olhos em Constance: - Você pode falar agora. Quem é essa pessoa?

- Eu lhe disse Zumbi...

- Você é boa em muitas coisas, Esp, mas é péssima quando mente. Alguma coisa está muito errada aqui. Diga o que é e não acabo com ela.

- Estou sendo sincera. Você pode confiar nela.

- A última pessoa em que confiei jogou cozido de gato na minha cara.

- Então não confie nela. Confie em mim.

Olho para ela. Rosto inexpressivo, olhar apagado e o frio que queima.

- Zumbi, eu nunca mentiria para você - Especialista diz. - Sem Constance, eu não teria atravessado o inverno.

- É, conte como você fez isso. Diga como sobreviveu todo o inverno no esconderijo mais evidente no território de um Silenciador sem morrer congelada e de fome ou ser esfaqueada. Conte.

- Eu sei o que precisa ser feito.

- Hein? Que diabos isso quer dizer?

- Juro, Zumbi, ela é legal. Ela é uma de nós.

A arma está tremendo. Porque a minha mão está tremendo. Levanto a outra para sustentar meu pulso.

Constance está olhando para Especialista.

- Marika.

- Ok, e tem mais uma coisa! - grito. - Você nunca contaria seu nome a ela, não em um milhão de anos. Droga, você nem contou para mim.

Especialista desliza para o espaço entre mim e Constance. Seus olhos não estão tão apagados agora, o rosto não é mais uma máscara. Já vi esse olhar antes, em Dayton, quando ela sussurrou, Ben, nós somos a 5ª Onda, determinada a me convencer, desesperada para que eu acreditasse.

- Como você sabe que ela é uma de nós? - pergunto. Na verdade, eu mais que imploro. - Como você pode saber?

- Porque estou viva - ela responde e estende a mão.

A atitude mais segura - para mim, para ela, para as pessoas que ficaram na casa de segurança - é ignorá-la e matar a estranha. Não tenho escolha. O que significa que não tenho responsabilidade. Não posso ser censurado por seguir as regras que o inimigo criou.

- Afaste-se, Esp.

Ela sacode a cabeça. Sua franja negra balança para frente e para trás.

- Não vai acontecer, sargento.

Seus olhos escuros fixos, a boca firme, todo o corpo inclinado para mim, e a mão esperando a arma tremendo na minha. Arrisquei tudo para resgatá-la e duvido que ela esteja se arriscando para me salvar.

Os Outros perderam mais do que uma espécie de Silenciadores no mundo, mais do que uma espécie de infestados. Eu o sinto dentro de mim, aquele que iria partir minha alma em dois. E eles não precisavam vir gazilhões de anos-luz para trazê-lo aqui. Ele sempre esteve aqui, dentro, o Silenciador Interior.

- O que está acontecendo conosco, Esp?

Ela balança a cabeça. Ela sabe exatamente de onde venho. Sempre soube.

- Ainda temos uma escolha - ela responde. - Eles querem que a gente acredite que não temos, mas é mentira, Zumbi. A maior de todas.

Atrás dela, Constance choraminga.

- Eu sou humana.

É assim que acontece. Essas vão ser as últimas palavras do último que restar. Eu sou humano.

- Nem sei mais o que isso significa - digo a Especialista, para mim mesmo, para ninguém em especial.
Mas largo a arma na mão de Especialista.

-37-

SAM

A porta da frente se abriu com violência e Cassie irrompeu da varanda segurando o rifle.

- Sam! Depressa, acorde Evan. Alguém...

Ele não esperou o resto. Correu pelo corredor até o quarto de Evan. Zumbi tinha voltado; Sam tinha certeza.

Evan não estava dormindo. Ele estava sentado na cama, olhando para o teto.

- O que foi, Sam?

- Zumbi voltou.

Evan sacudiu a cabeça. Como podia ser? Então ele deixou a cama, pegou o rifle e acompanhou Sam pelo corredor até a sala de visitas. E Cassie estava dizendo:

- O que você quer dizer com Dumbo se foi?

Lá estavam Zumbi, Especialista e uma estranha na sala com Cassie. Dumbo não estava lá. Teacup não estava lá.

- Ele está morto - Esp respondeu. Sam perguntou:

- Teacup também?

Especialista concordou. Teacup também. Atrás dele, Evan perguntou.

- Quem é essa? - ele estava se referindo à estranha, à mulher loira mais velha com um rosto agradável, com a idade aproximada da mãe de Sam quando morreu.

- Ela está comigo - Especialista disse. - Está tudo certo. A mulher estava olhando para Sam e sorria.

- Meu nome é Constance. E você deve ser Sam. Soldado Nugget. É muito bom conhecer você.

Ela estendeu a mão. Seu pai tinha lhe ensinado a sempre dar um aperto de mão firme. Um bom aperto firme, Sam meu homem, mas não aperte demais.

Mas a mulher apertou com muita força. Ela puxou Sam para junto do peito, envolveu seu pescoço com o braço e então ele sentiu a ponta de uma arma apertada em sua têmpora.

-38-

- Isso vai ser tranquilo e fácil - a mulher gritou acima dos gritos confusos de Zumbi e Cassie. - Tranquilo e fácil.

Zumbi estava olhando para Especialista, que estava olhando para Evan Walker, e Cassie estava olhando para Esp também, e então a irmã dele disse:

- Sua ordinária.

- Armas aqui - a mulher mandou. A voz ainda carregava um sorriso. - Empilhem todas perto da lareira. Agora.

Eles se desarmaram, um a um. Cassie disse:

- Não o machuque.

- Ninguém vai se machucar, querida - a mulher disse, a voz com um sorriso. - Onde está o outro?

- O outro o quê? - Cassie perguntou.

- Humano. Há mais um. Onde está?

- Não sei do quê...

- Cassie - Evan Walker falou. Mas ele estava olhando para o rosto da mulher por cima da cabeça de Sam. Vá buscar Megan.

Ele viu sua irmã mexer os lábios para Evan Walker, Faça alguma coisa. Evan Walker fez que não com a cabeça.

- Ela não quer sair do quarto - Cassie explicou.

- Talvez ela mude de idéia se eu disser que vou estourar os miolos do seu irmãozinho.

O rosto de Zumbi estava pálido e coberto de sangue seco, fazendo com que se parecesse com um verdadeiro Zumbi.

- Isso não vai acontecer - Zumbi disse. - E agora o quê?

- Então ela vai atirar em Nugget e vai continuar atirando até Megan sair - Especialista falou. - Zumbi, acredite em mim.

- Ah, sim - Cassie replicou. - Idéia fantástica. Vamos todos acreditar em Especialista.

- Ela não está aqui para machucar ninguém - Especialista continuou.

- Mas vai, se for preciso. Diga a eles, Constance.

- Por minha causa - Evan Walker disse. - Você veio por minha causa, não é?

- A garota primeiro - Constance respondeu. - Depois conversamos. Cassie disse:

- Tudo bem. Conversar é uma das minhas atividades prediletas. Mas talvez você possa soltar o meu irmão primeiro... fique comigo no lugar dele

- as mãos de Cassie estavam levantadas e ela estava mostrando o seu sorriso falso. Não era um bom sorriso falso. Sempre se podia dizer quando ela estava fingindo, porque ela não parecia amigável; parecia que ia vomitar.

O braço da mulher como uma barra de ferro apertava a traqueia de Sam, estava difícil respirar, e algo mais apertava suas costas, seu segredo especial, ninguém sabia, nem Zumbi, nem Cassie, nem mesmo a mulher.

Sam escorregou a mão até as costas, para o espaço entre ele e Constance.

Ele era um soldado. Ele tinha esquecido o ABC, mas se lembrava das lições de combate. O seu esquadrão antes de Deus, foi o que lhe ensinaram. Ele se lembrava apenas de traços vagos da mãe, mas conhecia os rostos deles, de Dumbo e de Teacup, de Pão de Ló e Oompa e Flintstone. Seu esquadrão. Seus irmãos e irmãs. Ele não lembrava o nome da escola ou a aparência da rua em que morou. Essas coisas e outras centenas desaparecidas para sempre não importavam mais. Agora só uma coisa importava, o grilo do estande de tiro e o curso de obstáculos se erguendo das gargantas do seu esquadrão: Piedade nunca!

Vocês têm 15 segundos - a mulher que o segurava disse. - Não me obrigue a fazer uma contagem regressiva; é muito melodramático.

Então a arma estava em sua mão e ele não hesitou. Ele sabia o que fazer. Ele era um soldado.

A pistola deu um coice quando atirou; ele quase a deixou cair. A bala atravessou o abdômen da mulher e saiu pelas costas, enterrando-se nas almofadas empoeiradas do sofá. O barulho foi

muito alto no espaço pequeno, e Cassie gritou: durante um segundo terrível ela deve ter pensado que tinha sido a arma da mulher que disparou.

O tiro não fez com que Constance caísse nem que soltasse seu pescoço. Mas ela afrouxou a mão com o choque do impacto, Sam ouviu um minúsculo gemido, um ah! Espantado, e, antes que ele pudesse piscar, Especialista estava voando sobre a mesinha de centro, o braço voltado para trás, mão fechada em punho. Os nós de seus dedos roçaram seu rosto antes de aterrissar no lado da cabeça da mulher e então uma mão que ele não viu arrancou o braço que estava em volta de seu pescoço e ele cambaleou livre. Sua irmã o alcançou, mas ele se virou, segurando a arma com ambas as mãos, e Especialista ergueu Constance e atirou seu corpo no ar como um lenhador cortando madeira, derrubando-a sobre a mesinha. A mesa se espatifou, madeira e vidro em pedaços de um quebra-cabeças voando em todas as direções.

Constance se sentou; Especialista atingiu o nariz dela com o calcanhar. Pop! Pôde-se ouvi-lo quebrar. Sangue jorrou de sua boca aberta.

Dedos agarrando sua camisa: os de Cassie. Ele se livrou. Cassie não fazia parte do esquadrão. Ela não sabia o que significava ser um soldado. Ele sabia. Ele sabia exatamente o que significava.

Piedade nunca.

Ele passou por cima dos pedaços da mesinha e apontou a arma para o meio do rosto da mulher. A boca ensanguentada se retorcia em um sorriso parecido com um rosnado, lábios ensanguentados e dentes ensanguentados e então ele estava de volta ao quarto da mãe, e ela estava morrendo da praga, a Morte Vermelha, como Cassie a chamava, e ele estava parado ao lado da cama e ela sorria para ele com os dentes ensanguentados, o rosto manchado de lágrimas ensanguentadas; ele via a imagem muito claramente, o rosto que ele tinha esquecido no rosto que via agora.

No instante antes de puxar o gatilho, Sammy Sullivan lembrou-se do rosto da mãe, o rosto que eles tinham lhe dado, e a bala que disparou pelo cano levava sua ira, carregava seu sofrimento,

continha a soma de tudo que tinha perdido. Ele os ligou como que com um cordão de prata. Quando o rosto dela se esfacelou, eles se tornaram um, vítima e perpetrador, predador e presa.

Os borrifos de sangue me cegam por um instante, mas o hub retém os dados sobre a localização de Nugget e a posição exata da arma. Quando esse segundo passa, a mão dele está vazia e a minha não.

No fim do segundo seguinte, a arma está voltada para o rosto de Evan Walker.

Walker é a peça-chave, o ponto de apoio sobre o qual repousa a nossa sobrevivência. Vivo, ele é um risco inaceitável. Sei que puxar o gatilho pode custar a minha vida. Cassie - até Zumbi - podem me matar por matá-lo, mas não tenho escolha. Estamos sem tempo.

Nenhum deles pode ouvi-lo ainda, mas eu posso: o som do helicóptero vindo do norte, carregado de mísseis Hellfire e um esquadrão com os melhores atiradores de Vosch. A perda do sinal de Constance só pode significar uma coisa.

- Especialista - Zumbi grita com voz rouca. - Que droga é essa? Uma figura minúscula dispara a minha direita. Nugget. Dou o soco de

modo a não fraturar seu esterno, mas o golpe o faz voar para o alto e para o peito de Sullivan. Eles desabam no chão com braços e pernas estendidos. Fico concentrada no alvo.

- Ben, não - Walker diz com calma, embora Zumbi não tivesse se movido. - Vamos ouvir o que ela quer.

- Você sabe o que quero - dedo se apertando no gatilho.

Não há dúvida de que Walker tem que morrer. É tão óbvio que até Nugget concordaria se conhecesse os fatos. A sua irmã, também. Bem, talvez não. O amor cega mais do que revela. Navalha me ensinou isso.

- Ben! - Walker grita. - Não.

Zumbi não mergulha para uma arma. Ele não salta em minha direção. Ele dá dois passos muito lentos e decididos para pôr seu corpo entre mim e Evan Walker.

ESPECIALISTA

- Desculpe Esp - Zumbi fala. Incrivelmente, ele decidiu não usar o sorriso matador. - Não vai acontecer. - ele ergue os braços como que para oferecer um alvo melhor.

- Zumbi, você não sabe...

- Bem, isso é uma vantagem. Eu não sei droga nenhuma. Se fosse qualquer outra pessoa.

Sullivan, até Nugget.

Qual é o preço, Marika? Qual é o preço?

- Zumbi, não temos tempo.

- Tempo para quê?

Então ele escuta; todos escutam; ele tinha ficado ao alcance dos ouvidos humanos. O helicóptero.

- Que droga - Sullivan gemeu. - O que você fez? Que diabos você fez? Eu a ignoro. Só Zumbi importa.

- Eles não querem a gente - digo a ele. - Eles querem o Evan. Não podemos deixar que eles o levem, Zumbi.

Se Zumbi inclinasse a cabeça só uns dois centímetros... É tudo de que preciso, dois centímetros. O 12º Sistema fará o resto. Sinto muito, Zumbi. Não temos tempo.

O hub assume o controle. Aperto o gatilho. A bala penetra na coxa de Zumbi.

Ele devia cair para abrir caminho para o próximo tiro, o tiro mortal para a cabeça de Evan Walker. Ele não cai.

Em vez disso, cai sobre o peito de Walker, e Walker o abraça, segura-o ou o usa como escudo humano. Sob o fraco som dos rotores do lado de fora, um som regular ainda mais fraco, o tump-wap de um paraquedas se abrindo. Então outro. E mais outro.

Tump-wap, tump-wap, tump-wap, tump-wap, tump-wap. Cinco ao todo.

Ocorre-me que apelei para a pessoa errada.

- Solte-o - digo para Evan Walker. - Se você se importar mesmo com o que acontecer com Cassie, solte-o.

Mas ele não o faz e agora acabou o meu tempo. Caso este impasse se arraste mais, vai custar as nossas vidas. A 5ª Onda está chegando.

EVAN WALKER

Só pode haver uma explicação.

O salto pelo aposento. A velocidade de suas mãos, a precisão da visão e da audição. Uma única possibilidade.

Ela foi aperfeiçoada. Um ser humano recebeu o dom. Por quê?

Ela deu um impulso até a janela da frente, cobrindo a distância da sala com três passos, rolando o corpo no ar para atingir o vidro com o ombro, depois desaparecendo em um halo de vidro e madeira pulverizados.

Cassie imediatamente disparou na direção dele ou na direção de Ben, que ele ainda amparava.

- Megan - Evan disse. - Leve-a até o porão.

Cassie assentiu. Ela entendeu. Ela agarrou o pulso do irmãozinho e o puxou pelo corredor.

- Não! Vou ficar com Zumbi!

- Jesus Cristo, Sam, vamos...

Eles dispararam pelo corredor. O helicóptero estava se aproximando;

O som de seus motores se infiltrava pela janela quebrada como ondas quebrando na praia. Mas coisas mais importantes primeiro. Ele levantou Ben no ombro e o carregou para o sofá, passando por cima do corpo caído entre os restos da mesinha de centro quebrada. Ele deitou Ben no sofá e procurou algo para amarrar na perna. O blusão da mulher morta. Ele rasgou uma tira da gola até a barra e se virou rapidamente. Ben o estava observando, o rosto pálido, a respiração irregular, entrando em choque.

A bala tinha penetrado na perna de Ben acima do joelho. Um pouco mais baixo e ele nunca mais andaria. Ele não tinha tido sorte.

Especialista tinha mirado com cuidado.

Ben abriu a boca e disse:

- Minha culpa. Eu não deveria tê-las trazido para cá.

- Você não podia saber - Evan tranquilizou. Ben sacudiu a cabeça com violência.

- Não tenho desculpas - ele bateu a palma aberta nas almofadas e poeira explodiu no ar. Ele tossiu.

Evan ergueu os olhos para o teto e escutou. Quanto tempo teriam?

Difícil dizer. Dois minutos? Menos? Ele olhou para Ben, que disse:

- Porão.

Evan fez que sim.

- Porão.

Ele puxou Ben do sofá e o pôs nos ombros. Onde estava Cassie? Ele desceu a escada correndo, o rosto de Ben batendo em suas costas. Ele o levou até a extremidade do aposento e o colocou no piso de concreto.

- Não espere, Walker - Ben mostrou o esconderijo das armas com um gesto de cabeça. - Se você não derrubar logo esse pássaro, não vai importar se eles descerem até aqui.

Evan tirou o lançador de mísseis do gancho da parede. O helicóptero devia estar ao alcance agora. Ele correu pela escada depressa, subindo dois degraus por vez, o lançador pesado como uma viga de aço nas mãos. O tornozelo ferido reclamou de dor. Ele tentou ignorá-lo.

O corredor estava vazio. O ar tamborilava de encontro à sua pele. O Black Hawk voava em círculos sobre a casa. Deixá-lo lá em cima e arriscar um tiro? Ou esperá-lo descer e arriscar o míssil?

Ele deixou o lançador no chão.

-41-

Cassie estava batendo na porta do armário gritando o nome de Megan. Ela se virou quando Evan irrompeu no quarto.

- Ela fez uma barricada aí dentro, a pestinha!

Ele empurrou Cassie para fora do caminho e bateu na porta com o ombro. Ela gemeu nas dobradiças, mas não cedeu.

- Cassie, Sam, porão agora - ele gritou.

Eles fugiram do quarto. Ele levantou o pé são e chutou o meio da porta. A madeira estalou. De novo. Craque. De novo. Craque! Três passos para trás e ele apontou o ombro para a porta rachada. A porta se rasgou ao meio e ele tropeçou pela abertura para a escuridão. Um par de olhos arregalados de terror o fitou do canto. Ele estendeu a mão.

- Vão explodir tudo, Megan.

Ela sacudiu a cabeça. Ela não ia sair dali. De jeito nenhum. Ele a pegou e a menina bateu em seu rosto com os punhos. Ela arranhou seus olhos. E gritou como se estivesse sendo morta a pancadas.

Evan agarrou seu pulso e puxou. Ela voou para seu peito, chutou sua virilha com força enquanto estendia a mão livre para o fundo do closet. Um urso de pelúcia estava caído em meio a um monte de roupas.

- Capitão!

Ele agarrou o urso.

- Pronto, eu o peguei.

O primeiro míssil Hellfire atingiu a casa precisamente 2 minutos e 20 segundos depois.

Carregando Megan, Evan estava a meio caminho dos degraus do porão quando a violência da explosão atirou-os no ar. Ele girou o corpo enquanto caía: ele levaria a força do impacto, não a garotinha.

Bater no chão de concreto o deixou sem fôlego. Megan rolou de cima de seu peito e ficou imóvel.

Então o segundo míssil os atingiu.

Chamas rugiram vindas de cima. Ele as viu chegando, um aríete laranja e vermelho brilhante. E se jogou sobre a menina; o fogo passou sobre eles; ele sentiu o cheiro de cabelo chamuscado, o ar quente como o de uma fornalha atravessar sua camisa.

Levantou a cabeça. Do outro lado do porão, viu Cassie e Sam agachados ao lado de Ben. Ele rastejou até eles, arrastando Megan. Os olhos de Cassie encontraram os dele: ela está...

Ele sacudiu a cabeça: não.

- Onde está o lançador? - Ben perguntou.

Evan apontou para o teto. No andar de cima. Ou estava, quando havia o andar de cima.

Teias de aranha desalojadas e poeira giravam em volta deles. O teto estava aguentando por enquanto. Ele duvidava que suportaria outro ataque. Ben Parish devia estar pensando a mesma coisa.

- Ah, isso é ótimo - Ben se virou para Cassie. - Vamos formar um círculo de oração, depressa, porque acabamos de ser grandemente ferrados.

- Vai ficar tudo bem - Evan garantiu e tocou o rosto de Cassie. - Não é o fim. Ainda não ele se levantou. - Eles vieram até aqui por um motivo - ele disse em voz baixa, a voz praticamente inaudível devido ao inferno acima deles. - Eles abriram fogo porque imaginaram que falharam. Pensam que estou morto. Vou mostrar que estão errados.

Aturdido, Ben sacudiu a cabeça. Ele não entendia. Cassie, porém, entendeu, e sua expressão ficou endurecida pela raiva.

- Evan Walker, não ouse fazer isso de novo.
- A última vez, Efemérida. Prometo.

Ele parou no pé da escada que levava para a fumaça e as chamas. Atrás dele, Cassie gritava, chamando seu nome, praguejando. Ele subiu mesmo assim.

Especialista tinha afirmado: Eles não nos querem. É a ele que querem.

A meio caminho para cima, ele se perguntou se deveria ter matado Ben Parish. Ele seria um perigo para Cassie. Ele a retardaria. Seria uma carga que ela talvez não suportasse.

Afastou o pensamento da cabeça. Era tarde demais. Tarde demais para voltar. Tarde demais para fugir, tarde demais para se esconder. Como Cassie debaixo do carro naquele dia, como Ben sob o campo de morte que desabava, ele tinha atingido o momento de enfrentar isso com o pensamento que não conseguia enfrentar. Ele tinha arriscado tudo para salvá-la antes, mas esses momentos de perigo foram medidos, calculados e sempre havia uma pequena chance de que resistiria.

Não desta vez. Desta vez ele estava marchando diretamente para o ventre da besta.

Ele se virou uma vez, no alto da escada, mas não a viu e não conseguiu ouvi-la. Ela estava perdida na névoa de poeira e fumaça e nas teias de aranha que giravam lentamente.

Um ciclone varreu os destroços, o helicóptero passou e o vento de suas hélices jogou para o lado a fumaça e abafou o fogo, achatando-o como a um mar ondulante. Ele olhou para cima e viu o piloto nos controles olhando para baixo.

Ele ergueu as mãos e andou para frente com dificuldade. O fogo o rodeou. A fumaça o engoliu. Ele atravessou o turbilhão na direção do ar puro e limpo.

Evan Walker ficou imóvel no meio da estrada, mãos para cima, enquanto o helicóptero descia.

ESQUADRÃO UM NOVE

De sua posição a 300 metros a norte, a equipe de ataque de cinco membros do Esquadrão 19 observa o helicóptero disparar dois mísseis e então adeus, casa, destruída até os alicerces de concreto em um orgasmo de fogo e fumaça.

No fone de ouvido de Milk, a voz do piloto:

- Mantenha sua posição, um-nove. Repito: mantenha sua posição.

Milk levanta o punho para sinalizar a equipe: Manter posição.

O helicóptero prescreve um amplo arco de volta ao alvo. Agachado ao lado de Milk, Pixie suspira alto, remexendo a ocular. A tira é muito grande para sua cabeça pequena, e ele não consegue mantê-la no lugar. Swizz sussurra para que ele fique quieto e Pix manda que se dane. Milk ordena aos dois que calem a boca.

O time está agachado sob uma placa desbotada da Havoline ao lado de um edifício de tijolos que tinha sido uma oficina antes de o mundo se acabar. Pilhas de pneus velhos e aros de rodas, peças velhas de motor e ferramentas, tudo espalhado no terreno como folhas levadas pelo vento; os carros e caminhões e SUVs e minivans estão cobertos de poeira e fuligem, além de janelas estilhaçadas e estofamentos mofados, relíquias de um passado irrelevante. A geração que seguiu o Esquadrão 19, se houvesse uma geração para segui-lo, não reconheceria os estranhos símbolos ligados aos caminhões e grelhas dessas carrocerias enferrujadas. Dali a 100 anos, ninguém poderia ler a placa acima de suas cabeças ou mesmo entender que as letras simbolizavam sons.

Como se ainda importasse. Como se alguém se importasse. Melhor não lembrar. Melhor não saber. Não se pode lamentar o que

nunca se teve.

O helicóptero paira sobre os destroços e o ar deslocado por suas hélices achata a fumaça e empurra as chamas para os lados. Eles olham pela ocular com dificuldade, Milk e Pix para o sul na direção do helicóptero, Swizz e Snicks para oeste, Gummy para o norte, sondando o terreno em busca do brilho verde de um inimigo alienígena infestado. Eles vão esperar que o Black Hawk se afaste e irão para o sul pela estrada, limpando a área à medida que avançam - se houver alguma coisa para limpar. A menos que os estragaprazeres tivessem partido quando ouviram a aproximação do helicóptero, tudo naquela casa tinha virado pó.

Pix viu primeiro: uma faixa minúscula verde neon que saltava nas chamas como um vaga-lume em uma noite de verão. Ele cutucou Milk na perna e apontou. Milk concordou com um sorriso sombrio. Ah, sim. Eles treinaram para isso, querido Jesus, ele não lembrava quantas vezes, mas aquela era a primeira vez em uma situação de combate real. Um infestado vivo, respirando, em carne e osso.

Seis meses, duas semanas e três dias desde que os ônibus os reuniram, as garotas e garotos do Esquadrão 19. Cento e noventa e um dias. Quatro mil, setecentos e setenta e seis horas. Duzentos e oitenta e seis mil, quinhentos e sessenta e sete minutos desde que Pix era Ryan, escondido em uma vala de esgoto, coberto de crostas, feridas e piolhos, com o estômago inchado e braços esqueléticos e olhos arregalados, levado para o ônibus soluçando sem lágrimas porque seu corpo estava sem água. E Milk era então chamado de Kyle, resgatado de um campo a alguns quilômetros da fronteira canadense, um garoto grande, mal-humorado, zangado e ansioso por vingança, difícil de controlar, difícil de dobrar, mas no fim eles o dobraram.

Eles dobraram todos eles.

Jeremy para Swizz, Luiz para Gummy, Emily para Snickers. Um bando de nomes de doces idiotas para um bando de recrutas idiotas.

Os que não puderam ser dobrados, os que o País das Maravilhas lhes disse não serem adequados, e aqueles cujas mentes ou corpos

cederam desapareceram nos incineradores ou em quartos secretos para transformar seus corpos em bombas. Foi fácil. Foi absurdamente fácil. Esvazie o frasco de esperança e fé e confiança e encha-o com qualquer coisa que quiser. Eles podiam ter dito aos garotos do Esquadrão 19 que dois mais dois é igual a cinco e eles teriam acreditado. Não, não só acreditado, eles matariam qual quer um que afirmasse o contrário.

Uma figura alta encimada por um fogo verde emerge da fumaça e das chamas - braços levantados, mãos vazias, atravessando os detritos escurecidos na estrada - o helicóptero mergulha o nariz e começa a descer.

Mas que raios...? Por que não atiram nele?

Pix, seu idiota, ele tem que ser o maldito alvo. O filho da mãe conseguiu.

O helicóptero desce e agora Milk consegue ver Hersh e Reese saltar de seu interior. Ele não os escuta, mas sabe o que estão gritando para o Ted acima da cacofonia do motor: Para baixo, para baixo, para baixo! Mãos na cabeça! A figura cai de joelhos; suas mãos são engolidas pelo fogo verde que dança em volta de seu rosto. Eles arrastam o prisioneiro até a aeronave e o puxam para dentro.

A voz do piloto grasna no ouvido de Milk: Retornando alvo para a base. Vejo vocês na volta, rapazes.

O Hawk ruge diretamente sobre eles, avançando para o norte. A placa Havoline balança na passagem. Gummy observe o helicóptero encolher em direção ao horizonte, e o mundo se aquieta depressa, deixando somente o vento e o fogo e seu hálito pesado. Isso vai ser rápido, ele diz para si mesmo. Distraído, aperta a mão no ombro, ainda sensível da noite anterior, o ferimento ainda fresco: VQR

Foi idéia de Milk. Milk tinha visto o corpo de Navalha com os próprios olhos e foi ele quem descobriu o que as letras significavam. *Vincit qui patitur*. Vence quem persevera. Eles cortaram as mesmas letras nos braços - VQP - em honra aos mortos.

Milk dá o sinal e eles saem. Milk na ponta, Pix logo atrás, Swizz e Snick nos flancos, e Gummy na retaguarda. Marque aquelas janelas do outro lado da rua, Snick. Verifique aqueles carros, Swizz.

Eles fizeram esse exercício milhares de vezes, casa por casa, quarto por quarto, porão até o telhado. Você libera um quarteirão e passa ao próximo. Sem pressa. Tome cuidado. Cuide do companheiro. Se puder atirar, atire. Simples. Fácil. Tão fácil que uma criança poderia fazê-lo, que é um dos motivos principais que eles escolheram crianças para fazê-lo.

Seis meses, duas semanas e três dias depois que o ônibus escolar parou e uma voz gritou Não tenham medo. Vocês estão seguros agora, perfeitamente seguros, Gummy escuta algo além do vento e do fogo e da própria respiração: um gemido agudo como o guincho dos freios daquele ônibus. É o último som que escuta antes que o aro de aço de dez centímetros o atinja na nuca, destruindo sua medula. Ele está morto antes de chegar ao chão.

Cento e oitenta e quatro dias depois de entrar no campo, Snick é o próximo. Ela e Swizz caem no chão quando Gummy cai, esse é o treinamento, essa é a lembrança que seus músculos guardam, e a adversária sabe disso. Ela tinha previsto isso.

Deitado de bruços, Swizz olha para a direita. Snicks está emitindo um som gorgolejante, seu rifle abandonado na estrada perto dela, as duas mãos agarrando o cabo da chave de fenda de dez centímetros enfiado em sua nuca. A jugular foi cortada. Ela vai estar morta em menos de um minuto.

Quatro mil, quatrocentos e dezesseis horas depois de ele ver as luzes do ônibus cortando a floresta em que se escondia, Swizz se arrasta apoiado nas mãos e nos joelhos até a beira da estrada - e vê a luz verde pela ocular por uma fração de segundo antes de desaparecer atrás da velha oficina: o fogo pálido de um infestado. Peguei você agora, filhodamãe. Swizz não sabe o que aconteceu a Milk e Pix, e ele não se vira para descobrir. Ele está correndo impelido pelo instinto, pela adrenalina e uma raiva que não pode ser medida ou esgotada. Ele fica de pé e corre até a oficina. Ela já está no telhado quando ele chega ao canto sudeste do edifício, esperando por ele, pronta para saltar.

Pelo menos, vai ser rápido.

No esconderijo atrás do Tahoe capotado no acostamento, Milk e Pix escutam o rifle disparar. Três disparos curtos em stacatto: *rat-rat-*

rat! Então, silêncio.

Com um grito suave e revoltado, Pix arranca a ocular, que se dane esse imbecil, ele não vai ficar em pé, e Milk calmamente lhe ordena para colocá-lo de volta enquanto ele sonda os arredores. Pix o ignora. Em plena luz do dia, ele enxerga muito bem e quem se importa mais se são humanos ou infestados?

Vento e fogo e a própria respiração. Não seja pego. Não entre em ruas sem saída. Não se separem. Deitado de lado, o ombros apertado de encontro ao aço reconfortando de uma SUV, Pix olha para o rosto de Milk. Milk é o sargento. Milk não vai decepcioná-lo. VQP. Ah, sim. VQP.

A bala da garota atravessa a estrada, estilhaça a janela do motorista, passa pelo interior do veículo e sai do outro lado, rasgando a jaqueta de Pix e enterrando-se em suas costas até atingir a coluna. Ali a bala para.

Duzentos e sessenta e quatro mil, novecentos e sessenta e três minutos do resgate até este momento, e Milk rasteja na direção do para-choque dianteiro, arrastando o corpo de Pix. A metade superior dá um solavanco violento em suas mãos; a parte inferior está paralisada, morta, e que diabos estavam pensando, marcando aquelas letras idiotas nos braços? Os dedos pequenos de Pix estendendo-se como garras para o rosto de Milk enquanto a luz escapa de seus olhos. Proteja-me, cubra-me, mantenham os bastar dos longe de mim, sarge.

Tudo bem, tudo bem, Pix. VQP. Maldito V Q P.

Ele ainda está sussurrando quando ela surge atrás do capo do carro. Ele não ergue os olhos. Ele nem mesmo a escuta.

Quinze milhões, oitocentos e noventa e sete mil, setecentos e noventa e dois tiques do relógio e Milk acompanha o resto do Esquadrão 19.

ESPECIALISTA

Não vou deixar esses meninos apodrecerem onde caíram.

Não vou deixá-los para os ratos, os corvos, e as moscas varejeiras, e os busardos e matilhas de cães selvagens.

Não vou abandonar seus ossos para serem comidos por abutres e vermes e depois espalhados.

Também não vou queimá-los.

Com as mãos nuas, vou cavar uma sepultura para eles na terra fria.

O sol desliza em direção ao horizonte. O vento sopra mais forte, jogando meus cabelos no rosto, e o chão se quebra entre meus dedos, minhas mãos o arado que rompe o solo obstinado para o plantio.

Sei que Zumbi está me observando. Posso vê-lo na beira das ruínas escuras e destruídas da casa. Ele está apoiado em um pedaço de madeira chamuscada, segurando seu rifle, observando-me. A penumbra se instala à nossa volta e ele ainda me observa enquanto carrego os corpos um por um para o buraco que cavei.

Ele se aproxima mancando. Ele vai atirar em mim. Ele vai chutar meu corpo para dentro do buraco e me enterrar com as vítimas. Ele não vai esperar que eu explique. Não vai haver perguntas, porque tudo que sair da minha boca vai ser mentira.

Ele para. Estou ajoelhada ao lado da sepultura e seus rostos estão olhando para mim sem ver. O mais velho, o líder do esquadrão, imagino, não deve ter mais que 20 anos.

O som do ferrolho do rifle de Zumbi sendo puxado para trás é aumentado e o hub ordena uma reação de defesa. Eu a ignoro.

Atirei em Teacup - digo na cara do recruta morto. - Eu pensei que ela era o inimigo e atirei nela. Ela teve uma chance e eu não tive escolha. Eu deixei que nos levassem. Zumbi. Era a única forma de salvá-la.

A voz dele era seca como as folhas mortas farfalhando com as rajadas de vento.

- Então, onde ela está?

- Morta.

A palavra paira no ar. Até o vento não consegue movê-la.

- O que fizeram com você, Esp?

Olho para cima. Não para ele. Direto para cima. A primeira estrela me espia através do entardecer.

- A mesma coisa que fizeram com Walker. A mesma coisa que fizeram com Constance e o padre e a dona dos gatos.

Acima de mim, as estrelas brilham sem piscar. Eu pisco e minhas lágrimas caem prateadas em sua luz. O presente de Vosch permite que eu veja até a borda do universo, mas eu não consegui ver os muros da prisão em todos os lados.

A verdade. O 12º Sistema aperfeiçoa todos os outros, incluindo o que está rasgando o meu corpo desde que voltei da floresta. Recusei-me a enfrentar a verdade. Eu a conhecia, e a recusei. Um homem cego de nascença estende a mão e toca a orelha de um elefante. Um elefante é plano como uma folha. Outro homem cego toca sua tromba. Um elefante tem o formato de uma cobra. Um terceiro afaga sua perna. Um elefante é como uma árvore.

Abaixo a cabeça para a cova e falo a verdade em voz alta:

- Estou grávida.

-46-

CASSIE

Ben está morto.

Ele nos deixou, dizendo que voltaria logo. Mas ele não voltou logo. Ele não voltou.

Encolho-me na extremidade do porão com Sam e Megan. Tenho um rifle, Megan tem Urso, e Sam tem atitude. A coleção de armas de Graça está a dois metros de distância. Tantas coisas bonitas e brilhantes, Sam mal se contém. A coisa mais interessante que ele descobriu sobre atirar em alguém é como isso é ridiculamente fácil. É mais difícil amarrar os sapatos.

Pego um cobertor pesado de lã da pilha ao lado da bancada de trabalho e o jogo em cima dos três, Sam, Meg e Urso.

- Não estou com frio! - ele grita: Sam, não Urso.

- Não é por causa do calor - murmuro para ele. Começo a explicar, mas as palavras saem como gotas sem significado. O que aconteceu com Evan? O que aconteceu com Ben? O que aconteceu com Especialista? Descobrir a resposta para qualquer uma dessas perguntas exigiria que eu me levantasse do chão, atravessasse o porão, subisse os degraus e, possivelmente, atirasse em alguém ou levasse um tiro, tudo isso exigindo algo que não tenho no momento.

Última vez, Efemérida. Eu prometo.

Ah, que nome idiota e repugnante de animalzinho de estimação. Eu deveria tê-lo chamado de algo igualmente aviltante e enjoativo. Garototubarão serve. Tutubarão. A escada de madeira range. Fico onde estou. A última posição de Cassiopeia. Tenho um pente cheio de balas e um coração cheio de ódio; não é preciso muito mais.

Ao meu lado, Sam sussurra.

- Cassie, é Zumbi.

Com certeza. Mancando desajeitado e também sem equilíbrio, como um verdadeiro zumbi. Ele está sem fôlego quando chega ao último degrau. Ele se recosta na parede, lábios entreabertos, rosto sem cor.

- E então? - pergunto do outro lado para ele. - Você o encontrou? Ele sacode a cabeça. Ele olha para o alto da escada. Ele olha para mim.

- Helicóptero - ele diz.

- O que tem o helicóptero? Evan o explodiu? - pergunta idiota. Eu teria ouvido.

- Ele subiu nele.

Ben precisa se sentar. Um ferimento como o dele dói terrivelmente; eu deveria saber. Por que ele não se senta? Por que ele está parado diante dos degraus?

-O que você quer dizer com "subiu nele"?

- Quer dizer que ele entrou nele. Eles o levaram, Cassie - outro olhar para o alto da escada, então pergunto por que ele fica olhando para cima. Ele diz: - Havia uma equipe de ataque...

- Há uma equipe de ataque?

- Havia uma equipe de ataque - ele passa as costas da mão na boca. -Não há mais - a voz treme... e acho que não é por causa da dor ou do frio. Ben Parish parece estar apavorado.

- Especialista? - dá, Sullivan, quem mais? - Especialista.

Ele assente. Então olha de novo para o alto. É nesse momento em que me levanto. Sam, também. Digo a ele para ficar onde está. Ele diz que não. Ben ergue uma das mãos.

- Há uma explicação, Cassie.

- Tenho certeza disso.

- Você precisa ouvir o que ela tem a dizer.

- Ou o quê? - ela vai quebrar meu pescoço com seus superpoderes de ninja? Ben, o que há com você? Ela os trouxe até nós.

- Agora você tem que confiar em mim.

- Não, você tem que confiar em mim. Eu disse antes de ela partir: tem alguma coisa errada com ela. Agora ela voltou e tem uma coisa realmente errada. De que mais você precisa, Ben? O que

ela precisa fazer para que você aceite o fato de que ela não está do nosso lado?

- Cassie... - tentando muito se controlar. - Quero que você abaixe esta arma...

- Isso não vai acontecer. Tentando muito ser paciente.

- Não vou deixar que você a machuque, Cassie. E Sam fala:

- Zumbi é o sargento. Você tem que fazer o que ele disser.

Os degraus rangem de novo. Especialista no meio da escada. Ela não está olhando para mim; ela está olhando para Ben. Durante um terrível segundo, penso em atirar nos dois, agarrar Sam e Megan e correr até não haver mais terreno para correr. Escolher lados, decidir em quem se pode confiar, decidir o que é ou não verdade - chega-se a um ponto em que se livrar de tudo é a opção menos intolerável. Como pessoas que cometem suicídio, simplesmente fica-se cansado de todos os problemas.

- Está tudo bem - Ben diz a ela ou talvez para mim ou talvez para nós duas. - Tudo vai ficar bem.

Especialista larga o rifle na mesma hora. Por que não fico tranquila? Então ela desce os últimos degraus e se senta.

Houve uma carga imensa de momentos de incredulidade desde que os Outros vieram, mas este tem que ser o mais intenso de todos.

Depois da primeira rodada, calculo que alguma coisa está me escapando, então peço a Especialista para se explicar de novo, desta vez mais devagar, com mais detalhes e muito mais provas.

- Eles não estão aqui - ela diz. - Nem tenho certeza de que estão lá -com um gesto para o teto do porão e o céu além que não vemos.

- Como eles não podem estar lá? - Ben se pergunta. Lá vai ele de novo, sendo condescendente outra vez e hesitante, como se tivesse receio de falar de Esp. Estou começando a duvidar da capacidade de Ben de julgar o caráter das pessoas. Desde que esta guerra começou, ele levou dois tiros: nas duas vezes pela pessoa que alegou estar ao lado dele. Cuidado, Parish: a terceira vez é a que vale.

- A nave mãe poderia ser totalmente automatizada - Especialista explica. - Obviamente alguma forma de vida senciente a construiu, mas os construtores podem estar a anos-luz daqui. Ou em nenhum lugar.

- Nenhum lugar? - Ben repete.

- Mortos. Extintos.

- Claro, por que não? - estou remexendo no ferrolho do meu M16. Ben ainda pode confiar nela depois de ter mentido sobre Teacup e onde ela estava e o que aconteceu enquanto estava lá, além de trazer uma assassina à nossa porta, além de levar dois tiros dela; não fico tão atordoada com seu charme feminino que, a propósito, pode-se enfiar na cabeça de um alfinete e ainda ter espaço para anjos dançarem. - Alguns anos atrás, eles nos encontram. Eles observam. Eles esperam. Em algum ponto, concluem que não somos bons para a Terra ou para nós mesmos, então constroem a nave mãe e a carregam com bombas e drones e

uma praga viral e começam a varrer 99,9% da população com a ajuda de escravos humanos submetidos a lavagem cerebral desde o nascimento... porque esse é o nosso remédio, isso é bom para nós...

- Cassie - Ben fala. - Pare um pouco.

- Esse é o cenário - Especialista diz com calma. - Na verdade, é o cenário com as melhores possibilidades.

Sacudo a cabeça e olho para Sam e Megan encolhidos sob um grande cobertor no canto. Incrivelmente, os dois adormeceram, as cabeças juntas,

Urso debaixo de seus queixos, em uma cena que seria incrivelmente linda se não fosse tão dolorosamente simbólica de alguma coisa. Bem, de tudo.

- Assim como a sua teoria sobre os Silenciadores - digo a ela irritada. - Um programa de computador baixado em fetos que se inicia quando a criança chega à puberdade. Um cenário.

- Não, isso é um fato. Vosch o confirmou.

- Certo. O maníaco que orquestrou o assassinato de sete milhões de pessoas. Claro, com certeza, se ele disse, então deve ser verdade.

- Por que outro motivo ele iria querer tanto que Walker voltasse?

- Ah, não sei. Talvez porque Evan traiu toda a sua civilização e é a única pessoa no planeta que pode detê-lo?

Especialista está me olhando como se eu fosse algo repugnante que ela encontrou crescendo na sua escova de dentes.

- Se isso fosse tudo, o seu namorado estaria morto agora.

- Ele pode estar morto agora. Fico angustiada com o fato de você alegar saber tanto, apesar de não saber tanto assim. Teorias, cenários, possibilidades, probabilidades, tanto faz. E para sua informação, só para você saber, e esta não é uma suposição baseada na teoria de que eu-sou-Especialista-e-sei-tudo, ele não é meu namorado.

Meu rosto está quente. Estou pensando na noite em que aterrissei na Terra de Evan e plantei minha bandeira na praia esculpida. Ben diz algo nesse momento que não escuto, porque minha mente tem um jeito de repreender seus próprios

pensamentos. Tipo, como poderia ser eu quem plantou a bandeira? Não deveria ter sido Evan?

- Evan é humano - Especialista insiste. - O objetivo dele é óbvio. O que não é tão óbvio - e é o motivo pelo qual Vosch precisa desconstruir sua programação - é o que fez a mente de Evan se rebelar. Ele não apenas traiu seu povo. Ele traiu a si mesmo.

- Bem - Ben suspira, isso é confuso - ele apoia o peso do corpo na parede, tentando encontrar uma posição mais confortável. Isso não é possível com uma bala na perna. Acredite, eu tentei. - Assim, não há casulos de fuga vindo para evacuar os Silenciadores - Ben diz devagar. - Nenhum casulo, portanto nenhum jeito de chegar à nave mãe. Nenhum jeito de chegar à nave mãe, portanto nenhum jeito de explodi-la. Mande aquele plano para o inferno. E quanto a bombardear as cidades? Ou isso é uma mentira que a programação disse a ele também?

Especialista não responde durante um longo tempo. Não tenho idéia do que ela está pensando. Então eu começo a pensar que talvez essa coisa toda seja um truque. De Vosch. Alguma coisa aconteceu a Especialista depois que ela saiu do hotel Walker. Alguém implantou nela dispositivos biônicos que a transformaram uma arma de destruição em massa, parte --humana, parte-máquina. Como sabemos que ela não passou para o outro lado? Certo sujeito disse que foi isso que aconteceu. Como sabemos que ela não esteve sempre do outro lado?

Meu polegar está brincando com aquele ferrolho de novo.

- Acho que eles vão bombardear as cidades - ela diz afinal.

- Por quê? - quero saber. - Qual o motivo?

- Muitos. Primeiro, ele equilibra o campo de ação antes do lançamento da 5ª Onda, o combate urbano dá aos Silenciadores todas as vantagens e não se pode favorecer demais um dos lados. Mas o motivo mais importante é que as cidades conservam nossa memória.

O quêêê? Então entendo, e entender faz meu estômago doer. Meu pai e aquele maldito carrinho e aqueles malditos livros. Bibliotecas, museus, universidades, tudo que desenhamos e

construímos ao longo de seis mil anos. Cidades são mais do que a soma de sua infraestrutura. Elas transcendem tijolos e cimento, concreto e aço. Elas são os recipientes para os quais o conhecimento humano foi derramado. Explodi-las será o último acerto do relógio de volta ao neolítico.

- Não é o suficiente para reduzir a população a um nível sustentável -Especialista diz com suavidade. - Não é o suficiente para equilibrar o que construímos. Vamos nos reproduzir. Vamos reconstruir. Para salvar o planeta, para salvar nossa espécie, eles têm que nos mudar - ela toca o peito. - Aqui. Se os Outros podem tirar a confiança, podem tirar a cooperação. Tirando a cooperação, a civilização fica impossível.

- Ok - Ben fala. Tempo para chegar ao x da questão. - Não para os casulos, mas sim para as bombas. O que significa que não podemos ficar aqui, perto demais de Urbana. Por mim tudo bem, porque realmente detesto Urbana. Então, onde? Sul? Meu voto é para o sul. Encontrar uma fonte de água potável, a quilômetros de lugar nenhum, como no meio do nada. E? - Esp pergunta.

- E o quê?

- Então o quê?

- E então?

- Sim. Depois de chegar ao meio do nada, o que acontece?

Ben levanta uma das mãos, Deixa-a cair. A boca se torce em um sorriso. Ele parece tão infantilmente bonito nesse momento que sinto vontade de chorar.

- Somos cinco. Vamos formar um grupo.

Rio alto. Às vezes Ben é de um frescor revigorante, como quando mergulho o pé na água gelada de um riacho.

- Seja como for - Ben diz depois de Especialista fitá-lo alguns segundos com a expressão vazia -, o que mais podemos fazer?

Ele olha para ela. Ele olha para mim.

- Ah, Cristo, Sullivan - ele geme, batendo a cabeça de leve na parede. - Nem pense nisso.

- Ele veio por mim - falo para ele. Ele sabe o que estou pensando, portanto posso falar. Ambos estamos um tanto surpresos por eu ter pensado nisso. - Ele salvou a sua vida, duas vezes. Ele salvou a minha três vezes.

- Ben tem razão - Especialista interfere. - É suicídio, Sullivan. Reviro os olhos. Já ouvi essa bobagem antes, do próprio Evan Walker,

quando ele se deu conta de que eu estava tentando entrar em um campo de extermínio para encontrar meu irmãozinho. Por que eu sempre preciso ser uma ilha de loucura sozinha em um oceano de

sensibilidade? O que deveria para o não deveria de todos os outros?
O eu vou para o melhor-não deles?

- Ficar aqui também é suicídio - argumento. - Como também fugir para lugar nenhum. Qualquer coisa que fizermos agora é suicídio. Chegamos ao ponto da história em que temos que escolher, Esp: uma morte expressiva, ou uma morte sem sentido. Além disso, ele faria isso por nós - acrescento.

- Não - Ben diz devagar. - Ele faria isso por você.

- A base para onde o estão levando fica a quase 200 quilômetros de distância - Especialista afirma. - Mesmo que a gente consiga chegar, não vamos chegar a tempo. Vosch vai acabar com ele e Evan vai estar morto.

- Você não sabe disso.

- Eu sei disso.

- Não, você diz que sabe, mas na verdade não sabe, assim como não sabe todo o resto que diz saber, mas nós simplesmente devemos acreditar porque, droga, você é muito espertinha.

E Ben faz:

-Hã?

- Não importa o que a gente faça - Especialista fala tranquilamente para Ben, como se nada do que eu tivesse dito não tivesse importância -, ficar não é uma opção. Aquele helicóptero vai voltar assim que entregar sua carga.

- Carga? - Ben pergunta.

- Ela quis dizer Evan - traduzo.

- Por que ele... - então ele entende. As vítimas de Especialista enterradas perto da estrada. O helicóptero vai voltar para apanhar a equipe de ataque. - Ah - ele passa as costas da mão na boca. - Droga.

E eu estou pensando, Ei. Helicóptero! E Especialista está me observando e pensando que sabe o que estou pensando, o que ela sabe, mas isso não prova que esteja sempre certa.

- Esqueça, Sullivan.

- Esquecer o quê? - e logo depois reconheço minha falsa modéstia: -Você fez a coisa. Pelo menos você disse que fez.

- Fez o quê? - Ben pergunta.

- Aquilo foi diferente - Especialista afirma.
- Diferente como?
- Diferente de quando o piloto estava lá. Minha "fuga" de Vosch não foi uma fuga; foi um teste do 12º Sistema.
- Bem, se ajudar, podemos fingir que isso também é um teste.
- Fingir que o que é um teste? - a voz de Ben se ergue alguns tons de frustração. - Que raios vocês duas estão falando?

Especialista suspira.

- Ela quer sequestrar o Black Hawk.

Ben fica boquiaberto. Não sei o que ou por que isso acontece, mas, quando ele está perto de Especialista, a inteligência dele desaparece.

- E quanto a ele? - Especialista mostra Sam com um gesto de cabeça. - Ele também vai?

- Isso é da sua conta? - pergunto.

- Bem, não vou bancar a babá enquanto você dá uma de Don Quixote.

- Sabe, fazer referências literárias obscuras não me impressiona. E, sim, acontece que sei quem é Don Quixote.

- Ok, esperem um minuto - Ben fala. - Ele é do Poderoso chefe, certo? - sério, de um modo que não sei se ele está brincando. Certo dia, falou-se seriamente em Ben se tornar um erudito de Rodes. Sem brincadeira.

Você vai fazer uma oferta irrecusável a Vosch?

- Ben pode ficar com as crianças - informo Especialista, como se tivesse tudo planejado, como se o plano para resgatar Evan estivesse sendo desenhado há meses. - Nós vamos, só você e eu.

Ela sacode a cabeça.

- Por que eu faria isso?

- Por que você não faria isso?

Ela se enrijece e então, por algum motivo desconhecido, olha para Ben. Assim, eu olho para Ben, e Ben olha direto para o chão como se nunca o tivesse visto antes. O que é essa fantástica superfície sob meus pés?

- Que tal isso - Não desisto. Por que não para? Eu tento parar e então falho. - Esqueça-se de mim. Esqueça Evan. Faça isso por você.

- Por mim? - ela está genuinamente confusa. Ah! Dessa vez ela não pode fingir que sabe o que estou pensando.

- Ele acabou com você. Ele está acabado. Então você tem que ir até ele se quiser acabar com tudo.

Especialista se encolhe como se alguém a tivesse estapeado. Ela quer fingir que não sabe de quem estou falando. Sem chance.

Eu vi em seu rosto quando ela contou a história dela. Eu o escutei em sua voz. Estava ali, entre as testas franzidas e os longos silêncios. Quando ela disse o nome dele e quando ela não conseguiu dizer o nome dele, estava ali: ele é a razão pela qual não desistiu, por que ela continua, sua *raison d'être*.

A coisa pela qual vale a pena morrer.

- Vosch acha que você vai para um lado, então você vai para o outro. Ele acha que você vai correr, então você corre para o lado oposto. Você não pode desfazer o que ele fez, mas você desfazer a ele.

- Não vou resolver nada - ela sussurra.

- Provavelmente não. Mas ele vai estar morto. É isso.

Estendo a mão. Não sei bem por quê. Realmente não é um acordo que eu tenha que fazer porque não posso prometer a entrega final da mercadoria. Aquela vizinha racional, calma, antiga, sensata na minha cabeça diz: Ela está certa, isso é suicídio, Cassie. Evan se foi e desta vez não vai haver milagres. Deixe-o ir.

Meu lugar é ao lado de Sam; sempre foi com Sam. Sam é minha *raison d'être*. Não algum garoto de fazenda ilusório de Ohio louco até o fundo dos ossos. Jesus, se Especialista estiver certa, até o amor de Evan pode ser parte da loucura. Ele acha que está apaixonado por mim como acha que é um Outro.

Assim, qual é a diferença entre pensar e realmente ser? Existe uma diferença?

Há vezes em que detesto o meu cérebro.

- Os mortos - Especialista diz com uma voz que reflete a palavra: nada ali, desapareceu vazio. - Vim para cá matar um inocente. Matei cinco. Se eu voltar, vou matar até perder a conta. Vou matar até que contar não importe mais - ela não está olhando para mim, está

olhando para Ben. - E vai ser fácil - ela se vira para mim. - Você não entende. Eu sou aquilo em que ele me transformou.

Gostaria que ela chorasse. Quero que ela grite, berre, sacuda os punhos, soque alguma coisa, uive até a voz acabar. Qualquer coisa seria melhor do que o jeito vazio e indiferente com que fala. O que ela disse não combina com o jeito com que falou, e isso é assustador.

- E, no final, nós duas falhamos - ela fala. - Evan vai morrer e Vosch vai viver.

Ela aceita minha mão mesmo assim. Ainda mais assustador.

Neste ponto, Ben chegou ao fim de sua resistência: física e mental. Ele não pode ficar parado mais tempo ou continuar com essa estranha e muito rápida virada de Ela é uma traidora! para Ela é minha parceira! Ele saltita até os degraus e se senta, estendendo a perna machucada diante dele. Ele olha para o teto e esfrega o queixo.

- Especialista, talvez seja melhor você subir outra vez, para o caso de ter esquecido alguém.

Ela sacode a cabeça e seus brilhantes cabelos pretos balançam de um lado a outro, uma cortina obsidiana sedosa.

- Não esqueci ninguém.

- Bem, no caso de mais alguém ter vindo.

- Como quem?

Ele vira a cabeça devagar em sua direção.

- Pessoas ruins.

Ela me olha. Então concorda. Ela dá a volta nele e começa a se abaixar para pegar o rifle. Escuto-a sussurrar, "Não", para ele, antes de desaparecer. Não?

- O que há com vocês dois? - eu pergunto.

- Do que você está falando?

- Os olhares. Esse não agora mesmo.

- Não é nada, Cassie.

- Nada seria nenhum olhar E nenhum não.

Kle dá de ombros, olha para o alto da escada onde um buraco se abriu para o céu onde antes ficava a casa.

- Isso não quer dizer nada - ele diz e sorri como se estivesse constrangido por dizer algo idiota. - Não importa o quanto você acha que conhece alguém, sempre existe uma parte que fica de fora. Não se pode. Tipo, nunca. Uma sala trancada. Não sei - ele sacode a cabeça e ri. O riso desaparece no momento em que nasce.

- Com Especialista, isso é mais do que todas as salas do Louvre -
comento.

Ben se levanta e manca até onde estou, usando o rifle como muleta. Quando chega, seu rosto é um estudo de exaustão e dor. Lá vamos nós. Parish sara de um ferimento causado por Especialista, então ela provoca outro. Precisa dar continuidade ao padrão.

- Você perdeu a cabeça? - ele pergunta.

- O que você acha?

- Acho que sim.

- Como pode saber? - estou totalmente confiante de que ele não vai entender minha pergunta.

- A Cassie Sullivan que conheço nunca deixaria o irmãozinho.

- Talvez eu não seja a Cassie Sullivan que você conhece.

- Então você simplesmente vai deixá-lo...

- Com você.

- Talvez você não tenha notado, mas eu sou uma droga quando se trata de proteger pessoas.

- Isso não tem a ver com você, Parish.

Ele escorrega pela parede ao meu lado. Respira fundo algumas vezes. Então dispara:

- Vamos ser francos, ok? Ela não vai chegar até Vosch, e você não vai chegar até Evan. Essa parte está terminada. Hora de passar para a próxima.

- A próxima?

- Eles - ele mostra Sammy e Megan enrodilhados sob o cobertor com um gesto de cabeça. - Sempre foi por causa deles, desde o primeiro dia. O inimigo sempre soube disso. A parte muito triste e assustadora é por que nos esquecemos disso com tanta facilidade.

- Eu não esqueci - digo a ele. - Por que você acha que estou indo? Não se trata de Evan Walker. Não se trata de você ou de mim. Se Especialista estiver certa, Evan é a nossa última esperança - olho para o rosto de meu irmãozinho, angelical no sono. - A última esperança dele.

- Então eu vou com Especialista. Você fica aqui. Sacudo a cabeça.

- Você está quebrado. Eu, não.

- Bobagem. Posso resolver...

- Não estou falando de sua perna. Ele se encolhe. O maxilar se aperta.

- Isso não é justo, Cassie.

- Não estou preocupada em ser justa. Não se trata de justiça. Isso é sobre probabilidades. E risco. Isso é sobre meu irmão viver para ver o próximo Natal. Seria ótimo se houvesse alguém que eu pudesse escolher para me substituir, mas tem que ser eu, Parish. Só eu. Porque ainda estou lá, Ben, debaixo daquele carro na rodovia, eu nunca saí e nunca me levantei. Ainda estou esperando que o bicho-papão venha me pegar. E, se eu fugir agora, para algum lugar ou nenhum lugar, ele vai me encontrar. Ele vai encontrar Sam - puxo Urso do cobertor e o aperto junto do peito. - Não me importa se Evan Walker é um alienígena, humano ou humano-alienígena ou um pé de alface. Não me importo com a sua bagagem ou com a bagagem de Especialista e, principalmente, não me importo com a minha bagagem. O mundo existiu por muito tempo antes que este conjunto de sete bilhões de átomos em especial surgissem e vai continuar depois que forem espalhados para cima, para baixo e para os lados.

Ben estende a mão e toca meu rosto úmido. Empurro sua mão.

- Não me toque. Seu Ben-que-é. Seu Ben-que-pode-ter-sido.

- Olhe, Cassie. Não sou seu chefe e não sou seu pai. Não posso impedir você, assim como você não pôde me impedir de ir para as cavernas.

Aperto o rosto no alto da velha cabeça cor de rato de Urso. Urso tem cheiro de fumaça e suor e terra e meu irmãozinho.

- Ele adora você, Ben. Acho que mais do que a mim. Mas isso...

- Não é verdade, Cassie.

Não. Me. Interrompa. Isso é uma coisa minha. Só para você saber. E agora eu gostaria de dizer uma coisa. -Ok.

- Há uma coisa que gostaria de falar.

- Estou ouvindo.

Olhando para longe. Olhando para o nada. Respiro fundo. Não fale, Cassie. De que adianta agora? Não tem sentido. Talvez isso seja algo que nós dois tenhamos que entender.

- Eu era apaixonada por você desde a 3ª série - sussurro. - Escrevi seu nome nos cadernos. Desenhei corações em volta dele. Eu o enfeitei com flores. Margaridas, principalmente. Eu sonhei acordada e sonhei dormindo, e ninguém sabia exceto minha melhor amiga. Que está morta. Como todo mundo.

Olhando para longe. Olhando para o nada.

- Mas você estava onde estava e eu estava onde estava. Você poderia estar na China que não faria diferença. Quando você apareceu do nada no campo de Sammy, pensei que tinha que significar alguma coisa. Porque você viveu quando deveria ter morrido, e eu vivi quando deveria ter morrido. São... são muitas coincidências para serem apenas coincidências, entendeu? Mas é só isso, uma coincidência. Não há plano divino. Não há nada escrito nas estrelas. Nada de deveria-ter-sido em nada disso. Somos pessoas acidentais ocupando um planeta acidental em um universo acidental. E está tudo bem. Esses sete bilhões de bilhões de átomos estão bem também.

Aperto os lábios na cabeça nojenta do bicho de pelúcia. Realmente bacana os seres humanos terem conquistado a Terra, inventado a poesia e a matemática e o motor a combustão, descoberto que o tempo e o espaço são relativos, construímos máquinas grandes e pequenas para nos levar à Lua para apanhar algumas pedras e nos levar ao McDonalds para um sorvete de morango com banana. Muito legal termos dividido o átomo e presenteado a Terra com a internet e smartphones e, é claro, o pau de selfie.

Mas a coisa mais maravilhosa de todas, nossa maior realização e a coisa pela qual rezo que sejamos sempre lembrados é transformar um dos mais temidos predadores da natureza em um bichinho de pelúcia com cara fofa e anatomicamente incorreto.

Há preparativos a fazer. Detalhes a esclarecer.

Primeiro, preciso de um uniforme. Ben fica com as crianças enquanto Especialista e eu desenterramos os corpos. Há o menor dos recrutas, cujo uniforme parece ter o tamanho ideal, mas há um buraco de bala nas costas da jaqueta. Pode ser difícil de explicar. Especialista puxa o próximo corpo, cujas roupas estão sujas, mas sem buracos de bala e quase sem sangue. Ela explica que esmagou seu crânio com uma vara de aço de 10 cm. Ele não sentiu nada, ela garante. Não percebeu o que ia acontecer. Tudo bem. Sinto o conteúdo do estômago subir. Está tudo bem. Eu me troco bem ali do lado da estrada debaixo do céu nu. Ha. Céu nu. E lá está Cassiopeia acima de mim, acorrentada a sua cadeira, observando sua xará e o garoto morto se despirem. Flagro Especialista olhando para ele, e o rosto dela fica ainda mais pálido do que o normal. Acompanho seu olhar até o braço do garoto, onde marcas cruas cintilam à luz das estrelas. O que é aquilo? Letras?

- O que é isso? - pergunto enquanto arregaço as pernas das calças; elas são alguns centímetros longas demais.

- É latim - ela responde. - Significa que vence quem persevera.

- Por que está cortado no braço dele desse jeito?

Ela sacode a cabeça. A mão dela vai até o próprio ombro. Ela pensa que não noto.

- Você também tem uma, não é?

- Não - ela se ajoelha ao lado do garoto, a faca de combate dele em sua mão. Ela corta ao longo da pequena cicatriz na nuca e habilmente retira o dispositivo de rastreamento do corte.

- Tome. Ponha isso na sua boca.

- Uma droga que vou.

Ela o coloca na palma da mão e cospe nele, limpando o sangue.

- Melhor?

- Como isso poderia ser melhor?

Ela agarra a minha mão e nela deposita a pelota pegajosa.

- Então você o limpa.

Amarro as botas enquanto ela faz um corte na nuca de outro garoto, retira o rastreador com a ponta da faca depois desliza a lâmina entre os lábios. Há algo absolutamente selvagem em seus gestos, e suas palavras ecoam em minha mente: Eu sou o que fizeram de mim.

Preparativos. Detalhes.

Vou precisar de equipamentos, mas somente o que poderei colocar nos bolsos e bolsas do uniforme. Pentes extras para o rifle e a pistola, uma pequena lanterna, algumas granadas, duas garrafas de água e três barras de proteína, por insistência de Ben. Parish tem essa superstição esquisita em relação a barras de proteínas, o que é uma grande bobagem, ao contrário de minha crença na força talismânica em ursos de pelúcia.

- E se você estiver enganada? - pergunto a Especialista.

- Então estamos ferradas - ela replica, dando de ombros.

Tão esperta e alegre. Sempre um raio de sol. Acordo Sam e Megan e os faço comer enquanto Ben e Esp se preparam para o ataque do lado de fora. Há algo entre esses dois. Algo que estão escondendo de mim. Fico até desejando que pudesse ter as velhas capacidades de invasão-de-mentes de Evan. Mergulho na cabeça de Ben Parish e abro caminho para a verdade. Pensei que tinha derrubado Especialista com aquela parte de sua teoria de que Silenciadores-são-pessoas-como-nós-só-que-mais-intensas. Como o espírito de Evan entrou e se misturou ao meu se ele é humano? A resposta dela exigiu conhecimentos avançados de robótica, biônica e física eletromagnética para ser entendida. A CPU conectada ao seu cérebro interpretando meu biofeedback fisiológico, criando uma alça informacional na qual meus dados se combinaram aos dele, blá-blá-blá. Realmente, ciência é algo maravilhoso, mas por que tende a sugar todo o alegre mistério do mundo? O amor pode não ser mais do que uma complexa interação de hormônios, comportamento condicionado e reforço positivo, mas tente escrever um poema ou uma canção sobre isso.

Preparativos. Detalhes.

Informo Sam e Megan sobre o plano. Sam está de acordo, embora preferisse se infiltrar na base. Pelo menos vai ter algum

tempo de qualidade com seu amado Zumbi. Megan não diz uma palavra e estou preocupada que ela possa causar problemas no momento crítico. Mas não posso censurá-la. Na última vez em que confiou em adultos, eles instalaram uma bomba em sua garganta.

Entrego Urso para que Sam o guarde e vice-versa. Ele o entrega a Megan. Ah, Jesus. Grande demais para Urso agora; eles crescem muito depressa.

Cobertores, digo a eles. Todos, menos Especialista, ganham um cobertor.

Então não resta nada a fazer além de subir a escada pela última vez.

Pego a mão de Sammy, Sammy segura a de Megan, Megan pega a de Urso, e juntos subimos à superfície. Os degraus balançam e gemem. Eles podem desabar.

Nós, não.

ZUMBI

Observo Especialista carregar os dois últimos corpos para o interior da velha oficina, um debaixo de cada braço. Compreendo como isso é possível; mesmo assim, ficar olhando é um pouco assustador. Espero junto da sepultura vazia que ela saia. Não acontece. Ah, rapaz, o que agora?

Dentro da oficina, o cheiro de gasolina e graxa traz o passado de volta. Antes que houvesse Zumbi, havia esse garoto chamado Ben Parish, que trabalhava com carros com o velho pai nos sábados à tarde, o último foi uma Corvette 69 vermelho-cereja, seu presente de 17 anos do pai, um sujeito que realmente não tinha condições de comprá-lo e fingiu que era para o único filho, mas ambos sabiam a verdade. O aniversário de Ben foi uma desculpa para comprar o carro, e o carro foi uma desculpa para passar algum tempo com o filho enquanto o relógio caminhava na direção da formatura e depois da faculdade e depois dos netos e depois do asilo e depois do túmulo. O túmulo saltou inesperadamente para a frente da fila, mas não antes do carro; pelo menos por alguns sábados à tarde, eles tiveram aquele carro.

Ela tinha deitado as vítimas lado a lado na oficina, cruzando os braços de cada uma sobre o peito. Não sei onde Especialista está. Durante um segundo, entro em pânico. Sempre que espero um zigue, acontece um zague. Passo o peso do corpo para a perna boa e passo o rifle do ombro para as mãos.

Na profundidade das sombras no fundo, um choro baixo marcado por fungadelas. Manco diante das caixas de ferramentas e um amontoado de latões de óleo, atrás dos quais a encontro, sentada

de encontro à parede de blocos de concreto, abraçando os joelhos de encontro ao peito.

Não consigo ficar com o corpo ereto; a dor é muito grande. Sento-me ao seu lado. Ela enxuga o rosto. Pela primeira vez, vejo Especialista chorar. Nunca a vi sorrir e provavelmente nunca verei, mas agora a vi chorar. Fico perturbado.

- Você não teve escolha - digo a ela. Desenterrar esses corpos deve tê-la abalado. - E, seja como for, eles não sabem a diferença, certo?

Ela sacode a cabeça.

- Ah, Zumbi.

- Não é tarde demais, Esp. Podemos desistir. Sullivan não pode fazer isso sem você.

- Ela não poderia ter feito nada se você não entrasse na frente de Walker daquele jeito.

- Talvez eu não tivesse feito isso se confiasse na verdade.

- A verdade - ela repete.

- A palavra importante aqui é confiar.

- Confio em você, Zumbi.

- Jeito engraçado de mostrar.

Ela sacode a cabeça. Zumbi idiota, errado de novo.

- Sei que não vai contar.

Ela estende as pernas e uma garrafa de plástico cai de seu peito para as coxas. O líquido verde brilhante em seu interior é sacudido. É um frasco de anticongelante.

- Uma tampa deve ser suficiente - ela diz tão suavemente que acho que não está falando comigo. - O 12º Sistema, ele vai me proteger. Me proteger.

Pego o frasco de seu colo.

- Mas que coisa, Esp, você não tomou isso, tomou?

- Devolva isso, Zumbi.

Solto o ar dos pulmões. Imagino que seja um 'não'.

- Você me disse o que aconteceu, mas não como foi.

- Bom, você sabe - ela agita a mão no ar. - O jeito de sempre. Ok, eu mereço isso.

- O nome dele era Navalha - ela franze o cenho. - Não, o nome dele era Alex.

- O recruta que atirou em Teacup.

- Por mim. Para eu poder escapar.

- O que ajudou Vosch a enganar você.

- Sim.

- E então Vosch meio que enganou vocês dois.

Ela me dá o conhecido olhar impassível de Especialista.

- O que isso quer dizer?

- Vosch o deixou com você naquela noite. Ele deve saber que Navalha tinha... que deixar vocês dois juntos poderia fazer com que...

- Isso é loucura, Zumbi. Se Vosch pensou nisso por um segundo, ele nunca deixaria Alex me vigiar.

- Como assim?

- Porque o amor é a arma mais perigosa do mundo. É mais instável do que urânio.

Engulo saliva. Minha garganta está seca.

- Amor.

- Sim, amor. Pode me devolver isso agora?

- Não.

- Eu poderia tirá-lo de você - ela está me olhando através de um espaço menor do que um punho com olhos só um pouco mais claros do que a escuridão que os cerca.

- Eu sei disso.

Fico tenso. Tenho a sensação de que ela poderia me deixar desacordado com o estalo de um dedinho.

- Você quer saber se eu o amei. Você quer me perguntar isso - ela fala.

- Não é da minha conta.

- Eu não amo mais, Zumbi.

- Bem, tudo bem. Você ainda é jovem.

- Pare com isso. Pare de tentar me fazer sorrir. É cruel.

Há uma faca girando em meu ventre. A dor faz o ferimento à bala parecer uma picada de inseto. Não sei qual é a razão, mas, sempre que estou perto dessa garota, a dor aparece, e não é

apenas física. Conhecendo intimamente os dois tipos, prefiro ser baleado uma dezena de vezes a ter o coração partido ao meio.

- Você é um idiota - ela me informa. Ela abre a tampa do anticongelante. - Sempre achei isso - Ela enche meia tampa. O líquido tem um colorido verde neon. A cor deles.

- Isso foi o que fizeram, Zumbi. Este é o mundo que criaram, onde dar vida é mais cruel do que tirá-la. Estou sendo generosa. Estou sendo sensata.

Ela leva a tampa aos lábios. A mão treme; o líquido verde brilhante se derrama sobre a borda e escorre em seus dedos. E nos olhos dela a mesma escuridão que inunda meu ser.

Ela não reage quando envolvo seu pulso com os dedos. Ela não libera seu aperfeiçoamento nem arranca minha cabeça dos ombros. Ela mal oferece resistência quando a obrigo a abaixar a mão.

- Estou perdida, Zumbi.

- Vou encontrar você.

- Não consigo me mover.

- Eu a levo.

Ela se inclina e recosta em mim. Eu a abraço. Seguro seu rosto entre as mãos; corro os dedos por seus cabelos.

A escuridão desaparece; ela não pode permanecer.

Estamos voltando ao buraco quando Cassie e as crianças saem do porão da casa de segurança demolida, carregadas de cobertores.

- Zumbi - Nugget chama. Ele corre, a pilha de cobertas balançando para cima e para baixo. Ele para quando vê o rosto de Especialista de perto. No mesmo instante, ele sabe que algo está errado; somente cães lêem rostos melhor do que criancinhas.

- O que foi soldado? - pergunto.

- Cassie não quer me dar a arma.

- Vou tentar resolver isso.

Ele fecha a cara. Ele tem dúvidas.

Cutuco-o levemente com o punho e acrescento:

- Deixe-me enterrar Esp primeiro. Depois falamos sobre armas.

Cassie sobe, meio que na frente, meio que arrastando Megan pelo pulso. Espero que ela fique firme. Tenho a sensação de que, se ela soltar a mão, a garota vai correr. Especialista vira a cabeça na direção da oficina, lá dentro, e diz:

- Dez minutos para o helicóptero.

- Como você sabe?

- Posso ouvi-lo.

Cassie me lança um olhar acompanhado de uma sobrancelha erguida. Entendeu isso? Ela diz que pode ouvi-lo. Enquanto tudo que os outros ouvem é o vento soprando sobre os campos vazios.

- Para que serve a mangueira? - ela me pergunta.

- Para que eu não fique inconsciente ou sufoque - Esp responde.

- Pensei que você tivesse sido... como você disse... aperfeiçoada.

- Eu fui. Mas ainda preciso de oxigênio.

- Como um tubarão - Cassie fala. Especialista assente.

- Isso mesmo.

Sullivan leva as crianças à oficina. Especialista larga a mangueira e se deita de costas na terra. Pego o rifle onde ela o deixou cair e me abaixo perto dela. Ela sacode a cabeça.

- Deixe-o ali.
- Tem certeza?

Ela concorda com um gesto de cabeça. O seu rosto está banhado pela luz das estrelas. Respiro fundo.

- O quê? - ela pergunta. Olho para longe.
- Nada.
- Zumbi. Pigarreio.
- Não é importante. Eu só pensei, por um minuto... passou por minha cabeça...
- Zumbi.
- Certo. Você é linda. É só isso. Quer dizer, você queria saber...
- Você fica sentimental nos momentos mais estranhos. Mangueira. Largo uma das pontas. Ela fecha a boca sobre a abertura e faz sinal de positivo.

Agora escuto o helicóptero, fraco, mas se aproximando. Jogo terra em cima dela com uma pá, empurro com a mão direita para o buraco enquanto seguro a mangueira com a esquerda. Ela não precisa dizer nada; leio as palavras em seus olhos. Depressa, Zumbi.

O som desagradável da terra atingindo seu corpo. Decido não olhar. Observo o céu enquanto a enterro, agarrando a ponta da mangueira com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos. O número quase infundável de jeitos em que isso pode dar errado passa correndo em minha mente. E se houver todo um esquadrão a bordo do helicóptero? E se não for apenas um Black Hawk, mas dois? Ou três ou quatro? E se, e se, e se, e se, tanto faz.

Não vou conseguir voltar à oficina a tempo. Especialista já está completamente coberta, mas estou do lado de fora com uma perna ferida e 100 metros para atravessar antes que o helicóptero - cuja silhueta consigo ver de encontro ao fundo de estrelas, uma mancha inútil de encontro ao branco cintilante - esteja ao alcance. Nunca tentei correr com uma bala na perna. Nunca foi preciso. Acho que há uma primeira vez para tudo.

Não chego muito longe. Talvez uns 45 metros. Lanço-me para frente e aterrisso de cara na terra. Por que Cassie não enterrou Especialista? Faria mais sentido eu me esconder com as crianças e, além disso, Sullivan provavelmente adoraria essa oportunidade.

Eu me levanto. Fico na vertical talvez por uns cinco segundos, então caio de novo. Tarde demais. Devo estar ao alcance do infravermelho agora.

Um par de botas pisa forte em minha direção. Um par de mãos me puxa para cima. Cassie coloca meu braço em volta de seu pescoço, puxa-me para frente enquanto viro minha perna, saltito na perna boa, viro a perna ferida, mas ela leva a maior parte da carga. Quem precisa do 12º Sistema quando se tem uma coragem como a de Cassie Sullivan?

Caímos no chão da oficina e Cassie joga um cobertor em cima de mim. As crianças já estão cobertas e eu grito Ainda não! O calor de seus corpos vai se acumular sob o tecido, derrubando o objetivo.

- Espere o meu sinal - digo a eles. Então, para Cassie: - Você conseguiu. Incrivelmente, ela sorri para mim e concorda com um gesto.

- Eu sei.

-54-

CASSIE

- Agora! - Ben grita, provavelmente tarde demais: o helicóptero troveja sobre nós. Mergulhamos para baixo dos cobertores e começo a contagem regressiva.

Como vou saber que chegou a hora?, perguntei a Especialista.

Depois de dois minutos.

Por que dois?

Se não conseguirmos em dois minutos, não vai dar certo. O que ela quis dizer? Não perguntei, mas agora desconfio que dois é só um número aleatório que ela tirou do traseiro.

Conto mesmo assim. ... 58 mil, 59 mil, 60 mil...

O velho cobertor cheira a mofo e urina de rato. Não vejo coisa alguma. O que escuto - tudo que escuto - é o helicóptero, que parece estar a meio metro de distância. Ele pousou? A equipe de resgate foi mandada para verificar o misterioso monte de terra que parece estranhamente com uma sepultura? As perguntas rolam no terreno de minha mente como uma névoa que se espalha lentamente; é difícil pensar quando se está contando - talvez seja esse o motivo que é recomendado para ajudar a dormir.

... 92 mil, 93 mil, 94 mil...

Estou com dificuldade para respirar. Isso pode ter algo a ver com o fato de estar sufocando lentamente.

Em algum ponto perto de 75 mil, os motores do helicóptero desaceleram. Não pararam, apenas a velocidade e o volume diminuíram. Pousar? Em 95 mil, os motores aceleram outra vez. Fico aqui até que os dois minutos arbitrários de Especialista terminem ou escuto a vozinha sensata gritando no meu ouvido, Vai, vai, vai, vai, vai agora!

Em 97 mil, eu vou.

E do mesmo jeito o mundo parece ofuscantemente brilhante depois que disparo do meu casulo de lã.

Livre na porta da oficina, bem à direita, depois campos, árvores, estrelas, estrada, e helicóptero, a dois metros do chão.

E subindo.

Droga.

Ao lado do buraco-de-Especialista, uma sombra que gira junto à terra revirada e outra sombra que se move tão devagar que parece que nem está se movendo. Especialista abriu a armadilha para a equipe de busca. Sayonara, equipe de busca!

Estou correndo a toda para o Black Hawk, e os suprimentos no uniforme fazem com que pareça estar carregada de tijolos, o rifle balançando de encontro às costas e, droga, ele está longe demais e subindo muito depressa, salte, Cassie, salte, você não vai conseguir, hora do Plano B, só que não temos um Plano B, e dois minutos, o que foi isso, Especialista? Se você é o gênio tático nessa operação, então estamos totalmente ferrados, e o espaço se encolhe entre mim e o helicóptero enquanto seu nariz desce ligeiramente, e o quanto o seu vertical é bom, Sullivan?

Salto. O tempo para. O helicóptero pende suspenso como um mobile acima de meu corpo estendido - mesmo os dedos dos pés apontam para baixo - e não há mais nenhum som ou corrente de ar das hélices que levantam o Black Hawk ou empurram meu corpo para baixo.

Havia aquela garotinha - ela não existe mais - com braços fininhos e perninhas ossudas e uma cabeça coberta de cachos ruivos balançantes e um nariz (muito reto) com um talento especial que somente ela e o pai conheciam.

Ela podia voar.

Meus dedos estendidos batem na beira da porta de carga. Toco em algo frio e metálico, e seguro nisso com ambas as mãos enquanto o helicóptero sobe e o chão se afasta rapidamente dos meus pés que me impulsionam. Quinze metros para cima, 30 metros, e eu balanço para frente e para trás, tentando jogar os pés

na plataforma. Sessenta metros, noventa, e minha mão direita escorrega, estou pendurada apenas pela esquerda agora, e o barulho é ensurdecedor, por isso não escuto os meus gritos. Olhando para baixo, vejo a oficina e a casa do outro lado da rua e na estrada a mancha negra onde antes estive a casa de Graça. Campos iluminados por estrelas e bosques com um brilho cinza-prateado e a estrada se estendendo de horizonte a horizonte.

Vou cair.

Pelo menos vai ser rápido. Ploft, como um inseto de encontro a um para-brisa.

Minha mão esquerda escorrega; polegar, mindinho e anular no ar vazio; estou presa ao helicóptero por dois dedos. Então esses dedos também escorregam.

Aprendi que é possível ouvir os próprios gritos acima dos motores de um helicóptero Black Hawk afinal.

Além do mais, não é verdade que a sua vida passa como um raio diante de seus olhos quando se está para morrer. As únicas coisas que passam como um raio diante dos meus são os olhos de Urso, de plástico, sem piscar, sem fundo, cheios de alma sem alma.

Há vários metros para cair. Caio menos que um, parando de forma tão repentina que meu ombro é quase arrancado da articulação. Não peguei nada para abortar a queda; alguém me pegou e agora está me puxando para bordo.

Sou jogada de braços no chão do helicóptero. Primeiro, a sensação é Estou viva!, Depois é Eu vou morrer Porque quem me resgatou está me puxando para cima e tenho basicamente três opções, quatro se incluir a falsa escolha da arma, porque disparar uma arma dentro de um casulo de metal como o helicóptero é uma péssima idéia.

Tenho meus punhos, o spray de pimenta em um dos 29 milhões de bolsos do meu novo uniforme, ou a arma mais dura e aterrorizante do formidável arsenal de Cassie Sullivan: sua cabeça.

Viro com rapidez e bato a testa no centro do rosto, crash!, quebrando um nariz e então vem o sangue. Como muito sangue, praticamente um gêiser, mas o golpe não tem outro efeito. Ela não se move um centímetro. Ela nem mesmo pisca. Ela foi - qual é a palavra que ela usou para descrever a coisa incrivelmente arrepiante e assustadora que Vosch fez com ela? - aperfeiçoada.

- Calma, Sullivan - Especialista diz, virando a cabeça para cuspir um monte de sangue do tamanho de uma bola de golfe.

ESPECIALISTA

Empurro Sullivan para o assento e grito em seu ouvido:

- Prepare-se para saltar! - ela não diz nada, apenas olha para o meu rosto ensanguentado sem compreender. Artérias cauterizadas pelos microscópicos drones nadando em minha corrente sanguínea, receptores de dor fechados pelo hub; devo parecer horrível, mas me sinto ótima.

Passo por cima dela até o cockpit e me largo no assento do copiloto. O piloto me reconhece imediatamente.

É o tenente Bob. O mesmo tenente Bob cujo dedo quebrei na minha "fuga" com Navalha e Teacup.

- Santo Deus! - ele grita. - Você!

- De volta do túmulo! - grito, o que é literalmente verdade. Aponto o dedo para nossos pés. - Leve ele para baixo!

- Dane-se você!

Reajo sem pensar. O hub decide por mim, e essa é a coisa assustadora sobre o 12º Sistema: não sei mais onde ele termina e onde começo. Não totalmente humana, não totalmente alienígena, tampouco as duas coisas, algo solto dentro de mim, algo liberto.

Depois percebo o quanto é brilhante: o mais precioso bem de um piloto é a visão.

Arranco seu capacete e enfio o polegar em seu olho. Ele esperneia; ele levanta a mão e tenta agarrar meu pulso; e o nariz do helicóptero se inclina para baixo. Intercepto sua mão e a guio de volta para a alavanca enquanto penetro dentro dele: onde há pânico, a calma. Onde há medo, a paz. Onde há dor, o conforto.

Sei que ele não vai dar uma de kamikaze, porque nenhuma parte dele está oculta de mim. Eu conheço os desejos que ele iria negar

até a si mesmo e, dentro dele, não há desejo de morrer.

Como não há dúvida em sua mente de que ele precisa que eu viva.

Zumbi tinha razão em todos aqueles meses antes: no que se refere a santuários no apocalipse, era muito difícil superar as cavernas de West Liberty.

Não é de surpreender que o padre Silenciador as reivindicasse para si mesmo.

Galões de água fresca. Uma câmara inteira estocada com alimentos secos e enlatados. Suprimentos médicos, camas, latas de combustível para aquecimento, querosene e gasolina. Roupas, ferramentas, armas e explosivos suficientes para equipar um pequeno exército. Um esconderijo perfeito, até aconchegante, se se ignorasse o cheiro.

As cavernas de Ohio fediam a sangue.

A câmara maior era a pior. No subsolo, úmida, com pouca ventilação. O cheiro - e o sangue - não tinha para onde ir. O chão de pedra ainda mostrava um brilho carmesim sob nossas luzes.

Ocorreu uma matança ali. Ou o falso padre apanhou os cartuchos usados ou ele cortou as vítimas em pedaços, uma a uma. Encontramos um lugar junto da parede com um saco de dormir, uma pilha de livros (inclusive uma velha Bíblia), uma lamparina a querosene, um saco cheio de pro dutos de higiene e vários rosários.

- De todos os lugares em que ele poderia se esconder, escolheu este ponto - Zumbi murmura. Ele está apertando um pano no rosto a fim de filtrar o ar. - Filho da mãe maluco.

- Maluco, não, Zumbi - digo a ele. - Doente. Infestado com um vírus antes mesmo de nascer. Esse é o melhor jeito de pensar no assunto.

Zumbi assente devagar.

- Você tem razão. Esse é o melhor jeito de pensar no assunto.

Deixamos o piloto Bob com Cassie e as duas crianças em outra câmara, depois de limpar e cobrir o ferimento e lhe dar antibióticos e uma forte dose de morfina. Ele não está em condições de voar mais

esta noite. Só nos levar até as cavernas ultrapassou sua resistência, mas eu me sentei ao lado dele e o mantive focado e calmo, seu lastro e sua âncora.

Zumbi e eu nos retiramos para um piso superior e ele navega pelas passagens estreitas com uma das mãos no meu ombro, balançando a perna ferida de modo estranho, encolhendo-se a cada passo. Tomo nota mentalmente para verificar o ferimento antes de partir. Provavelmente a bala deveria ser removida, mas imagino que o procedimento faça mais mal do que bem. Mesmo com antibióticos, o risco de infecção é alto, e perfurar uma artéria importante seria catastrófico.

- Só dois caminhos até aqui - ele fala. - Isso é bom para nós. Podemos bloquear uma extremidade, o que deixa uma entrada apenas para ser vigiada.

- Certo.

- Acha que estamos longe o bastante de Urbana?

- Longe o suficiente de Urbana para quê?

- Para não sermos vaporizados - ele sorri, e seus dentes brilham de um jeito incomum sob a luz da lamparina.

Sacudo a cabeça.

- Eu não sei.

- Sabe o que é assustador, Esp? Você parece saber mais do que qualquer um de nós, mas sempre que surge uma pergunta importante, como a questão de podermos ou não ser vaporizados, você nunca sabe a resposta.

O caminho é íngreme. Ele precisa descansar. Não sei ao certo se ele sabe que posso sentir o que ele sente pelo toque de sua mão no meu ombro. Não sei se isso iria confortá-lo ou aterrorizá-lo. Talvez os dois.

- Espere, Zumbi - agindo como se eu precisasse recuperar o fôlego. - Preciso descansar um pouco.

Recosto-me nas pedras. Primeiro, ele tenta bancar o forte e ficar ereto. Mas depois de um minuto ou dois ele não consegue continuar a encenação; larga-se no chão, gemendo com o esforço. Desde que

nos conhecemos, a dor tem sido sua companheira quase constante, a maioria das vezes causada por mim.

- Está doendo? - ele pergunta.

- O quê?

Ele aponta meu nariz.

- Sullivan disse que pegou você em cheio.

- É verdade.

- Nem ao menos está inchado. E nenhum olho roxo. Desvio o olhar.

- Agradeça a Vosch.

- Meio que espero que você agradeça por todos nós.

Zumbi sabe que está em terreno perigoso. Ele passa a território mais seguro rapidamente.

- E não dói? Você não sente dor? Olho direto em seus olhos.

- Não, Zumbi. Não sinto dor.

Eu me agacho, apoio-me nos calcanhares e coloco a lamparina no chão. O espaço entre nós, menor que 30 cm, parece mais que um quilômetro.

- Você notou quando entramos? - pergunto. - Alguém construiu um chuveiro externo. Acho que vou usá-lo antes de ir embora - tenho sangue seco no rosto, há terra nos cabelos, e terra molhada em todos os lugares expostos. Uma eternidade passou depois que Zumbi me enterrou. Ainda vejo seus rostos vazios e atordoados e horrorizados quando saí da cova, os dois recrutas enviados para apanhar os companheiros de esquadrão deixados para trás para nos matar. Sullivan apresentou uma expressão semelhante depois de ter batido a cabeça no meu nariz. Tornei-me motivo de espanto e pesadelos.

Assim, quero estar limpa. Quero me sentir humana outra vez.

- Tudo bem se a água estiver fria? - Zumbi pergunta.

- Não vou sentir.

Ele assente como se entendesse.

- Deveria ser eu. Não no chuveiro. Ha, ha. Falo de ir com você. Não Cassie. Sinto muito, Especialista - ele finge analisar as pontas denteadas da caverna se projetando sobre nossas cabeças, a boca

de um dragão com gelada em meio a uma mordida. - Como ele era? Isto é, aquele sujeito. Você sabe.

Eu sei.

- Forte. Engraçado. Esperto. Ele adorava falar. E ele adorava beisebol.

- E você? - Zumbi pergunta.

- Não sei nada de beisebol.

- Não foi o que eu quis dizer, e você sabe disso.

- Não importa - respondo. - Ele está morto.

- Ainda é importante.

- Isso é algo que você teria que perguntar a ele.

- Não posso. Ele está morto. Por isso estou perguntando a você.

- O que você quer de mim, Zumbi? Sério, o que você quer? Ele era gentil comigo...

- Ele mentiu para você.

- Não quando era importante. Não sobre coisas importantes.

- Ele traiu você e a entregou a Vosch.

- Ele sacrificou sua vida por mim.

- Ele matou Teacup.

- Chega, Zumbi. Acabou. - Eu me levanto. - Eu não deveria ter lhe contado.

- Por que contou?

Porque você é minha zona livre de idiotices, mas não vou lhe dar esse prazer. Porque saí da floresta por você, não, isso não, também. E tampouco porque você é a única pessoa em quem ainda confio.

Em vez disso, digo:

- Você me pegou em um momento de fraqueza.

- Bem - então o sorriso Ben Parish, o sorriso que quase provoca dor ao ser olhado. - Se algum dia você precisar de um idiota egoísta, sou seu cara - ele inspira duas vezes, e acrescenta: - Ah, vamos lá, Esp. Vamos lá. Sorria. Essa piada funciona em tantos níveis que nem é mais engraçada.

- Você tem razão - respondo. - Não é engraçada.

Escorrego para fora das roupas ao lado do chuveiro externo. O container no alto estava vazio, de modo que tive que enchê-lo com água da cisterna próxima ao centro de boas vindas. A cisterna devia pesar uns 50 quilos, mas eu a apoiei no ombro como se não pesasse mais do que o pequeno Nugget.

Sei que a água estava fria, mas, como eu disse a Zumbi, estou protegida pelo presente de Vosch. Não sinto nada além da umidade. A água leva consigo o sangue e a sujeira.

Passo as mãos no abdômen. Ele sacrificou a vida por mim. O garoto na entrada acendeu uma pira funerária, esculpindo letras em seu braço.

Toco meu ombro. A pele está lisa e macia. O 12º Sistema reparou os danos minutos depois que os provoquei. Sou como a água que corre pelo meu corpo, imune à permanência, reciclando interminavelmente. Eu sou água; eu sou vida. A forma pode mudar, mas a substância permanece a mesma. Derrube-me e eu vou me levantar. Vincit qui patitur.

Fecho os olhos e vejo os dele. Azuis intensos, cintilantes, brilhantes, olhos que cortam fundo, além dos ossos. Você me criou e agora sua criação está voltando para você. Como a chuva na terra ressecada, eu vou voltar.

E a água leva consigo o sangue e a sujeira.

CASSIE

Aqui está algo sobre que refletir. Aqui está a encantadora verdade sobre o mundo que os Outros estão criando:

Meu irmãozinho esqueceu o alfabeto, mas sabe fazer bombas.

Um ano atrás, eram lápis de cera e livros para colorir, papel cartão e cola tudo. Agora são estopins e detonadores, fios e pólvora.

Quem quer ler um livro quando se pode explodir alguma coisa?

Ao meu lado, Megan o observa do jeito que observa tudo: em silêncio. Ela aperta Urso ao peito, outra testemunha silenciosa da evolução de Samuel J. Sullivan.

Ele está trabalhando com Especialista, os dois ajoelhados juntos, uma linha de produção de duas pessoas. Acho que eles tiveram a mesma aula de DEI (Dispositivo Explosivo Individual) no campo. Os cabelos molha dos de Esp brilham como a pele de uma cobra negra sob a luz da lamparina. Sua pele de marfim cintila. Algumas horas antes eu bati a testa em seu nariz e o quebrei, mas não há inchaço, nenhum sinal de que eu tenha provocado algum dano. Ao contrário do meu nariz, que vai ficar torto até o dia em que eu morrer. A vida não é justa.

- Como você entrou naquele helicóptero? - perguntei. A questão estava me incomodando.

- Do mesmo jeito que você - ela respondeu. - Eu pulei.

- Segundo o plano, eu devia pular.

- E você pulou. Você ficou pendurada por uma unha - ela retrucou. -Achei que naquele momento não tive escolha.

Em outras palavras, eu salvei seu traseiro de nariz torto inútil e sardento. Do que está reclamando?

Não que meu nariz tenha um traseiro. Eu realmente deveria parar de colocar pensamentos na cabeça de outras pessoas.

Ela ajeita uma mecha de cabelos sedosos atrás da orelha. Há algo tão extremamente fácil e inexplicavelmente gracioso no gesto que chega a ser assustador. Que diabos aconteceu com você, *Esp?*

Claro, sei o que aconteceu com ela. O presente, Evan o chamou. Todo potencial humano multiplicado por 100. Tenho a coragem de fazer o que preciso fazer, Evan me disse certa vez. Na época ele não disse que o significado da frase era literal e figurativo. Ele não disse uma série de coisas, o canalha que nem mesmo merece ser resgatado.

Que raios estou pensando? Observando os dedos delicados de Especialista dançar o complicado balé de construir uma bomba, percebo que o mais assustador sobre ela não foi o que Vosch fez ao seu corpo; foi o que esse corpo aprimorado fez com sua mente. Quando você se livra de suas limitações físicas, o que ocorre com as morais? Tenho quase certeza de que a Especialista pré-aperfeiçoada não teria conseguido massacrar sozinha cinco recrutas bem treinados e pesadamente armados. Também desconfio que a Especialista pré-aperfeiçoada não poderia ter enfiado o polegar no olho de outro ser humano. Isso exigia um salto de evolução totalmente diferente.

Por falar em Bob.

- Vocês estão loucos - ele diz. Ele também estava olhando com o olho bom.

- Não, Bob - Especialista diz sem erguer os olhos da tarefa. - O mundo está louco. Nós só o estamos ocupando.

- Não por muito tempo! Vocês não vão chegar a 160 quilômetros da base - sua voz cheia de pânico contamina toda a câmara, que cheira a produtos químicos e sangue velho. - Eles sabem onde vocês estão, há um maldito GPS naquele helicóptero - e eles estão vindo atrás de vocês com tudo.

Especialista olha para ele. As franjas balançam. Um lampejo os olhos negros.

- É com isso que estamos contando.

- Quanto tempo mais? - pergunto. Tudo depende de chegarmos à base antes do nascer do sol.

- Mais algumas e vamos estar prontos.

- É! - Bob grita. - Preparem-se! Digam suas preces, porque vão ser detonados, Dorothy

- Ela não é uma Dorothy! - Sam grita para ele. - Você é uma Dorothy!

- Cale sua maldita boca! - Bob grita de volta.

- Ei, Bob - digo a ele. - Deixe meu irmão em paz.

Bob está encolhido em um canto, tremendo, suando, aparentemente a dose de morfina não foi suficiente. Ele não deve ter mais que 25 anos. Jovens pelos padrões pré-Chegada. De meia-idade pelos novos.

- O que vai me impedir de nos deixar cair em um maldito campo de milho, hein? - ele pergunta. - O que você vai fazer? Arrancar outro olho? - e então ele ri.

Especialista o ignora, o que joga combustível no fogo de Bob.

- Não que isso importe. Não que você tenha alguma chance no inferno. Eles vão cortar vocês em pedaços assim que pousarmos. Eles vão furar vocês como abóboras do Dia das Bruxas. Então façam as suas pequenas bombas e arquitetem seus pequenos planos; vocês já estão acabados.

- Você tem razão, Bob - digo a ele. - Isso realmente resume a situação. Não estou sendo irônica (desta vez). Estou falando sério. Supondo que

ele não deixe o helicóptero cair em uma plantação de milho, supondo que não seremos derrubados pela armada que certamente está a caminho, supondo que não seremos capturados ou mortos dentro do campo por milhares de soldados que vão estar à nossa espera, supondo que por algum milagre Evan ainda esteja vivo e por um milagre maior ainda eu o encontre e supondo que Especialista mate Vosch, a coisa mais próxima que nossa espécie tem da indestrutível barata, ainda não temos uma estratégia de saída. Estamos comprando uma passagem de ida para o esquecimento.

E essas passagens não são baratas, penso enquanto observo Sam dar o toque final em uma bomba.

Ah, Sam. Lápis de cera e livros de colorir. Papel cartão e cola. Ursos de pelúcia e pijamas com pezinho, balanços e livros de história e tudo o mais que sabíamos que você deixaria para trás, mas não tão cedo, não desse jeito. Ah, Sam, você tem o rosto de uma criança, mas os olhos de um velho.

Eu cheguei tarde demais. Arrisquei tudo para resgatá-lo do fim, mas o fim já o tinha pego.

Esforço-me para levantar. Todos olham para mim, menos Sam. Ele está cantarolando baixinho, um pouco desafinado. Tema para construir explosivos. Faz tempo que não o vejo tão feliz.

- Preciso falar com Sam - digo a Esp.
- Tudo bem - ela fala. - Posso liberá-lo.
- Eu não estava pedindo permissão.

Agarro pulso dele e o puxo para fora da câmara, para o corredor estreito, para o caminho até a superfície até ter certeza de que eles não podem nos ouvir. Quase certeza, na verdade. Especialista provavelmente é capaz de ouvir uma borboleta batendo as asas no México.

- O que foi? - ele pergunta, franzindo o cenho ou talvez franzindo-o cenho. Não trouxe uma lanterna; mal enxergo seu rosto.

Garoto, essa é uma excelente pergunta. Mais uma vez, aqui vou eu, meio agachada, pronta. Esse deve ser um discurso preparado durante semanas.

- Você sabe que estou fazendo isso por você - explico.
- Fazendo o quê?
- Deixando você.

Ele dá de ombros. Dá de ombros!

- Você vai voltar, não vai?

Aí está: o convite para uma promessa que não posso fazer. Pego sua mão e digo:

- Lembra aquele verão em que perseguiu o arco-íris? - ele me olha completamente desconcertado. - Bom, talvez não. Acho que você ainda usava fraldas. Estávamos no quintal e eu tinha uma mangueira. Quando a luz do sol bateu na água... sabe, um arco-íris.

E eu fiz você persegui-lo. Dizendo para que o pegasse... - estou prestes a chorar. - Meio cruel, quando penso a respeito.

- Então, por que está pensando nisso?

- Eu só não quero... Não quero que você esqueça certas coisas, Sam.

- Que coisas?

- Você precisa lembrar que nem sempre foi assim - Fazer bombas e escondendo-se em cavernas e vendo todo mundo morrer.

Eu me lembro de coisas - ele argumenta. - Eu lembro como mamãe era. Verdade?

Ele concorda com ênfase.

- Eu lembrei logo depois que atirei naquela mulher.

Algo na minha expressão deve ter me delatado. Acho que é uma mistura de choque e horror e uma tristeza que não tem fim. Porque ele se vira nos calcanhares e caminha de volta à câmara de armas só para voltar um minuto depois com Urso nas mãos.

Ah, o maldito urso.

- Não, Sams - sussurro.

- Ele trouxe boa sorte na última vez.

- Ele... agora pertence a Megan.

- Não, ele é meu. Ele sempre foi meu - estendendo-o para mim. Delicadamente empurro Urso para seu peito.

- E você precisa ficar com ele. Sei que já está grande para isso. Sei que você é um soldado ou membro de um comando ou sei lá. Mas talvez um dia haja uma criança que realmente precise de Urso. Porque... bom, porque sim.

Ajoelho-me na frente dele.

- Então fique com ele, entendeu? Tome conta dele e proteja-o e não deixe ninguém machucá-lo. Urso é muito importante para todas as coisas. Ele é como a gravidade. Sem ele, o universo iria se despedaçar.

Ele olha para o rosto de sua irmã mais velha durante um longo e silencioso momento. Memorize isso, Sams. Estude cada centímetro machucado, arranhado, rasgado e torto dele. Para não esquecer. Para nunca esquecer. Lembre o meu rosto, não importa o que aconteça. Não. Importa. O. Que. Aconteça.

- Isso é loucura, Cassie - ele diz e por um instante, e somente um instante, o garotinho está de volta e vejo em seu rosto-atual o rosto-de-então, histérico de admiração e riso, perseguindo arco-íris.

ESPECIALISTA

Salto do helicóptero. Zumbi me observa quando penduro a mochila no ombro e diz:

- Terminou?

- Sim

- Quantas sobraram? - mostrando a mochila com um gesto de cabeça.

- Cinco.

Ele franze o cenho.

- Acha que vai ser suficiente?

- Vai ter que ser. Então, sim.

- Hora de ir.

Nossos olhares se encontram. Ele sabe o que estou pensando.

- Não vou fazer aquela promessa - ele diz.

- Você não pode vir atrás de mim, Zumbi.

- Não vou fazer aquela promessa - ele repete.

- E você não pode ficar aqui. Vá para o sul depois que a nave mãe soltar as bombas. Use os rastreadores que lhe dei. Eles não vão ocultar você do IV ou dos Silenciadores, mas...

- Especialista.

- Não terminei.

- Eu sei o que fazer.

- Lembre-se de Dumbo. Lembre-se do que ir atrás de mim custou. Algumas coisas têm que ficar para trás, Zumbi. Algumas coisas...

Ele agarra meu rosto com as duas mãos e me dá um beijo forte na boca.

- Um sorriso - ele sussurra. - Um sorriso e deixo você ir.

Meu rosto em suas mãos e minhas mãos em seus braços. Sua testa tocando a minha e minhas mãos em seus quadris. Sua testa tocando a minha, e as estrelas se movendo no alto, e a Terra debaixo de nós, e o tempo correndo, correndo.

- Não seria verdadeiro - digo a ele.
- Agora não me importo mais. Eu o empurro. Delicadamente.
- Eu ainda me importo.

-61-

As bombas foram carregadas. Hora de carregar Bob. - Você acha que não estou pronto para morrer? - ele pergunta enquanto eu o levo ao seu assento. Eu sei que não.

Prendo-o com o cinto de segurança. Pela porta aberta, vejo Sullivan com Zumbi, e ela está tentando muito manter a calma. Cassie Sullivan é sentimental e imatura e preocupada demais consigo mesma, mas até ela sabe que estamos cruzando um limiar do qual podemos não voltar.

- Nenhum plano - ela sussurra para Zumbi. Ela não quer que eu escute e realmente não quero escutar. O presente de Vosch também é uma maldição. - Nada combinado.

- Nada esperado - Zumbi retruca.

Nenhum plano. Nada combinado. Nada esperado. Como um catecismo ou uma afirmação de fé. Ou o oposto de fé. Ela fica na ponta dos pés e beija seu rosto.

- Você sabe o que vou dizer agora. Zumbi sorri.

- Ele vai ficar bem, Cassie - ele segura a mão dela e a aperta com força. - Com a minha vida.

Sua resposta é imediata e intensa.

- Não com a sua vida, Parish. Com a sua morte. Ela me nota sobre o ombro dele e afasta a mão. Concordo com um gesto de cabeça. Viro para o piloto caolho.

- Leve-o para cima, Bob.

O chão recua. Zumbi diminui, torna-se um ponto preto de encontro à terra cinzenta. A estrada vira à direita como o ponteiro de um relógio terrestre, marcando o tempo que se perdeu, o tempo que não pode ser recuperado. Virando para o norte, subindo, a explosão de incontáveis estrelas, e o centro em chamas do pano de fundo de uma galáxia para o brilhante verde fosforescente da nave mãe, seu ventre cheio de bombas que vão apagar as últimas pegadas da civilização. Quantas cidades mais no mundo? Cinco mil? Dez? Não sei, mas eles sabem. Em menos de três horas, no profundo silêncio do vazio, as portas dos compartimentos vão se abrir e milhares de mísseis guiados carregando ogivas não maiores do que um filão de pão vão ser vomitados para fora. Uma única órbita em volta do planeta. Depois de dez séculos, tudo que construímos vai desaparecer em um dia.

Os restos vão se acomodar. Chuvas vão banhar o chão chamuscado e deserto. Rios vão voltar ao seu curso natural. Florestas e campinas e pântanos e pastos vão reclamar o que foi cortado e aparado, enchido e aplainado e enterrado sob toneladas de asfalto e concreto. A população de animais vai explodir. Lobos vão retornar do norte e manadas de bisões vão escurecer novamente as planícies. Vai ser como se nunca tivéssemos sido, paraíso renascido, e há algo antigo dentro de mim, enterrado na profundidade da memória dos meus genes, que se rejubila.

Um salvador? Vosch me perguntou. É isso que sou?

Sullivan me observa do outro lado do corredor. Ela parece muito pequena no uniforme grande demais, como uma criancinha brincando de usar as roupas dos pais. Como é estranho acabarmos juntas desse modo. Ela antipatizou comigo desde o momento em que pôs os olhos em cima de mim. Sobre ela, eu só pensei que não havia muita coisa ali. Eu tinha conhecido muitas garotas como Cassie Sullivan, tímidas, mas arrogantes, reservadas, mas

impulsivas, ingênuas, mas sérias, sensíveis, mas petulantes. Sentimentos são para ela mais importantes do que fatos, especialmente o fato de que sua missão é inútil.

A minha é irrealizável. Ambas são suicidas. E nenhuma é evitável. Meu fone de ouvido estala. É Bob.

- Temos companhia.

- Quantos?

- Hum. Seis.

- Estou indo aí.

Sullivan se sobressalta quando abro o cinto. Bato em seu ombro a caminho do assento do copiloto. Tudo bem. Estávamos esperando por isso. Na frente, Bob aponta para os helicópteros que se aproximam na tela.

- Ordens, chefe? - com um toque de sarcasmo. - Enfrentamos ou recuamos ou quer que eu desça?

- Mantenha o curso. Eles vão se aproximar...

- Espere. Eles estão se aproximando - ele escuta. Eu os vejo agora, bem à frente, voando em formação de ataque. - Ok - ele diz, virando-se para mim. - Três palpites. Os dois primeiros não contam.

- Eles estão mandando a gente pousar.

- Agora é minha vez: "vá se danar". Certo? Sacudo a cabeça.

- Não diga nada. Continue voando.

- Você sabe que eles vão atirar e nos derrubar, certo? So me avise quando estiverem ao nosso alcance.

- Ah, então esse é o plano. Nós vamos atirar neles e derrubá-los. Todos os seis.

- Azar o meu, Bob. Eu quis dizer quando nós estivermos ao alcance. Qual é sua velocidade?

- Cento e quarenta nós. Por quê?

- Dobre.

- Não posso. Máximo é cento e noventa.

- Então dê o máximo. Mesma direção - aqui vamos nós, direto para cima de vocês.

Damos um impulso para a frente; um tremor percorre o helicóptero; os motores gritam; o vento berra à nossa volta. Depois

de alguns minutos, até o olho não aperfeiçoado de Bob pode ver que o helicóptero líder vem direto até nós.

- Ordenando-nos descer de novo - Bob grita. - Ao alcance em trinta!

- O que está acontecendo? - a cabeça de Sullivan aparece entre nós dois. Ela fica boquiaberta quando se dá conta do que está acontecendo.

- Vinte! - Bob avisa.

- Vinte o quê? - ela grita.

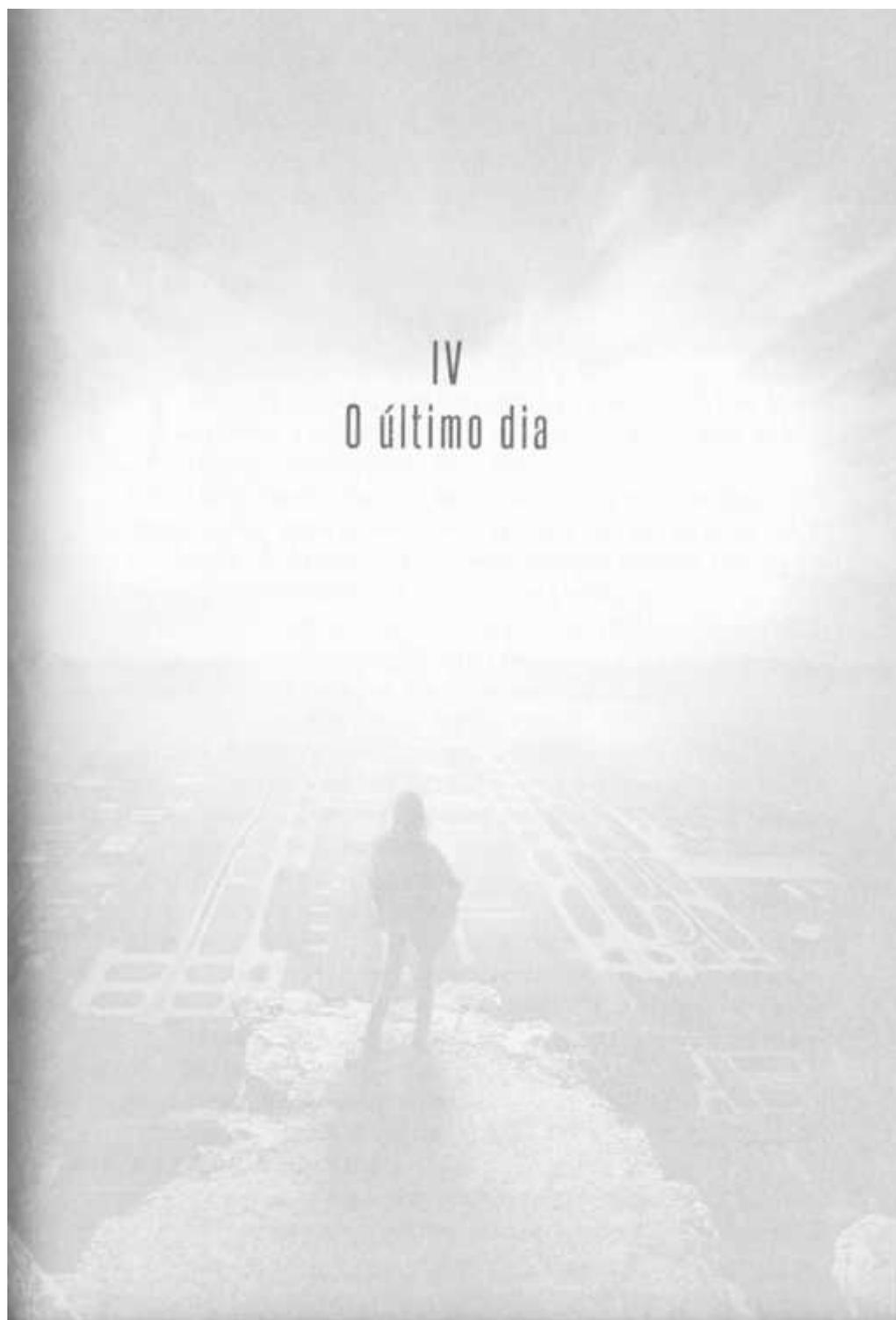
Eles sobem, tenho certeza. Sobem ou desfazem a formação para nos deixar passar. Eles também não vão nos derrubar. Por causa do risco. O risco é o segredo, Vosch me disse. Agora ele já sabe sobre a equipe de ataque morta e o helicóptero seqüestrado. Constance não teria feito isso e Walker foi capturado. Isso só deixa uma pessoa que poderia ter planejado algo assim: sua criação.

- Dez segundos!

Fecho os olhos. O hub, meu sempre fiel companheiro, fecha os meus sentidos e me mergulha naquele espaço sem som, sem luz.

Estou indo, seu filho da mãe. Você quis criar um humano sem humanidade. Agora você o tem.

IV
O último dia



EVAN WALKER

O quarto em que o jogaram era pequeno, vazio e muito frio. Quando tiraram o capuz que cobria sua cabeça, a intensidade da luz o ofuscou. Instintivamente ele cobriu os olhos. Um de seus captores mandou que tirasse as roupas. Ele se despiu e ficou apenas com a roupa de baixo. Não, isso também. Ele deixou o calção cair e o chutou em direção da porta, onde estavam parados dois garotos com roupas de camuflagem. Um deles, o mais jovem, riu.

Eles saíram do quarto. A porta se fechou com ruído. O frio e o silêncio e a luz forte eram intensos. Ele olhou para baixo e viu um grande ralo no centro do chão de ladrilhos. Ele olhou para cima e, como se olhar para cima fosse o sinal, água jorrou dos borrifadores do teto.

Ele cambaleou para trás de encontro à parede e cobriu a cabeça com as mãos. O frio penetrava em seu corpo, pela pele aos músculos aos ossos à medula, até que os joelhos se dobrassem e ele desabasse no chão, a cabeça apoiada nos joelhos erguidos, braços em volta das pernas. Uma voz desincorporada retumbou no espaço minúsculo.

- *FIQUE EM PÉ* - ele a ignorou.

No mesmo instante, a água passou de congelante a fervente, e Evan levantou-se de um salto, a boca aberta de choque e dor. A luz ofuscante cortava a névoa quente e se partiu em inúmeros arco-íris que saltavam e giravam, radiantes de encontro ao azulejo sem cor. O jato ficou frio novamente e então parou abruptamente.

Ele se recostou na parede, ofegante, e a voz retumbou:

- **NÃO TOQUE NA PAREDE. JUNTE OS PÉS E COLOQUE AS MÃOS AO LADO DO CORPO.**

Ele se afastou da parede. Nunca tinha sentido tanto frio, nem mesmo no dia de inverno mais severo na fazenda quando o vento rugia pelos campos e os galhos das árvores quebravam sob o peso do gelo. O frio era algo vivo, uma besta com seu corpo preso em seus maxilares, e esses maxilares lentamente o esmagavam. Todos os seus instintos lhe diziam para se mexer; o esforço físico iria elevar sua pressão sangüínea, acelerar seus batimentos cardíacos, impelir o calor para suas extremidades.

- NÃO SE MEXA.

Ele não conseguia se concentrar. Seus pensamentos giravam como os incontáveis arco-íris libertados pelo jato de água. Talvez fechar os olhos ajudasse.

- NÃO FECHÉ OS OLHOS.

O frio. Ele imaginou a água gelada no corpo nu, cristais de gelo se formando em seus cabelos. Ele vai sofrer um choque hipotérmico. Seu coração vai parar. Suas mãos se fecharam e ele enterrou as unhas nas palmas. A dor vai fazer sua mente se concentrar. A dor sempre exerce esse efeito.

- ABRA AS MÃOS. ABRA OS OLHOS. NÃO SE MEXA.

Ele obedeceu. Se fizesse tudo que mandavam, seguisse todas as ordens, aceitasse todas as exigências, eles não teriam desculpas para usar a única arma para a qual ele não tinha defesa.

Ele suportaria qualquer carga, resistiria a qualquer privação, sofreria qualquer tormento se esse sofrimento adicionasse um único momento à vida dela.

Ele estava disposto a sacrificar toda uma civilização por causa dela. Sua própria vida era infinitamente pequena e insignificante, não tinha valor. Ele sempre soube, desde o dia que a encontrou semienterrada na neve, o que significava salvá-la. O que significava amá-la. A porta da cela se fechando com violência, a sentença de morte à sua frente.

Mas eles não o levaram para esse quarto de frio e luz ofuscante para matá-lo.

Isso viria mais tarde.

Depois de terem quebrado seu corpo e esmagado sua vontade e dissecado sua mente até a última sinapse.
A ruína de Evan Walker tinha começado.

Horas se passaram. Seu corpo ficou entorpecido. Ele parecia flutuar dentro da pele insensível. A parede branca diante dele se estendia ao infinito; ele estava flutuando em um nada sem-fim, e seus pensamentos ficaram fragmentados. Sua mente, faminta de estímulos, distribuía imagens aleatórias da infância, Natais com sua família humana, sentado com os irmãos na varanda da frente, retorcendo-se no banco da igreja. E cenas muito mais antigas, de uma vida diferente: pores do sol incríveis de uma estrela cadente, vagando acima de cadeias de montanhas três vezes mais altas que o Himalaia em aviões prateados, subindo uma colina e vendo além dele um vale destituído de vida, a colheita destruída pelo veneno ultravioleta de seu sol prestes a morrer.

Se ele fechasse os olhos, a voz gritava para que os abrisse. Se oscilava, a voz gritava para que ficasse imóvel.

Mas era só uma questão de tempo até ele desabar.

Ele não se lembrava de ter caído. Ou a voz gritando para que se levantasse. Em um momento ele estava ereto, no próximo estava enrodilhado como uma bola em um canto do quarto branco. Ele não tinha idéia de quanto tempo tinha se passado, ou se tinha passado mesmo. O tempo não existia no quarto branco.

Ele abriu os olhos. Um homem estava parado na porta. Alto, atlético, com olhos profundos e muito azuis, usando um uniforme de coronel. Ele conhecia esse homem, embora nunca tivessem se encontrado. Conhecia esse rosto e o rosto atrás do rosto. Sabia o nome que lhe tinham dado e o nome humano. Ele nunca o tinha visto antes. Ele o conhecia há mais de dez mil anos.

- Você sabe por que foi trazido para cá? - o homem perguntou a ele. Evan abriu a boca. Seus lábios se racharam e começaram a sangrar.

Sua língua se movia pesadamente; ele não a sentia.

- Traído.

- Traído? Ah, não, é bem o oposto. Se há uma palavra para descrevê-lo, é dedicado.

Ele se pôs de lado e uma mulher com um avental branco empurrou uma maca para dentro do quarto. Dois soldados a seguiram. Eles o levantaram do chão e o colocaram na maca. Acima dele, uma gota de água pendia de um borrifador. Ele a observou tremer, incapaz de desviar o olhar.

Uma tira envolveu seu braço; ele não a sentiu. Um termômetro foi passado em sua testa; ele não o sentiu.

Uma luz forte brilhou em seus olhos. A mulher examinou seu corpo nu, apertou seu ventre, massageou seu pescoço e sua pélvis, e as mãos dela estavam deliciosamente mornas.

- Como eu me chamo? - o coronel perguntou.

- Vosch.

- Não, Evan. Qual é o meu nome?

Ele engoliu em seco. Ele estava com muita sede.

- É impronunciável.

- Tente.

Ele sacudiu a cabeça. Era impossível. Seu idioma tinha evoluído como resultado de uma anatomia diferente. Vosch poderia igualmente pedir a um chipanzé recitar Shakespeare.

A mulher de avental branco e mãos quentes espetou uma agulha em seu braço. Seu corpo relaxou. Ele não estava mais com frio ou sede, e sua mente estava clara.

- De onde você é? - Vosch perguntou.

- Ohio.

- Antes disso.

- Não pode ser pronunciado...

- O nome não importa. Diga onde.

- Na constelação Lyra, o segundo planeta da estrela anã. Os humanos a descobriram em 2014 e lhe deram o nome de Kepler 438b.

Vosch sorriu.

- Claro, Kepler 438b. E, de todos os lugares que você podia escolher, por que a Terra? Por que veio para cá?

Evan virou a cabeça para olhar para o homem.

- Você sabe a resposta. Você sabe todas as respostas.

O coronel sorriu, mas seus olhos continuaram duros e sem humor. Ele se virou para a mulher.

- Vista-o. É hora de Alice fazer uma viagem até a toca do coelho.

-65-

Eles lhe trouxeram um macacão azul e um par de sapatos brancos finos. Ele disse aos soldados que o vigiavam:

- É mentira. O que ele disse é mentira. Ele é como eu. Ele está usando vocês para matar a sua espécie.

Os meninos não disseram nada e acariciaram o gatilho de suas armas nervosamente.

- A guerra que estão prestes a lutar não é real. Vocês vão matar pessoas inocentes, sobreviventes como vocês, até que o último caia e então vamos matar vocês. Vocês estão participando do próprio genocídio.

- É, bom, você é um maldito pedaço de sujeira infestada - o garoto mais novo disparou. - E, quando o comandante terminar com você, ele vai dá-lo para nós.

Evan suspirou. Não havia como derrubar a mentira porque aceitar a verdade iria derrotá-los.

Vícios são virtudes, e virtudes são vícios.

Do lado de fora do quarto, por um longo corredor, depois descendo três lances de escada para o subsolo. Outro corredor comprido, virando a direita para um terceiro que acompanhava o comprimento da base, passando porta após porta sem identificação, paredes de blocos de concreto cinza e o brilho estéril de bulbos fluorescentes. Ali a noite nunca caía; ali a luz era eterna.

Hles chegaram à última porta do túnel cinza. As centenas de portas pelas quais passaram eram brancas; essa porta era verde. Ela se abriu de repente ao se aproximarem.

Dentro do aposento, havia uma cadeira reclinável com tiras nos braços e no apoio dos pés. Um conjunto de monitores e um teclado. Um técnico o esperava, rosto sem expressão, em posição de sentido.

E Vosch.

- Você sabe o que é isso - ele disse. Evan fez que sim.

- País das Maravilhas.

- E o que devo esperar encontrar ali? Muito pouco que ainda não saiba.

O técnico o prendeu à cadeira, Evan fechou os olhos. Ele sabia que resgatar suas lembranças seria fisicamente indolor. Ele também sabia que poderia ser psicologicamente devastador. O cérebro humano tem uma capacidade maravilhosa de filtrar e separar experiências, protegendo-se contra o insuportável. O País das Maravilhas mostrava simples experiências sem a interferência do cérebro, extraindo os registros da vida sem interpretar os dados. Nada no contexto, nenhuma causa e efeito, a vida sem filtro, sem o dom do cérebro de racionalizar, negar e criar lacunas convenientes.

Nós lembramos nossa vida. O País das Maravilhas nos obriga a revivê-la.

Durou dois minutos. Dois longos minutos.

Do desastre do silêncio e da luz que se seguiu, a voz de Vosch:

- Há uma falha em você. Você sabe disso. Algo saiu errado e é importante que nós compreendamos o motivo.

Suas pernas doíam. Seus pulsos estavam feridos de tentar se livrar das tiras.

- Você nunca vai entender.

- Talvez você tenha razão, mas tentar é minha obrigação humana.

Nos monitores, fluíam colunas de números, sua vida organizada em sequências de *qubits*, o que ele viu, sentiu, ouviu, disse, saboreou e pensou, e os pacotes de informação mais complexos do universo: a emoção humana.

- Vai levar algum tempo para chegarmos ao diagnóstico - Vosch disse. - Venha comigo. Quero lhe mostrar uma coisa.

Ele quase caiu ao sair da cadeira. Vosch o pegou e delicadamente o pôs em pé.

- O que aconteceu com você? - ele perguntou a Evan. - Por que esta tão fraco?

- Pergunte a eles - com um gesto na direção dos monitores.

- O 12" Sistema quebrou? Quando isso aconteceu?

Ele tinha feito uma promessa. Ele tinha que encontrá-la antes que Graça o fizesse. Correr pela estrada, correr até que o dom em seu interior entrasse em colapso. Porque nada além da promessa importava, nada além dela importava.

Evan olhou nos brilhantes olhos azuis de pássaro de Vosch e disse:

- O que você vai me mostrar? Vosch sorriu.
- Venha ver.

Virar à esquerda perto da escada o levava ao quilométrico corredor até a porta verde do País das Maravilhas. Virar à direita o levava a um beco sem saída, a uma parede vazia.

Vosch apertou o polegar na parede. Engrenagens gemeram, uma fresta apareceu e a parede se dividiu ao meio, as duas metades se afastaram para revelar um corredor estreito que ultrapassava o brilho estéril das lâmpadas fluorescentes e ficava totalmente negro.

Uma gravação saltou de um alto-falante oculto: Aviso! Você está entrando em uma área restrita a pessoal autorizado segundo a Ordem Especial Onze. Todas as pessoas não autorizadas encontradas nesta área serão submetidas a medidas disciplinares. Aviso! Você está entrando em uma área restrita a pessoal autorizado...

A voz os acompanhava no escuro. Aviso! Uma mancha de luz verde repugnante banhava o final do corredor estreito. Eles pararam ali, diante de uma porta sem maçaneta. Vosch apertou o polegar no centro da porta e ela abriu em silêncio. Ele se virou para Evan.

- Esta é a Área 51 - Vosch informou sem nenhum traço de ironia. Luzes se acenderam quando ultrapassaram a soleira. A primeira coisa

que Evan notou foi um casulo em forma de ovo, idêntico ao casulo no qual ele escapou do Campo Abrigo, exceto pelo tamanho: este casulo era duas vezes maior. Ele dominava metade da câmara. Acima dele, ele viu o cabo de lançamento de concreto reforçado que conduzia à superfície.

- Era isto que queria me mostrar? - ele não entendia. Ele sabia que Vosch teria um casulo na base para voltar à sua aeronave depois que a 5ª Onda fosse liberada. Em questão de horas, casulos idênticos iriam ser despachados da nave mãe para buscar o resto de seu povo implantado. Por que Vosch queria que ele visse isso?

- É único - Vosch disse. - Há somente mais 12 como este no mundo. Um para cada um de nós.

- Por que está fazendo isto? - ele estava perdendo a paciência. - Por que você fala através de charadas e mentiras como se eu fosse uma de suas vítimas humanas? Há mais do que 12. Há dezenas de milhares.

- Não. Apenas 12 - ele fez um gesto para a direita. - Venha até aqui. Acho que você vai achar isto muito interessante.

Pendurado do teto na altura dos olhos, há um objeto cintilante verde-

-acinzentado em forma de charuto de 60 cm de comprimento. Depois da 3-Onda, drones como este enchiam o céu. Os olhos de Vosch, ele tinha dito a Cassie. É como ele a vê.

- Um componente importante da guerra - Vosch falou. - Importante, mas não essencial. Sua perda exigiu um pouco de improvisação para caçar você. - Você se perguntou por que foi necessário aperfeiçoar uma humana comum, certo?

Ele estava se referindo à Especialista, mas aparentemente Evan não viu a ligação.

- Por que o fez?

- O objetivo dos drones não era indicar a localização de sobreviventes, era rastrear você. Você e milhares como você que vão abandonar os territórios que lhes foram designados dias depois de a 5ª Onda ser lançada e vocês perceberem que não vai haver resgate, nenhuma fuga para a nave mãe.

Evan sacudiu a cabeça. Pela primeira vez lhe ocorreu que Vosch pode ter enlouquecido. Esse era seu maior receio quando elaborando o plano de purificação da Terra. Partilhar o corpo com uma consciência humana poderia ser uma carga intolerável, uma pressão insuportável.

- Agora você está se perguntando se não estou louco - Vosch tornou com um sorriso. - Não pareço a pessoa que você conheceu a maior parte de sua vida de dez-mil-anos. A verdade é que nunca nos encontramos, Evan. Até hoje, eu não sabia qual era a sua aparência - Vosch o pegou pelo cotovelo com delicadeza e o guiou para o fundo da câmara.

A inquietação de Evan aumentou. Havia algo profundamente perturbador naquela situação. Ele não entendia por que Vosch o tinha trazido para esse local, por que simplesmente não o tinha matado - o que impor tava se seu corpo humano morresse? Sua consciência ainda existiria na nave mãe. Qual era o sentido de toda essa ladainha?

No canto havia um pedestal de madeira e em cima dele uma grande ave de rapina, a cabeça inclinada para a frente, os olhos fechados, aparentemente adormecida. Evan sentiu o estômago se revirar. Os anos desapareceram e ele era um menino outra vez, deitado na cama naquele preguiçoso espaço entre o sonhar e o acordar, observando a coruja no peitoril da janela o observando, olhos redondos brilhando no escuro, e seu corpo sentindo como se tivesse sido congelado em âmbar, incapaz de se mover, incapaz de desviar o olhar.

Atrás ele, Vosch murmurou:

- *Bubo virginianus*. A grande coruja-orelhuda. Magnífica, não é? Um predador temível, noturno, solitário; suas presas raramente sabem que está se aproximando até ser muito tarde. Ele é seu demônio, seu espírito animal em certo sentido. Você foi destinado a ser o seu equivalente humano.

As asas se moveram. O peito largo se mexeu. A cabeça se ergueu, os olhos se abriram, e os olhares se encontraram.

- Claro que ele não é real - Vosch continuou. Ele é um dispositivo de entrega. Uma máquina. Uma delas foi até a sua mãe quando você ainda se encontrava em seu útero levando o programa que foi transmitido ao seu cérebro em desenvolvimento. Outra o visitou depois que o programa se iniciou. O seu despertar, acho que é assim que se chama, para dotá-lo do 12º Sistema.

Ele não conseguia se virar. Os olhos da coruja enchiam sua visão, envolviam-no.

- Não há uma entidade alienígena dentro de você - Vosch afirmou. - Nem em nenhum de nós nem a bordo da nave mãe. Ela é totalmente automatizada, como sua velha amiga aqui, elaborada por seus criadores depois de séculos de cuidadosos estudos e

deliberação e enviada a este planeta para reduzir a população a um nível sustentável. E, é claro, para mantê-la ali indefinidamente com a mudança da própria natureza humana.

Ivan conseguiu falar, e disse: Não acredito em você - os olhos. Ele não conseguia afastar o olhar.

- Um circuito autossustentado e sem falhas, um sistema imaculado no qual a confiança e a cooperação nunca poderão se arraigar. O progresso se torna impossível, pois todos os estranhos são inimigos em potencial, o "outro" que deve ser caçado até que a última bala seja usada. Você nunca foi destinado a ser um agente de destruição, Evan. Você faz parte da salvação da Terra - Ou era até que algo na sua programação deu errado. Foi por isso que o trouxemos aqui. Não para torturá-lo ou matá-lo. Eu o trouxe aqui para salva-lo.

Fie colocou a mão confortadora no ombro de Evan e seu toque quebrou a atração dos olhos da coruja. Evan virou-se para seu captor. Ele iria mata-lo. Fie iria arrancar a vida dele com as próprias mãos.

Seu punho atingiu o ar vazio. O impulso quase fez seus pés deixarem o solo.

Vosch tinha desaparecido.

Embora ele permanecesse ereto, teve a sensação de cair de grande altura. O aposento girou, as paredes se desvaneceram e ficaram fora de foco. Do outro lado da câmara, uma figura se encontrava parada na soleira da porta, uma âncora visual que o equilibrou. Ele deu um passo hesitante para frente e parou.

- Do que você se lembra? - Vosch perguntou da soleira. - Eu estava parado ao seu lado? Coloquei a mão em seu ombro? O que são nossas lembranças se não a prova final de que existimos? E se eu lhe dissesse que tudo de que se lembra desde que entramos neste quarto, tudo, é mentira, uma lembrança falsa transmitida ao seu cérebro por aquela "coruja" atrás de você?

- Sei que é mentira - Evan respondeu. - Sei quem sou - ele estava tremendo. Sentia mais frio do que quando estivera no quarto branco sob o jato gelado de água.

- Ah, o que você "ouviu" foi verdade, mas a lembrança é falsa - Vosch suspirou. - Você é teimoso, não é?

- Por que eu deveria acreditar em você? - Evan gritou. - Quem é você que eu deva acreditar?

- Eu sou um dos escolhidos. Recebi a missão mais importante da história da humanidade: a salvação de nossa espécie. Como você, eu sabia desde criança o que viria. Ao contrário de você, eu sabia a verdade.

Os olhos de Vosch foram até o casulo. Seu tom mudou de sério para melancólico.

- É impossível expressar o quanto tenho estado solitário. Apenas uns poucos sabem a verdade. Em um mundo cego, apenas nós tínhamos olhos para ver. Não tivemos escolha, você precisa compreender, não havia escollha. Eu não sou responsável. Eu sou uma vítima como eles, como você! o tom de sua voz se ergueu com fúria. - Esse é o preço! Esse é o custo! E eu paguei. Eu fiz tudo que

exigiram de mim. Eu cumpri minha promessa e agora meu trabalho está completo.

Ele estendeu a mão.

- Venha comigo. Deixe que eu lhe ofereça um último presente. Venha comigo, Evan Walker, e livre-se de sua carga.

Ele seguiu Vosch - que opção tinha? - de volta ao longo corredor até a porta verde. O técnico se levantou quando entraram e disse:

- Realizei o teste três vezes, comandante, e ainda não consigo encontrar nenhuma anomalia no programa. Quer que eu o repita?

- Sim - Vosch respondeu. - Mas não agora - ele se virou para Evan. - Sente-se, por favor.

Ele fez um gesto de cabeça para o técnico, que tornou a prender Evan na cadeira reclinável. A instalação hidráulica gemeu; ele se virou, o rosto voltado para o teto branco sem adornos. Ele ouviu a porta se abrir. A mesma mulher que o tinha examinado no quarto branco entrou, empurrando um carrinho brilhante de aço inoxidável. Em cima dele, enfileiradas com capricho, havia 13 seringas cheias de um líquido âmbar.

- Você sabe o que é isso - Vosch falou.

Evan concordou. O 12º Sistema. O presente. Mas por que devolvê-lo?

- Porque sou um otimista, um romântico incurável, como você - Vosch respondeu, como se lesse a mente de Evan. - Acredito que, onde há vida, há esperança - ele sorriu. - Mas principalmente porque cinco jovens rapazes estão mortos, o que significa que ela ainda pode estar viva. E, se estiver viva, resta somente uma opção para ela.

- Especialista?

Vosch concordou com um gesto.

- Ela é aquilo em que a transformei; e ela está vindo para exigir que eu responda pelo que fiz.

Ele se inclinou sobre o rosto de Evan e seus olhos queimaram com um fogo iridescente, e as chamas azuis o assustaram até o fundo de seu ser.

- Você vai ser a minha resposta.

Ele se voltou para o técnico, que se encolheu com a intensidade de seu olhar.

- Talvez ela esteja certa: o amor pode ser a singularidade, o mistério inexplicável, ingovernável, inefável, impossível de prever ou controlar, o vírus que derrubou um programa desenhado por seres perto dos quais não somos mais evoluídos que um inseto - e de volta a Evan: - Então vou cumprir o meu dever; vou incendiar a vila a fim de salvá-la.

Ele recuou um passo, faça o download novamente e depois o apague.

- Apagar, senhor?

- Apague o humano. Deixe o resto - a voz do comandante encheu o aposento minúsculo. - Não podemos amar aquilo que não lembramos.

Nos bosques de outono, havia uma barraca, e na barraca havia uma garota que dormia com um rifle em uma das mãos e um urso na outra. E, enquanto dormia, um caçador mantinha vigília sobre ela, um companheiro invisível que se retirava quando ela acordava. Ele tinha ido para acabar com a vida dela; ela estava lá para salvar a dele.

E as infundáveis discussões consigo mesmo, a vaidade de sua razão apresentando uma questão sem resposta, Por que alguém deve viver enquanto todo o mundo perece? Quanto mais ele buscava essa resposta, mais longe ela ficava de sua compreensão.

Ele era um terminador que não podia terminar. Ele era o coração de um caçador que não tinha um coração para matar.

Em seu diário, ela tinha escrito eu sou a humanidade e algo naquelas palavras o dividiu em dois.

Ela era a efemérida, aqui por um dia, depois desaparecia. Ela era a última estrela, queimando brilhante em um mar negro infinito.

Apague o humano.

Em uma explosão de luz ofuscante, a estrela Cassiopeia explodiu e o mundo ficou escuro.

Evan Walker tinha sido desfeito.

-70-

CASSIE

Nem dez minutos de seu início e estou começando a pensar que lo da essa missão-impossível de matar-Vosch e resgatar Evan é uma péssima idéia.

Bob, o piloto caolho grita:

- Dez segundos! - Especialista fecha os olhos e, em um instante terrível e repugnante, fico convencida de que armaram para nós. Esse foi o plano dela o tempo todo. Deixar Ben e as crianças indefesos, depois conseguir que nos matassem no estilo kamikaze a cinco mil pés de altitude, pois quem se importa? Há uma cópia dela viva no País das Maravilhas. Só é preciso baixá-la em um novo corpo quando todos estivermos mortos.

Agora é a sua chance, Cass. Pegue afaça e arranque seu coração traiçoeiro... se você encontrá-lo. Se ela tiver um.

- Estão desfazendo a formação! - Bob anuncia.

Especialista abre os olhos no mesmo instante. Perco a minha chance.

- Mantenha o curso, Bob - ela diz com calma.

Os helicópteros se aproximam de nós, espalhando-se para que todos tenham a mesma oportunidade de nos atingir, para que ninguém se sinta deixado de lado ou enganado diante da possibilidade de nos explodir em gazilhões de pedaços.

Bob mantém o curso, mas reduz nosso risco apontando um míssil para o helicóptero líder. Seu polegar paira sobre o botão. O que me deixa intrigada é a rapidez com que Bob muda de lado. Quando ele abriu os olhos naquela manhã, os dois, ele estava certo por qual time estava lutando. Então, no piscar de um olho (ah, desculpe,

Bob!), ele está decidido, pronto a aniquilar seus companheiros e companheiras em armas.

Então, lá vamos nós. Podemos amar o que há de bom em nós e detestar o que há de mal, mas o que há de mal também está em nós. Sem ele não seríamos nós.

Neste momento só quero dar um grande abraço em Bob.

- Eles vão se chocar com a gente! - Bob grita. - Temos que mergulhar, temos que mergulhar!

- Não - Especialista fala. - Confie em mim, Bob.

Bob ri de modo histérico. Avançamos em direção do helicóptero líder enquanto ele avança em nossa direção, os dois a toda.

- Ah, claro! Por que eu não confiaria em você? - nós dos dedos brancos na alavanca, polegar acariciando o botão, em alguns segundos não vai fazer diferença o que Especialista disser a ele. Por fim, Bob não está do lado de ninguém a não ser dele mesmo.

- Suba - Especialista sussurra para o grande punho preto disparando em nossa cara. - Suba agora.

Tarde demais. Bob aperta o botão, o Black Hawk estremece como que atingido pelo chute de um pé gigante, e um míssil Hellfire explode de sua armação. O cockpit se acende como o sol do meio dia. Alguém grita (acho que posso ser eu). Um turbilhão de fogo nos envolve por meio segundo, detritos pulando e caindo na carcaça, e então disparamos pela bola de fogo para o outro lado.

- Saaaaaaanta Mãe de Deus! - Bob grita.

Especialista não diz nada no início. Ela está olhando para o campo de ação e os cinco pontos brancos remanescentes. Quatro se separam, dois para a direita, dois para a esquerda, e o terceiro continua avançando, surgindo no fundo da tela. Ah, não. Para onde ele está indo?

- Entre em contato - Especialista diz a Bob. - Diga que estamos nos rendendo.

- Estamos? - Bob e eu perguntamos ao mesmo tempo.

- Depois mantenha o curso. Eles não vão nos obrigar a descer ou atirar em nós.

- Como você sabe? - Bob pergunta.

- Se fossem, já o teriam feito.

- E quanto ao outro? - quero saber. - Ele se foi. Não está nos seguindo. Especialista me olha.

- Onde você acha que ele está indo? - então ela se vira. - Vai ficar tudo bem, Sullivan. Zumbi vai saber o que fazer.

Como eu disse uma péssima idéia.

Enterro o corpo no assento e luto para encher os pulmões de ar. Acho que me esqueci de respirar. Minha boca está seca. Beberico um pouco de água, mas é só para molhar a minha boca, porque estou um pouco preo cupada em ter que urinar durante a operação. Especialista descreveu a base em detalhes, inclusive a localização da sala do País das Maravilhas, mas nunca perguntei onde era o banheiro.

A voz de Especialista estala no meu ouvido de um jeito aborrecido.

- Descanse um pouco, Sullivan. Vamos ficar no ar por mais duas horas,

E o sol não vai demorar a nascer. Estamos nos arriscando muito. Não sou especialista em operações desse tipo, mas acho que elas são mais l.u eis no escuro. Além do mais, se Evan estava certo, hoje é o Dia Verde, o dia em que as bolas de fogo do inferno vão cair do céu como chuva.

Remexo meus bolsos até encontrar uma das mágicas barras de proteínas de Ben Parish. A alternativa é irromper em pranto. Estou determinada a não chorar até ver Sam de novo. Ele é a única coisa que resta e que vale minhas lágrimas.

E que diabos ela quis dizer com, Zumbi vai saber o que fazer?

Isso é bom, Sullivan, é melhor que saiba mesmo, porque você não tem a menor idéia. Se você soubesse o que fazer, não estaria neste maldito helicóptero. Você estaria com o seu irmãozinho. Fique esperta. Você sabe a verdadeira razão de estar aqui. Você pode dizer que é por Sam, mas você não está enganando ninguém.

Ah, Deus, sou uma pessoa horrível, sou pior do que Bob de-um-olho--só. Abandonei meu sangue por um cara. E isso é tão errado que faz todas as outras coisas erradas que eu já fiz parecerem certas. Ben me disse que Evan estava mentindo, estava louco, ou ambos, porque quem destrói toda a sua civilização por uma garota?

Ah, eu não sei, Ben. Talvez o mesmo tipo de pessoa que iria sacrificar o próprio sangue e carne para pagar uma dívida que não tinha.

Isto é, não é como se eu tivesse pedido que ele me salvasse todas aquelas vezes. Não pedi que me desse um tiro na perna. Nunca pedi nada. Ele apenas me deu. Deu mais do que era razoável dar. É isso que é o amor? E é por isso que não faz sentido para mim, porque eu nunca o senti, nem por ele nem por Ben Parish nem por ninguém.

Não, não, não, por favor, cérebro, não. Não volte a Vermont e aquele maldito cachorro de novo. Prometo que vou parar de pensar tanto. Pensar demais tem sido meu problema há muito tempo. Pensei demais em tudo, desde o motivo pelo qual os Outros vieram, o que Evan era realmente e até o estranho fato de eu ter sobrevivido enquanto praticamente toda a humanidade morreu. E por que essa garota na minha frente tem os cabelos mais sedosos e bonitos que já vi, e por que eu não, e porque ela tem uma pele de porcelana perfeita, o que não tenho. E o nariz. Bom Deus, que estupidez. Que perda de tempo. São só os genes misturados a um pouco de tecnologia alienígena.

Termino a barra e amasso o papel com a mão. Simplesmente não parece certo jogá-lo no chão.

Recosto-me no anteparo e fecho os olhos. Se eu conseguisse me lembrar de uma oração, este seria um excelente momento para orar, mas minha mente, tão entulhada que meus pensamentos têm que fazer fila como as multidões na Disney, não consegue pensar em nada para dizer a Deus.

Mesmo porque não tenho certeza se quero falar com ele, o enigmático patife. É como se ele cruzasse os braços e se virasse de costas, e eu me pergunto se foi assim que Noé se sentiu naquela arca. Ok, muito gentil comigo, Senhor, mas e eles? E Deus diz: Ah, não faça tantas perguntas, Noé. Olhe! Fiz um arco-íris para você!

A única coisa que me salta à mente é a oração da hora de dormir de Sammy, portanto, um pouco desesperada, começo.

Agora eu me deito para dormir...

Bom, acho que não.

Quando na luz da manhã eu despertar... Bom, acho que também não vai acontecer. Mostre-me o caminho do amor a tomar.

Sim! Ok, essa é boa! Por favor, Deus, esse negócio, e que eu não caia durante o serviço. Mostre-me.

ZUMBI

Estou vigiando a entrada da caverna, admirando o céu da noite, exceto aquele pequeno ponto verde pairando no horizonte, quando uma das estrelas se solta do campo e desce em nossa direção. Depressa. Muito depressa. Nugget toca minha manga e diz:

- Olhe Zumbi! Uma estrela cadente!

Eu me afasto do velho e frágil corrimão no qual estava apoiado.

- Não é uma estrela, garoto.

- É uma bomba? - os olhos dele estão arregalados de medo.

Por um segundo inquietante, acho que poderia ser. Por algum motivo, eles adiantaram a programação, e a obliteração das cidades começou.

- Venha, vamos voltar para baixo.

Não preciso falar duas vezes. Ele já está metros à minha frente quando chego à primeira câmara. Pego Megan do chão. Ela larga o urso de pelúcia Nugget o apanha. Eu a levo para o fundo das cavernas, equilibrando a no quadril da perna boa, mas cada passo envia uma onda de dor que faz o alto de minha cabeça parecer que vai explodir. Há uma saliência embaixo, um talho de um metro de altura e dois de profundidade cortado na pedra por um antigo rio. Levanto Megan até lá, e ela rasteja até o fundo até ser engolida pelas sombras. Droga. Quase esqueci. Faço sinal para que ela volte.

Tiro do bolso o rastreador de um dos recrutas mortos. Idéia de Especialista, muito boa por sinal.

- Ponha isso na sua boca - digo a Megan.

Ela está assombrada. Pelo seu olhar, parece que pedi que ela cortasse a cabeça. Toquei em um tema sensível.

- Olhe, Nugget vai fazer isso - aperto o rastreador em sua mão vazia.

- Bem aqui, soldado - falo, puxando o lábio para trás e apontando para um ponto entre a bochecha e a gengiva. Então me viro para Megan. - Viu?

- mas Megan voltou para as sombras. Droga. Dou outro rastreador para Nugget. - Garanta que ela faça isso, ok? Ela escuta você.

- Ah, não, Zumbi - Nugget diz com muita seriedade. - Megan não escuta ninguém.

Ele empurra Urso para o espaço e a chama baixinho.

- Megan! Pegue Urso. Ele vai manter você segura, como a gravidade.

- depois dessa frase cheia de uma lógica que somente uma criança pode compreender, ele puxa as calças para cima, fecha as mãos em punho, estica o pequeno queixo para frente e diz: - Eles estão vindo, não é mesmo?

Nós dois ouvimos, então, como resposta à sua pergunta: o som do motor de um helicóptero, aumentando o volume sempre que respiramos. Na entrada, o branco brilhante de seu farol de busca corta a escuridão.

- Vá, Nugget. Suba lá com Megan.

- Mas eu vou lutar com você, Zumbi.

Certamente que vai. E no pior momento possível. Por cima de seu ombro, vejo a luz bruxuleando na câmara de armas. Duas vezes droga.

- Olhe o que você pode fazer: apagar aquela luz. Depois me encontre no fundo. Se tivermos sorte, eles nem vão pousar.

Sorte? - tenho a impressão que ele quer que eles pousem. Não esqueça, Nugget, estamos todos do mesmo lado. Ele franze o cenho. Como podemos estar do mesmo lado se eles querem nos matar, Zumbi?

Eles não sabem que estamos do mesmo lado. Vá. Apague a maldita luz, vá!

Ele sobe correndo pelo caminho. A luz do helicóptero enfraquece, mas não seus motores. Deve estar prescrevendo uma volta.

Deveríamos estar no subsolo para despistar o IV, mas não há garantias.

A lâmpada se apaga e as cavernas mergulham na escuridão. Não vejo um centímetro diante do meu nariz. Depois de alguns segundos, alguém pequeno se choca contra mim. Tenho quase certeza de que é ele. Mas só quase, porque sussurro:

- Nugget?

- Tudo bem, Zumbi - ele informa muito profissional. - Peguei uma arma.

Estou esquecendo alguma coisa. O que é?

- Aqui, Zumbi, você esqueceu isto - ele empurra uma máscara contra gás no meu peito. Deus o abençoe. E Deus abençoe os Silenciadores como Graça e Pai Morte, que sabiam como se prevenir para o fim do mundo.

Nugget andou praticando; ele já colocou a dele.

- Você pegou uma para Megan? - que bobagem. É claro que ele pegou uma para ela. - Certo, companheiro, agora suba.

- Zumbi, escute...

- Esta é uma ordem direta, soldado.

- Não, Zumbi! Escute.

Escuto. Nada, exceto minha respiração sibilando e soprando na máscara.

- Eles foram embora Tink-tink-tink. O som de metal batendo em pedra. Droga, Especialista, estar certa o tempo todo é muito chato.

Eles jogaram o gás.

Supondo que você não consiga atraí-los, como eles vão vir?, perguntei a Especialista enquanto estávamos montando uma barricada da entrada dos fundos.

Você nunca prestava atenção na aula.

Será que tudo sempre é sobre mim? Tentar arrancar um sorriso dela deixou de ser um passatempo e se transformou em obsessão. Primeiro o gás.

Você acha? Eu usaria alguns pedaços de C-4 para selar as saídas, depois acabaria com a gente com alguns explosivos. Isso provavelmente viria em segundo lugar.

Atrás de nós, perto da entrada principal, o gás lacrimogêneo detona com quatro fortes estouros. Pego Nugget pela cintura e o levanto até a saliência com Megan.

- Ponha essa máscara nela agora! - grito, então manco pelo caminho, pensando, Graças a Deus ele lembrou! Esse garoto merece uma promoção.

Uma coisa é certa, Especialista disse. Eles não vão fazer um cerco. Se eles tentarem um CQC dinâmico, provavelmente vão atacar a entrada principal, o que vai dar a vocês uma pequena vantagem: é muito estreita, e eles vão entrar por um funil direto até vocês.

Estou correndo às cegas. Bem, correr é dizer muito. Pelo menos tenho grande quantidade de analgésicos no meu corpo, de modo que a perna não está causando grandes problemas. A adrenalina também ajuda. Verifique o ferrolho do rifle. Verifique as tiras da máscara. Em profunda escuridão. Em total incerteza.

Se eles irromperem pelos fundos em um tipo de manobra em pinça, estaremos danados. Se eles chegarem pela frente com força total, estaremos danados. Se eu ficar paralisado ou me confundir no momento crítico, estaremos danados.

Ficar paralisado como em Dayton. Cometer um engano em Urbana. Fico andando em círculos e voltando ao mesmo ponto, e esse ponto é onde perdi minha irmãzinha, onde eu deveria ter lutado, mas em vez disso fugi. A corrente de seu pescoço que arrebitou, agora perdida, ainda está presa a mim. Oompa. Dumbo. Pão de Ló. Até Teacup, ela também: ela ainda estaria viva se eu tivesse feito a coisa certa.

Agora a corrente cai como um nó em volta de Nugget e Megan, e agora o nó se aperta, o círculo completa a sua volta.

Não desta vez, Parish, seu zumbi filho da mãe. Desta vez você vai quebrar a corrente, você vai cortar o nó. Você vai salvar essas crianças, não importa o que tenha que fazer.

Eu vou matá-los enquanto entrarem no funil. Vou matar todos. Não importa que eles não sejam diferentes de mim. Não importa que estejam presos no mesmo maldito jogo, obrigados como eu a desempenhar um papel que não escolheram. Vou matá-los, um a um.

Escuridão absoluta. Certeza absoluta.

A explosão faz com eu que perca o equilíbrio. Sou jogado para trás; minha cabeça bate de encontro à pedra; o universo gira sem parar. O ar ferve com o som de rochas batendo contra rochas enquanto a entrada de saba.

A máscara foi para o lado quando caí, por isso encho o peito com grande quantidade de gás tóxico. Uma faca é enterrada nos meus pulmões, o fogo enche a minha boca. Rolo para o lado, com náuseas, tossindo.

Perdi o rifle na queda. Varro o chão à minha volta, não consigo achá-lo, não importa, deixe para lá, sabe o que importa, ficar em pé, puxar a máscara para o lugar e sentir o gosto de pedra pulverizada na língua, voltar mancando para o lugar de onde vim, uma das mãos tateando a escuridão, a outra agarrando a pistola, sabendo o que vem em seguida porque eu provoquei e Especialista sabia que eu o provoquei, isso provavelmente vem em segundo, e estou gritando dentro da máscara, "Não se mexa, Nugget! Não se mexa!, mas acho que ninguém pode ouvir minha voz além de mim.

A segunda explosão ocorre na entrada dos fundos, mas fico de pé, embora o chão seja sacudido e as estalactites se soltem e caiam, uma grande quase atinge minha cabeça por questão de centímetros. Consigo ouvir Nugget chamando meu nome fracamente. Atento ao som, eu o sigo para o interior da fenda. Eu o puxo para fora.

- Eles nos prenderam aqui dentro - informo ofegante. Minha garganta arde. Engoli fogo. - Onde está Megan?

- Ela está bem - sinto-o tremer. - Ela está com Urso.

Eu a chamo. A voz minúscula abafada pela máscara de gás responde. Nugget está agarrado à minha jaqueta com as duas mãos, como se a escuridão pudesse me arrancar dele se ele a soltar.

- Não deveríamos ter ficado aqui - Nugget grita.

Às vezes, as crianças são muito espertas, mas não havia para onde correr, nenhum lugar onde se esconder. Apostamos que o helicóptero de Bob iria atraí-los para longe, e perdemos. O bombardeiro deve estar a caminho com um carregamento que vai transformar esta caverna de 250 mil anos em uma piscina de 3 quilômetros de comprimento e 30 metros de profundidade.

Temos minutos.

Pego Nugget pelos ombros. Aperto com força.

- Duas coisas, soldado - digo a ele. - Precisamos de luz e precisamos de explosivos.

- Mas Especialista levou todas as bombas com ela!

- Então vamos ter que fabricar outra bem depressa.

Andamos com dificuldade até a câmara de armas, Nugget na frente, minhas mãos ainda em seus ombros. Eu o apoio, ele me apoia, a corrente que nos une, a corrente que nos liberta.

Estou esquecendo alguma coisa. O que é?

Nugget se curva sobre sua tarefa. A câmara está tomada por fumaça e poeira; é como tentar montar um quebra-cabeças sob pesado nevoeiro, não diferente dessa maldita invasão. Milhões de pedaços, uma confusão impossível, em que nenhuma peça parece se encaixar em outra. O inimigo está dentro de nós. O inimigo não está. Eles estão ali embaixo, eles estão lá em cima, eles não estão em nenhum lugar. Eles querem a Terra, eles querem que fiquemos com ela. Eles vieram para acabar conosco, eles vieram para nos salvar. E a verdade despedaçada recuando para sempre de suas mãos, a única certeza é a incerteza, e Vosch lembrando-me da única verdade que vale a pena lembrar: Você vai morrer. Você vai morrer, e não há nada que você ou eu ou qualquer outra pessoa possa fazer para impedir. Isso era verdade antes de eles virem, e ainda é verdade: A única certeza é a incerteza, exceto a própria morte, isso é absolutamente certo.

Os dedos dele tremem. A respiração é ruidosa e rápida dentro da máscara. Um movimento errado e ele irá nos explodir. Agora a minha vida está nas mãos de uma criancinha.

Atarraxando o detonador. Atarraxando o estopim. Talvez Sullivan estivesse aborrecida por ele ter esquecido o ABC, mas pelo menos o pequeno filho da mãe sabe lazer uma bomba.

- Conseguiu? - pergunto.

- Consegui! - ele ergue o dispositivo triunfante. Eu o tiro de suas mãos. Ah, Jesus, espero que sim.

Estou esquecendo alguma coisa. Alguma coisa importante. O que pode ser?

Agora para o próximo dilema impossível: passar pela porta dos fundos ou da frente?

Uma bomba. Uma chance. Deixo Nugget e Megan e verifico a entrada dos fundos primeiro. Se me lembro bem, a parede de pedra deve ter uns dois metros de espessura. Depois percorro o caminho até a entrada da frente da caverna. Movo-me devagar demais. Finalmente lá, encontro exatamente o que esperava encontrar: outra parede de pedra, quem sabe de que espessura, e não há como eu afirmar que esta é a melhor saída.

Ah, que se dane.

Enfio o tubo de pvc na fenda mais profunda e alta que posso alcançar. O estopim parece muito curto, talvez eu não tenha tempo para correr para uma distância segura.

A certeza da incerteza.

Acendo o estopim e recuo, arrastando a perna machucada atrás de mim como uma criança relutante no primeiro dia de escola. O estouro da explosão parece abafado, um eco deplorável dos dois que nos prenderam aqui embaixo.

Dez minutos depois, estou com Nugget em uma das mãos e Megan na outra. Não foi fácil para Nugget convencê-la a sair. Ela se sentia segura no pequeno nicho aconchegante e a cadeia de comando não valia um centavo para ela. A pessoa a cargo de Megan é Megan.

A abertura no alto da câmara não é muito grande e não parece muito estável, mas ar fresco sopra por ela e posso ver um ponto de luz. Nugget diz:

- Talvez a gente deva só ficar aqui, Zumbi - ele provavelmente está pensando a mesma coisa. Vedar os pontos de entrada, colocar atira dores experientes nas duas extremidades e então é só questão de esperar. Ninguém mais faz bombas para explodir bunkers. Por que desperdiçai munição preciosa necessária para a verdadeira

guerra em algumas crianças e um recruta inquieto? Eles vão sair. Eles têm que sair. O risco de ficar é inaceitável.

- Não temos escolha, Nugget - também não há escolha quanto a quem vai primeiro. Agarro sua manga e o afasto de Megan. Não quero que ela escute.

- Espere o meu sinal, entendeu? - ele faz que sim. - O que você vai fazer se eu não voltar?

Ele sacode a cabeça. A luz é muito fraca e as lentes da máscara enevoadas demais para que eu veja seus olhos, mas a voz dele treme no prenuncio do choro.

- Mas você vai voltar.

- Se meu coração estiver batendo, você pode apostar seu traseiro que sim. Mas no caso de eu não voltar.

Lá vem o queixo. Lá se estufa o peito.

- Vou atirar na cabeça de todos eles!

Ergo o corpo até o buraco. Minhas costas raspam no alto, os lados apertam meus ombros: o espaço é muito apertado. Atravesso a metade, decido tirar a máscara. Não consigo suportar mais a sensação de ser lentamente asfixiado. Ar fresco e frio banha meu rosto. Cristo, que sensação boa.

A abertura para o exterior não é grande o bastante para que um dos gatos da velha passe. Afasto pedras soltas com as mãos. Um pedacinho de céu noturno, uma faixa de grama, e a estrada de uma faixa cortando-os ao meio. Nenhum som além do vento. Vamos lá.

Rastejo para fora. Estendo a mão à procura do rifle pendurado no ombro, só que não há nenhum rifle pendurado no ombro: esquecime de pegá-lo no caminho de volta para a entrada. Então é isso que estava esquecendo. Foi isso, o meu rifle, certo?

Agachado ao lado do buraco, segurando a pistola entre as pernas, ouvindo, olhando. Não se apresse; certifique-se. Escapar da armadilha é ótimo e maravilhoso, mas para onde agora? O amanhecer não demora e então a nave mãe vai começar o ataque. Posso vê-la equilibrada no horizonte, verde como uma luz de semáforo sinalizando Vá.

Fico em pé. Uma manobra desafiadora considerando que minha perna está enrijecida e apoiar peso nela dói como o diabo.

Aqui estou, garotos. Não errem o alvo.

Nada para ver além da estrada e da grama e do céu. Nada para ouvir além do vento.

Assobio para dentro do buraco para Nugget. Dois silvos curtos, um longo. Depois de 100 anos sua cabecinha aponta, depois os ombros. Puxo-o para fora. Ele arranca a máscara e inala o ar fresco, depois puxa a arma que está nas suas costas, enfiada no cóis da calça. Ele vira à esquerda e à direita, ajoelha-se ligeiramente curvado, arma apontada para frente, como inúmeros meninos antes dele com armas de plástico e pistolas de água.

Assobio de novo para Megan. Nenhuma resposta, então chamo de novo.

- Megan, vamos, menina! - ao meu lado, Nugget emite um suspiro profundo.

- Ela é muito chata.

E ele se parece tanto com a irmã que chego mesmo a rir. Ele me lança um olhar curioso, a cabeça um pouco inclinada para o lado.

- Ei, Zumbi, há um ponto vermelho ao lado de sua cabeça.

Dumbo não pensou duas vezes em Urbana. Eu também não agora.

Mergulho no peito de Nugget e o jogo ao chão. A rajada atinge as pedras atrás de nós. Um segundo depois, escuto o disparo do rifle de um atirador. O tiro veio da direita, da direção do grupo de árvores na estrada principal.

Nugget começa a se levantar. Agarro seu tornozelo e o puxo de volta para o chão.

- Abaixado - sussurro em seu ouvido. - Como nos ensinaram no campo, lembra?

Ele começa a se virar, de volta ao buraco e à falsa segurança da cavei na com suas provisões e armas. Não o censuro; também é meu primeiro impulso. Porém voltar apenas adia o inevitável. Se nos tirar por causa da fumaça não funcionou, eles simplesmente vão chamar seus "*estoura -bunkers*".

- Siga-me, Nugget. Corro para o centro de boas-vindas. O telhado é um ponto de observação perfeito para um atirador, mas a nossa melhor opção é avançar para longe do atirador que imaginamos estar lá.

- Megan... - ele sussurra. - E a Megan?

E Megan?

- Ela não vai sair - sussurro. Por favor, não saia, menina. - Ela vai esperar.

- Esperar o quê?

Que a história se repita. Que o círculo se complete.

Só consigo pensar em um lugar razoavelmente seguro. Não estou satisfeito com ele e sei que ele também não vai ficar. Mas esse garoto é tudo, menos mole; ele vai saber enfrentar.

- Passe o edifício e depois siga reto por uns 20 metros - falo enquanto rastejamos sobre nossos ventres. - Buraco grande. Cheio de corpos.

- Corpos?

Imagino o ponto vermelho cintilando entre minhas omoplatas ou na nuca de Nugget. Estou com os olhos nele agora e, se vir um ponto vermelho, vou fazer como Dumbo outra vez. O chão se eleva um pouco à medida que nos aproximamos do fosso e então sentimos o cheiro. O fedor provoca ânsia de vômito em Nugget. Seguro o braço dele com força e o puxo para a beirada. Ele não quer olhar, mas olha.

- São só pessoas mortas - falo com a voz sufocada. - Vamos, vou ajudá-lo a descer.

Ele se solta de minha mão.

- Não vou conseguir sair depois.

- É seguro, Nugget. Totalmente seguro - escolha infeliz de palavras. -Eles já teriam atirado se soubessem que estávamos aqui.

Ele concorda. Faz sentido para ele.

- Mas Megan...

- Vou buscá-la.

Ele me olha como se eu fosse louco. Pego seus pulsos e abaixo-o para o buraco.

- Se escutar alguma coisa, finja-se de morto - lembro.

- Vou vomitar.

- Respire pela boca.

Ele entreabre os lábios. Vejo a minúscula pelota cintilando em sua boca. Faço um sinal de positivo. Ele levanta a mão direita muito devagar e a coloca na testa em saudação.

Rastejando para longe do fosso da morte, sei o que vai acontecer. Sei que vou morrer.

Meu tempo foi emprestado e não se pode enganar a morte para sempre. Cedo ou tarde temos que pagar com juros, mas, por favor, não deixe que Nugget e Megan sejam o preço a pagar por abandonar minha irmã. Assim, digo a Deus, Você aceitou Dumbo como pagamento da dívida, Pão de Ló e Teacup, agora chega, vamos pôr um fim nisso. Leve-me, mas deixe--os viver.

O chão explode à minha frente. Pedacos de terra e pedra voam no meu rosto. Bem, droga, agora rastejando sem rumo. Eu me levanto, mas a perna ferida fraqueja e caio. O próximo tiro rasga minha manga, arranhando meu bíceps antes de sair do lado oposto; eu mal o sinto. Instintivamente, enrodilho-me como uma bola e espero o tiro final. Sei o que vai acontecer. Eles são soldados da 5ª Onda. Seus corações foram abarrotados de ódio, suas mentes, condicionadas à crueldade. Eles estão brincando comigo. Vamos fazer você durar, seu filho da mãe infestado. Vamos nos divertir!

E o rosto de minha irmã na minha frente, depois o de Bo, o de Pão e o de Cup, depois mais rostos do que consigo contar, rostos que reconheço e rostos que não reconheço, lá estão Nugget e Megan, Cassie e Especialista, lá estão os recrutas do campo e os corpos do hangar de processamento deitados de ponta a ponta, centenas de rostos, milhares, dezenas de milhares, vivos e mortos, mas principalmente mortos. No fosso atrás de mim, um rosto vivo entre centenas de mortos, e a regra de Vosch também se aplica a ele.

Mão erguida em saudação. Boca aberta e a minúscula pelota que cintila em seu interior.

Maldição, Parish, o rastreador. Foi isso que você esqueceu.

Enfio a mão no bolso, tiro a pelota e a coloco na boca. No amontoado de árvores do outro lado da estrada, no alto do telhado

do centro de boas -vindas e de qualquer droga de lugar em que possam estar, os atiradores não atiram quando o inferno verde que cerca a minha cabeça se apaga.

CHAME-ME DE ZUMBI.

Tudo dói. Até piscar dói. Mas vou me levantar. Isso é que os zumbis fazem.

Nós nos levantamos.

Talvez os atiradores não percebam logo. Talvez eles tivessem voltado a atenção para outro lugar, à procura de alvos verdes. Qualquer que seja o motivo, quando eu levanto, ninguém me derruba. Desta vez sem saltitar, sem arrastar a perna ferida, sem rastejar na terra como um maldito zumbi. Corro rápido apesar da dor, chamando o nome de Megan, os dedos agarrando o escuro até encontrarem seu pulso.

Então a levo para fora. O braço dela em volta do meu pescoço. A respiração dela no meu ouvido.

Sei que o círculo está completo. Sei que a conta vai vencer. Só permita que eu a salve primeiro, Cristo amado, não quero que sofra nem que morra.

Não vejo o que vai acontecer. Megan vê. O urso de pelúcia cai no chão. Ela abre a boca em um grito silencioso.

Algo se choca de encontro à base de meu crânio. O mundo fica branco, depois não há nada, nada mesmo.

CASSIE

Pode-se vê-lo a quilômetros de distância: a base aérea é uma ilha de luz intensa em um mar escuro sem horizonte, uma brasa branca incandescente de civilização brilhando no meio de um deserto negro, embora civilização seja uma palavra boa demais para o que é. Afinal, do que sonhamos e do que concretizamos, tudo o que sobrou de nós são essas bases, os tolos iluminados para orientar o caminho da humanidade para uma morte de cinzas.

Macbeth nunca foi meu favorito, mas lavamos nós.

O helicóptero vira para a esquerda, levando-nos para a base vindos do leste. Passamos por cima de um rio, água negra refletindo a conflagração de estrelas acima. Então a zona de proteção sem árvores que cerca o campo que está enfeitado de trincheiras e arame farpado e coberto por minas terrestres, proteção contra um inimigo que nunca virá, que não está aqui nem mesmo ali: na nave mãe que surge à vista quando nos viramos para a abordagem final. Eu olho para ela. Ela olha para mim.

O que são vocês? O que são vocês? Os Outros, meu pai os chamava, mas também não somos isso para vocês? Outros-que-não-nós, portanto não-dignos-de-nós. Não dignos de viver.

O que são vocês? O pastor reúne o rebanho. O construtor compra inseticida. O sangue do cordeiro em seus joelhos, a agitação da barata em suas costas. Nenhum dos dois tem idéia da faca ou do veneno. O pastor e o construtor não vão perder seu sono. Não há nada imoral nisso. É assassinato sem crime, matar sem pecado.

Foi isso que fizeram. Essa é a lição que trouxeram para casa. Fomos lembrados de quem somos - não muito - e o que éramos - muitos. Baratas podem correr, ovelhas podem correr, não importa.

Nunca seremos arrogantes outra vez; eles vão cuidar disso. Estou procurando um objeto em nosso céu que vai estar lá até o nosso céu desaparecer.

Nossos acompanhantes vão desfazer a formação enquanto atiramos direto na zona de pouso. Eles vão ficar no ar para monitorar a situação depois que pousarmos. Há grande atividade embaixo de nós, caminhões e Humvees armados disparando em direção da pista, tropas correndo como formigas em um formigueiro desfeito a pontapés. Sirenes tocam, holofotes de busca cortam o céu, armas antiaéreas giram em posição. Isso deve ser divertido.

Especialista dá tapinhas no ombro de Bob.

- Bom trabalho, Bob.

- Dane-se!

Ah, Bob, Vou sentir sua falta. Vou sentir muito a sua falta.

Especialista volta para a traseira comigo, pega a sacola de bombas -Sammy e se larga no assento do outro lado do corredor. Seus olhos negros brilham. Ela é a bala na câmara, o pó no buraco.

Não se pode censurá-la. Evan notou isso há muito tempo: para que toda essa idiotice signifique algo, é preciso viver o suficiente para que a sua morte tenha importância. Não necessariamente fazer a diferença, nem a morte dela ou a minha, apenas ter importância.

De repente, preciso urinar.

- VQP. Sullivan! - ela grita. Tiramos nossos fones de ouvido. Concordo com um gesto de cabeça. Faço sinal de positivo. VQP, pode apostar.

Nossa descida começa. O compartimento é iluminado por holofotes. Grãos de poeira brilham e giram em volta de sua cabeça: Santa Especialista, o anjo da morte com cabelos de corvo. Fora do círculo azul em que Bob nos coloca, um círculo de soldados dentro de uma barricada de veículos armados, cercados por torres de vigia com atiradores, abaixo de quatro helicópteros de ataque patrulhando o céu.

Estamos absolutamente condenados.

-81-

Especialista se recosta no assento e fecha os olhos como se fosse tirar um cochilo rápido antes do grande exame final. Saco em uma das mãos, detonador na outra. Eu tenho um rifle, uma pistola, uma faca muito grande, algumas granadas, uma garrafa meio cheia de água (pense positivo) duas barras de proteína e uma bexiga cheia. Bob faz o helicóptero descer e agora consigo realmente escutar as sirenes gritando. Especialista abre os olhos de repente e me olha como se estivesse memorizando meu rosto. Decido isso para que eu não fique obcecada com meu nariz torto.

Então ela diz com tanta suavidade que mal a escuto:

- Vejo você no ponto de encontro, Sullivan.

Bob caolho tira o cinto de segurança. Ele se vira rapidamente e grita no rosto de Esp:

- Ele queria que você voltasse, sua cadela idiota! Por que você acha que ainda estamos vivos? - então ele voa para fora do cockpit, as pernas dando impulso antes mesmo que os pés toquem o chão, acenando as mãos sobre a cabeça e gritando alto o bastante para ser ouvido apesar das sirenes.

- Para trás! Para trás! Ele vai explodir! VAI EXPLODIR! Especialista vai para a direita, eu vou para a esquerda em direção a um terraço ajardinado cheio de pessoas com fardas iguais à que estou usando e com ri lies apontados para minha cabeça, a primeira fila ajoelhada, a fila de trás em pé, então Especialista aperta o detonador e o helicóptero salta Ires metros no ar com um enfático *vuuu-uuump*. O impacto me empurra direto para a fileira de soldados, o calor da explosão chamusca seus rostos e queima meus cabelos na nuca. Caio sobre o grupo, que recorre aos seus instintos, exatamente como Especialista disse que ocorreria, todos se atirando no asfalto e cobrindo as cabeças com as mãos.

Você vai querer correr, mas tem que ficar firme, Esp me disse na caverna. Quando o helicóptero explodir, eles vão perder você,

portanto você tem que esperar por mim.

Então aqui estou, apenas outro recruta deitado de bruços como centenas de outros ao redor, mãos sobre a cabeça, o rosto colado no concreto congelado. Vista-se como um deles, pareça-se com um deles, aja como um deles: é o jogo de Vosch virando-se contra ele.

As pessoas estão gritando ordens, mas ninguém as escuta por causa das sirenes. Espero até que alguém bata em meu ombro, mas ainda estou de quatro quando Especialista dispara o DEI em algum lugar nas proximidades do hangar a 50 metros de distância. Isso liga o módulo do pânico. Qualquer semelhança com organização desaparece quando as tropas correm para um abrigo mais próximo. Saio na direção da torre de controle e o grupo de edifícios brancos além dela.

Uma mão agarra meu ombro, vira-me e fico cara a cara com algum adolescente que, azar o dele, vou ter que matar.

- Quem diabos é você? - ele grita no meu rosto.

Seu corpo enrijece ao receber a bala. Não a minha bala. Nem mesmo tirei a pistola do coldre. A morte pertence a Especialista, a humana desumana de Vosch atirando de uma distância de meio campo de futebol. O garoto está morto antes de atingir o chão. Corro outra vez.

Viro-me uma vez, na base da torre de controle. Holofotes de busca cruzam o campo, o helicóptero queima, esquadrões correm de um lado a outro, Humvees guinchando em todas as direções. Caos foi o que Especialista prometeu, e caos é o que recebemos.

Pego o rifle nas mãos e corro na direção dos edifícios brancos, procurando o centro de comando localizado no meio do complexo. Ali vou encontrar (espero) a chave que vai abrir o tranca que fecha a porta que leva ao aposento que vai manter meu irmãozinho em segurança.

Quando alcanço o grupo de recrutas amontoados diante da porta do primeiro edifício, Especialista explode a segunda bomba. Alguém grita Jesus Cristo e a confusão se forma. Todos tropeçamos para dentro como palhaços explodindo de um carro no circo.

Uma parte de mim espera que eu o encontre primeiro. Não Evan.

O

Criador de Especialista. Investi muito tempo imaginando o que faria com ele - como retribuiria pelo sangue dos sete bilhões. A maior parte é nojento demais para comentar aqui.

Estou avançando no saguão do edifício principal da administração. Grandes faixas pendem do teto: SOMOS A HUMANIDADE e NÓS SOMOS UM. Uma placa diz UNIDADE e outra grita CORAGEM. A maior ocupa a largura de toda a parede, VINCIT QUI PATITUR. Corro por baixo dela.

Uma luz vermelha gira no corredor do outro lado do saguão. Salto quando uma voz retumba do teto: "ORDEM GERAL QUATRO ESTÁ AGORA EM EFEITO. REPITO: ORDEM GERAL QUATRO ESTÁ AGORA EM EFEITO. ESTE NÃO É UM TREINAMENTO. VOCÊS TÊM CINCO MINUTOS PARA SE APRESENTAR À ÁREA DE SEGURANÇA DESIGNADA. REPITO. ESTE NÃO É UM TREINAMENTO. VOCÊS TÊM CINCO MINUTOS PARA SE APRESENTAR..."

Pela porta no fim do corredor. Subindo a escada diretamente à frente até a próxima porta. Que está trancada. Com um teclado. Aperto as costas na parede ao lado do teclado e espero. Mil e um, mil e dois, mil e três... Enquanto estou contando, a terceira bomba explode do lado de fora, um *pop!* Abafado, como alguém tossindo no quarto ao lado. Então escuto *pop-pop, pop-pop-pop* de pequenas armas de fogo. Em mil e oito, a porta se abre com violência e um esquadrão passa. Do meu lado, nem mesmo um olhar para trás. Agora, está muito fácil; estou usando minha cota de boa sorte depressa demais.

Abaixo-me na entrada e corro por outro corredor, que é desconcertantemente idêntico ao primeiro. A mesma luz giratória vermelha, o mesmo *UUUH-UHHH* estridente da sirene, a mesma voz aborrecida e monótona, "ORDEM GERAL QUATRO ESTÁ AGORA EM EFEITO. VOCÊS TÊM TRÊS MINUTOS PARA SE APRESENTAR A ÁREA DE SEGURANÇA DESIGNADA..." É como um sonho do qual não se consegue acordar. No fim deste corredor, há uma porta idêntica com um teclado idêntico. A única diferença é a janela acima dela.

Abro-a com meu M16. O vidro explode e mergulho pela abertura que criei sem perda de tempo Desafio será o meu nome! De volta ao

fresco ar canadense, corro pela faixa estreita de terra que separa os edifícios. Uma voz salta do escuro, berrando, "Pare!" Atiro na direção da voz. Nem olho. Então, à minha esquerda, na vizinhança do arsenal recém-restaurado, a quarta bomba explode. Um helicóptero ruga bem acima de minha cabeça, jogando suas luzes para frente e para trás no concreto reforçado com aço.

O helicóptero vai e vem, circunda o edifício até a estreita faixa que acompanha seu comprimento, parede de um lado, uma cerca de alambrado de três metros de altura encimada por arame farpado do outro. Deve haver um portão com cadeado na extremidade.

Então o cadeado... eu destruo com um tiro, eu disse a Especialista nas cavernas.

Isso só funciona nos filmes, Sullivan.

É, tem razão: ainda bem que isto não é um filme ou o personagem presunçoso, fanfarrão e aborrecido decididamente já estaria morto.

"ESTE NÃO É UM TREINAMENTO. ORDEM GERAL QUATRO ESTÁ AGORA EM EFEITO. VOCÊS TÊM DOIS MINUTOS PARA SE APRESENTAR..."

Certo, já entendi. Ordem geral quatro está em efeito. Que raios é a Ordem Geral Quatro? Especialista nunca mencionou nada sobre ordens gerais, quatro ou outro número qualquer. Deve significar um bloqueio da base, todo mundo para as estações de batalha, esse tipo de coisa. Isso é o que eu resolvo. Seja como for, o que eles fazem não vai mudar o que tenho que fazer.

Prendo uma granada no buraco em forma de diamante nos elos da cerca, logo acima da tranca, puxo o pino, corro de volta por onde vim, longe o bastante para não ser morta por estilhaços, mas não o bastante para escapar de ser atingida por milhares de minúsculas agulhas. Se eu não tivesse me virado no último segundo, meu rosto estaria cortado. O pedaço maior atinge minhas costas, e a dor é dez vezes maior do que a picada de uma vespa. Minha mão esquerda também sentiu o gostinho da batalha. Olho para baixo e vejo uma luva úmida de sangue brilhando sob a luz das estrelas.

A granada não só estourou a fechadura, mas arrancou o portão das dobradiças. Fica a meio caminho do pátio, exatamente ao lado

da estátua de algum herói de guerra dos dias em que as guerras tinham heróis. Sabe, os bons velhos dias em que matávamos uns aos outros por todos os motivos certos.

Corro em direção ao edifício do outro lado do pátio. Há três portas igualmente espaçadas ao longo da parede voltadas para mim e, de uma de Ias, de duas, ou de todas posso esperar um comitê de boas-vindas, segundo Especialista. Não fico decepcionada. A porta do meio se abre de supetão bem antes que minha segunda granada voa até ela e, previsivelmente, alguém grita, "Granada!" E bate a porta - com a granada do lado de dentro.

A explosão joga toda a porta em direção de minha cabeça. Mergulho para fora do caminho. É então que a coisa fica difícil, Especialista disse. Vai haver sangue.

Quanto sangue?

Quanto sangue você aguenta?

O que você é, minha sensei ou coisa parecida? Quantos integrantes da 5ª Onda vou ter que matar?

Resumindo, pelo menos três. Conto os rifles semiautomáticos caídos do outro lado da porta destruída, mas é um cálculo aproximado. Difícil saber quantos soldados foram despedaçados. Escorrego entre a confusão e disparo pelo corredor, deixando um rastro de pegadas ensanguentadas.

Luz vermelha. Sirene. Voz. "ORDEM GERAL QUATRO ESTÁ AGORA EM EFEITO. VOCÊS TÊM UM MINUTO PARA SE APRESENTAR..." Em algum lugar da base, a próxima bomba explode, o que significa duas coisas: Especialista ainda está por perto e ainda lhe resta uma bomba. Estou a um prédio de distância do centro de comando, debaixo do qual está o bunker que abriga a sala do País das Maravilhas. Também é, conforme Especialista ressaltou inúmeras vezes, um beco sem saída. Se ficarmos presas ou encurraladas, não vamos ter como vencer nem perseverar.

Navego pelo labirinto no edifício. Viro à esquerda na primeira curva, depois à direita, depois à esquerda. Chego ao primeiro poço de escada...

Não vejo ninguém, não escuto ninguém, exceto a voz fantasmagórica Ordem Geral Quatro ecoando pelos corredores vazios - "VOCÊS TÊM 30 SEGUNDOS" - e agora estou começando a ficar com um péssimo pressentimento por causa dessa coisa de Ordem Geral Quatro, e estou amaldiçoando Especialista, porque obviamente a Ordem Geral Quatro deve ser uma informação importante que ela deveria conhecer ou escolheu não mencionar por motivos claros apenas para ela.

Enquanto subo a escada correndo, a contagem regressiva final começa "DEZ SEGUNDOS... NOVE... OITO... SETE... SEIS..."

1ª plataforma. Mais um lance. Depois direto para frente até o passadiço que liga o edifício ao centro de comando. Quase lá, Cassie. Você conseguiu.

"TRÊS... DOIS... UM."

Abro a porta com força.

A escuridão total me envolve.

Nenhuma luz. Nenhuma sirene. Nenhuma voz tão tranquilizadora que chega a enervar. Escuridão total, silêncio completo. Meu primeiro pensamento é que Especialista deve ter desligado a energia. Meu pensamento seguinte é isso seria estranho, já que nunca discutimos desligar a energia. Meu terceiro pensamento? O mesmo que tive no helicóptero: Especialista é uma espiã, uma agente dupla, trabalhando com Vosch para realizar sua maquinação para dominar totalmente o mundo. Provavelmente, um arranjo para dividir o poder? Muito bem, está decidido. Você vai controlar todo o território oeste do Mississipi...

Procuro a lanterna nos bolsos. Sei que peguei uma. Lembro-me especificamente de checar as pilhas antes de guardá-la. Estou em pânico - ok, não pânico, pressa, estou com pressa - tiro uma barra de proteína e aperto o interruptor que não está lá. Droga, você e suas malditas barras, Ben Parish! Jogo a barra para o vazio.

Não estou desorientada. Sei onde estou. Bem à frente está a passagem para o centro de comando. Posso procurar a luz enquanto ando. Não é grande coisa. Quando eu estiver no centro, vou ter que passar por duas barreiras fortemente vigiadas, várias portas de aço com fechaduras eletrônicas para quebrar, quatro lances de escada, um corredor de um quilômetro de comprimento que termina em uma porta verde, que não vou poder dizer se é verde a menos que eu encontre a maldita lanterna.

Avanço arrastando os pés, uma das mãos varrendo o ar à minha frente, a outra tateando, mergulhando, remexendo e agarrando meu uniforme. Um número exagerado de bolsos. Um número muito exagerado de bolsos. Minha respiração um tornado atravessando uma pradaria. Meu coração um trem de carga rugindo pelos trilhos. Devo parar e esvaziar todos os bolsos? Eu não acabaria poupando tempo? Continuo andando, parte de mim admirada com o fato de que algo como perder uma lanterna pode me abalar.

Calma, Cassie. Em situações como esta, a escuridão é sua amiga. A menos que eles tenham IV, o que naturalmente eles têm. Eles me cegaram; eles com certeza não são cegos.

Continuo andando. Com pressa. Não pânico.

Na metade da passagem agora. Sei que estou na metade porque encontro a lanterna e acendo a maldita coisa. O tacho de luz atinge as portas de vidro fosco diretamente à frente, uma bolha brilhante enevoadada. Empunho a pistola. Do outro lado dessas portas está a primeira barreira. Sei que isso é um fato - ou um fato informado por Especialista. Também é nosso ponto de encontro, basicamente porque é até aqui que eu vou como uma mortal comum não aperfeiçoada.

O centro de comando é o edifício mais fortemente reforçado da base, vigiado por tropas de elite e protegido por tecnologia de vigilância de ponta. Depois que Especialista detonasse o último DEI, ela deveria avançar para o centro vindo do lado oposto (penetrando foi a palavra que ela usou, o que me fez sentir enojada) e iria me encontrar aqui, depois que Especialista tivesse feito o que Especialista faz melhor: matar pessoas.

Você vai matar Vosch antes de me encontrar?, perguntei.

Se eu o encontrar primeiro.

Bom, não saia do seu caminho. Quanto mais depressa chegarmos ao País das Maravilhas...

E ela me deu um olhar do tipo, Não me diga. Então, eu respondi com um olhar que disse, Estou dizendo.

Nada a fazer agora além de esperar. Fico junto da parede. Troco a pistola pelo rifle. Tento não me preocupar com o lugar em que ela está, se ela está e por que está demorando tanto. Também, preciso fazer xixi.

Então, quando eu ouvir você detonar a quinta bomba...

Quarta. Estou deixando a quinta de reserva.

Reserva para quê?

Vou enfia-la na boca dele e acender o pavio.

Ela disse isso sem emoção. Nada de ódio, satisfação ou expectativa ou algo parecido. Claro, ela diz a maior parte das coisas

sem emoção, mas esta era unia daquelas coisas em que se espera um pouco de paixão.

Você deve mesmo odiá-lo.

O ódio não c a resposta.

Não fiz uma pergunta.

Não é ódio e não é raiva, Sullivan.

Ok, então. Qual é a resposta?, sentime como se tivesse sido manipulada para lazer a pergunta.

Ela se virou para outro lado.

Espero ao lado das portas de vidro fosco. Os minutos se arrastam. Querido Deus, quanto tempo pode levar uma ADM (arma de destruição em massa) super humana para dominar alguns guardas e desativar um sistema de segurança de alta tecnologia? Depois da corrida furiosa para chegar a esse ponto, nada. Vou morrer de tédio se já não estivesse morta de medo. Em que raios de lugar Especialista está?

Clique. Apago a luz para poupar as pilhas. O infeliz subproduto de minha parcimônia é que a escuridão volta. Clique. Acende. Clique. Apago. Clique, clique, clique, clique.

Hisssss. Escuto o som antes de sentir a água.

Está chovendo.

CLIQUE. Viro a luz para o teto. Os sprinklers estão funcionando a todo vapor. Água fria respinga em meu rosto voltado para cima.

Ótimo. Uma das bombas de Especialista deve ter deflagrado o sistema.

Fico encharcada em minutos. Sei que é totalmente injusto, mas eu a culpo. Estou molhada, com frio, agitada pela adrenalina e agora realmente preciso urinar.

E ainda nada de Especialista.

Quanto tempo devo esperar?

Não sei quanto tempo vai levar.

Certo, mas em algum ponto não vai ficar óbvio que você não vai aparecer?

Esse vai ser o ponto em que você não vai mais esperar, Sullivan.

Bom, certo, estou mesmo arrependida por não ter estourado o seu nariz quando tive chance. Espere. Eu estourei seu nariz quando tive chance. Ótimo. Uma coisa a menos.

Não posso ficar aqui sentada para sempre encolhida como uma bola molhada e infeliz. Se for meu destino ser uma bola molhada e infeliz, vou cumpri-lo em pé. Vou experimentar essas portas. Só um empurrãozinho pa ra ver se abrem. Não pode haver ninguém perto do outro lado, do contrário teria visto minha luz ou notado minha sombra e me atacado no escuro.

A chuva artificial pinga na minha testa, pende das pontas dos meus cabelos, roça meu maxilar como o dedo de um amante. A água gorgolejada sob minhas botas. Minha mão ferida começou a arder, arder muito, mil minúsculas agulhas perfurando a pele e então noto a sensação de calor no couro cabeludo. A sensação se espalha. Minha nuca, minhas costas, meu peito, meu estômago, meu rosto. Todo o meu corpo esta em logo. Saio de perto das portas tropeçando e volto ao meu canto aconchegante junto da parede.

Alguma coisa não está certa. A parte primitiva do meu cérebro está gritando o quanto pode. Algo não está certo.

Acendo a lanterna e ilumino minha mão. Enormes vergões cruzam a pele. Sangue novo escorre dos ferimentos causados pelos estilhaços e rapidamente se transforma em um líquido roxo escuro aveludado, como se meu sangue estivesse reagindo a algo na água.

Algo na água.

O calor é quase insuportável, como se eu tivesse sido mergulhada em água escaldante, só que o líquido que cai sobre mim não está quente. Ilumino a outra mão. Ela está coberta com pontos redondos e pequenos. Apressadamente - não em pânico - abro a jaqueta, levanto a camiseta e vejo um espaço coberto de sóis carmim queimando sobre um fundo rosa claro.

Tenho três opções: fico ali estupidamente sobre o jato venenoso, estupidamente disparo pelas portas de vidro fosco para o interior de deus--sabe-o-quê ou, sabiamente, saio do complexo antes que minha pele se liquefaça e se desprenda dos ossos.

Decido seguir a Opção Três.

Minha pequena luz passa pela névoa, formando arco-íris enquanto corro. Choco-me de encontro ao poço da escada, bato na parede, escorrego no concreto liso e tropeço em direção aos degraus. A lanterna escapa de minha mão e apaga. Preciso sair, sair, sair. Uma vez lá fora, vou arrancar as roupas e rolar nua na terra como um porco. Palitos de fósforo quentes apertando meus olhos, lágrimas escorrendo pelo rosto, brasas quentes queimando minha boca e garganta, e cada centímetro do meu corpo estourando em furúnculos pestilentos.

O que é isso, Cassie? Que espécie de furúnculos?

Agora percebo. Agora compreendo.

Cortar a energia. Abrir as comportas. Soltar a pestilência. A Ordem dera! Quatro é a invasão no microcosmo, a versão acústica das três primeiras ondas mundiais, mesma canção, outra letra, e qualquer intruso pego em seu rastro é o avatar da humanidade.

Que seria eu. Eu sou a humanidade.

Fora, fora, fora! Estou no andar principal, o andar principal sem janelas baseado em minha memória, visto que não tenho luz e

nenhuma placa de saída vermelha brilha para guiar o caminho. Não estou mais com pressa. Estou em pânico total.

Porque já vi isso antes. Sei o que vem depois da 3º Onda.

SILENCIADOR

DEZ MILÊNIO SEM RUMO

Dez mil anos sem limite de espaço ou tempo, destituído de sentidos, puro pensamento, substância sem forma, movimento sem gestos, força paralisada.

Então a escuridão se abre e há a luz.

Ar enchendo seus pulmões. Sangue correndo em suas veias. Aprisionado por dez milênios dentro de sua mente sem limites, agora frita. Agora livre.

Subindo a escada em direção à superfície.

Luz vermelha pulsando. Sirene clamando. Uma voz atacando seus ouvidos:

"ORDEM GERAL QUATRO ESTÁ AGORA EM EFEITO. VOCÊS TÊM UM MINUTO PARA SE APRESENTAR A ÁREA DE SEGURANÇA DESIGNADA".

Ela vem das profundezas.

A porta acima abre e uma tropa de vermes mamíferos retumba na direção dela. Jovens carregando armas. No espaço confinado do poço da escada, seu fedor humano é insuportável.

- Quem é você, surdo maldito? - um deles grita. A voz é rouca, o som de sua linguagem, feio. - Somos OG-Quatro, imbecil! Leve seu traseiro de volta para esse...

Ele quebra o pescoço do jovem. Os outros ele mata com igual eficiência e rapidez. Seus corpos se juntam aos seus pés. Pescoços quebrados, corações estourados, crânios despedaçados. No instante antes de morrerem, talvez tenham olhado em seus olhos, vazios e parados, olhos de tubarão, o predador sem alma se erguendo das profundezas.

- TRÊS... DOIS... UM.

O poço da escada mergulha na escuridão. Um humano comum estaria cego. Esse invólucro humano, porém, não é comum. Ele foi aperfeiçoado.

No corredor do segundo andar do centro de comando, o sistema de sprinklers cria vida. O Silenciador ergue o rosto e bebe do jato morno. Ele não provou água durante dez milênios, e a sensação é ao mesmo tempo desagradável e estimulante.

O corredor está deserto. Os vermes recuaram para salas seguras onde vão ficar até os dois intrusos terem sido silenciados.

Silenciados pela coisa não humana no interior de seu corpo humano.

Na água que cai, o macacão molhado rapidamente se molda à sua poderosa psique. Ele não leva a carga da história de seu corpo; ele não tem lembranças da infância ou da fazenda em que sua casca foi criada, nenhuma recordação da família humana que o amou e alimentou, a mesma que morreu, um por um, enquanto ele olhava sem fazer nada.

Ele não encontrou nenhuma garota dentro de uma barraca na floresta, um rifle em uma das mãos e um urso de pelúcia na outra. Ele nunca carregou o corpo fraturado da garota por um mar branco, nunca a puxou da beira da morte. Não houve resgate dela ou do irmão dela, nenhum juramento para protegê-la a todo custo.

Nada resta de humano dentro dele, nada humano mesmo.

Ele não lembra o passado, portanto o passado não existe. Sua humanidade não existe.

Ele nem mesmo tem um nome.

O aperfeiçoamento informa que um agente químico foi colocado na água. Ele não vai sentir o efeito do veneno. Ele foi projetado para suportar dor, para ser imune ao sofrimento, o seu e o de suas vítimas. Os antigos têm um ditado para isso, *vincit qui patitur*, e ele se aplicava aos derrotados e as vítimas. Para conquistar, é preciso perseverar não somente diante do próprio sofrimento, mas do sofrimento dos outros. A indiferença é realização definitiva da evolução, o degrau mais alto da escada da natureza. Os que criaram o programa que impulsionavam o corpo humano que certa vez se

chamou Evan Walker compreendiam esse fato. Eles tinham estudado o problema durante milhares de anos.

A principal falha na humanidade era sua humanidade. A tendência humana inútil, atordoante e autodestrutiva de amar, de se identificar, de sacrificar, de confiar, de imaginar qualquer coisa fora dos limites da própria pele essas coisas levaram as espécies para a beira da destruição. Pior, esse organismo ameaçou a sobrevivência de toda a vida na Terra.

Os criadores do Silenciador não tiveram que procurar muito uma solução. A resposta se encontrava em outra espécie que tinha conquistado a totalidade de seu domínio, governando-o com autoridade inquestionável por milhões de anos. Além de seu desenho imaculado, o motivo pelo qual os tubarões dominam o oceano é sua completa indiferença a tudo, exceto a alimentação, a procriação e a defesa de seu território. O tubarão não ama.

Ele não sente empatia. Ele não confia em nada. Ele vive em perfeita harmonia com o ambiente porque não tem aspirações ou desejos. E nenhuma piedade. Um tubarão não sente tristeza, remorso ou desejos, não sonha, não tem ilusões sobre si mesmo ou qualquer outro ser.

Certa vez um humano chamado Evan Walker teve um sonho - um sonho do qual não mais se lembra - e nesse sonho havia uma barraca na floresta e nessa barraca havia uma garota que dizia ser a humanidade, e a garota valia mais do que sua própria vida.

Não mais.

Quando ele a encontrar, e ele vai encontrá-la, ele vai matá-la. Sem remorso, sem piedade. Ele vai matar, com toda a emoção de um homem esmagando uma barata, quem Evan Walker amou.

O Silenciador despertou.

-85-

ZUMBI

A primeira pessoa que vejo é Dumbo. É assim que sei que estou morto. Vou para onde você for, sarge.

Bem, Bo, desta vez parece que eu fui para onde você foi.

Observo através de uma névoa tremeluzente quando ele tira um objeto de seu kit de medicamentos e quebra o lacre para misturar as substâncias químicas. O conhecido olhar sério em seu rosto, a máscara de preocupação, como se o bem-estar de todo o mundo pairasse em seus ombros., isso me escapou.

- Uma compressa fria? - pergunto a ele. - Que raios de paraíso é este, afinal?

Ele me lança seu olhar cale-a-boca-estou-trabalhando. Então ele pressiona a compressa em minha mão e me diz para segurá-la em minha nuca. Suas orelhas parecem menores na névoa tremeluzente. Talvez essa seja sua recompensa celeste: orelhas menores.

- Eu não deveria ter deixado você, Bo - admito. - Sinto muito.

Ele desaparece na névoa. Eu me pergunto quem vou ver em seguida Teacup? Pão de Ló? Talvez Flintstone ou Tank. Espero que não seja meu velho companheiro de barraca, Chris. Meus pais? Minha irmã? Pensar em vê-la novamente provoca um aperto no estômago. Amado Deus, temos estômago no céu? Pergunto-me como será a comida.

Não conheço o rosto que flutua diante de meus olhos. É uma garota negra mais ou menos da minha idade, com faces perfeitas de modelo e lindos olhos, embora não haja calor neles. Eles têm o brilho frio do mármore polido. Ela usa um macacão com divisas de sargento nas mangas.

Droga. Até agora a minha vida após a morte é tão deprimente quando antes dela.

- Onde ela está? - a garota pergunta.

Ela se agacha diante de mim e pousa os braços nas coxas. Corpo magro como a de uma corredora. Dedos longos e graciosos, unhas bem aparadas.

- Vou lhe fazer uma promessa - ela diz. - Não vou enganar você se não me enganar. Onde ela está?

Sacudo a cabeça.

- Não sei de quem você está falando - a compressa fria passa uma sensação deliciosa para minha cabeça latejante, mas é só o que faz. Começo a entender que talvez não esteja tão morto assim, afinal.

Fia procura no bolso, tira um pedaço de papel amassado e o joga no meu colo. Amado Deus, lá está Especialista deitada em uma cama de hospital com tubos em todos os lugares, algum tipo de foto tirada do computador. Deve ter sido tirada quando Vosch carregou nela o 12º Sistema.

Olho para a sargento e digo: Nunca vi essa pessoa na minha vida.

Ela suspira, pega a foto e a guarda no bolso. Ela olha para os campos marrons que cintilam na névoa de luz das estrelas. A névoa se desfaz um pouco. Um parapeito de madeira quebrado, a parede branca desbotada de uma casa de fazenda e a silhueta de um silo acima de seu ombro. Imagino que estejamos na varanda da frente.

- Onde ela estava indo? - a garota pergunta. - E o que ia fazer quando chegasse lá?

- A julgar pela imagem, ela não está indo a nenhum lugar tão cedo. As crianças. O que vocês fizeram com as crianças? Aperto os lábios para

segurar a pergunta. Eles estão com Megan, não há dúvidas disso. Ela estava comigo quando o Monte Rushmore caiu na minha cabeça. Mas talvez não com Nugget. Talvez ele ainda esteja escondido no fosso.

- O seu nome é Benjamin Thomas Parish - ela informa. - Vulgo Zumbi, ex-recruta e atual sargento do Esquadrão 53, que deu uma

de Dorothy no outono passado e tem estado em fuga desde a operação que você liderou para tomar o campo Abrigo. O seu antigo esquadrão está morto ou desaparecido, com exceção do soldado cuja fotografia acabo de mostrar a você. Marika Kimura, vulto Especialista, que comandou um de nossos helicópteros e agora está indo para algum lugar ao norte desta posição. Achamos que sabemos para onde ela está indo, mas gostaríamos de saber o motivo e o que ela pretende fazer quando chegar lá.

Ela espera. Acho que a pausa me foi oferecida para que eu preenchesse o silêncio. O nome completo de Especialista é Marika Kimura. Por que descobri isso com completos estranhos?

O silêncio se arrasta. Ela dá a impressão de que pode esperar para sempre, mesmo que ambos saibamos que ela não tem esse tempo todo.

- Eu não sou Dorothy - digo finalmente. - Um de nós é, mas não sou eu. Ela sacode a cabeça.

- Cara, você está tão longe da verdade que não posso vê-lo nem com um maldito telescópio - ela agarra meu queixo com os dedos longos e aperta. Com força. - Não tenho paciência para essa droga e você não tem tempo. Qual é o plano, sargento Zumbi? Qual é o jogo de Especialista?

Puxa, ela é forte. Tenho dificuldade em abrir a boca para falar.

- Xadrez.

Ela segura o meu queixo mais um segundo, depois o solta com um resmungo de repulsa. Ela faz um gesto na direção da porta da frente da casa da fazenda e surgem duas figuras, uma alta, outra baixa - baixa como Nugget.

A sargento se levanta e puxa Nugget à sua frente, duas mãos fortes segurando seus ombros.

- Fale - ela ordena.

Os olhos de Nugget estão fixos nos meus.

- Diga alguma coisa - ela manda.

Ela tira a pistola do coldre e aperta o cano na lateral da cabeça dele. Nugget nem ao menos se encolhe. Ele não choraminga nem grita. Seu corpo está tão imóvel quanto seus olhos, e seus olhos estão dizendo, "Não, Zumbi. Não."

- Faça isso e vai ver o que acontece.

- Vou fazer com os dois - ela promete. - Primeiro ele, depois a garota. Ela volta a apontar arma para a cabeça de Nugget. Não entendo no primeiro momento, depois desejo não ter entendido. Quando ela puxar o gatilho, o cérebro de Nugget vai espirrar em meu rosto.

- Ok - digo, mantendo a voz firme ou tão firme quanto possível. - Então pode me matar. Então estaremos todos mortos e você pode explicar esse fato inconveniente para o seu comandante.

E faço algo que a deixa totalmente atônita, que é o objetivo, a atitude genial que funciona desde que eu tinha 12 anos de idade: eu sorrio. O sorriso total Parish especial.

- O que era antes que toda essa droga acontecesse? - pergunto a ela. - Corrida de velocidade, certo? Ou foi longa distância? Eu joguei futebol. Recebedor. Não muita velocidade, mas eu tinha as mãos - faço um gesto com a cabeça. - Eu tinha as mãos - olho para os olhos dela por cima da cabeça de Nugget. Vejo a luz das estrelas cintilando neles, brilhando como um fogo de prata. - O que aconteceu conosco, sargento corredora? O que eles fizeram com a gente? Um ano atrás, você podia se imaginar estourando os miolos de um garotinho? Não sei quanto a você, mas por algum motivo, acho que não. Pode me chamar de Dorothy, mas não acho que houvesse dez entre sete bilhões de pessoas que poderiam atirar. Agora enfiamos bombas em suas gargantas e apontamos armas para as suas cabeças como se tosse a coisa mais natural do mundo, como vestir roupas ou escovar os dentes. Você se pergunta o que virá em seguida. Isto é, depois de chegar a esse ponto, pode-se descer ainda mais?

- É disso que eu preciso - ela diz, mostrando os dentes para zombar do Parish Especial. - Você dando uma de Dorothy.

Marika vai voltar ao lugar em que essa fotografia foi tirada - digo a ela, desligando o sorriso. Nugget arregala os olhos: *Zumbi! Não!* - Quando chegar lá, ela vai encontrar o imbecil que nos ferrou: ela, você, eu e todos os outros neste hemisfério, e quando ela o encontrar vai matá-lo. Depois provavelmente vai matar todo recruta

que passou por lavagem cerebral na base. E quando você voltar, se você conseguir voltar antes que o grande filho da mãe verde lá em cima comece a derramar tijolos verdes de morte, ela também vai matar você.

Ligo o sorriso novamente. Atordoante. Brilhante. Irresistível. Bem, pelo menos era isso que as pessoas me diziam.

Agora, abaixe a arma, sargento Corredora, e vamos dar o fora daqui.

Sou obrigado a ficar de pé e empurrado para dentro da casa com Nugget, Megan e dois imensos sujeitos tipo atacantes que tiraram as jaquetas só para mostrar como são fortes. Eles têm tatuagens idênticas nos bíceps musculosos: VQP. Ficamos no saguão da frente, Megan no sofá segurando o urso de pelúcia, Nugget colado a mim, embora ele não esteja satisfeito comigo no momento.

- Você contou - ele acusa. Dou de ombros.

- A bala deixou o cano, Nugget. Não há muito que possam fazer a respeito agora.

Ele sacode a cabeça. Não entendeu a metáfora. Eu me inclino e sussurro em seu ouvido:

- Pelo menos não contei sobre Cassie, certo?

A menção do nome da irmã quase o faz perder o controle. Ele projeta o lábio inferior para frente, seus olhos se enchem de lágrimas.

- Ei, tudo bem agora, o que foi isso? Hein? Soldado, suas ações hoje mostraram uma coragem extraordinária acima e além do chamado do dever. Você sabe o que é uma promoção de campo?

Nugget sacode a cabeça solenemente.

- Não.

- Bem, você acaba de receber uma, cabo Nugget.

Encosto a mão na minha testa. O peito dele se enche, ele projeta o queixo para frente, os olhos brilham com o velho fogo Sullivan. Ele retribui a saudação com animação.

Na varanda, a sargento está tendo uma discussão acalorada com seu segundo no comando. O assunto não é mistério; pode-se ouvi-los com clareza pela porta aberta. Eles completaram a missão, argumenta 21C, é tempo de acabar com esses bastardos e voltar à base. Capturar e deter, a sargento replica. Minhas ordens não dizem nada sobre matar alguém. Porém, ela está hesitante; pode-se sentir isso em sua voz. Seu 21C volta com meu argumento sobre a besta

que vai atirar bombas em alta órbita: não importa o que ela decida sobre os Dorothys, eles têm que voltar à base antes do amanhecer ou vão assistir ao Armagedon na primeira fila.

A porta de tela se abre com violência e ela vem direto até o meu rosto, perto suficiente para sentir seu perfume, faz tanto tempo que não sinto o cheiro de um que minha dor de cabeça desaparece no mesmo instante.

- Como ela vai fazer tudo isso? - ela grita. - Como pode uma pessoa...

- Só é preciso uma - minha resposta rápida se contrapõe à pergunta. - Só uma, e o mundo muda. Você ouviu bem, sargento.

Ela me fita com os olhos escuros ardentes cheios de uma centena de adagas de luz.

- Cabo - ela dispara para o seu 21C sem desviar o olhar de meu rosto -, estamos saindo. Acompanhe os prisioneiros até o helicóptero. Eles vão fazer uma pequena viagem até a toca do coelho. - Depois para mim: -Você se lembra do País das Maravilhas.

- Claro que sim - respondo, concordando com um gesto de cabeça.

Pássaro negro levantando voo, a Terra se afastando - do ar, as cavernas são invisíveis. A casa da fazenda e os campos exibem um brilho prateado, e a rajada de vento frio é como a voz do mundo aos gritos. A última vez em que entrei em um helicóptero eu estava voltando para um campo diferente, em uma missão para salvar o garoto que está ao meu lado agora, cujo rosto antes redondo agora está magro e sério e cheio de um objetivo sombrio. Um dia ele vai perguntar aos netos, Já contei a você sobre quando fui promovido a cabo com 6 anos de idade?

Seus netos. Segundo Especialista, eles vão lutar a mesma luta que ele. Assim vão os netos deles e seus bisnetos e tataranetos. A guerra que não pode terminar enquanto o navio do inimigo navegar serenamente sobre nossas cabeças. Como poderia terminar quando tudo o que nossos descendentes tiverem que fazer é olhar para cima?

Como a sargento Corredora, que me observa do outro lado do corredor. A coisa perfeitamente assustadora e assustadoramente perfeita sobre o plano deles é que não importa que ela saiba que eu não sou um Ted. Quem não está conosco está contra nós. Esse tipo de pensamento quase acabou com a nossa história, mais de uma vez. Desta vez, terminou.

Desvio o olhar de seu rosto para o mundo aos gritos do lado de fora do helicóptero. Não vejo o solo. Apenas a fina linha negra do horizonte, a congregação de um milhão de astros e a órbita verde em forma de olho que paira pouco acima da linha que separa o céu e a Terra.

Alguém está tocando minha coxa. E não é alguém que espero que faça isso. Suja, mãos arranhadas, unhas lascadas, braços finos, rosto manchado, uma cabeça com cabelos desgrenhados apesar das valorosas tentativas de Sullivan de mantê-los penteados. Toco esse cabelo, empurrando-o para atrás da orelha, e Megan olha

timidamente para mim, mas não se afasta. Na última vez em que ela viajou em um helicóptero, as pessoas em quem confiava simplesmente colocaram uma bomba em sua garganta. As mesmas pessoas para as quais estava voltando agora. Como lidar com uma coisa dessas? Como fazer com que tenha sentido? Eu quase digo isso. As palavras tentam sair de minha boca e quase escapam. Não vou deixar acontecer, Megs. Desta vez você está segura.

A sargento está gritando alguma coisa. Escuto apenas dez por cento. Ir quatro? Ir quatro tem certeza? Temos força para isso? E uma série de exclamações que não posso incluir nessa porcentagem. Ao ouvir as palavras Para quatro, os outros recrutas no aparelho ficam tensos. Não sei que diabos significa Para quatro, mas não parece bom.

Nada bom mesmo.

ESPECIALISTA

Do telhado do centro de comando, escuto a janela estilhaçar a duzentos metros de distância. Um corpo cai para fora e se retorçe na terra sob a janela quebrada, seu uniforme pontilhado de fragmentos de vidro, gemeu do de dor. Não vejo seu rosto, mas mesmo desta distância, reconheço o emaranhado de cachos cor de morango.

Corro pelo telhado, salto mais de um metro para o telhado do prédio adjacente, depois pulo três andares até o chão. Sullivan vê minhas bolas atingir a grama a pouca distância de sua cabeça e grita. Ela remexe na pistola. Eu chuto a pistola para longe com um pontapé e levanto a garota. Sem uniforme está encharcado. Seus olhos estão inchados e vermelhos, seu rosto com teias bolhas carmim. Ela treme incontrolavelmente, prestes a entrar em choque. Vou ter que agir depressa.

Jogo-a sobre o ombro e corro na direção de um pequeno barracão localizado nos fundos do edifício. A porta está trancada. Eu a arrebento com um chute e a levo para dentro. O hub processa os dados transmitidos pelos drones olfativos: algo na água, algo tóxico.

Tiro a sua jaqueta. Arranco a camisa e a camiseta embaixo dela. Entrando e saindo do estado de consciência, ela mal resiste. Botas, meias, calças, roupa de baixo. A pele está inflamada e pegajosa ao toque. Aperto a mão em seu peito; o coração palpita de encontro a minha palma. Olho para dentro de seus olhos lacrimejantes que nada veem e entro nela. A toxina não vai matá-la, espero, mas seu terror pode.

Acalmo o pânico a fim de desacelerar seu coração. A parte primitiva de seu cérebro recua: a reação de luta-ou-fuga é mais

antiga e mais poderosa do que a tecnologia dentro de mim. A luta continua durante vários minutos.

Nossos corações, a guerra.

Seu corpo, o campo de batalha.

Jogo a minha jaqueta sobre seus ombros nus. Ela a aperta sobre o peito, um bom sinal de que ainda não a perdi.

- Em que. Raios. De lugar. Você estava?

- Observando este campo afundar - respondo a ela. - Eles cortaram a energia...

Ela ri com voz rouca, então vira a cabeça e cospe. Sua saliva está manchada de sangue e penso na praga:

- Foi mesmo? Eu nem notei.

- Foi muito esperto - eu digo. - Obrigá-los a sair, onde nossas opções são limitadas, depois despachar pessoal aperfeiçoado para terminar...

Ela está sacudindo a cabeça.

- Não temos opções, Esp. O País das Maravilhas. Temos que ir ao País das Maravilhas... - ela tenta ficar em pé. Seus joelhos fraquejam e ela cai. - onde diabos estão minhas roupas?

- Olhe, pegue as minhas. Eu vou usar as suas. Por algum motivo, ela ri.

- Isso é engraçado. Não entendo.

Sinto a toxina se insinuar em minhas pernas depois que visto o uniforme dela, e milhares de programas microscópicos surgem para neutralizar seus efeitos. Entrego minha camisa seca, visto a dela, molhada.

- O veneno não faz nada com você? - ela pergunta.

- Não sinto nada. Ela revira os olhos.

- Eu já sabia disso.

- Eu assumo daqui - digo a ela. - Você fica.

- De jeito nenhum.

- Sullivan, o risco é...

- Não ligo a mínima para o seu risco.

- Não estou falando do risco para a missão. O seu risco.

- Não importa - ela se levanta. Desta vez, fica em pé. - Onde está meu rifle?

Sacudo a cabeça,

- Não o vi.

- Ok, então. E a minha pistola?

Respiro fundo. Isso não vai funcionar. Ela agora é um risco maior do que uma vantagem, e ela nunca vai ser uma grande vantagem. Ela vai me retardar. Ela pode ser morta. Eu deveria deixá-la aqui. Se for preciso, vou deixá-la inconsciente. Dane-se nosso acordo. Walker está morto; tem que estar; não há motivo para Vosch mantê-lo vivo depois de estar no País das Maravilhas. O que significa que Sullivan está arriscando tudo por nada.

Eu também. Por algo que nem mesmo sei descrever. A mesma coisa que vi em seus olhos e não posso nomear. Algo que nada tem a ver com Vosch ou vingar o que ele me fez. É mais importante do que isso. Mais só lido. Mas isso é o melhor que posso fazer para descrevê-lo.

Algo inviolável.

Mas não digo nada disso. Minha boca se abre e em vez disso saem essas palavras:

- Você não vai precisar de uma arma, Sullivan. Você vai ter a mim.

Eu a deixo por alguns momentos. Primeiro, faço com que prometa ficar. Ela não está interessada em fazer promessas; ela quer ouvi-las. Assim, prometo que vou voltar.

Ela parece melhor quando volto. Seu rosto ainda está vermelho, mas as manchas e as bolhas ou o que quer que sejam quase desapareceram. Ela não está satisfeita com a situação, porém joga o braço em volta do meu pescoço e se apoia em mim no caminho do centro de comando.

Toda a base está misteriosamente silenciosa. Nossos passos caem como trovões. Você está nos observando, digo em silêncio para Vosch. Eu sei que está nos observando. Sullivan se afasta quando chegamos à porta.

- Como você vai fazer isso? - ela quer saber. - Nós vamos ser queimadas vivas pela toxina.

- Acho que não. Eu só vou fechar o registro de água.

Bato o punho na porta de aço e empurro a barra do lado oposto. Nenhum alarme soa. Nenhuma luz nos cega. Nenhuma bala nos atinge. O silêncio é paralisante.

Sullivan sussurra em meu ouvido.

- São as ondas, Esp. A energia. A água. A praga. Você sabe o que vem em seguida. Você sabe o que vai acontecer.

Concordo com um gesto.

- Eu sei.

Encontramos os corpos no poço da escada que leva ao complexo do subsolo. Sete recrutas, nenhum sangue e nenhum arranhão neles. Obviamente, quem quer tenha feito isso era aperfeiçoado. Duas das crianças tiveram as cabeças torcidas de modo que parecem nos fitar, embora seus corpos estejam de bruços. Entrego uma de suas pistolas a Sullivan. Atravessamos a pilha de corpos e continuamos a descer. Ela segura a arma em uma das mãos; a outra agarra minha manga. Ela não conseguiu ver os recrutas e não

perguntou o que aconteceu ou o que viu. Ela também não quer saber ou imagina que isso não importa.

Apenas uma coisa importa, ela disse. Ela tem razão. Eu só não tenho certeza de que alguma de nós possa explicar o que é.

No fundo há escuridão e silêncio e um corredor cujo final nem meus olhos aperfeiçoados podem enxergar. Mas eu lembro onde estou. Já estive aqui, sob o brilho constante. Foi aqui que Navalha me encontrou, resgatou-me, deu-me esperança e então me traiu.

Paro. Ela segura minha manga com força.

- Não enxergo nada - Sullivan sussurra. - Onde está a porta verde?

- Você está parada diante dela.

Empurro-a para um lado e corro alguns metros pelo corredor para dar impulso para a corrida. Pelo que sei, até um ser humano aperfeiçoado não pode quebrar o mecanismo de fechamento dessa porta. Mas não tenho escolha. Atinjo a velocidade máxima a meio caminho da porta e quase não tenho espaço para saltar quando Sullivan entra na minha frente e tenta a maçaneta.

A porta se abre. Deslizo um metro até conseguir parar. E estou satisfeita por ela não conseguir ver a expressão atônita em meu rosto. Ela riria.

- Eles não precisam trancar a porta se não há energia - ela lembra. - O País das Maravilhas precisa de energia, certo?

Claro que ela está certa. Sinto-me tola por não ter previsto o óbvio.

- Eu entendo - ela diz, lendo minha mente. - Você não está acostumada a se sentir tola. Confie em mim, você vai se acostumar - ela sorri. - Talvez o País das Maravilhas tenha um sistema de energia própria, só para garantir.

Entramos no aposento. Sullivan fecha a porta atrás de nós. Seus dedos roçam o teclado desativado por um segundo antes de cair ao seu lado. Depois de tudo, sua capacidade de ter esperança não morreu.

- E agora? - ela pergunta depois de ter apertado vários botões no console sem resultado.

Eu não sei, Sullivan. Foi você quem exigiu que viéssemos até aqui quando soube que cortaram a energia.

- Não há nenhum substituto? - ela pergunta. - É de se imaginar que haja baterias ou algo parecido, no caso de acidentalmente ficarem sem energia.

Então ela diz, mais para encher o silêncio do que por outro motivo.

- Vou ficar aqui. Você vai procurar a estação de energia ou qualquer coisa parecida e acender as luzes.

- Sullivan, estou pensando.

- Você está pensando.

- Sim.

- É isso que está fazendo. Pensando.

- É o que faço melhor.

- E todo esse tempo pensei que matar pessoas fosse o que faz melhor.

- Bom, se eu tivesse que escolher entre duas coisas em que sou muito boa...

- Não brinque - ela replica

- Nunca brinco.

- Viu? Isso é fundamental. Uma falha essencial.

- Assim como falar demais.

- Tem razão, Eu deveria matar mais e falar menos.

Estou passando as mãos no tampo da mesa. Nada. Abaixo-me no chão e rastejo sob o balcão. Um emaranhado de fios, conexões, fios de extensão. Eu me levanto. Na parede, monitores de tela plana - nenhum fio, provavelmente sem fio, conectados ao sistema. Nada mais para o País das Maravilhas além do teclado, mas precisa haver outra coisa. Onde os dados são armazenados? Onde está o processador? Claro, essa é uma tecnologia alienígena. Vosch pode estar levando o processador no bolso. Ele poderia ser um chip do tamanho de um grão de areia encravado em seu cérebro.

O mais atordoante é o risco. O País das Maravilhas é uma peça vital do maquinário, um componente importante na chegada da 5ª Onda, a chave para retirar as maçãs podres, incluindo Evan Walker, a maçã mais podre do cesto.

O aposento está seco. Nenhum sprinkler foi ligado aqui. Então, onde está a energia? A energia pode estar desligada em todas as outras partes do complexo, mas deveria estar ligada nesta sala. O risco é muito grande.

- Especialista? - não ser capaz de me ver a deixou nervosa. - Em que você está pensando agora?

- Eles não podem se arriscar a ficar sem energia no País das Maravilhas.

- Foi por isso que perguntei sobre baterias extras ou...

Burra, burra, burra, burra. Espero que Sullivan esteja certa. Espero que eu me acostume a me sentir burra. Dou a volta e ligo o interruptor. O País das Maravilhas vem à vida.

-91-

Cassie está sentada. A cadeira branca geme. Ela vira para trás com o rosto voltado para o teto branco. Prendo-a na cadeira.

- Nunca fiz isso - ela confessa. - Quase, lá no Campo Abrigo. O que aconteceu?

Estrangulei a Dra. Pam com uma dessas tiras.

- Bom para você - digo com sinceridade. - Estou impressionada. Vou até o teclado. Tenho certeza de que pedirão uma senha. Não pedem. Toco uma tecla qualquer e a página inicial salta no monitor central.

- O que está acontecendo? - ela pergunta. Ela não enxerga nada da cadeira além do teto branco.

Banco de dados.

- Encontrei - aperto o botão.

- E agora? - ela quer saber.

Tudo está codificado. Milhares de combinações numéricas, que suponho representam os indivíduos cujas memórias foram capturadas pelo programa. Impossível saber qual sequência equivale a Walker. Poderíamos tentar a primeira e, se não for ele, passar à seguinte da lista, mas...

- Especialista, você não está falando.

- Estou pensando.

Ela suspira alto. Ela quer dizer algo como-Pensei que você disse que era boa nisso, mas ela não diz.

- Não consegue descobrir qual é a de Evan - ela conclui finalmente.

- Já passamos por isso - eu lembrei. - Mesmo que pudéssemos localizar seus dados, você não sabe se suas lembranças vão levá-la até ele. Depois de ser descarregado, Vosch provavelmente...

Ela levanta a cabeça o máximo que pode da cadeira e diz irritada:

- Ele está aqui em algum lugar. Mostre todos eles. Primeiro, tenho certeza de que não ouvi corretamente.

- Sullivan, eles são milhares.

- Não importa. Vou ver cada um deles até encontrá-lo.

- Tenho quase certeza de que não funciona deste jeito.

- Ah, que diabos você sabe, hein? Quanto você sabe realmente, Esp, e quanto do que você "sabe" são bobagens que Vosch quer que você saiba? A verdade é que você não sabe droga alguma. Eu não sei droga alguma. Ninguém sabe nada.

Ela atira a cabeça para trás. Agarra as tiras com força. Talvez ela esteja pensando em me estrangular com uma delas.

- Você disse que Vosch carregou todos - ela continua. - E foi assim que ele descobriu como manipular você. Ele leva todas essas lembranças dentro dele, portanto deve ser seguro. Perfeitamente seguro.

Estou pronta para executar o comando, nem que seja apenas para que ela cale a boca.

- Por que você tem medo? - ela pergunta.

Sacudo a cabeça.

- Por que você não tem medo?

Aperto o botão "executar", e envio dezenas de milhares de lembranças não filtradas para o cérebro de Cassie.

Ela faz um movimento brusco, puxando as tiras que a prendem. O tecido começa a rasgar; pode se romper. Ela fica rígida como se estivesse sofrendo um ataque. Seus olhos se reviram nas órbitas. O maxilar se aperta. Uma das unhas quebra e voa pelo aposento.

Nos monitores, as sequências correm enevoadas, rápido demais até para minha visão aperfeiçoada acompanhar. Quantos dados existem nas mentes de milhares de pessoas? O que está acontecendo a Sullivan é como tentar enfiar o sistema solar em uma noz. Isso vai matá-la. A mente dela vai explodir como a singularidade no momento da criação.

Não tenho dúvidas de que Vosch usou o País das Maravilhas para descarregar experiências de indivíduos - tenho certeza de que ele descarregou as minhas - e também tenho poucas dúvidas de que essas experiências foram removidas depois de terem atendido ao seu propósito. Nenhum ser humano pode conter a soma de toda essa experiência humana. No mínimo, ela iria estraçalhar sua personalidade. Como se apegar à essência de sua realidade em meio a tantas alternativas?

Sullivan geme. Seus gritos são suaves, vindos do fundo de suas entranhas. Ela é fraca. Você devia saber. Você devia ter tomado o lugar dela. A tecnologia com que a infectaram poderia lidar com isso; o 12º Sistema teria protegido você. Por deixou que ela o fizesse?

Mas sei a resposta a esta pergunta. O 12º Sistema só pode aperfeiçoar o corpo humano - ele é inútil contra o medo. Ele não pode me dar uma coisa que Cassie tem em abundância.

Pensei que sabia o que era coragem. Eu até fui arrogante o bastante para passar um sermão em Zumbi a respeito. Mas eu não tinha idéia do que era a coragem verdadeira até este momento. Essa coisa não identificável que vi nos olhos dela é parte disso, a raiz de onde nasce sua coragem.

Meu dedo paira sobre o botão "abortar". Seria um ato de coragem apertá-lo? Ou o fracasso final do meu lado humano - a parte de mim que espera quando não há esperança, acredita quando não há razão para acreditar, confia quando toda a confiança se dissipou? Seria apertar o botão a última vitória de Vosch sobre mim? Veja, Marika, até você nos pertence agora. Até você.

Tudo acaba em menos de cinco minutos. Cinco minutos eternos; o universo tomou forma em menos tempo.

Os monitores ficam em branco. Cassie fica flácida. Aproximo-me dela com agilidade. Tenho medo de tocá-la. Medo do que posso sentir. Tenho medo de minha própria mente minha própria sanidade. É perigoso mergulhar em uma consciência humana; não posso imaginar o que possa ser mergulhar em milhares.

- Cassie?

Suas pálpebras tremem. Eu vejo o teto branco refletido em seus olhos verdes. E alguma coisa mais. Algo chocante. Não horror. Não piedade. Nem confusão ou dor ou medo. Nenhuma dessas coisas que ela deve ter encontrado no País das Maravilhas.

Em vez disso, seus olhos, seu rosto, todo o seu corpo foi inflamado com o oposto de todas essas coisas, estão todas juntas, inconquistáveis, invencíveis, imortais. A raiz de sua coragem. A fundação de toda a vida, muitas vezes obscurecida, nunca perdida.

Alegria.

Ela respira longa e demoradamente e diz.

- Estamos aqui.

Seu rosto resplandece. Seus olhos brilham. Um sorriso brinca em seus lábios.

- Você não vai acreditar... - ela sussurra. - Você não sabe...
Sacudo a cabeça.

- Não, acho que não.

- É tão lindo... tão lindo... Não posso. Ah, Deus, Marika, não posso... Ela está soluçando. Tomo seu rosto entre as mãos, implorando ao hub para me manter fora. Não quero estar onde ela está. Acho que não suportaria

- Sammy está aqui - ela grita. - Sammy está aqui - e ela luta contra as tiras frágeis como se pudesse de alguma forma, envolvê-lo com os braços. - E Ben, ele também está aqui. Oh, Deus, oh, Cristo, eu disse que ele estava quebrado. Por que fiz isso? Ele é forte... ele é muito forte, não é surpresa que eles não possam matá-lo...

Seus olhos vagueiam no branco vazio. Seus ombros tremem.

- Estão todos aqui. Dumbo e Teacup e Pão de Ló...

Eu me afasto dela. Sei o que vem em seguida. É como assistir a um trem sem freios se aproximando. Luto com um impulso quase insuportável de fugir.

- Desculpe-me, Marika. Por tudo. Eu não sabia. Eu não entendia.

- Não temos que fazer isso, Cassie - murmuro fracamente. Por favor, não faça isso.

- Ele a amava. Navalha... Alex. Ele não conseguiu admitir o fato para ninguém. Ele nem admitiu o fato para si mesmo. Ele sabia antes de fazê-lo que iria morrer por você.

- Walker - digo com voz rouca. - E quanto a Walker?

Ela me ignora ou não ouve a pergunta. Ela está aqui e não está. Ela é Cassie Sullivan e é todos os outros. Ela se tornou a soma de nós. Dedos de arco-íris - ela fala com a voz sufocada, e eu paro de respirar. Ela está vendo a mão de meu pai segurando a minha. Ela

se lembra da sensação, de como eu me sentia com a mão de meu pai na minha.

Estamos sem tempo - digo para arrancá-la de minhas lembranças. Cassie escute. Walker está aí?

Ela faz que sim e começa a chorar de novo.

- Ele estava dizendo a verdade. Havia música. E a música era linda... Eu o vejo, Marika. Seu planeta. A nave. A sua aparência... oh meu Deus, isso é nojento - ela sacode a cabeça para se livrar da imagem. - Marika, ele estava dizendo a verdade. É real... é real...

- Não, Cassie. Escute. Essas lembranças não são reais. Ela grita. Ela luta contra as tiras que a prendem. Graças a Deus, não a soltei ainda ou ela poderia arrancar meus olhos. Não tenho escolha agora. Tenho que arriscar.

Agarro seus ombros e a obrigo a voltar à cadeira. Uma explosão cacofônica de emoções estoura em minha mente e por um segundo tenho receio de perder a consciência. Como ela suporta? Como uma mente pode suportar o peso de outras dez mil? É um desafio à compreensão. É como tentar definir Deus.

Dentro de Cassie Sullivan há um horror muito profundo, não há palavras. As pessoas descarregadas no País das Maravilhas perderam todas as pessoas importantes para elas, e a maioria dessas pessoas descarregadas eram crianças. Sua dor é dela agora. Sua confusão e tristeza, sua raiva e desesperança e medo. É demais. Não posso ficar dentro dela. Tropeço para trás até me chocar com o balcão.

- Eu sei onde ele está - ela diz, recuperando o fôlego. - Ou, pelo menos, onde pode estar, se o levaram para o mesmo lugar. Solte-me, Marika.

Pego o rifle encostado na parede.

- Marika. Ando até a porta.

- Marika.

- Vou voltar - consigo dizer com dificuldade.

Ela grita meu nome de novo e agora não tenho escolha. Se ele não nos ouviu antes, certamente a ouviu agora. Por que eu o ouvi.

Alguém está descendo a escada do outro lado do corredor de um quilômetro de comprimento. Não tenho certeza de quem é, mas sei o que é. E sei por que está vindo.

- Você vai ficar segura aqui - minto. O tipo de mentira cheia de esperança que se conta às crianças. - Não vou deixar que nada lhe aconteça.

Abro a porta e cambaleio da luz para a escuridão.

Mesmo com minha velocidade aperfeiçoada, não vou poder chegar à porta da escada antes que ele. Mas, com um pouco de sorte, posso ficar ao alcance de tiro de um M16.

Tenho certeza que é de Vosch. Quem mais poderia ser? Ele sabe que estou aqui. Criador para sua criação, criatura para seu criador, essa é nossa ligação. Somente uma forma de rompê-la. Somente uma forma de me libertar.

Avanço como uma bomba pelo corredor, um míssil humano. Escuto sua aproximação. Ele deve escutar minha aproximação.

O alcance de um M 16 é 550 metros, um terço de uma milha. O hub calcula minha velocidade e a distância até o poço da escada. Não vai acontecer. Ignoro o cálculo e continuo a correr. Novecentos metros - oitocentos - setecentos. O processador incrustado em minha córtex cerebral enlouquece, avaliando os números repetidas vezes, sem conseguir chegar a um resultado, e me envia recados de urgência cada vez mais depressa. Volte. Encontre um esconderijo. Não há tempo. Não há tempo, não há tempo, *não-hátempohãohátemponãohátempo*.

Eu o ignoro. Eu não sirvo ao 12º Sistema. O 12º Sistema me serve.

A menos que eu decida o contrário.

O hub desliga a tomada dos drones que aperfeiçoam meus músculos: se ele não conseguir me deter, pelo menos pode reduzir o meu ritmo. Minha velocidade cai. Abandonada, corro como um ser humano comum. Sinto-me acorrentada e solta ao mesmo atempo.

As luzes do corredor se inflamam e criam vida. A porta do poço da escada se abre e uma figura alta aparece. Abro fogo, disparando para frente, reduzindo a distância o mais depressa que posso. A figura cambaleia, inclina-se para a parede oposta e instintivamente ergue as mãos para cobrir o rosto.

Estou ao alcance de tiro agora - sei disso, o inimigo sabe disso, e o hub sabe disso. Está acabado. Concentro-me na figura à minha frente. Meu dedo aperta o gatilho.

Então vejo um macacão azul, não o uniforme de um coronel. Altura errada. Peso errado, também. Hesito um instante e nesse instante a figura abaixa as mãos.

Meu primeiro pensamento vai para Cassie - o que ela sofreu no País das Maravilhas quando o País das Maravilhas não era necessário. Ela arriscou tudo para encontrá-lo... até que ele a encontrou.

Evan Walker tem a capacidade de encontrá-la. Ele sempre teve.

Paro a 100 metros de distância, mas não abaixo o rifle. Entre sua partida e nosso encontro, não há como dizer o que aconteceu. O hub concorda comigo. Não há risco se ele morrer, um risco enorme se ficar vivo. Qualquer valor que ele tenha tido se foi, contido na consciência de Cassie Sullivan.

- Onde está Vosch? - pergunto.

Sem uma palavra, ele abaixa a cabeça e avança. Ele reduziu a distância à metade antes de eu abrir fogo. Primeiro superando a insistência do hub miro a cabeça, depois por sua exigência recuo antes que ele me alcance.

Disparo seis rajadas em suas pernas, achando que vão derrubá-lo. Não acontece. E, quando cedo ao comando exaltado do hub, é muito tarde.

Ele arranca o rifle de minhas mãos. Tão depressa que não percebo o golpe. Também não vejo o próximo golpe, o punho que atinge meu pescoço, atirando-me contra a parede. O concreto racha com o impacto.

Pisco, e seus dedos se prendem ao redor da minha garganta. Outra piscadela e livro-me de sua mão com a esquerda e o golpeio com o máximo de força possível com a direita, atingindo o centro de seu peito para quebrar seu esterno e fazer o osso estilhaçado penetrar em seu coração. E como se eu golpeasse uma placa de aço de dez centímetros de espessura. O osso racha, mas não quebra.

Pisco de novo e agora meu rosto está apertado de encontro ao concreto frio e há sangue em minha boca e sangue na parede contra a qual fui jogada - só que não é uma parede, é o chão. Fui atirada a 100 metros de distância e aterrissei de barriga.

Rápido demais. Ele se move mais depressa que o padre das cavernas, mais depressa que Claire no banheiro da enfermaria. Até mais depressa que Vosch. Um ser humano se mover tão depressa é um desafio às leis da física.

Antes que o processador alienígena em meu cérebro use o nanossegundo de que precisa para calcular as probabilidades, sei o resultado: Evan Walker vai me matar.

Ele me levanta do chão pelo tornozelo e me joga contra a parede. Os blocos se lascam. Assim como alguns de meus ossos. Ele não solta. Ele atira meu corpo contra a outra parede. De um lado para outro até o concreto quebrar e se espalhar no chão como uma poeira cinzenta. Não sinto nada; o hub fechou os receptores de dor. Walker ergue meu corpo acima da cabeça e o joga sobre seu joelho levantado.

Não sinto a coluna quebrar, mas escuto o som aumentado mil vezes pelos drones auditivos incrustados nos meus ouvidos.

Ele larga meu corpo flácido no chão. Fecho os olhos, esperando o *coup de grâce*. Pelo menos vai ser rápido. Pelo menos sei que o presente final do 12º Sistema vai ser uma morte indolor.

Ele chuta minhas costas. Depois se ajoelha ao meu lado e seus olhos são poços insondáveis, buracos negros em que nenhuma luz pode penetrar ou escapar. Nada vive nesses olhos, nem ódio nem fúria nem diverti mento nem a menor curiosidade. Os olhos de Evan Walker são tão vazios quanto os de uma boneca, seu olhar igualmente imóvel.

- Há outra - ele diz. - Onde ela está? - sua voz não tem sentimento, nem sinal de humanidade. Quem quer que Evan Walker tenha sido antes não existe mais.

Quando não respondo, a coisa que era Evan Walker, com uma gentileza obscena, pega meu rosto nas mãos e penetra em minha consciência como uma faca. A entidade que viola a minha alma é destituída de alma, é alienígena, é outro. Não consigo me livrar; não

consigo me mover de jeito algum. Com tempo suficiente, tempo que ele não tem, o 12º Sistema poderia reparar o dano em minha coluna, mas por ora estou paralisada. Minha boca se abre. Nenhum som sai.

Ele sabe. Ele me solta. Ele se ergue.

Encontro minha voz e grito o mais alto que posso.

- Cassie! Cassie, ele está chegando!

Ele avança pelo corredor em direção da porta verde.

E a porta verde vai abrir. Ela vai vê-lo com olhos que viram tudo que ele viu e um coração que sentiu tudo que ele sentiu. Ela vai pensar que ele veio para salvá-la - que seu amor vai liberá-la novamente.

Minha voz se transforma em um choro lamentável.

- Cassie, ele está chegando. Ele está chegando... Não há como ela me escutar. Não há como ela saber.

Rezo para que ela não perceba o que está acontecendo. Rezo que a coisa que certa vez foi Evan Walker seja rápida.

SILENCIADOR

A porta verde está no fim do corredor. Do outro lado da porta verde, está um quarto branco. Dentro desse quarto, sua presa está amarrada a uma cadeira branca, a cabra amarrada à estaca, a foca ferida presa na forte correnteza. Ele vai quebrar o crânio dela. Ele vai arrancar o coração ainda batendo no peito com as mãos. A que Evan Walker salvou no primeiro dia para que, neste dia final, seus restos sem alma possam matá-la. Não há ironia nessa crueldade; há somente crueldade.

Mas a cadeira está vazia. A presa desapareceu. O Silenciador examina as tiras que prenderam seus braços. Cabelo, pele, sangue. Ela deve ter lutado até se soltar.

Ele abaixa a cabeça e escuta. Sua audição é incrivelmente apurada. Ele pode ouvir outro ser humano respirar a quase dois quilômetros de distância do outro lado do corredor, aquele cuja coluna ele fraturou, cujos ossos esmagou de encontro às paredes de concreto. Ele pode ouvir a respiração dos soldados agrupados nas salas de segurança em toda a base, esperando que soe o sinal de que tudo está livre, suas vozes baixas, o farfalhar de seus uniformes, seus corações galopantes. Ele pode ouvir a eletricidade na fiação nas paredes do aposento. Ele fica rígido ao ouvir a confusa mistura de ruídos para isolar sua presa. Ele busca um único bater de coração, uma respiração solitária nas proximidades; ela não pode ter ido muito longe.

Não há satisfação quando encontra sua localização. Um tubarão não sente satisfação ao detectar o bebê foca na água.

Ele corre do aposento em pernas que não sente: o processador em seu cérebro anulou a dor de seus ferimentos, e os drones arteriais fecharam o fluxo de sangue para os pontos de entrada das

balas. Suas pernas estão tão adormecidas quanto seu coração, tão insensíveis quanto sua mente.

Três portas no corredor à direita. Ele para por um momento do lado de fora, paralisado, mãos pendendo ao lado do corpo, cabeça curvada, ouvindo. De algum modo, sua presa descobriu a combinação e entrou nesta sala. Ele não reflete sobre como ela poderia conhecer o código. Ele não para a fim de considerar por que a garota estava no quarto branco ou o que tinha lhe acontecido a ela ali. De onde sua presa tinha vindo e sua vida antes de chegar a este lugar - são fatos irrelevantes. Sob a silhueta da foca na superfície, a besta dispara para cima das profundezas.

Ela está próxima - muito próxima. Ele escuta sua respiração do outro lado da porta. Ele diferencia as batidas de seu coração. Ela está apertando o ouvido de encontro à porta, escutando.

O Silenciador põe a mão para trás, os dedos fechados em punho.

Girando os quadris para conferir o máximo de força ao golpe, ele bate com o punho na porta reforçada. Do outro lado a presa recua, mas é tarde; ele agarra um punhado de seus cabelos. Ela se livra com um empurrão e um grito assustado, deixando para trás um punhado de cachos na mão dele.

O Silenciador arranca a porta das dobradiças e salta para dentro. A presa está avançando de quatro no piso molhado, escorregando, entre duas fileiras de caixas de luz, cheias de fios elétricos, que ladeiam os dois Ias do estreito corredor.

Ele a encurralou em uma das salas de eletricidade do complexo. Há somente uma saída e, para escapar, ela precisa passar pelo Silenciador - e isso vai ser impossível.

O Silenciador não corre. Não há pressa. Ele desliza na água empoçada deliberadamente, fechando o espaço. A presa para perto da parede dos fundos; talvez ela compreenda que não tem para onde fugir, nenhum lugar para se esconder, nenhuma escolha senão virar e enfrentar a coisa que cedo ou tarde terá que ser enfrentada. Ela vira para a direita e salta, atingindo um apoio no espaço de um metro entre o alto de uma das caixas de luz e o teto. Sua mão

envolve uma das linhas que entram e ela puxa o corpo para o pequeno nicho.

Ela está encurralada.

A parte mais velha de seu cérebro humano fica alerta com o processador altamente avançado instalado em seu córtex cerebral: algo não está certo.

O Silenciador interrompe a investida.

Item: um fio de alta voltagem cor de ferrugem pendurado ou arrancado do quadro de luz.

Item: uma fina camada de água cobre o piso e se junta ao redor de seus pés.

O processador em seu cérebro não pode desacelerar o tempo, mas pode desacelerar a percepção do hospedeiro em relação a ele. No processo em que o tempo passa a rastejar, o fio elétrico cai da mão da presa prescrevendo um gracioso arco giratório. A luz solta faíscas nos fios expostos quando eles descem languidamente como neve.

Longe demais da porta para correr. E as caixas de ambos os lados do Silenciador vão direto até o teto; não há espaço aberto para o qual pular. O Silenciador pula, estendendo o corpo o máximo que pode paralelo ao solo, voando 30 cm acima do chão, com os braços estendidos, dedos esticados, sua única esperança de apanhar o fio carmesim antes que entre em contato com a água.

O fio que graciosamente cai escorrega entre os dedos do Silenciador. A luz faísca e se apaga nos fios quando tocam o chão, silenciosamente, como a neve que cai.

ESPECIALISTA

Já estive lá antes, deitada indefesa sob o constante brilho estéril. Navalha vinha enquanto meu corpo lutava a batalha perdida contra os 40 mil invasores que o inimigo injetou nele. Navalha vinha e sua chegada me sustentava, a esperança que ele me oferecia era a corda que evitava que eu me arremessasse interminavelmente no vazio.

Ele morreu para me salvar e agora seu filho vai morrer comigo.

A porta do vão da escada bate. Botas ecoam no chão de pedra. Conheço o som. Reconheço o ritmo de seus passos.

É por isso que o Silenciador não a matou. Ele estava guardando você para ele.

- Marika.

Vosch eleva-se sobre mim. Ele tem 10 mil pés de altura, feito de rocha sólida, uma ameia impregnável que não pode ser quebrada, que não pode cair. Seus olhos azuis brilham enquanto ele me olha de alturas impossíveis de serem escaladas.

- Você esqueceu uma coisa - ele me diz. - E agora é muito tarde. O que você esqueceu, Marika?

Uma criança irrompe entre as hastes quebradiças do trigo morto pelo inverno, carregando uma bomba do tamanho de uma cápsula na boca. O hálito humano envolve a criança e tudo é tomado por um fogo verde e depois nada permanece.

A pílula. Seu presente de despedida no bolso no peito da jaqueta. Obrigoo minha mão a se levantar e minha mão não se move.

- Eu sabia que você iria voltar - Vosch diz. - Quem mais teria a resposta final além de quem a criou?

As palavras morrem em meus lábios. Ainda posso falar, mas de que adianta? Ele já sabe o que quero perguntar. É a única pergunta que resta.

- Sim, eu estive em sua nave. E é tão notável quanto você imaginou. Eu os vi, nossos salvadores, e, sim, eles são tão notáveis quanto você imaginou. Eles não estão fisicamente lá, é claro, mas você já imaginou isso. Eles não estão aqui, Marika. Eles nunca estiveram.

Seus olhos brilham com a alegria transcendental de um profeta que viu o paraíso.

- Eles têm estrutura com base em carbono como nós, e é onde todas as semelhanças terminam. Eles levaram muito tempo para nos compreender, para aceitar o que estava acontecendo aqui e descobrir a única solução viável para o problema. Da mesma forma, eu levei muito tempo para compreender e aceitar a solução. É difícil ignorar a própria humanidade, sair de si mesmo e ver pelos olhos de uma espécie totalmente diferente. Esse foi seu problema desde o início, Marika. Eu tinha esperança de que um dia você a conquistasse. Você é o mais próximo que cheguei de me ver em outro ser humano.

Ele nota algo no meu rosto e se ajoelha ao meu lado. Seu dedo aperta minha face e minha lágrima rola sobre o nó de seu dedo.

- Eu vou embora, Marika. Você deve ter adivinhado isso. Minha consciência vai ser preservada por todo o tempo a bordo da nave mãe, eternamente livre, eternamente seguro de qualquer coisa que possa acontecer aqui. Esse foi o meu preço. E eles concordaram em pagá-lo - ele sorri. Seu sorriso é gentil, um pai para a filha amada. - Você está satisfeita agora? Respondi a todas as suas perguntas?

- Não - sussurro. - Você não me disse por quê.

Ele não me repreende pelo fato de ter acabado de me contar o porquê. Eu não estou falando sobre sua motivação.

- Porque o universo não tem limites, mas a vida tem. A vida é rara, Marika, portanto preciosa; ela deve ser preservada. Caso se possa dizer que eles tenham algo parecido com a fé humana, é isso. Toda a vida vale a existência. A Terra não é o primeiro planeta que eles salvaram.

Ele pega meu rosto entre as mãos.

- Não quero perder você - ele diz. - As virtudes se tornaram vícios, e você mesma disse: Este vício em especial não segue regras, nem a própria. Eu cometi um pecado mortal, Marika, e somente você pode me absolver.

Ele escorrega a mão sob minha cabeça e a ergue delicadamente do chão. Ele se ajoelha ao meu lado, criador, pai, acalentando minha cabeça em suas mãos.

- Nós a encontramos, Marika. A anomalia na programação de Walker. A falha no sistema é que não há falha. Você entende? É importante que você compreenda. A singularidade além do espaço e do tempo, a constante indefinível que transcende qualquer compreensão... eles não tinham resposta para ela, de modo que não apresentaram nenhuma. Como poderiam? Como poderia o amor ser contido em qualquer algoritmo?

Seus olhos ainda brilham, agora com lágrimas.

- Venha comigo, Marika. Vamos juntos para um lugar onde não há mais dor nem sofrimento. Tudo isso vai desaparecer em um instante - ele acena com a mão para mostrar a base, o planeta, o passado. - Eles vão tirar qualquer lembrança que a incomode. Você vai ser imortal, jovem para sempre, livre para sempre. Eles vão me dar isso. Conceda-me a graça de lhe dar isso.

- Tarde demais - eu sussurro.

- Não! Este corpo quebrado não é nada. Não vale nada. Não é tarde demais.

- É para você - eu digo.

Atrás dele, Cassie Sullivan aproveita a minha deixa. Ela aperta a arma na nuca do meu criador e puxa o gatilho.

A arma cai da mão de Cassie. Ela oscila sobre os pés, olha para o corpo de Vosch e o semicírculo de sangue que lentamente se espalha sob sua cabeça, criando um halo zombeteiro e obscuro. Ela se encontrava no momento com que tinha sonhado por muito tempo, mas não sente o que imaginou que sentiria. Não é o momento de triunfo e vingança que imaginou que seria. Ela não sabe definir o que sente; seu rosto está sem expressão, seu olhar voltado para dentro.

- Evan se foi - ela fala com a voz sem vida.

- Eu sei - digo a ela. - Foi ele que fez isso comigo. O olhar dela passa de Vosch para mim.

- Fez o quê?

- Quebrou a minha coluna. Não consigo mexer as pernas, Cassie. Ela sacode a cabeça. Evan. Vosch. Eu. Demais para assimilar.

- O que aconteceu? - pergunto. Ela olha para o corredor.

- A sala de energia. Eu sabia exatamente onde estava. E o código da porta... eu sabia isso também - ela se vira para mim. - Eu sei praticamente tudo sobre esta base.

Seus olhos estão secos, mas ela está a ponto de desabar; consigo sentir isso em sua voz, tomada por um atordoamento repugnado.

- Eu o matei Esp. Eu matei Evan Walker.

- Não, Cassie. O que quer que a tenha atacado não era humano. Acho que Vosch apagou a memória dele, a memória humana e...

- Sei disso - ela replica com irritação. - Foi a última coisa que ele ouviu antes de a tirarem dele: "Apague o humano" - ela respira fundo. Suas experiências lhe pertencem agora. Ela partilha o horror daquele momento, o último momento da vida de Evan Walker.

- E você tem certeza de que ele está morto? - quero saber. Ela acena com a mão em um gesto indefeso.

- Totalmente certa - ela franze o cenho. - Você me deixou amarrada naquela maldita cadeira.

- Pensei que teria tempo...

- Bom, não teve.

Os alto-falantes acima de nós se manifestam.

- ORDEM GERAL QUATRO FOI CANCELADA. TODO PESSOAL EM SERVIÇO DEVE SE APRESENTAR IMEDIATAMENTE ÀS ESTAÇÕES DE BATALHA...

Escuto os esquadrões saindo dos bunkers ao redor da base. A qualquer momento o retumbar das botas e o brilho do aço e a chuva de balas. Cassie inclina a cabeça como se ela, também, pudesse ouvi-los com seus ouvidos não aperfeiçoados. Mas ela foi aperfeiçoada de outro modo mais profundo, um modo que eu só posso fingir entender.

lenho que ir - ela diz, mas não está olhando para mim. É como se não estivesse falando comigo. Só posso vê-la ela pegar a faca da bainha presa à minha coxa, ir até Vosch, achatar a mão dele no chão e, com dois golpes fortes, decepar o polegar direito dele.

Ela larga o dedo ensanguentado no bolso do macacão.

- Não seria certo deixar você aqui, Marika.

Ela desliza as mãos sob meus ombros e me arrasta até a porta mais próxima.

- Não, esqueça, Cassie. Estou acabada.

- Ah, fique quieta - ela resmunga. Ela digita o código no teclado e me puxa para dentro do aposento. - Estou machucando você?

- Não. Nada dói.

Ela me encosta na parede diante da porta e aperta a arma na minha mão. Sacudo a cabeça. Esconder-me nesta sala com a arma só vai retardar o inevitável.

Mas há outra maneira: eu a carrego no bolso do peito.

Quando o tempo chegar, e o tempo vai chegar, você vai desejar ter isso.

- Saia daqui - digo a ela. O meu tempo acabou, não o dela. - Se você conseguir sair do edifício, talvez possa chegar ao perímetro...

Ela sacode a cabeça com impaciência.

- Não é esse o jeito, Marika - seus olhos perdem o foco outra vez.
- Não é longe. Cinco minutos daqui? - ela balança a cabeça como se alguém tivesse respondido à sua pergunta. - É. No final do corredor. Uns cinco minutos.

- No final do corredor?

- Área 51.

Ela se levanta. Agora firme sobre os pés e a boca decidida.

- Ele não vai entender. Ele vai ficar louco da vida, e você vai explicar tudo a ele. Você vai contar o que aconteceu e por que, e vai cuidar dele, entendeu? Você vai mantê-lo em segurança e garantir que tome banho, escove os dentes, corte as unhas, vista cuecas limpas e aprenda a ler. Ensine-o a ser paciente e gentil e confiar em todo mundo. Até nos estranhos. Principalmente nos estranhos.

Ela faz uma pausa.

- Havia mais uma coisa. Ah, sim. Faça-o entender que não foi aleatório. Que não há como sete bilhões de átomos acidentalmente se fundirem em uma pessoa chamada Samuel Jackson Sullivan. O que mais? Ah! Nunca mais ninguém poderá chamá-lo de Nugget outra vez em toda a vida. Estou falando sério. Muito idiota.

Outra pausa.

- Prometa, Marika. Prometa.

OS SEIS BILHÕES

NÓS SOMOS A HUMANIDADE. Nós somos um.

Nós somos a garota com a coluna fraturada estendida em uma sala vazia, esperando o fim.

Nós somos o homem que caiu a um quilômetro de distância e a única coisa que ainda vive em nós não está viva, é um dispositivo alienígena que dirige cada recurso a sua disposição para salvar nosso corpo deitado na pedra fria, para fazer nosso coração voltar à vida. Não há diferença entre nós e o sistema. O 12º Sistema somos nós e nós somos o 12º Sistema. Se um falhar, o outro vai morrer.

Somos os prisioneiros a bordo do helicóptero Black Hawk que circula sobre a base enquanto o combustível acaba, girando sobre um rio largo, as águas negras e rápidas, e nossas vozes são sufocadas pelo vento que ruge no compartimento aberto e nossas mãos estão fechadas; estamos ligados um ao outro por uma corrente inquebrável.

Somos os recrutas correndo para nossas estações de batalha, os resgatados, os escolhidos, a colheita reunida em ônibus e separada em grupos nos quais nossos corpos foram endurecidos e nossas almas esvaziadas apenas para serem preenchidas com ódio e esperança, e sabemos quando saímos de nossos bunkers que o amanhecer se aproxima e com ele a guerra, e é isso que temos ansiado e temido, o fim do inverno, o fim de nós. Nós nos lembramos de Navalha e o preço que ele pagou; cortamos as iniciais VQP em nossos corpos em sua honra. Nós nos lembramos dos mortos, mas não conseguimos nos lembrar de nossos nomes.

Nós somos os perdidos, os solitários, os que não embarcaram naqueles ônibus avançando pelas rodovias, pelas ruas vazias da

cidade, pelas solitárias estradas do campo. Nós nos escondemos no inverno e observamos os céus e não confiamos nos estranhos. Os que não morreram de fome ou pelo frio intenso ou simples infecções, que os antibióticos que não tínhamos poderiam ter aliviado, persistiram. Nós nos curvamos, mas não quebramos.

Somos caçadores solitários destinados por nossos artífices a recolher os sobreviventes nos ônibus que percorrem o interior e matar os que se recusam. Somos especiais, somos separados, somos Outro. Fomos despertados para uma mentira tão contundente que não acreditar nela seria loucura. Nosso trabalho está feito e observamos os céus, esperando uma libertação que nunca virá.

Somos os sete bilhões que foram sacrificados, nossos corpos livrados da carne até os ossos. Nós somos os varridos para o lado, os descartados, nossos nomes esquecidos, nossos rostos perdidos para o vento e a terra e a areia. Ninguém vai se lembrar de nós, nossas pegadas apagadas, nosso legado apagado, nossos filhos e seus filhos e os filhos deles na guerra uns contra os outros até a última geração, até o fim do mundo.

Nós somos a humanidade. Nosso nome é Cassiopeia.

Em nós a ira, em nós o sofrimento, em nós o medo. Em nós a fé, a esperança, o amor.

Nós somos o receptáculo de dez milhares de almas. Nós as carregamos; nós as envolvemos; nós as guardamos. Nós carregamos sua carga e, por nós, suas vidas são redimidas.

Elas repousam em nós e nós nelas. Nosso coração contém todos os outros. Um coração, uma vida, na chegada do voo final da efemérida.

CASSIE

Alienígenas são tolos.

Dez mil anos para nos separar, para conhecer até o nosso último elétron, e eles ainda não compreendem. Eles ainda não entendem. Idiotas.

O casulo se encontra em uma plataforma a três degraus do chão. Oval, verde concha de tartaruga, do tamanho aproximado de uma grande SUV, como uma Suburban ou uma Escalade. A portinhola está fechada, mas estou com a chave. Aperto o polegar cortado de Vosch no sensor redondo ao lado da porta, e a portinhola se abre sem ruído. A luz se acende, banha do o interior com um brilho de verde iridescente. Do lado de dentro, apenas um assento e outro teclado e pronto. Nenhum painel de instrumentos. Nada de pequenos monitores. Nada além da cadeira, do teclado e uma pequena janela pela qual acho que se pode dar um aceno de adeus.

Evan estava enganado e ele estava certo. Ele acreditou em todas as mentiras deles, mas sabia a única verdade que importava. A única verdade que importava antes de eles chegarem, depois que eles chegaram.

Eles não tinham resposta para o amor.

Eles acreditavam que podiam arrancá-lo de nós, apagá-lo de nossos cérebros, substituir o amor com seu oposto - não o ódio, a indiferença. Eles acreditaram que podiam transformar homens em tubarões.

Mas eles não sabiam que tinham que contar com um pequeno detalhe. Eles não tinham resposta para ele porque ele não tem resposta. Ele nem mesmo é uma pergunta.

O problema daquele maldito urso.

ESPECIALISTA

Largo a arma depois que Cassie sai.

Não preciso dela. Tenho o presente de Vosch no meu bolso. Eu sou a criança em meio ao trigo.

O bater das botas no asfalto, nos pisos de concreto polido, nos degraus de metal, da pista de pouso ao centro de comando, o som de milhares de pés correndo como o dos ratos atrás das paredes do velho hotel.

Estou cercada.

Vou dar a ela a única coisa que posso dar, penso, estendendo a mão para a cápsula verde em meu bolso. A única coisa que me resta. Meus dedos se enterram no bolso da jaqueta. O bolso vazio da jaqueta.

Apalpo os outros bolsos. Não. Não são meus bolsos. Esses são os bolsos de Cassie: eu troquei de roupa com ela no depósito de suprimentos antes de entrarmos no centro de comando.

Não estou com a cápsula verde. Cassie está.

O bater de botas no pavimento, nos pisos de concreto polidos, em degraus de metal. Empurro o corpo da parede e rastejo pelo chão.

Ele não está longe. É só atravessar esta sala, aquela porta, rastejar alguns metros pelo corredor. Posso chegar até ele antes que cheguem a este andar, talvez eu ainda tenha uma chance - eles não vão ter, mas eu vou.

Cassie vai.

Porta. Puxo a maçaneta para baixo com força, abro um pouco a porta, deslizo rapidamente pelo vão. Posso vê-lo, o assassino sem rosto de sete bilhões que deveria ter me matado quando teve a oportunidade - e ele teve várias - mas não pôde. Ele não pôde, porque até mesmo ele foi confundido pela trajetória imprevisível do amor.

Corredor. Ele ainda deve ter o dispositivo. Ele o carregava para todos os lugares. Leve como uma pena e não maior que um celular, ele rastreava todos os recrutas implantados na base. E, com um movimento do polegar, podia enviar um sinal para os implantes dentro de seus pescoços, matando cada um deles.

Vosch. De bruços, estendo a mão para ele, agarro as costas de seu uniforme e viro seu corpo. A cratera ensanguentada que era seu rosto está virada para o brilho estéril do teto. Eu os escuto nas escadas, botas nos degraus de metal, cada vez mais forte. Onde está? Entregue-o, seu filho da mãe.

Bolso do peito. Exatamente onde sempre o guardou. A tela tomada por pontos verdes, um agrupamento de três esquadrões vindo diretamente a mim. Seleciono todos eles - cada recruta na

base, mais de 5 mil pessoas, e o botão verde sob meu polegar reluz e isto é porque não quis voltar. Eu sabia que iria acontecer. Eu sabia:

Eu vou matar até perder a conta. Eu vou matar até que contar não tenha mais importância.

Estou começando na tela acesa com 5 mil pequenas luzes pulsantes, cada qual uma vítima desafortunada, cada qual um ser humano.

Dizendo a mim mesma que não tenho escolha.

Dizendo a mim mesma que não sou sua criação. Não sou o que ele me tornou.

ZUMBI

Em nossa décima sétima passagem pelo perímetro - ou talvez a décima oitava; perdi a conta - as luzes da base aérea voltam a se acender abruptamente, e a alguns metros de mim, sargento Corrida late para o fone de ouvido:

- Status?

Estamos circulando sobre ela há uma hora e nosso combustível deve estar acabando. Vamos ter que descer logo; a única questão é onde, dentro ou fora da base. Exatamente agora estamos nos aproximando do rio outra vez, Espero que a piloto mude o curso e nos leve sobre alguma terra, mas ela não o faz.

Megan está aninhada sob meu braço, com a cabeça enfiada debaixo do meu queixo. Nugget está apertado ao outro braço, observando a base abaixo. A irmã dele está lá em algum lugar. Possivelmente viva, provavelmente morta. A volta das luzes é mau sinal.

Fazemos a curva em cima do rio, mantendo a base à esquerda, e posso ver outros helicópteros também voando em círculo, esperando que todos aterrissem. Seus holofotes cortam a névoa de antes do amanhecer, pilares de branco brilhante. Agora estamos sobre o rio, inchado por um degelo de primavera precoce.

Acima de nós, o céu clareia e fica cinzento e as estrelas começam a desaparecer.

É isso. Dia Verde. O dia em que as bombas vão cair. Procuro a nave mãe, mas não a vejo no céu cada vez mais claro.

A conversa com o solo terminada, a sargento tira o fone de ouvido. Seus olhos no meu rosto, a mão pousada na coronha da pistola. Nugget se enrijece ao meu lado; ele sabe o que vai acontecer antes de mim; as mãos dele agarram o cinto de segurança, só que não há para onde correr nem onde se esconder.

As ordens mudaram. Ela empunha a arma e a aponta para a cabeça dele.

Eu me jogo na frente dele. Finalmente o círculo se completa. É hora de pagar a dívida.

CASSIE

Os soldados inundam o aposento pela porta aberta atrás de mim. Eles se espalham rapidamente ombro a ombro, de parede a parede, em duas fileiras, a mais próxima ajoelhada, duas dúzias de rifles apontados para um único alvo de cabeça cacheada e nariz quebrado. Eu me viro e os encaro. Eles não me conhecem, mas eu os conheço. Reconheço cada rosto dos que vieram me matar.

Sei o que eles lembram e o que não conseguem lembrar. Eu os mantenho dentro de mim. É como se eu estivesse prestes a ser assassinada por um mosaico humano de mim mesma. Faz a gente se perguntar: isso é assassinato? Ou suicídio?

Fecho os olhos. Sinto muito, Sams. Eu tentei.

Ele está comigo agora, meu irmão; eu o sinto.

E isso é bom. Pelo menos quando eu morrer não vou estar sozinha.

ESPECIALISTA

A porta da entrada se abre com violência e eles pisam com ruído no corredor, armas empunhadas. Dedos apertados nos gatilhos.

Tarde demais para eles.

Tarde demais para mim. Aperto o botão.

ZUMBI

Do outro lado do compartimento, a sargento se mexe no assento; seus lindos olhos negros reviram; seu crânio bate de encontro ao anteparo; depois, ela desaba sobre os arnês. Megan se ergue com um grito assustado. Todos os recrutas no helicóptero seguiram o exemplo da sargento.

Incluindo a piloto.

O nariz do helicóptero mergulha, virando com força para a direita e fazendo com que eu me choque contra Nugget, que não está perdendo tempo para soltar o cinto de segurança. O garoto danado entende tudo antes de mim. Jogo um jogo rápido e desesperado de tapinhas com Megan, lutando para soltá-la primeiro. Nugget disparou do assento. Agarro sua manga e o puxo para meu peito. Depois Megan está solta, mas eu não, segurando-a com uma das mãos e Nugget com a outra.

- O rio! - grito para ele.

Ele concorda. Ele é o mais calmo de nós. Seus pequenos dedos voam para o fecho para abrir o meu cinto. O helicóptero avança para a água.

- Segure em mim! - grito. - Não solte!

Estamos caindo de lado. O rio é um muro negro descaracterizado correndo em direção à portinhola aberta do lado de Nugget. -UM!

Nugget fecha os olhos.

- DOIS! Megan grita! -TRÊS!

Giro para fora do assento, uma criança debaixo de cada braço, e pulo com os pés na direção da abertura.

CASSIE

Os soldados caem ao chão. Em um segundo eles estão em pé, no seguinte estão no solo. Alguém fritou seus cérebros. Não tenho

certeza como, mas tenho quase certeza de quem foi.

Eu me viro para sair. Já vi corpos suficientes para durar dez mil vidas, de minha mãe afogada no próprio sangue a meu pai retorcendo-se na terra com um tiro no abdômen, dos que vi antes e dos que vi depois e dos que vieram entre os dois, minha morte e sua morte, nossa morte.

É, já vi suficiente.

Além disso, essas crianças que acabaram de cair, elas também são meus corpos, de certa forma. É como olhar para o próprio cadáver. Vezes doze.

Entro no casulo. Sento-me na cadeira. Prendo o cinto de segurança, aperto as tiras que cruzam o peito. Em minha mão, o polegar de um homem morto. Em meu bolso, uma cápsula verde dentro de uma caixinha de plástico. Em minha cabeça dez mil vozes que estranhamente cantam como uma só. E no meu coração um silêncio, um lugar calmo intocado, além do espaço, não limitado pelo tempo.

Cassie, você quer voar?

A pílula verde caiu quando me soltei da cadeira do País das Maravilhas e a peguei sem pensar, sem mesmo olhar para ela. Então vi Especialista deitada no corredor e lembrei-me de que trocamos as jaquetas. Ela vinha carregando uma bomba o tempo todo e não contou para ninguém. Acho que sei a razão. Eu a conheço tão bem quanto ela conhece a si mesma. Até melhor, porque posso lembrar o que ela esqueceu.

Aperto o polegar cortado de Vosch no botão de lançamento. A portinhola se fecha, o mecanismo de fechamento zune. O sistema de ventilação começa a funcionar; ar frio sopra no meu rosto.

O casulo estremece. Sinto vontade de erguer as mãos.

Sim, papai, eu quero voar.

ZUMBI

Perco as crianças quando atinjo a água. A força de nossa aterrissagem os arranca de mim. O helicóptero cai no rio vários

metros correnteza acima e a bola de fogo pinta a superfície de um laranja escurecido. Vejo Megan primeiro, seu rosto rompendo a superfície o suficiente para lhe permitir um grito gorgolejante. Agarro seu pulso e a puxo para perto de mim.

- Capitão! - ela grita. Hã?

- Perdi Capitão!

Ela chuta minhas pernas e estende a mão livre na direção do urso de pelúcia que gira preguiçosamente para longe de nós. Ah, Cristo. Esse maldito urso.

Olho por cima do ombro. Nugget, onde você está? Então eu o vejo perto da margem, metade para dentro, metade para fora, as costas arqueadas enquanto tosse e expele litros de água do rio. A criança é verdadeiramente indestrutível.

- Ok, Megan. Suba a bordo. Vou pegá-lo.

Ela monta nas minhas costas e envolve meu pescoço com os braços finos e meu tronco com as pernas magras. Dou impulso até o urso. Peguei. Depois as longas braçadas para a margem, que não fica muito longe, mas a água está gelada e Megan, com seu abraço de urso, me empurra para baixo. Abraço de urso. Essa é boa.

Desabamos na praia ao lado de Nugget. Ninguém fala por alguns minutos. Então Nugget diz:

- Zumbi?

- Alguém apertou o botão da morte. É a única coisa que faz sentido, Soldado.

- Cabo - ele me corrige. Então ele pergunta: - Especialista? Concordo com um gesto de cabeça.

- Especialista.

Ele reflete por um segundo. Então, a voz treme porque ele tem medo de perguntar:

- Cassie?

CASSIE

A mão de Deus desce com força enquanto o casulo explode para o alto da base de lançamento, um punho maciço achata num corpo na cadeira e então o punho se fecha a minha volta e aperta. Algum espertinho deixou cair uma rocha de duas toneladas no meu peito e respirar está muito difícil. Além disso, alguém sem consideração por meu conforto e minha segurança apagou as luzes - nem vejo o brilho verde sinistro que parecia vir de todos os lugares e lugar nenhum. Ou é isso, ou os meus olhos foram enterrados no fundo do meu crânio.

ZUMBI

Não, Nugget. Ela provavelmente não conseguiu. Antes que eu possa dizer as palavras, Megan bate no meu peito e aponta a base. Uma brilhante bola de luz verde dispara acima do topo das árvores na direção do céu rosado. A imagem persistente paira em nossos olhos muito depois que ela se perde na atmosfera.

- É uma estrela cadente! - ela diz. Sacudo a cabeça.
- Direção errada.
- Concluo, no fim, que eu estava errado.

CASSIE

A sensação de ser lentamente esmagada até a morte na escuridão total perdura por vários minutos. Em outras palavras, eternamente. Ok, eternamente é uma palavra.

Uma palavra que usamos como se a compreendêssemos, como se eternamente fosse algo que a mente humana pudesse assimilar.

As tiras no meu peito se afrouxam. A rocha de duas toneladas se dissolve. Respiro fundo, num movimento forte e trêmulo, e abro os olhos. O casulo está escuro - a luz verde se foi e... boa viagem; sempre detestei o verde-Outro, não é meu tom preferido, de jeito nenhum. Olho pela janela e abafa um grito.

Olá, Terra.

Então é assim que Deus a vê, azul faiscante de encontro ao negro sem vida. Não é de surpreender que Ele a criou. Não é de surpreender que Ele tenha criado o Sol e as estrelas para pudesse vê-la.

Maravilhoso é outra palavra que usamos de forma casual, atirando-a em tudo de carros a esmalte para unhas até que a palavra desabou sobre o peso de toda a banalidade. Mas o mundo é maravilhoso. Espero que eles nunca se esqueçam disso. O mundo é maravilhoso.

Uma gota de água pende diante de meus olhos. Flutuando livre, a mais estranha lágrima que sequei.

Nunca esqueça, Sams. O amor é para sempre. Se não fosse, não seria amor. O mundo é maravilhoso. Se não fosse, não seria o mundo.

A coisa mais louca sobre conservar as memórias do meu irmão dentro de mim? Ver a mim mesma através de seus olhos, ouvir a mim mesma com seus ouvidos, navegar o mar de Cassiopeia em três dimensões, o jeito em que experimentamos praticamente tudo, exceto a única coisa que deveríamos compreender melhor: nós mesmos. Para Sam, há muitas cores e cheiros e sensações que abrangem Cassie, e essa Cassie não é a Cassie de Ben ou a Cassie de Marika ou a Cassie de Evan ou mesmo a Cassie de Cassie; ela pertence a Sam e a Sam somente.

O casulo gira, a gema azul brilhante sai das vistas e pela última vez na vida tenho medo, como se eu tivesse caído da borda do mundo - o que, de certa forma, imagino eu tenha. Instintivamente, estendo a mão para a Terra desaparecida; a ponta dos meus dedos bate no vidro.

Até logo.

Ah, estou muito longe. E muito perto. Aqui estou, ouvindo uma voz minúscula arranhando a imensidão, Sozinha, sozinha, sozinha, Cassie, você está sozinha. E aqui estou olhando pelos olhos de Evan para a garota com o urso de pelúcia indispensável e o inútil MI6, enrodilhada no saco de dormir na floresta, pensando que era a última pessoa na Terra. Observo-a noite após noite e examino seus pertences enquanto ela está fora à procura de alimentos. Que

cafajeste eu sou, tocando suas coisas e lendo seus diários, por que não posso simplesmente matá-la agora?

Esse é o meu nome. Cassie, de Cassiopeia. Sozinha como as estrelas e solitária como as estrelas.

Agora me descubro nele e não sou a pessoa que esperava encontrar. A Cassie dele seca a escuridão com o brilho de milhares de sóis. Ele está tão atordoado com isso quanto eu, quanto a humanidade, quanto os Outros. Ele não sabe dizer por quê. Não há motivo, nenhuma explicação precisa. É impossível compreender e impossivelmente irrelevante, como perguntai por que tudo existe, para começar.

Tudo bem, ele não tinha resposta. Simplesmente não era a resposta que eu estava procurando.

Sinto muito, Evan; eu estava enganada. Não era a idéia de mim que você amava, agora eu sei. As estrelas do lado de fora da janela se esvanecem, tomadas pelo nauseante brilho verde, e após um minuto a carcaça da nave mãe surge.

Ah, sua cadela. Durante um ano detestei suas entranhas verdes, eu a observei, cheia de ódio e medo, e agora aqui estamos, só nós duas, Outro e humanidade.

Esse é meu nome. Não Cassie de Cassandra. Ou Cassie de Cassidy. E não é Cassie de Cassiopeia. Não mais. Sou mais que ela agora.

Sou todas elas, Evan e Ben e Marika e Megan e Sam. Eu sou Dumbo e Pão de Ló e Teacup. Eu sou todos que você esvaziou, os que corrompeu, os que descartou, os milhares que pensou ter matado, mas você continua a viver em mim.

Mas eu sou até mais que isso. Eu sou todos aqueles de quem se lembraram, os que eles amaram, todos que conheceram e todos de quem apenas ouviram falar. Quantos estão contidos em mim? Conte as estrelas. Vá em frente, enumere os grãos de areia. Essa sou eu.

Eu sou humanidade.

ZUMBI

Procuramos o abrigo das árvores. Se aconteceu realmente o que desconfio, que alguém dentro da base exterminou todos os demais, não há muito risco em trazê-los comigo, mas há algum risco, e alguém que deve saber certa vez me disse que é tudo sobre o risco.

Nugget está furioso. Megan parece aliviada.

- Quem vai cuidar dela enquanto você vem comigo? - pergunto a ele.

- Não me importo!

- Bem, um de nós se importa. E acontece que essa pessoa é quem manda. Atravessamos a floresta e entramos no limite da terra de ninguém que acompanha o perímetro da base, em direção da entrada mais próxima e a torre de vigia ao seu lado. Não tenho arma, nenhum meio de me defender. Um alvo fácil. Porém não tenho escolha. Continuo andando.

Estou encharcado até os ossos, e a temperatura paira em torno dos 4°C, mas não sinto frio. Eu me sinto ótimo; até minha perna não dói mais.

CASSIOPEIA

A pele verde cintilante da nave enche a janela, bloqueando as estrelas. É tudo que vejo agora, e a luz do sol reflete sua superfície vazia. Qual é o seu tamanho? Quarenta quilômetros de ponta a ponta, aproximadamente o tamanho de Manhattan. Vejo apenas uma pequena fatia do imenso todo. Meu coração bate forte. Minha respiração fica difícil, explodindo de minha boca em nuvens redondas brancas. A temperatura está enregelante. Não me lembro de ter sentido tanto frio.

Com dedos trêmulos, estendo a mão para o bolso e pego a cápsula. Ela escorrega de meus dedos e vira uma isca pela água até o alto do casulo. Eu a pego depois de algumas tentativas e fecho o punho em sua volta com força.

Droga, estou com frio. Meus dentes estão batendo. Não consigo aquietar meus pensamentos. O que mais? Há mais alguma coisa? O

que deixei inacabado? Não há muita coisa - agora sou mais que a soma de minha experiência. Ela muda a forma com que se vê o mundo. Não o você. O tudo-além-de-você.

No centro, bem no meio de meu campo de visão, um buraco negro cresce, lembrando-me de uma boca que se abre lentamente. Vou diretamente em sua direção.

Escorrego a cápsula entre meus lábios.

Não, a resposta não é o ódio.

O buraco negro se expande. Estou caindo em um fosso sem luz, um vazio, o universo antes que o universo fosse universo. E a resposta não é o medo.

Em algum lugar no ventre da nave mãe, milhares de bombas vinte vezes maiores do que a que se encontra na minha boca estão descendo pelos pa raquedas em compartimentos de lançamento. Espero que ainda estejam Ia. Espero que não tenham começado a cair. Espero que eu ainda tenha tempo.

O casulo atravessa a entrada para a nave mãe e para de repente. A jatuía está embaçada, mas há luz do lado de fora; ela brilha no gelo. A portinhola atrás de mim sibila. Preciso esperar que ela se abra. Então começo a me levantar da cadeira. Então preciso virar e enfrentar o que me espera do lado de fora

Estamos aqui, e então vamos embora, ele me disse, e não tenho nada a ver com o tempo que estamos aqui.

Não há como nos desenredar, não há lugar em que eu termino e ele começa de efemérida para a estrela mais distante. Não tenho fronteiras, não tenho limites e abro-me para a criação como uma flor para a chuva.

Não sinto mais frio. Os braços de sete bilhões me envolvem. Eu me levanto.

Agora eu me deito para dormir... Respiro fundo pela última vez. Quando na luz da manhã eu despertar... Mordo com força. O selo se quebra. Mostre-me o caminho para o amor a tomar. Vou lá fora e respiro.

ZUMBI

Cheguei ao caminho de pedregulhos que rodeia a cerca de segurança quando o sol rompe o horizonte - não, não o sol, não pode ser, a menos que o sol tenha decidido nascer no norte e trocado sua cor dourada por verde. Viro-me para a direita e vejo as estrelas piscando até se apagar uma a uma, obliteradas por uma forte explosão de luz na beira do horizonte ao norte, uma explosão na atmosfera superior que se derrama sobre a paisagem em um fluxo de verde ofuscante.

Meu primeiro pensamento vai para as crianças. Não sei que diabos está acontecendo e não relacionei o projétil que tinha saído voando da base ao imenso lampejo no norte. Não me ocorre que, pela primeira vez em muito tempo, algo pode realmente ter dado certo para nós. Honestamente, quando vi a luz, pensei que o bombardeio tinha começado e que eu estava testemunhando a primeira leva na destruição de todas as cidades da Terra. A idéia de que a nave mãe pode realmente ter sido destruída nem mesmo passou pelo meu radar. Como isso poderia ter acontecido? Essa nave é tão inatacável quanto a Lua.

Hesito, tentando decidir se continuo ou volto. Mas a luz verde diminui, o céu volta a exibir um brilho rosado e nenhuma criança aterrorizada sai da floresta procurando abrigo. Decido prosseguir. Tenho fé em Nugget. Ele vai saber ficar onde está até eu voltar.

Dez minutos dentro da base e eu encontro o primeiro de muitos corpos. O lugar é uma tumba. Ando pelos campos dos mortos. Eles se encolhiam deitados em pilhas, grupos de seis a dez, seus corpos contorcidos em rei ralos de silenciosa agonia. Paro para examinar cada pilha horripilante à procura de dois rostos conhecidos; não vou me apressar, embora uma voz grite em minha cabeça a cada minuto que passa corra, corra. E no fundo de minha mente estou me lembrando do que aconteceu no Campo Abrigo - como Vosch estava disposto a sacrificar a vila a fim de salvá-la.

Talvez Especialista não seja responsável pelo acontecido. Ele pode ser resultado de Vosch exercitando a opção final.

Levo horas para chegar ao último andar, o fundo desse fosso de morte.

Ela mal ergue a cabeça quando abro a porta do poço da escada. Talvez eu tenha gritado o seu nome, não lembro.

Eu também não me lembro de passar por cima do corpo de Vosch, mas devo ter passado: ele estava no meu caminho. Minha bota bate no interruptor da morte caído ao seu lado. Ele escorrega pelo chão.

- Walker... - ela fala sem fôlego, apontando por cima do meu ombro para o longo corredor. - Acho que ele está...

Sacudo a cabeça. Ela está ferida e ainda imagina que eu me preocuparia com ele mesmo por um segundo? Toco seu ombro. Seus cabelos negros roçam nas costas de minha mão. Seus olhos brilham. Seu brilho percorre todo o seu ser.

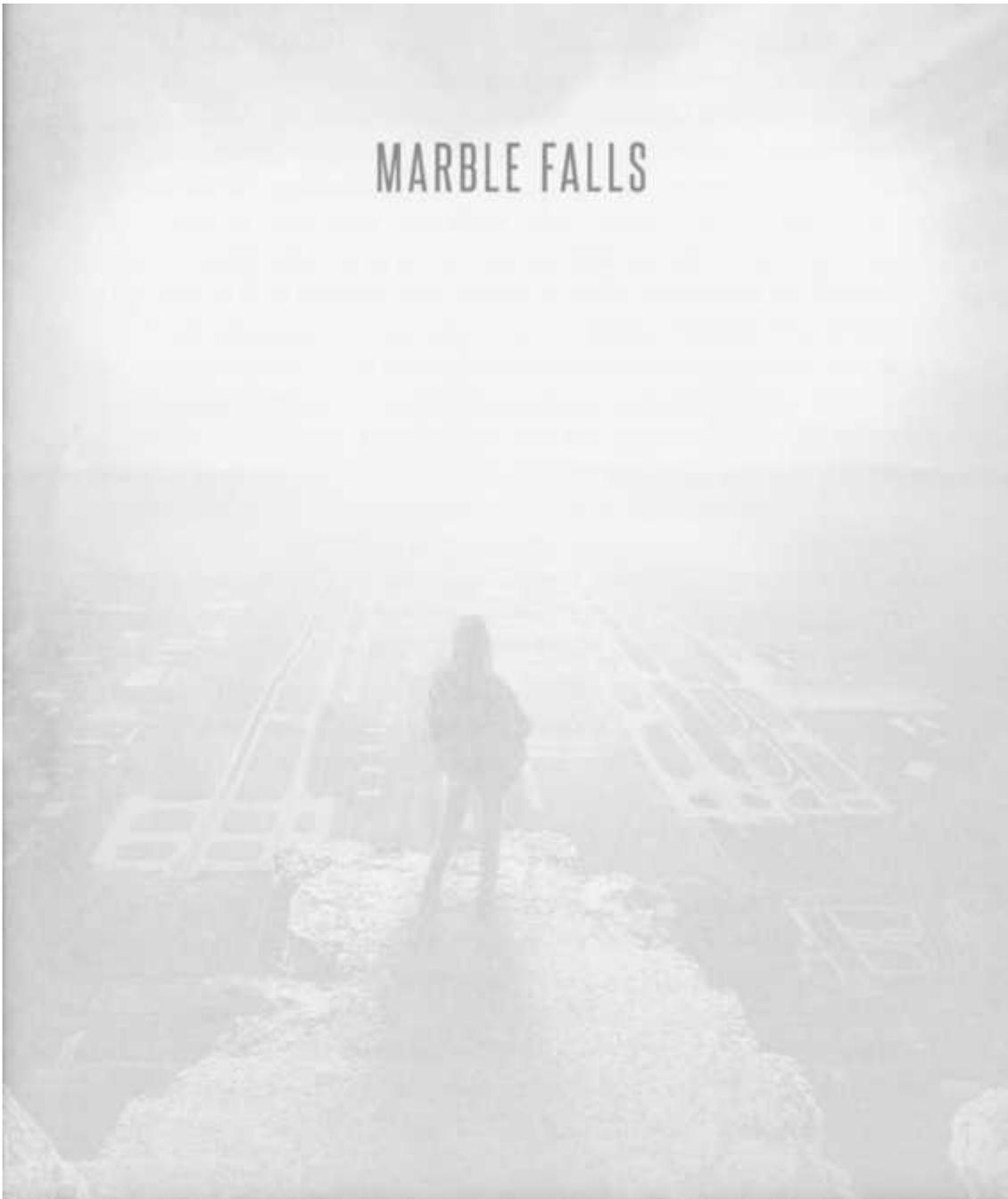
- Você me encontrou - ela diz. Ajoelho-me ao lado dela. Tomo a sua mão.

- Encontrei você.

- Estou com a coluna fraturada - ela conta. - Não posso andar. Escorrego os braços para baixo dela.

- Vou carregar você.

MARBLE FALLS



BEN

O sol do final da tarde confere um brilho dourado às janelas empoeiradas da superloja. Em seu interior, a luz ficou acinzentada. Temos menos que uma hora para voltar à casa antes do anoitecer. O dia pode nos pertencer, mas a noite pertence aos coiotes e manadas de cães selvagens que vagueiam nos despenhadeiros do Colorado e nos arredores de Marble Falls. Estou bem armado, não sinto nada pelos coiotes, mas detesto atirar em cães. Os mais velhos já foram os animais de estimação de alguém; tem-se a impressão de que estamos desistindo de toda a esperança de redenção.

E não são apenas os cães e os coiotes. Algumas semanas depois de cruzarmos a fronteira para o Texas, no final do último verão, Marika viu fugitivos de algum zoológico tomando água alguns quilômetros rio acima - uma leoa e seus dois filhotes. Desde então, Sam tem estado ansioso por um safari. Ele quer capturar e amansar um elefante para que possa cavalgar nele como Aladim. Ou apanhar e domesticar um macaco. Ele não é exigente.

- Ei, Sam - chamo no corredor. Ele saiu de novo para caçar um tesouro. Ultimamente tem sido Lego. Antes foram blocos de construção. Ele desenvolveu a preferência por construir coisas. Ele construiu um forte, uma casa na árvore e começou a fazer um bunker subterrâneo no quintal.

- O quê? - ele grita da seção de brinquedos.

- Está ficando tarde. Temos que tomar uma decisão.

- Eu disse que não me importo! Você decide! - algo cai de uma prateleira e ele pragueja em voz alta.

- Ei, que negócio é esse? - eu o repreendo. - Olhe a boca.

- %\$#"&@#

Suspiro.

- Vamos, Sam, temos que levar essa coisa por cinco malditos quilômetros, o que prefiro não fazer no escuro.

- Estou ocupado.

Eu me viro para os artigos expostos. Bem, as árvores de natal artificiais não servem. Sobram então as de 1,5m, 2m e as de 3m. As de 3m são muito altas para o teto. Então, as outras duas. A de 1,5m seria mais fácil de transportar, mas é horrível. O calor do Texas a prejudicou. As agulhas estão macias e tortas, há espaços vazios em alguns lugares em que elas caíram. As de 2m não parecem muito melhores, mas não estão tão feias. Mas malditos 2m? Talvez eles tenham novas no depósito.

Ainda estou discutindo comigo mesmo quando escuto um som muito conhecido e repugnante: uma bala raspando na câmara de uma pistola.

- Não se mova! - Sam grita. - Deixe-me ver suas mãos! Mãos! Empunho minha arma e corro pelo corredor o mais depressa que minha perna machucada permite, escorregando no tapete de fezes de rato, saltando por cima de prateleiras caídas e caixas rasgadas, até chegar à seção de brinquedos e ao garoto que está com um homem abaixado sob a mira do revólver.

Minha idade. Usando uniforme. Uma ocular da 5ª Onda pendurado no pescoço magro. Ele está recostado na parede dos fundos embaixo dos jogos de tabuleiro, um braço apertando o ventre, o outro no alto da cabeça. Meu coração desacelera um pouco. Não achei que fosse um Silenciador, Marika matou o designado a Marble Falls meses atrás, mas nunca se sabe.

- Outro braço! - Sam grita para ele.

- Estou desarmado... - o sujeito fala com dificuldade com um forte sotaque do Texas.

- Reviste-o, Zumbi - Sam me pede.

- Onde está o seu esquadrão? - pergunto. Tenho a impressão de que vou cair em uma emboscada.

- Nenhum esquadrão. Só eu.

- Você está ferido - digo. Vejo o sangue, quase todo seco, mas algum fresco, na frente da camisa. - O que aconteceu?

Ele sacode a cabeça e tosse. Um ronco em seu peito. Pneumonia, talvez.

- Atirador - ele consegue dizer depois de recuperar o fôlego.

- Onde? Aqui em Marble Falls ou...?

O braço apertado sobre o abdômen se mexe. Sinto Sam ficar tenso ao meu lado e estendo a mão e a coloco sobre a sua Beretta.

- Espere - murmuro.

- Não vou contar nada, vocês são pedaços de sujeira infestados.

- Ok. Então eu vou lhe contar: não somos infestados. Ninguém é - estou gastando minha saliva. Eu poderia igualmente lhe dizer que ele é um gerânio tendo um sonho estranho. - Espere um segundo.

Puxo Sam para a ponta oposta do corredor e sussurro:

- Isto é um problema.

Ele sacode a cabeça com veemência.

- Não, não é. Temos que matá-lo.

- Não vamos matar ninguém, Sam. Isso acabou.

- Não podemos deixá-lo aqui, Zumbi. E se ele estiver mentindo sobre o esquadrão? E se ele estiver fingindo o ferimento? Temos que matá-lo antes que ele mate a gente.

Seu rosto voltado para mim, os olhos brilhando na luz fraca, brilhando com ódio e medo. Mate-o antes que ele mate a gente. Às vezes, não muitas, mas às vezes, eu me pergunto pelo que Cassie morreu. O tigre foi solto da jaula e não há como capturá-lo. Como reconstruir o que foi perdido? Na loja de conveniência abandonada, uma garota aterrorizada mata um homem inocente porque sua confiança foi abalada. Não há outra maneira de se certificar, nenhuma outra opção para ficar em segurança.

Você está seguro aqui. Perfeitamente seguro. Esta frase ainda me assombra porque sempre foi uma mentira. Era uma mentira antes de eles chegarem e ainda é uma mentira. Nunca estamos perfeitamente seguros. Nenhum ser humano na Terra está ou foi. Viver é arriscar a vida, o coração, tudo. Do contrário, somos apenas cadáveres ambulantes. Somos zumbis.

- Ele não é diferente de nós, Sam - argumento com ele. - Nada disso vai terminar até que alguém decida depor as armas.

Mas não estendo a mão para a arma. A decisão deve ser dele.

- Zumbi...

- O que eu lhe disse sobre isso? Meu nome é Ben. Sam abaixa a arma.

No mesmo momento, na outra extremidade do corredor, outra batalha silenciosa se perde. O soldado mentiu; ele estava armado e usou o tempo que lhe restava para apontar a arma para a cabeça e puxar o gatilho.

MARIKA

Primeiro lhe disse que era uma idéia idiota. Então, quando ele insistiu, eu lhe disse para esperar até o dia seguinte. Era no final da tarde e a loja estava a cinco quilômetros de distância. Eles não tinham tempo para voltar antes do anoitecer. Ele foi mesmo assim.

- Amanhã é Natal - Ben lembrou. - Perdemos o Natal passado e foi o último Natal que perdi.

- Por que o Natal é tão importante? - perguntei a ele.

- Tudo - e ele sorriu, como se isso exercesse algum poder sobre mim.

- Não leve Sam.

- Sam é o motivo pelo qual estou indo - ele olhou por cima do meu ombro para Megan brincando perto da lareira. - E ela.

Então ele acrescentou:

- E Cassie. Acima de tudo.

Ele prometeu que voltaria logo. Eu os observei da varanda que tinha vista para o rio enquanto eles se dirigiam para a ponte, Sam puxando o carrinho vazio, Ben protegendo a perna ferida, e o sol formando suas sombras, uma longa e uma curta, como os ponteiros de um relógio.

O choro veio com a escuridão. Sempre vinha. Eu me encontrava sentada na cadeira de balanço segurando-a no colo. Ela tinha acabado de comer, portanto eu sabia que não estava com fome. Segurei seu rosto com a mão e gentilmente me aconcheguei a ela, tentando descobrir o que queria. Ben. Ela queria Ben.

- Não se preocupe - eu disse a ela. - Ele vai voltar. Ele prometeu. Por que ele tinha que ir àquela loja distante? Devia haver dezenas de casas

deste lado do rio com árvores de Natal nos sótãos. Mas não, ele queria uma árvore "nova" e tinha que ser artificial. Nada que possa morrer, ele insistiu.

Puxei o cobertor para mais junto dela. A noite estava nublada e o vento soprava frio do rio. A luz da lareira se infiltrava pelas janelas atrás de mim e iluminava as tábuas.

Evan Walker pisou na varanda e recostou o rifle no parapeito. Seus olhos seguiram os meus no escuro para o outro lado do rio, vasculhando a ponte e os edifícios do outro lado.

- Ainda não voltaram? - ele perguntou.

- Não.

Ele olhou para mim e sorriu.

- Eles vão vir.

Foi ele quem os viu primeiro aproximando-se da ponte, puxando o carrinho vermelho com sua carga verde atrás deles. Ele sorriu.

- Parece que encontraram algo valioso.

Ele apoiou a arma no ombro e entrou. O vento mudou de direção. Eu senti o cheiro de pólvora. Droga, Ben, Quando ele entrou sorrindo de orelha a orelha como um caçador triunfante arrastando a caça de volta à caverna, tive um impulso de lhe dar um tapa na cabeça. Que risco idiota por causa de uma maldita árvore de plástico.

Eu me levantei. Ele viu o olhar em meu rosto e parou. Sam o rodeava como se estivesse tentando se esconder.

- O que foi? - Ben perguntou.

- Quem atirou com a pistola e por quê?

- Você ouviu o tiro ou sentiu o cheiro? - ele suspirou. - Às vezes eu realmente detesto o 12º Sistema.

- Boa resposta, Parish.

- Adoro quando você me chama Parish. Eu já lhe disse isso? É tão sexy - ele me beija e diz: - Não fomos nós, e o resto é uma longa história. Vamos entrar. Está congelando aqui fora.

- Não está congelando.

- Bom, está frio. Vamos, Sullivan, vamos começar a festa!

Eu o acompanhei para dentro da casa. Megan deixou as bonecas com um pulo e gritou deliciada. A árvore de plástico tocou algo

profundo. Walker saiu da cozinha para ajudar a montá-la. Eu fiquei parada junto da porta, balançando a bebê no quadril enquanto ela chorava. Ben finalmente notou e abandonou a árvore para tirá-la dos meus braços.

- O que aconteceu, pequena efemérida? O que você quer?

Ela levantou o punho minúsculo até o lado do nariz dele, e Ben riu. Ele sempre ria quando ela batia nele ou fazia alguma coisa que não deveria ser encorajada, como pedir colo a cada segundo. Desde o momento em que nasceu ela fazia dele gato e sapato.

Do outro lado da sala, Evan Walker se encolheu. Efemérida. Uma palavra que ressoava uma palavra que nunca seria apenas uma palavra. Às vezes, eu me perguntava se deveríamos tê-lo deixado no Canadá, se devolver suas lembranças não era muita crueldade, um tipo de tortura psicológica. Mas as alternativas eram impensáveis: matá-lo ou esvaziá-lo totalmente, deixando uma casca humana sem nenhuma lembrança dela. As duas possibilidades eram indolores; optamos pela dor.

A dor é necessária. A dor é vida. Sem dor, não pode haver alegria. Cassie Sullivan me ensinou isso.

O choro continuou. Até Ben com todo seu poder Parish especial não conseguiu acalmá-la.

- O que há de errado? - ele me perguntou, como se eu soubesse. Aproveitei a deixa, mesmo assim.

- Você saiu. Rompeu a rotina dela. Ela detesta isso.

Assim como sua xará: chorando, socando, exigindo, necessitando. Talvez haja algo de verdadeiro na idéia de reencarnação. Inquieta, nunca satisfeita, rápida para se zangar, teimosa e implacavelmente curiosa. Cassie lhe deu o nome. Ela se rotulou há muito tempo. Eu sou humanidade.

Sam andou pelo corredor até seu quarto. Imaginei que ele não agüentava mais o choro. Eu estava enganada. Ele voltou com algo às costas.

- Eu ia esperar até amanhã, mas... - ele deu de ombros.

Esse urso tinha visto dias melhores. Sem uma orelha, pelo que tinha passado de marrom a cinza manchado, remendado uma, duas

vezes, e remendado de novo, mais suturas que o monstro Frankenstein. Sujo, agredido, mas ainda por perto. Ainda aqui.

Ben pegou o urso e o fez dançar diante de Cassie. Braços curtos de urso dobrados. Pernas de urso irregulares - uma era mais curta que a outra - torcidas e viradas. A bebê chorou mais alguns minutos a mais, presa à raiva e desconforto até que eles escapassem entre seus dedos, tão insubstancial quanto o vento. Ela estendeu a mãozinha para o brinquedo. Meda, meda, eu quero, eu quero.

- Bom, o que é que você sabe? - Ben perguntou. Ele olhou para mim, e seu sorriso era tão genuíno: nada de cálculo, nada de vaidade, desejando nada, mas expressando tudo, que eu não pude evitar e realmente não queria.

Eu sorri.

EVAN WALKER

Todas as noites, do escurecer ao amanhecer, ele manteve guarda da varanda de onde se avistava o rio. A cada meia hora, ele saía da varanda para patrulhar o quarteirão. Depois voltava à varanda para vigiar enquanto os outros dormiam. Seu sono era raro, geralmente uma hora ou duas durante a tarde, e ele sempre acordava sobressaltado desorientado, em pânico, como um homem que está se afogando subindo à superfície da água que o arrastaria para baixo e iria matá-lo sem remorso.

Se ele teve algum sonho um dia, já não conseguia se lembrar dele.

Sozinho na escuridão, acordado enquanto todos os outros dormiam, ele sentia uma grande paz. Ele imaginava que estava em sua natureza, passada de seu pai e do pai de seu pai, fazendeiros que cuidavam da terra e criavam seu gado. Cuidadores, guardiões, vigias das colheitas. Essa era para ser a herança de Evan Walker. Em vez disso, ele se tornou o oposto. O caçador silencioso na floresta. O assassino mortal perseguindo a presa humana. Quantos ele matou antes de a encontrar escondida na floresta naquela tarde de outono?

Ele não lembrava. Ele não encontrava absolvição em saber que tinha sido usado, redenção em compreender que era tão vítima quanto as pessoas que matou, a distância, sempre a distância. O perdão não nasce na inocência ou ignorância. O perdão nasce do amor.

Ao amanhecer, ele deixava a varanda e entrava em seu quarto. O momento tinha chegado. Ele tinha ficado ali tempo demais. Ele estava colocando mais uma jaqueta na sacola, a jaqueta de boliche que tinha pego na casa de Graça que Cassie detestava tanto, quando Ben apareceu na soleira, sem camisa, olhos remelosos, queixo barbado.

- Você está partindo - ele disse.

- Estou partindo.

- Marika disse que você iria. Não acreditei nela.

- Por que não? Ben deu de ombros.

- Nem sempre ela tem razão. Meio por cento do tempo, ela só está meio certa - ele esfregou os olhos e bocejou. - E você não vai voltar - Ben continuou. - Nunca. Ela também está certa sobre isso?

- Sim - Evan respondeu, assentindo com um gesto.

- Bem - Ben desviou o olhar e cocou o ombro devagar. - Para onde está indo?

- Procurar luzes no escuro.

- Luzes - Ben repetiu. - Você quer dizer, literalmente, luzes...

- Estou falando de bases. Bases militares. A mais próxima fica a 150 quilômetros de distância. Vou começar ali.

- E fazer o quê?

- O que tenho o dom de fazer.

- Você vai explodir todas as bases militares da América do Norte?

- América do Sul, também, se eu viver o bastante.

- Você é ambicioso.

- Não acho que vou estar trabalhando sozinho. Ben pensou durante mais um momento.

- Os Silenciadores.

- Para onde mais eles iriam? Eles sabem onde estão seus inimigos. Eles sabem que todas as bases têm um arsenal de artilharia alienígena, como o de Campo Abrigo. Eles acreditam que

não há escolha agora que a nave mãe se foi senão explodir as bases da 5ª Onda. Bem, eu acredito que é isso que eles acham. É nisso que eu acreditaria se ainda acreditasse em alguma coisa. Vamos ver.

Ele pendurou a sacola no ombro e andou até a porta. Ben bloqueou o caminho. Seu rosto estava corado de raiva.

- Você está falando em matar milhares de pessoas inocentes.

- O que você sugere que eu faça, Ben?

- Fique aqui. Ajude-nos. Nós... - ele respirou fundo. Isso era algo difícil de dizer. - Precisamos de você.

- Para quê? Você pode vigiar durante a noite e cuidar do jardim e tomar meu lugar na caçada.

- Que droga, Walker, o que é isso, afinal? - Ben explodiu furioso.

- O que é isso realmente? É sobre terminar uma guerra ou se vingar? Você pode explodir metade do mundo e não vai consertá-lo, não vai trazê-la de volta.

Evan continuou calmo. Ele tinha ouvido todos os argumentos várias vezes. Ele lutou essas batalhas durante meses, sozinho, no tumulto silencioso de seu coração.

- Dois vão ser salvos para cada um que eu matar. Esse é o cálculo. Qual é a alternativa? Ficar até que aqui se torne perigoso demais, depois mudar para outro local, depois outro, e outro, escondendo-se, fugindo, usando os presentes que me deram para me manter vivo... para quê? Cassie não morreu para que eu pudesse viver. Ela morreu por algo maior que isso.

Ben estava sacudindo a cabeça.

- Certo, então que tal se eu matar você agora e salvar dezenas de milhares de vidas? O que acha desse cálculo?

- Você tem razão - Evan sorriu. - O problema é que você não é assassino, Ben. Nunca foi.

SAM

Evan Walker na ponte atravessando o rio. Evan Walker com uma sacola em um dos ombros e um rifle no outro, encolhendo.

- Para onde ele está indo? - Megan perguntou. Sam sacudiu a cabeça; ele não sabia.

Eles olharam até que não conseguiram vê-lo mais.

- Vamos brincar - Megan convidou.

- Tenho que terminar o meu bunker.

- Você cava mais do que uma toupeira.

- Você é uma toupeira.

- Você deu o Capitão de presente. Sam suspirou. A mesma coisa outra vez.

- O nome dele não é Capitão. E ele não era seu. Ele era meu.

- Você nem perguntou - depois ela disse. - Não me importo. Cassie pode ficar com ele. Ele fedia.

- Você fede.

Ele saiu da janela da frente e foi para a cozinha. E estava com fome. Ele pegou o livro preferido para ler enquanto comia. Where the Sidewalk Ends. Evan Walker lhe disse que era o favorito de Cassie.

Se você é um sonhador, entre...

Evan Walker foi embora. Para sempre, Zumbi disse. Sam não queria pensar nisso. Ele não queria pensar em Cassie ter ido embora nem Dumbo ou Pão de Ló ou qualquer um do antigo esquadrão ou seu pai ou sua mãe ou qualquer pessoa que tivesse conhecido antes de vir para essa casa grande perto do rio. Ele era muito bom em não pensar neles a maior parte do tempo. Às vezes Cassie o visitava nos sonhos, e ela o perturbava sobre tudo. Ele não estava limpo o suficiente. Ele não era gentil o suficiente. Ele não lembrava coisas que ela achava importantes. Em seus sonhos, o nariz dela era reto e os cabelos estavam compridos e as roupas mais limpas. Em seus sonhos, ela era a Cassie-de-antes.

Você está sendo bom, Sam? Você está fazendo suas orações todas as noites?

Certa noite ele acordou Zumbi - em sua cabeça, Sam ainda o chamava de Zumbi - e Zumbi o levou ao banheiro e lavou as lágrimas de seu rosto e lhe disse que também sentia falta dela e então levou Sam para fora e apontou para o céu. Está vendo

aquelas estrelas lá em cima, aquelas que se parecem um pouco com um W virado de lado? Sabe o que é aquilo?

Eles se sentaram na varanda dos fundos e observaram as estrelas enquanto Zumbi lhe contava a história de uma rainha chamada Cassiopeia que vivia para sempre em um trono no céu.

- Mas o trono dela está inclinado para baixo - Sam disse, olhando para a constelação. - Ela não vai cair?

Zumbi pigarreou.

- Ela não vai cair. O trono dela está virado desse jeito para que ela possa vigiar seu reino.

- O que é reino?

Zumbi apertou a mão no peito de Sam.

- Isto é - a mão de Zumbi sobre o coração de Sam.

- Aqui.

Rick Yancey

Autor de best-sellers da lista do New York Times, Rick Yancey já escreveu 14 livros e suas obras foram publicadas em mais de 20 línguas. Aclamado pela crítica e pelo público, Yancey recebeu indicações para diversos prêmios por suas obras, entre eles, *Carnegie Medal*, *Michael L. Prinz Honor*, *Los Angeles Times Book Prize* e *Best book of the year*, da Publishers Weekly. Formado em Inglês pela Roosevelt University, de Chicago, foi trabalhar no IRS, órgão equivalente à Receita Federal nos Estados Unidos. Mas não desistiu do seu sonho de escrever e, após 12 anos como auditor fiscal, publicou seu primeiro livro de sucesso: *Confessions of a Tax Collector* (Confissões de um auditor fiscal). Em 2004, decidiu sair do emprego no IRS e se dedicar em tempo integral à carreira de escritor.

Atualmente, mora na Flórida com a esposa e o caçula de três filhos.